# *A Mentira Branca*

Por Walter T. Rea

**1982.**

Extraído e Traduzido de The ***Ellen White Web Site*** (http://www.ellenwhite.org/)



---

***Introdução***

Desde a primeira vez que ouvi falar dela, no princípio de minha adolescência, converti-me em devoto de Ellen G. White e de seus escritos. Aprendi a escrever à máquina copiando porções de seu livro Mensagens Aos Jovens. Na escola superior e na universidade com freqüência ia de alojamento em alojamento no dormitório, reunindo citações de Ellen White dos outros estudantes para usá-las em minha preparação para converter-me em ministro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi por aqueles dias que concebi a idéia de preparar um comentário Adventista compilando, dos escritos de Ellen White, todas as declarações pertencentes a cada livro da Bíblia, cada doutrina, e cada personagem bíblico.

No começo de minha vida ministerial (que se iniciou na parte central da Califórnia, em fins da década de 1940), compilei dois tomos de biografias bíblicas do Antigo Testamento e do Novo Testamento, incorporando em cada artigo as citações pertinentes encontradas na obras de Ellen White. Algumas pessoas proeminentes da igreja me estimularam neste projeto, e pensaram que o Ellen G. White Estate poderia publicar estas coleções para que fossem usadas no clube de livros que a igreja dirigia nesses dias. Depois de muito tempo e muito intercâmbio de correspondência, finalmente me dei conta de que tinha sido ingênuo e que o White Estate não tinha a menor intenção de colaborar desta maneira com ninguém que parecesse estar invadindo seu terreno. De maneira bem clara, fizeram-me saber que eles possuíam essa "franquia celestial" e que olhariam com maus olhos a qualquer um que pisasse em seu território. [1].

No entanto, e de maneira independente, publiquei dois tomos de biografias bíblicas, e um terceiro tomo sobre Daniel e o Apocalipse, todos baseados nas obras de Ellen White. Cedo estes livros se venderam na maioria das livrarias Adventistas, e foram usados em muitas escolas e universidades de Norte América.

O pessoal do White Estate não se sentiu muito feliz com tudo isto, e chamaram o departamento de minha união regional e dos presidentes de conferências locais sobre o tema. Depois de algum tira e afrouxa, todos estiveram de acordo em que os livros podiam ser vendidos se eu mantivesse um perfil baixo, porquanto de todos os modos eles não criam que meus livros seriam aceitos em grande escala. No entanto, em anos subseqüentes, venderam-se dezenas de milhares.

Enquanto trabalhava em meu projetado tomo quatro (as citações de Ellen White sobre doutrinas bíblicas), por casualidade tropecei com algo interessante em Orlando, Flórida, onde eu era pastor da Kress Memorial Church, chamada assim em honra dos doutores Daniel H. e Lauretta E. Kress, renomados pioneiros da obra médica Adventista. A família Kress me presenteou com um antigo livro de Ellen White, *Sketches From The Life of Paul*, publicado em 1883, mas que nunca foi reimpresso. Quando um dia mostrei este livro a um membro da igreja, disse-me que o problema do livro era que se parecia demasiado a outro que *não* tinha sido escrito por Ellen White, e que nunca tinha sido reimpresso por causa da estreita similitude entre os dois. Sendo de mente inquisitiva, fiz um estudo comparativo e descobri que algumas das críticas pareciam ser verdadeiras. [2]

Mais tarde, depois que fui transferido para a Califórnia, os membros da família de Wellesley P. Magan, também de pioneiros Adventistas estabelecidos, foram membros de minha congregação. Com a morte da viúva do pai de Wellesley, Lillian E. Magan, presentearam-me com um livro da biblioteca da família Magan – *"Eliseu, o Profeta"* - escrito por Alfred Edersheim. [3] Na folha de guarda aparecia a assinatura de Ellen White. Então, devido ao meu constante uso dos livros de Ellen White, tinha-me familiarizado tanto com eles, que em seguida reconheci a similitude de palavra e de pensamento ao examinar o livro de Edersheim.

Ainda mais tarde, enquanto estudava na Universidade do Sul da Califórnia, para obter o grau de Doutor em Filosofia, sobressaltei-me ao tropeçar com uma obra de sete tomos sobre a história do Antigo Testamento, escrita pelo mesmo Edersheim.[4] Desta vez encontrei, nos tomos um ao quatro, que os títulos e subtítulos de capítulo, e os encabeçados de página de Edersheim, eram paralelos, e muitas vezes quase idênticos, aos títulos de capítulo do livro Patriarcas e Profetas (1890), de Ellen White. Tempo e estudo mostraram que obviamente a Sra. White obtivera ajuda liberal destas obras adicionais de Edersheim. Uma investigação ulterior revelaria que Edersheim tinha escrito também uma história do Novo Testamento sobre a vida de Cristo, e que nesta obra, também, havia similitudes adicionais com o livro O Desejado de Todas as Nações, da Sra. White. [5]

Ainda que perturbadores, estes achados não eram demasiado inquietantes para mim  nesse tempo, porque o White Estate, em Washington, sempre parecia ter desculpas para os "empréstimos" de Ellen White. Foi somente quando Bruce Weaver, um jovem seminarista na Universidade Adventista de Andrews em Michigan descobriu um arquivo sem marcar contendo meu trabalho e minhas comparações (material duplicado guardado na biblioteca do White Estate) que as coisas começaram a adquirir o aspecto de um conto de mistério. O White Estate acusou a Bruce de roubar o material da biblioteca, ainda que ele só o tivesse copiado e devolvido. Ao final, Bruce foi despedido do seminário e do ministério, mas não antes que tivesse tomado parte significativa no drama.

O que Bruce encontrou no arquivo não foi somente meu material e as críticas dele, senão também cópias de algumas cartas internas do White Estate, escritas por Robert W. Olson e Arthur L. White, que revelavam a preocupação destes homens do escritório de Washington a respeito da descoberta, por parte de Bruce, do material que eu lhes estivera enviando como evidência de que Ellen White tinha copiado material alheio. Ambos os homens tinham posto por escrito suas sugestões para manejar o problema Rea. Anos subseqüentes revelaram que eles haviam adotado o método de Arthur White, que era, em essência, aplicar táticas dilatórias e tanta pressão e linguagem de duplo sentido tanto quanto fosse possível.

Olson se dedicou a fazer uma campanha verbal num máximo esforço por suavizar o impacto que meus achados estavam começando a ter, porque pessoas de várias regiões da América Norte já estavam solicitando a evidência encontrada durante minhas investigações. Numa apresentação que Olson fez, numa tarde de janeiro de 1979, na Universidade de Loma Linda, na Califórnia, alguém no auditório perguntou a respeito de

empréstimos, por parte de Ellen White, de fontes publicadas. A resposta de Olson foi no sentido de que nada disso era verdade, que todos seus escritos eram dela. Depois, adicionou que tinha algum ministro na Califórnia do Sul fazendo ondas com alegações a respeito de que ela tinha tomado material emprestado para seu livro chave *"O Desejado de Todas as Nações",* mas que nenhum desses rumores era verdadeiro.

Dizer que fiquei estupefato depois da reunião é pouco. Nesse mesmo momento, em meu arquivo já tinha várias cartas desse mesmo Olson animando-me a continuar enviando-lhe minhas comparações entre Ellen White e seus contemporâneos. Ademais, tinha falado comigo pessoalmente quando esteve na Califórnia fazia só pouco tempo, e tinha-me arrancado a promessa de que não publicaria nenhum relatório sobre meu trabalho senão até que ele e o pessoal da direção do Ellen G. White Estate tivessem tempo adicional para examinar o material. Eu tinha acedido à sua solicitação, e o fato do acordo fora registrado no memorando interno que ele escreveu depois, o qual eu possuía em meus arquivos.

Assim que agora eu sabia que Robert Olson, ou tinha muito má memória, ou estava dizendo uma mentira branca. Em qualquer caso, era óbvio que os diretores do White Estate sabiam muito mais do que diziam.

Os arquivos do White Estate se tinham referido a um livro escrito por William Hanna, chamado *The Life of Christ.*[6] Antes de vinte e quatro horas depois da reunião de Loma Linda, eu já havia obtido uma cópia do livro de Hanna. Desde esse momento em adiante, aprendi mais do que jamais quis saber.

*Spectrum*, um diário publicado independentemente pela Association of Adventist Forums, fez um relato dos antecedentes de uma reunião de comitê de Janeiro de 1980, em Glendale, Califórnia. Esta reunião fora convocada por Neal C. Wilson, então presidente da Conferência Geral, atendendo às minhas instâncias de que se considerasse o alcance dos achados em relação com a dívida literária de Ellen White. Dezoito dos representantes da igreja nomeados declararam que o explicitado por minha investigação era de proporções alarmantes, mas que o estudo deveria continuar com ajuda adicional.[7]

De maneira similar, *Spectrum* informou mais tarde, após minha expulsão da igreja[8] (depois de trinta e seis anos de serviços) principalmente por causa do revelador artigo iniciado e escrito pelo editor religioso John Dart e publicado no *Los Angeles Times*. [9] Nem um só, dos oficiais que me expulsaram, jamais havia falado com Dart. Nem um só tinha visto a investigação na qual se baseava o artigo. O centro mesmo da disputa não era importante para os oficiais da igreja. Só era necessário que alguém fosse castigado para que outros permanecessem alinhados e para que tanto Ellen G. White como a Igreja Adventista do Sétimo Dia pudessem parecer inocentes de qualquer delito.

Em vista do que observei, experimentado, e aprendido, pareceu-me correto e necessário registrar para as gerações futuras os achados de meu estudo atual. Estas gerações vindouras quererão saber a verdade a respeito do que se desenterrou do passado. Será parte do que terão em conta em sua experiência religiosa e em seus juízos.

Apesar de muitos e bons conselhos em contrário, elegi o título THE WHITE LIE (A MENTIRA BRANCA) para meu livro. Não aplico o termo separada e exclusivamente a Ellen G. White. Quando nós (qualquer de nós) damos nosso consentimento ou apoio para perpetuar um mito (no todo ou em parte) a respeito de qualquer pessoa ou coisa, nós mesmos somos, portanto, parte de uma mentira branca. A mensagem deste livro é ajudar-nos a revelar a verdade a todos nós – que com freqüência sustentamos uma lenda.

As piores mentiras que se dizem são com freqüência as que se dizem em religião, porque se dizem de tal maneira que se supõe que Deus as respalda e que, portanto, são para nosso bem. Que esse suposto bem pode converter-se – e geralmente se converte – em prejudicial, errôneo, e até perverso, não têm consciência as pessoas zelosas que promovem lendas no nome de Deus.

Neste estudo me propus tratar, não apenas os fatos, como os encontrei, senão também como operaram na igreja e em nós, pessoalmente, como observei nessa operação. Também, espero deixar uma lição ou duas para aqueles que possam estar procurando essas lições.

Ficam por serem concluídos muitos estudos sobre a questão de por que alguns de nós aceitamos tantas coisas de quem quer que seja que as aceitemos. Que coisa no profundo de nós é explorada para fazer-nos reagir, sem fazer perguntas, a informação que não é digna de confiança, de maneira que a aceitamos como "verdade" e lhe permitimos que governe nossos pensamentos e nossas vidas?

Nesta etapa de meus pensamentos, fica-se alguma culpa por avaliar ou atribuir, devo aceitar muito dela por ter sido tão ingênuo, sem um adequado estudo ou investigação de minha parte, como para assentir a muito do que originalmente se me apresentou como "a verdade" mas que, em realidade, contém muita falsidade que nos afasta do que deveria preocupar-nos prioritariamente. O que mais lamento é daquilo que o tempo não me permita corrigir parte da informação errada do que eu mesmo, sem me dar conta, aceitei e transmiti a outros como uma mentira branca.

Toda instituição, toda entidade corporativa, todo sistema estabelecido – seja político, econômico, social, ou religioso – deve ter seu santo padroeiro. Esse santo pode ser um fundador, um benfeitor, um dirigente carismático, ou uma figura mística que tem estado morta por longo tempo. Sem importar sua categoria ou o tempo que tenha durado sua existência, o patrono é venerado, ainda que tenha sido um vampiro; é canonizado, ainda que tenha sido um artista do roubo; outorga-se-lhe a santidade, ainda que tenha sido um conhecido pecador.

Há algo na mente humana que procura criar o irreal – imaginar ou supor que algo é assim, ainda que toda a lógica lhe diga que não é assim. Do que é impossível ver, dizemos que é uma visão; o que é falível consideramo-lo perfeito; ao que é ilusório, concedemos-lhe autoridade. Muitos estudos se efetuaram para tratar de averiguar por que queremos crer, e de fato cremos, "uma mentira permissível. Para meu propósito aqui, é suficiente dizer que o fazemos – e parece que temos que o fazer. Porque, se rejeitamos a fantasia que agora sustentamos, provavelmente encontraremos ou inventaremos outra em nosso esforço para evitar enfrentar-nos à realidade".

Os vendedores de panacéias para fantasiadores (os que tendem a se assombrar de manifestações psíquicas) são os supervendedores do psíquico. São os que manipulam, manobram, e dão massagens à consciência daqueles aos quais desejam convencer. Em todos os tempos e em todos os lugares, foram os magos os que conduziram ao populacho a crer que o imperador realmente estava vestido com o invisível, e que aqueles que os escutam e vêm a eles a pedir conselho e guia (pelos quais, provavelmente, devem pagar devidamente) estarão entre os poucos que realmente vêem o que não está ali.

O elemento que é fundamental, sem exceção, para qualquer jogo de roubo é a mentira. Provavelmente, é uma mentira branca, uma coisinha que se desvia um pouquinho da verdade, uma e outra vez, até que, com o correr do tempo e nas circunstâncias adequadas, expande-se, convertendo-se numa gigantesca fraude.

As técnicas dos supervendedores são poucas, mas absolutamente essenciais. Consistem em sobejar importância à humanidade daquele que tem de ser venerado; exaltar as virtudes do venerado até o nível do milagroso; negar acesso às fontes confiáveis de registros e fatos do passado significativo; apelar à inclinação ao supersticioso (ou pelo menos crédulo); e ganhar tempo.

Uma edição do dicionário de Webster diz que uma *mentira branca* é uma mentira de pouca monta pronunciada por razões de cortesia, amabilidade, ou perdoabilidade; uma mentirinha cortês ou inofensiva.

O fato de que Ellen G. White tomou material emprestado ou o plagiou foi documentado e admitido por reconhecidos representantes da Igreja Adventista do Sétimo Dia através dos anos. Mas a informação que revela o alcance de sua dependência literária foi deliberadamente ocultada aos membros leigos até que pesquisadores independentes começaram a tornar públicos os fatos. Assim, em conseqüência destas descobertas, surgem novos problemas que não foram enfrentados ainda pelo povo Adventista do Sétimo Dia ou seus atuais dirigentes. Por exemplo:

1. Por que Ellen G. White transformou em absolutas a maioria das especulações e suposições, se não todas, dos autores copiados de maneira que o copiado faz ver que ela estava sempre na cena da ação em alguma forma "visionária", quando obviamente não o estava?

2. Como satisfazem os critérios estabelecidos para a inspiração rodapés de página e os textos bíblicos que ela copiou de outros como excerto?

3. Como enquadram na ética de seu tempo ou do nosso o abuso e o mal uso de material alheio em grande escala?

4. Porquanto o extenso material copiado assegura que era humanamente impossível que Ellen G. White o fizesse, ela mesma, quem entre seus ajudantes pode levar o crédito por sua "inspiração"?

5. Com a autoridade de quem estamos tratando agora?

Reconhecemos que, desde o começo do movimento de 1844, muita gente considerou a Ellen G. White como a principal autoridade do Adventismo. Essas pessoas devem agora encontrar lugar para fazer ajustes em seu modo de pensar (e muitos em seu modo de viver) a um nível diferente do passado. Isto poderia ser muito angustiante. Seja porque a situação em que a igreja se encontra agora se enquadra ou não em nossa definição de uma mentira branca, seja porque a mentirinha é ou não inofensiva para os valores pessoais de uma pessoa, sua maneira de pensar, e sua experiência da vida, cada pessoa terá que julgar por si mesma.

É possível entender um pouquinho como a gente chega onde está somente se olhar onde tem permanecido. Que classe de vendedores lhe vendeu a viagem, e o que a motivou a ir. Não é possível considerar todos estes aspectos num só bloco. Mas tocaremos as circunstâncias que ocorrem a um "verdadeiro crente", que classe de supervendedores vendeu a mercadoria, e o que lhes sucede aos que compram.

Livros como *The Status Seekers, The Permissible Lie,* e *The True Believer*, insinuam que há uma conexão entre todas as disciplinas – a econômica, a social, e a religiosa. Em todas estas disciplinas, os vendedores vendem seu produto usando uma mentira branca. Ainda que os vendedores de idéias sociais e econômicas assegurem estar interessados no presente *de você*, em realidade estão mais interessados no futuro *deles*. Os vendedores do psíquico afirmam estar interessados no futuro *de você*, mas em realidade estão interessados no presente *deles.* Todos os mercantilistas vendem a mentira branca em qualquer tamanho ou forma que crêem que o público a compraria. Os Adventistas conhecem e aceitam estes fatos da vida a respeito dos sistemas alheios, mas crêem que seu próprio sistema é "diferente" e, portanto, melhor. Muito poucos estudos se ofereceram para provar ou refutar as crenças deles.

A maioria das pessoas aceita o fato de que ficam poucos, se é que ficam, homens santos que vendam mercadoria sobre reformas econômicas ou políticas. O que é mais difícil do que a gente reconheça ou aceite é que, de maneira similar, há poucos santos em religião, se é que os há. Não há santos nem santas, exceto os que nós fazemos por meio de nossas próprias ilusões. Porque temos sempre conosco este fator de pretensão, é fácil para os supervendedores de religião obter o controle através de nossas próprias peculiaridades e consciências, para exercer autoridade sobre nossas mentes e ações. Houve muitos, neste planeta, que se venderam a si mesmos ao mundo, oferecendo salvação para o futuro – quando em realidade não eram senão supervendedores que nos tinham roubado nossa liberdade de pensamento infundindo-nos um sentimento de culpa e temor e inclinando a seus seguidores a sua própria vontade.

Enquanto você lê, tenha em mente que alguém lhe vendeu a idéia de que aquilo que você crê no mais íntimo de você mesmo é "único" e tem a autoridade de Deus, a mais alta corte de apelação; que você é "diferente" por causa desta autoridade e que você se "salvará" caso siga as regras. O problema com este trem de pensamento é que sua verdade pode ser somente a interpretação da verdade de seu santo padroeiro, e os pronunciamentos que você aceitou como autoridade podem ser idéias que seu patrono tomou emprestado de outros.

Isto, creio, é o que este estudo mostrará em relação a Ellen G. White. E se a mesma quantidade de informação estivesse disponível sobre os santos padroeiros de outros grupos, seria também verdadeira a respeito deles. Por que ainda queremos crer o que chegamos a crer é do que trata a mentira branca.

Nesta odisséia que empreenderemos juntos, os *supervendedores* serão os clérigos, os pregadores, os reverendos, os teólogos – a quem, mais do que a quaisquer profissionais, concedeu-se-lhes licença (tanto pelas pessoas mesmas como pelo Estado) para vender sua mercadoria aos incautos, projetar seus temores sobre os temerosos, e vender seu sentimento de culpa aos que sentem remorsos.

A *santa padroeira* será Ellen Gould White, a canonizada dirigente da Igreja Adventista do Sétimo Dia – que simboliza a todos os patronos de qualquer fé, e através da qual os aderentes se aproximam a seu **conceito** de Deus e tratam de conseguir a inobtenível salvação, seja aplacando a sua santa ou aplacando a Deus por meio dessa santa.

Os *verdadeiros crentes* serão os incautos, os temerosos, os que têm complexo de culpa, os excessivamente zelosos, os bem intencionados, os que não perguntam. Carecendo de confiança pessoal em Deus, procuram-na por meio de seu santo padroeiro eleito, que eles crêem tem comunicação direta com os lugares celestiais.

Porquanto, o corpo do material apresentado tem que ver com a "apropriação literária de obras alheias", eu também copiei de todo o mundo. Sem nenhum sentido de vergonha, usei material que foi burlado, tomado emprestado, ou de alguma maneira tomado abertamente de quaisquer fontes disponíveis ou que se tenha considerado necessário usar como evidência e para maior clareza.

Com gosto daria crédito a todos os que, por quaisquer métodos e de quaisquer fontes, trouxeram-me material para que eu o usasse, de maneira que os leitores pudessem ver a evidência por si mesmos e conhecessem a natureza e a extensão da mentira branca Adventista. Mas, pela natureza do tema e as pressões administrativas e de nossos iguais tanto sobre a posição como sobre a pessoa, aqueles com quem estou em dívida não podem ser nomeados.

Este livro tenta remontar-se ao nascimento, crescimento, e pleno florescimento da mentira branca no Adventismo. Não posso explicar todos os fios que nos atam, como a Gulliver, em nossa viagem, porque até agora se negou acesso a muitas fontes dos fatos. O livro só pode apontar ao leitor a certas fontes, de maneira que possa ver por si mesmo o que há que ver.

Não estou tratando de assinalar aos que, tendo olhos, não vêem, nem de gritar aos que, tendo ouvidos, não desejam ouvir. Mas, porque alguém tem uma obrigação com as gerações que virão depois, este material se publica para acender uma luzinha num mundo de superstição, temor, e culpa. Pode ser que a chama, ainda que pequena, ajude a alumiar o caminho para o verdadeiro Santo de todos os santos: Cristo Jesus.

*O autor, Walter Rea.*

**Referências e Notas**

1 . O Ellen G. White Estate é a agência que custodia os escritos, a correspondência, os registros, os sermões, os recortes, a coleção pessoal de livros, as recordações, e os materiais miscelâneos deixados em fideicomisso pela Sra. White a sua morte em 1915. O Ellen G. White Estate é administrado pela Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, no escritório central mundial de Washington, D. C.

2 . O livro similar ao de Ellen White, *Sketches From The Life of Paul* [Bosquejos da Vida de Paulo], é *The Life and Epistles of The Apostle Paul* [Vida e Epistolas do Apóstolo Paulo]. Foi escrito por William J. Conybeare e John S. Howson, e se publicou primeiro em Londres (1851-1852) e mais tarde em New York. O *Sketches* da Sra. White nunca se reimprimiu depois de ter aparecido em 1883, até que a Review and Herald Publishing Association fez uma reprodução em fac-símile em 1974.

3 . Alfred Edersheim, *Elisha the Prophet* (London: The Religious Tract Society, 1882). Era a "nova edição revisada" de Edersheim a que estava na biblioteca de Ellen White.

4 . *The Bible History: Old Testament*, de Edersheim, publicou-se primeiro como um jogo de sete tomos (1876-1887). Wm. B. Eerdman´s Publishing Company reimprimiu a edição de 1890 em dois tomos ("completos e íntegros") em 1949.

5 . Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 5 livros. (London: Longmans, Green, and Co., 1883; New York: E. R. Herrick, 1883).

6 . William Hanna, *The Life of Christ* (New York: The American Tract Society, n.d. (pref. 1863). Este livro se publicou primeiro em seis tomos separados como *The Life of Our Lord*, que é o título listagem pelo EGW Está, Arquivo de Documento 884, na biblioteca de Ellen White.

7 . Douglas Hackleman, "GC Committee Studies Ellen White´s Sources," *Spectrum* 10, não. 4 (Março 1980): 9-15.

8 . Eric Anderson, et ao., "Must the Crise Continue?" *Spectrum* 11, não. 3 (Fevereiro 1981); 44-52.

9 . John Dart, "Plagiarism Found in Prophet Books," *Los Angeles Times* (23 Outubro 1980), p. 1.

10 . Vance Packard, *The Status Seekers* (New York: Simon and Schuster, Pocket Books, 1961). Samm Sinclair Baker, *The Permissible Lie* (Boston: Beacon Press, 1968). Eric Hoffer, *The True Believer* (New York: Harper & Row, Publishers, Perennial Library, 1951).

# Capítulo 1.
# Como Mudar a História

Ao começar o século dezenove, o mundo tinha muito que aprender. Os Estados Unidos da América do Norte haviam tido sua contenda com a Grã-Bretanha e estavam a ponto de se converter numa nação. O continente europeu se punha de pé, cambaleante, depois de outra daninha e esgotante luta consigo mesmo, não diferente da que tivera lugar por séculos. As nações do Leste (sendo Rússia o grande símbolo) ainda preocupavam ao Oeste, como tinha ocorrido desde que os territórios das religiões russas tinham livrado a Batalha de Tours no ano 732 e as hordas mongólicas tinham baixado do norte para tratar de tomar a Terra Santa das mãos dos cristãos.

Ainda que os anos entre 1800 e 1900 fossem um tempo de estabilização, também seriam de mudança e incerteza, uma dicotomia que não é rara na história. Todos os valores políticos, religiosos, e sociais seriam re-examinados, e em muitos níveis, descartados. Na política norte-americana, surgiria o sistema bipartidário, e os territórios que teriam de converter-se em estados começariam a copiar alguma forma de nacionalismo. As personalidades deixariam suas impressões nas leis nacionais e locais, bem como no marco político. A Guerra Civil debilitaria e, no entanto, uniria, a uma nação. As nações européias continuariam lutando por sua identidade e pelo poder.

A expansão do Oeste norte-americano trouxe grandes mudanças nos valores. A terra e o individualismo se converteram em considerações importantes na vida das pessoas. Pela primeira vez, a propriedade esteve disponível para muitos. As coisas, muitas coisas, fizeram-se desejáveis. A vida e o progresso que para muitos (por quase um milênio) mal tinham parecido desejáveis, e, para a maioria (no resto do mundo), dificilmente obtidas, agora estavam nas douradas praias da nova terra e pareciam estar ao alcance dos que trabalhassem e se esforçassem por obtê-las. A oportunidade, uma palavra mal reconhecida na maior parte do mundo, parecia ter chegado.

Em religião, o começo do século, desde a década de 1820 até a de 1850, teria de presenciar uma das últimas tragadas do antigo drama de temor e fogo do inferno em nome de Deus e do céu. O tema, que tinha sido representado nos palcos da Europa tanto por católicos como por protestantes, saltou ao outro lado dos mares e se converteu num fenômeno americano no movimento Millerista. A antiga canção de que "todos querem ir ao céu, mas ninguém quer morrer," nova somente em alguns de seus detalhes, voltou a ser tocada para benefício dos temerosos e os que se sentiam culpados  Mas há que se morrer, diziam William Miller e seus seguidores, e até fixaram o momento do acontecimento. Depois de muito trabalhar com as calculadoras celestiais, fixaram a data de 22 de Outubro de 1844 para o acontecimento (salvo quaisquer complicações sérias, talvez).

Foi um grande drama, aquele movimento Millerista, em que cada um dos grupos de atores gravitava fortemente ora para um lado do palco, ora para o outro, afirmando cada um deles que tinha a Deus de seu lado. Alguém teria que pagar bom dinheiro para ver um espetáculo assim em qualquer outra parte e em qualquer outro momento. Mas nos Estados Unidos era grátis. Incluía personalidades, pessoas, ocupações, sermões, diatribes, invectivas, recriminações, ataques, e contra-ataques – de fato, uma verdadeira guerra santa, tudo em nome de Deus. Lendo acerca daqueles dias, alguém se pergunta se o verdadeiro tema em discussão não era o mesmo que sempre parece existir em religião: Quem vai controlar as concessões aqui e no além?

Não se precisou muito tempo para que um grupo comprasse a franquia. Aquilo pelo qual católicos e protestantes haviam lutado na Europa por séculos, um grupo de restantes do movimento Millerista decidiu mercadejar nos Estados Unidos. A princípio, não se pensou num movimento mundial. Mas, se o produto se vendia, o mundo seria sua ostra e o céu seu gueto. Eles teriam de ser os Adventistas; o sétimo dia seria seu estandarte, e o Segundo Advento sua canção, ambas as idéias o produto usado do movimento Millerista.

Não tinha realmente nada novo nem no estandarte nem na canção. Os hebreus da Antigüidade tinham sustentado o sétimo dia através do Antigo Testamento. Os cristãos do Novo Testamento lhe tinham prestado algum atendimento e adesão verbal à Segunda Vinda desde os dias de Cristo. Mas os nomes e as datas e os lugares seriam mudados para proteger aos culpados. Nas mentes de Ellen White (a dirigente psíquica do movimento Adventista) e de seus seguidores, surgiu a prática de interpretar as Escrituras (passadas, presentes, e futuras) em termos de conceitos e crenças Adventistas. Esta não era uma idéia nova, mas se enquadrava nos tempos do século dezenove. Os antigos hebreus tinham promovido a idéia de que eles eram os depositários dos oráculos de Deus (e há quem ainda creia que o são). Os católicos, nos tempos do Novo Testamento, e depois, trabalharam para aperfeiçoar essa idéia judaica e fazer do catolicismo o custodiador de toda verdade, ainda que tivessem que encadear parte dela a uma parede. Agora, na metade do século dezenove, tocou-lhes o turno aos Adventistas.

Para que qualquer grupo ou organização convença a outros da idéia de que a eles lhes foi dada a concessão para o além, que eles são em verdade aqueles a quem Deus escolheu para vender as indulgências para esta vida e a utopia vindoura, devem sempre abordar o trabalho de reordenar e realinhar os fatos da história, e reescrever o cânon (a Bíblia do "verdadeiro crente") de maneira que ambos estejam em harmonia com suas idéias preconcebidas, conceitos errados, e preconceitos, declarando, ao mesmo tempo, que o Livro Santo é a palavra final de autoridade. Pequena tarefa para qualquer um em qualquer tempo. Não há que se surpreender de que a idéia nunca prendeu realmente no mundo religioso por demasiado tempo, ainda que os que o tentaram merecem uma nota "A" por seu esforço.

Sem que a idéia do fracasso lhes passasse pela mente, os Adventistas atribuíram esta impressionante tarefa à pessoa a quem gostavam chamar "a mais débil entre os débeis," Ellen Gould Harmon. Ellen nasceu como irmã gêmea em Gorham, Maine, em 26 de Novembro de 1827, filha de Robert e Eunice Harmon, membros ativos da Igreja Episcopal Metodista, e se casaria com Tiago White em 30 de Agosto de 1846, três meses antes de seu décimo nono aniversário.

Não tinha sinais antecipados de que ela teria de ser a jovem do povo que se sobreporia a sua deficiência. Não começou com fama nem com fortuna. Suas oportunidades de por o anel de bronze pareciam tênues, até que o infortúnio lhe sorriu. Quando tinha nove anos, ocorreu-lhe um acidente que, de acordo com ela mesma, "teria de afetar minha vida inteira." Como o apóstolo Paulo com seu problema dos olhos, Ellen, através do resto de sua vida, como freqüentemente se nos recorda, foi o produto de seu infortúnio físico. Sofria ataques de desmaios; seu sistema nervoso a prostrou; às vezes se rendia ao desespero ou ao desalento.

Depois de ter sido atingida com uma pedra na cabeça, lançada por uma colega de colégio, abandonou a escola e, como aos Adventistas gostam de contar, nunca teve educação além do terceiro grau. [2] O que deveria observar-se é que não teve uma educação *formal* além desse grau. Todos aprendemos ou somos educados enquanto desejemos sê-lo e sejamos conscientes, e há poucas provas de que Ellen não fosse consciente.

Aqui tinha uma oportunidade feita à medida. A história religiosa proporciona ampla evidência de que é muito mais provável que um "verdadeiro crente" aceite os ditados dos simples se a estes ditados de alguma maneira podem-se dar um marco celestial. Especialmente na Cristandade Ocidental, as crenças religiosas geralmente se centram nuns poucos temas: Todos os homens são criados (não necessariamente iguais – que é uma idéia política bastante nova); todos os homens são pecadores (e as mulheres também, que é outra idéia política bastante nova), ou o que seja que isso signifique. Dependendo da definição que o sistema dê ao pecado, a vida é uma viagem em bote através de um mar semeado de explosivos chamados tentações – geralmente definidos como mulheres (ou homens, segundo seja o caso), vinho, e canções. E ao cair a cortina, o homem tem que morrer.

Bem, isso é tudo, exceto que a emoção e a ação chegam quando os diferentes (sejam grupos ou indivíduos, organizações, ou bandas ambulantes) começam a traçar o plano de jogo e a preocupar-se pelos detalhes. Por exemplo, quem é o autor da criação, quanto tempo lhe tomou, quem esteve ali tomando notas, e quão verdadeiro é o registro do acontecimento? Quem nos salpicou a todos nós com o pecado? Foi Deus, ou essa

serpente na erva, que chegou quando Adão estava no sul veraneando? Ou o obtivemos de nossos antepassados em passados remotos? Ou é o diabo, como Papai Noel, nosso pai?

A questão do pecado fascinou sempre a teólogos e não teólogos por igual. Para efeitos desta leitura, teólogos são os que praticam o definir a Deus ou julgam a ser Deus. Naturalmente, o que prepara a lista para outros tem vantagem no jogo. Através da história, a maioria dos místicos, adivinhos, ou teólogos tiveram oportunidade de confeccionar a lista dos pecados. Uma das maneiras mais seguras de fazer isto é deixar fora da lista as coisas das quais o indivíduo pessoalmente desfruta. Isto o fez a maioria dos que confeccionam listas prontas.

E, por último, o grupo ou organização deve abordar a questão final: Ao morrer, aonde vamos, e quando (antes, durante ou depois)? Ninguém encontrou ainda uma resposta satisfatória para estas perguntas. Já que é muito mais difícil regressar aqui, uma vez que alguém tenha ido ali em primeiro lugar. Ninguém regressou para dar um relatório anual do outro lado. Este fato, por si só, dá ampla liberdade de ação a alguém de mente fértil, imaginação e capacidade para descrever o horror ou a glória do além (por um preço). Pode-se dizer, sem receio de se equivocar, que o temor da viagem que ainda não empreendemos é uma arma poderosa nas mãos daqueles que, por algum meio, supostamente fizeram a viagem e regressaram para nos vender o caminho.

Ellen estaria à altura da tarefa. Eventualmente, deixaria para o crente (por meio dos conceitos Adventistas) informação, instruções, advertências e conselhos sobre todos os assuntos precedentes. Desde um começo trêmulo com a "amálgama entre seres humanos e animais" num de seus primeiros livros[3], endereçou as coisas mais tarde com sua leitura de *Paradise Lost*. [4] Suas visões extracanônicas do diálogo, a batalha e a expulsão de Satanás e seus anjos, deu vividez e forma ao grande poema de John Milton, dos quais careciam até os escritores bíblicos. Alguns de seus amigos do começo notaram a similitude e chamaram seu atendimento sobre o assunto, mas ela subestimou a questão com a mesma facilidade com que fazia a maioria de suas críticas. Seu neto, que teria de herdar os deveres de custódia das chaves, deu quase a mesma explicação por mais de quarenta anos – com uma interessante exceção em seu suplemento de 1945 ao tomo quatro do livro *The Spirit of Prophecy*:

> **A Sra. White sempre tratou de evitar ser influenciada por outros. Pouco depois da visão de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, de 14 de Março de 1858, em reuniões em Battle Creek durante um fim de semana, ela contou os pontos sobressalentes do que se lhe tinha mostrado nessa visão. O Ancião T. N. Andrews, que nesse tempo estava em Battle Creek, esteve muito interessado. Depois de uma das reuniões, disse-lhe a ela que algumas coisas que tinha dito se pareciam muito a um livro que ele tinha lido. Depois, perguntou-lhe se tinha lido *Paradise Lost*. Ela contestou que não. Ele lhe disse que ele cria que a ela lhe interessaria lê-lo.**
>
> **Ellen White esqueceu a conversa, mas alguns dias mais tarde o Ancião Andrews chegou a casa com uma cópia de *Paradise Lost* e se a ofereceu a ela. Ela estava muito ocupada escrevendo a visão de *The Great Controversy (O Grande Conflito)* como se lhe tinha mostrado. Tomou o livro, sem saber mal que fazer com ele. Não o abriu, senão que o levou à cozinha e o pôs sobre uma estante alta, decidida a que, se tinha algo nesse livro que se parecesse ao que Deus lhe tinha mostrado em visão, não o leria senão até depois de ter escrito o que o Senhor lhe tinha revelado. É evidente que mais tarde leu, sim, pelo menos algumas porções de *Paradise Lost*, porque Há uma frase citada em Education (Educação).** [5]

O desvio a que nos referimos é a última oração na citação de seu neto – a aceitação de que ela tinha, sim, lido a obra de John Milton. A questão que parece ficar por resolver é se ela o leu antes ou depois de sua "visão" da mesma controvérsia. O motivo pelo qual pôs o livro sobre uma "estante alta" continua sendo motivo de perplexidade para muitos. Quiçá, pensou, que quanto mais alto, melhor – por causa da tentação. Quem sabe?

Um escritor que estudou o problema da Sra. White e o livro *Paradise Lost,* de John Milton pode nos dar algumas respostas:

**De excepcional importância é a correlação, que se encontra em certo número de ocasiões, em que ambos os autores descrevem com algum detalhe uma experiência que não se encontra na Bíblia. Entre tais eventos estão os seguintes:**

**1 . A cena no céu antes de e durante a rebelião, em que os anjos leais tratam de ganhar aos desafetos de volta à lealdade para Deus.**

**2 . As advertências a Eva para que permanecesse ao lado de seu esposo; o subseqüente afastamento.**

**3 . O complicado palco da própria tentação, com os argumentos de Satanás analisados ponto por ponto.**

**4 . A detalhada descrição dos imediatos resultados do pecado para Adão e Eva e para o mundo animal e vegetal ao redor deles.**

**5 . A explicação da razão básica da queda de Adão: Estava apaixonado por sua mulher.**

**6 . A narração a Adão, por parte do anjo, de eventos futuros.**

**7 . Os sentimentos tanto de Adão como de Eva ao abandonar o jardim.**

**Estas similitudes na narração a respeito de pontos sobre os quais as Escrituras guardam silêncio intensificam a pergunta: Por que concordam tanto sobre fatos principais estes dois autores, que viveram separados por duzentos anos?** [6]

Outros estudiosos do mesmo tema perguntaram, sem encontrar resposta, por que ambos os autores, separados por cerca de duzentos anos, escreveram estes mesmos relatos não bíblicos, ainda que a escritora posterior – Ellen G. White – afirme que não sabia nada da obra do anterior.

Um por um, Ellen White começou a acentuar em seus escritos (que ela invocava chegar por "visões") todos e cada um dos pontos da controvérsia teológica entre protestantes e católicos. Começando com o princípio de todos os princípios, e procedendo através do fim de todos os fins, ela deu uma nova, e com alarmantemente freqüência, inexata descrição do grande conflito como se apresenta na Bíblia.

Ainda que os crentes de todos os credos tenham estado um pouco confusos a respeito do grande conflito, ela o descreveu com tanta segurança que alguns engoliram sua versão. Sua descrição dos acontecimentos, suas expressões *Eu vi,* teriam de ficar tão indelevelmente impressas nas mentes de uns poucos que o futuro modelo do Adventismo foi estabelecido por gerações. Ao mesmo tempo, seu relato também fechava a porta que tinha sido aberta para que o Adventismo fizesse uma contribuição marcadamente diferente ao conceito mundial da religião. [7] E a porta continua fechada, porque a igreja do advento não pode passar além das interpretações do Cânon que faz a "Irmã White". Oficialmente, não se permite nenhum padrão de pensamento, nenhum surgimento de valores, nenhuma interpretação das Escrituras até ser ou primeiramente examinado, submetido à prova, ensaiado e depois tingido segundo a cor de Ellen G. White.

O mesmo poderia dizer-se dos Mórmons, com seu Joseph Smith, dos Cristãos Cientistas com sua Mary Baker Eddy, das Testemunhas de Jeová com seus Charles T. Russel e John F. Rutherford, dos Luteranos com seu Martinho Lutero, e de outros com seus santos padroeiros. Cada igreja vê o mundo a seu derredor, e o futuro além, através dos olhos de seu respectivo patrono. Se há um mundo ao redor deles no qual viver, ou um mundo que evitar, deve conformar-se à maneira em que seus santos o experimentam. Se há um céu que ganhar, ou um inferno que evitar, sua definição e sua direção, e até seus ocupantes, devem ser determinados

pelo santo do sistema e pela interpretação do Cânon por parte desse santo, como o demonstrem os escritos desse santo os quais por sua vez se mantêm atualizado por meio da reinterpretação por parte de santos posteriores do mesmo tipo ou um similar tipo ou sistema.

É difícil, se não impossível, para os Adventistas atuais, olharem-se a si mesmos e a sua santa, Ellen G. White, numa perspectiva histórica. Um artigo de 1979 que comentava este ponto de vista estremeceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia quando apareceu em *Spectrum*, o diário independente publicado pela Associação de Foros Adventistas. Seu escritor, Jonathan Butler, professor associado de história da igreja na Universidade de Loma Linda, apresentou uma brilhante peça de oratória descrevendo a Ellen G. White como o produto de seu tempo. *"As predições do futuro por parte da Sra. White apareceram como projeções sobre uma tela que só engrandeceu, dramatizou, e intensificou as cenas de seu mundo contemporâneo."* [8] Concluiu que ela foi um produto de seu tempo, tal como o somos todos nós, que foi seu mundo o que chegou a seu fim com os cambiantes acontecimentos da história, que nem sempre se cumpriram como ela os tinha visto.

Este diagnóstico era difícil de engolir para os Adventistas, porquanto se lhes tinha ensinado a crer em Ellen G. White e em seus escritos cegamente, como se ela tivesse baixado diretamente do céu e permanecido isolada de todos os acontecimentos enquanto esteve na terra. Era só natural que pensassem assim, pois por anos tinham ouvido dizer que "a Sra. White sempre tratou de evitar que outros influíssem nela." [9] Este tema, que nunca antes se tinha aplicado a nenhum ser humano, converteu-se no caminho Adventista para o irreal.

Em religião, uma pessoa não trata muito com freqüência com a verdade pura, pequena ou grande, se é que alguma vez o faz. Trata-se com a verdade filtrada, expandida, diminuída, limitada ou definida pelos termos "Eu *vi"* de todas as 'Ellen' da cristandade – com muita ajuda dos teólogos. O que, sim, surge de todo o caldo é que o mapa para esta vida e a vindoura, se é que em realidade vem, é traçado pelo clã, e se converte assim no Plano do Clã. O céu se converte na entrada principal ao isolamento, onde todo pessoa má, como as concebemos (que no caso da humanidade significa as outras pessoas), apaga-se, e só as pessoas boas marcham para dentro. Assim fabricamos nosso próprio gueto.

Os capítulos subseqüentes se propõem mostrar o gueto Adventista do Sétimo Dia e como cresceu, de maneira não muito diferente à dos guetos de outras crenças, mas com algumas deformações interessantes e diferentes.

---

**Referências e Notas**

1 . Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White* (Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1915), p. 17.

2 . EGW, *Christian Experience and Teachings* (Mountain View: PPPA, 1922), pp. 13-15.

3 . EGW, *Spiritual Gifts*, 4 tomos (Battle Creek: SDA Publishing Association, 1858-1860-1864)? tomo 3, p. 64.

4 . *Paradise Lost*, de John Milton. Alguns crêem que reflete a obsessão de muitos poetas ingleses e europeus, na primeira metade do século dezessete, com o tema da origem do mal como o apresenta Gênesis. Milton mesmo estudou sistematicamente a Bíblia, as histórias, e as crônicas por mais de vinte e cinco anos antes de do que seu poema épico se publicasse em 1667.

5. EGW, *The Spirit of Prophecy. The Great Controversy (O Grande Conflito) Between Christ and Satan*, 4 tomos. (Battle Creek: SDA Publishing Association, 1870-1877-1878-1884), tomo 4, p. 535.

6 . Elizabeth Burgeson, "A Comparative Study of the Fall of Man as Treated by John Milton and Ellen G. White" (Tese de maestria, Pacific Union College).

7 . Ingemar Linden, *The Last Trump* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1978).

8 . Jonathan M. Butler, "The World of E. G. White and the End of the World," *Spectrum* 10, não. 2 (Agosto 1979): 2-13.

9 . EGW, *The Spirit of Prophecy*, tomo 4, p. 535.

## Capítulo 2.
## Fechem A Porta

---

O desenvolvimento do gueto Adventista começou quase imediatamente depois que o movimento Millerista atingisse seu ponto culminante em 1844 e iniciasse seu descendo. Com a ajuda de Ellen White e suas "visões," permitiu-se a Deus fazer algum trabalho de carpintaria sobre as paredes. A Ellen se lhe "mostrou" que a porta da misericórdia se tinha fechado para todos os que não tinham aceitado a mensagem de 1844. Em conseqüência, o mundo e a maior parte dos que tinham nele ficaram no lado de afora da porta. Linden oferece uma muito adequada descrição dos acontecimentos em seu livro *The Last Trump.* [1].

O exclusivismo, que começa cedo em qualquer plano religioso, despegou-se em seguida. Assemelha-se à atitude de "Senhor, abençoa-me a mim e a minha esposa, a meu filho John e a sua esposa, a nós quatro, e a ninguém mais." A posição da porta fechada nunca foi realmente aceita nem mesmo por William Miller, mas circulou entre alguns dos rejeitados. Durou oficialmente até depois de 1850, quando se abriu uma frestazinha na porta para que pudessem colar-se os filhos dos membros fiéis, e mais tarde, os cônjuges dos que creram.

É surpreendente o que um pouco de fermento faz a toda a massa. Ainda hoje, os Adventistas se referem aos que não são membros como aos "estranhos," "os cunhados ou cunhadas da igreja" ou, como se lhes escapa de tanto em tanto, "os que não são salvos." Em realidade, no conceito Adventista, tanto em seu começo como mais tarde, virtualmente todo o mundo era ou é não salvo. A primeira razão para isto, a "porta fechada," cedo foi abandonada porque os que perderam o trem em 1844 começaram a morrer. Depois, os não salvos, ainda em nosso tempo, vieram ser todos os que não tivessem aceitado a Cristo. Todos os cristãos sabiam disto, mas para fazê-lo um pouquinho diferente, e quiçá para lhe adicionar encanto, o entendimento Adventista de não salvo veio a significar qualquer pessoa que adorasse no domingo (católico ou protestante); qualquer que fumasse, mastigasse fumo, bebesse, fornicasse, assistisse a espetáculos públicos e, ainda, que usasse ou comesse algo que os Adventistas não usassem ou comessem – em geral, qualquer pessoa que não fora oficialmente parte de seu espetáculo. Em realidade a posição Adventista provavelmente não era muito diferente de outras que existiram antes; somente combinava tudo numa lista para que fosse mais fácil encontrar as pessoas que a igreja queria rejeitar, e para manter essa porta fechada por um pouquinho mais de tempo.

Até os que estavam ao redor de Ellen tinham dificuldades para evitar que ela apertasse demasiado com suas visões. Tiago, seu esposo e editor, teve que simplificar que poderia ter uma aberturazinha na porta, sobre a qual Ellen não tinha controle. Em 1851, Tiago White se sentiu impulsionado a publicar na *Review and Herald* um extenso editorial (referindo-se a "os que tiveram quaisquer dons do Espírito") que incluía estas palavras:

**Aqueles aos quais o Céu outorga as maiores bênçãos estão em maior perigo de ser "exaltados" e de cair. Portanto, precisam ser tanto exortados a serem humildes como protegidos cuidadosamente. Mas, com freqüência os tais foram considerados quase como infalíveis, e eles mesmos têm estado propensos a beber da extremamente perigosa idéia de que *todas as suas impressões são a inspiração direta do Espírito do Senhor*. [A cursiva foi adicionada] [2].**

O mesmo editorial foi reimpresso em sua totalidade nas páginas editoriais em 1853. Depois, num editorial de 1855, Tiago White se referiu às afirmações previamente publicadas sobre o mesmo tema, e adicionou: "Nenhum escritor do *Review* nunca se referiu a elas [as visões] como autoridade sobre nenhum ponto. Por cinco anos, a *Review* não publicou nenhuma delas."[3] Com esta afirmação, a batalha estava travada. Tiago White teria de perdê-la.

Requer-se uma mente destra para manejar dois problemas ao mesmo tempo. Com freqüência, a mente produz respostas sem valor, mas é muito divertido. Em teologia, é francamente divertido. A primeira regra é aprender a não dizer nada bem. A segunda regra é dizê-lo de tal maneira que ninguém possa pôr em dúvida as conclusões filosóficas de um (se é que se chegou a alguma). É como aprender um pouquinho de tudo, de

maneira que cedo alguém saiba tudo sobre nada. Na maioria das bibliotecas, o departamento de religião aparece sob o encabeçamento de filosofia - e isso é o que é, a definição e a redefinição de termos e idéias que por séculos se resistiram a serem definidos.

Ellen e seus ajudantes eram mestres em reprocessar idéias passadas. Depois do grande desengano do dia 22 de Outubro de 1844 e a inútil fixação de alguns tempos e algumas datas mais, e depois de consignar à maior parte do mundo ao inferno por não crer naquilo sobre o que os mesmos Milleristas/Adventistas estavam errados e não entendiam, o grupo ainda tinha aquele problema da porta da misericórdia fechada. Ao "continuar o tempo um pouquinho mais," segundo as palavras de Ellen, o problema se voltou mais opressor. Se abrissem a porta, teologicamente falando, deixariam entrar aos que tinham estado errados. Se a mantinham fechada, e o bom Senhor não vinha sacá-los do dilema, todos morreriam e já não teria nenhuma diferença se a porta estava aberta ou fechada.

Com a habilidade de um cirurgião, Ellen e seu grupo se abrir<3>+passo sem abrir a porta em absoluto, mas atuando ao mesmo tempo como se realmente a tivessem aberto. Este ato de equilibrista se fez aceitando o que se converteu no "pilar principal" da fé Adventista, a teoria do santuário. Esta teoria, que se converteu na principal doutrina da igreja, foi primeiro enfatizada por O. R. L. Crosier, que depois a repudiou. 4  O que a teoria faz é abrir a porta aqui na terra para depois fechá-la nos tribunais celestiais. Nas palavras daquela canção que uma vez foi popular: "Bom trabalho se podes obtê-lo, e podes obtê-lo se o tentas." Os Adventistas efetivamente o tentaram mais forte do que a maioria. (Em realidade, ainda o estão tentando, e isso é o que causou o grande reboliço a respeito das separadas, mas relacionadas preocupações expressadas por Paxton, Brinsmead, e Ford). 5.

Para fazer curta uma história muito longa, tenho aqui o que teve lugar depois do desengano, quando Cristo não veio em 1844. Um antigo Millerista disse que, caminhando pelo milharal com seus pensamentos verdadeiro dia,  se lhe ocorreu que a *data* que os Milleristas tinham aceitado era correta, mas que o *acontecimento* era confuso. Não era esta terra a que tinha sido separada da misericórdia e estava a ponto de receber justiça, senão todo o contrário. Era no céu onde a justiça estava sendo decidida (e a misericórdia estava ainda disponível aqui na terra). Este processo requeria muita contabilidade celestial, examinar os registros, voltar a registrar as obras feitas e as obras por fazer, e compilar um vasto número de cifras que precisariam muito tempo para ser totalizadas – daqui a idéia do tempo de oportunidade. Ademais, até havia espaço para as coisas que não tínhamos feito ou pensado. Supunha-se que Ellen tinha escrito que "seremos tidos como individualmente responsáveis por fazer um jota menos do que podemos fazer... Seremos juízos de acordo com o que deveríamos ter feito, mas que não levamos a cabo porque não usamos nossos poderes para glorificar a Deus. Por todo o conhecimento e capacidade que pudemos ter obtido e não obtivemos, terá uma perda eterna." [6].

Foi como um chamado a filas. Não importou que alguns indicassem que o pobre homem no milharal deve ter visto um espantalho em vez de uma visão. Nenhum instrutor poderia ter inspirado a sua equipe com um melhor discurso. Com um "ganhemos um para o chefe," os jogadores correram ao campo – e têm estado correndo desde então, tendo criado um dos mais complexos sistemas de salvação por obras que o mundo jamais tenha visto desde a queda de Jerusalém no ano 70 d.C.

Tendo aceitado que a justiça está sendo resolvida no céu desde 1844, aos Adventistas nunca lhes entusiasmou a idéia de que a misericórdia e a graça estivessem demasiado disponíveis na terra. Nas décadas de 1970 e 1980, quando os australianos Geoffrey Paxton (teólogo protestante e autor do livro *Shaking of Adventism – O Abalo do Adventismo),* Robert Brinsmead e Desmond Ford (teólogos ex-adventistas) disseram o que tinham em suas mentes, o ataque mesquinho contra eles foi que estavam vendendo "graça barata." Isto só mostra que os que refutavam não tinham aceitado a posição do evangelho de que a graça é ainda mais barata que isso – é grátis.

Quando estes homens se apresentaram em público, o sistema os isolou como se isola a uma bomba. Quando recorreram a gravações para adiantar seus pontos de vista, os dirigentes disseram que quem quer que as escutasse tinha "vermes de fita" [*tapeworms*, tênias, mas foi necessário recorrer à tradução literal para

mostrar mais claramente o significado do termo semelhante. *N. do T.*] Por conseguinte, os dirigentes fecharam a reunião anunciando que suas próprias conversas estavam gravadas e estavam disponíveis na porta por uma pequena soma. (É bem sabido que as igrejas vendem mais fitas do que a maioria, mas é a concorrência o que faz dano. Alguém sempre está tratando de meter-se pela força nessa franquia celestial.)

Em fins das décadas de 1970 e 1980, Desmond Ford, um orador extremamente talentoso, tocava tão fortemente a essa porta da misericórdia que sua voz estava começando a ouvir-se ao redor do mundo. Não há nada que aos administradores detestem que os desafios e os ruídos fortes. Sobretudo, não gostam que lhes falem de teologia, um tema que lhes é tão estranho como o grego que alguns deles mal aprovaram e que nunca usaram. Mas essa porta que Ellen e seus ajudantes tinham fechado em 1844 tinha que a manter fechada. Por conseguinte, como os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, todos se montaram em seus modernos cavalos e se dirigiram à reunião do Comitê para a Revisão do Santuário em Glacier View Ranch em Colorado, em 10 de agosto de 1980.

A segurança ali teria deixado a CIA com inveja e, em comparação, a convenção presidencial se teria parecido com uma reunião de Boy Scouts. Era um grupo verdadeiramente internacional de cerca 115 delegados, a maioria deles enquadrado na categoria de "executivos", e, por conseguinte, agradecidos à igreja de um modo ou outro. Alguns dos administradores, que (para dizê-lo amavelmente) não estavam teologicamente orientados, trataram de recostar-se dessa porta fechada, e até indicaram alguma forma de juramento de lealdade à fundadora Ellen e a seus conceitos. Se a reunião demonstrou algo em absoluto foi que, nestes tempos, atirar em um homem desde certa distância é muito mais barato que o pendurar em público. Demonstrou também que a justiça (como era definida pelos dirigentes), não a misericórdia, era ainda o tema da igreja. Ao final, depois de muitos jogos de mãos e charadas, Ford foi posto na rua.

O resultado realmente nunca esteve em dúvida. Assim que não foi nenhuma surpresa quando "o bom" do *Review* anunciou tal qual uma trombeta: "Resumo de uma reunião histórica: O Comitê para a Revisão do Santuário, caracterizado pela unidade e controlado pelo Espírito Santo, encontra forte apoio para a posição histórica da igreja."[8] Os cadeados daquela porta fechada se tinham afrouxado muito desde 1844 e desde a incursão de Ellen G. White em teologia. Ainda que amigos e inimigos, simultaneamente, houvessem tratado desesperadamente, e por décadas, de abrir a porta um pouquinho, os Anciãos eram bastante prontos para ver o que, talvez, outros (como os teólogos) não viam: que se essa porta fechada se abre alguma vez, o céu e o gueto Adventista são profanados pondo-os a disposição de todos, sem distinção de raça, credo ou cor e a igreja e o sistema Adventistas terão perdido para sempre sua franquia celestial.

Os acontecimentos tinham que ser moldados dessa maneira, porque parte da teologia Adventista é que os isentados (querendo dizer eles, provavelmente, os fiéis Adventistas) algum dia, durante a idade dourada do milênio, se sentarão sobre aqueles tronos brancos no Longínquo Além, e ajudarão a julgar aos ímpios. Ali, todos os suculentos sanduíches dos atos e os pecados alheios finalmente lhes serão revelados. Esse pensamento, por si só, ajudou a muitos fiéis a seguir até o fim. Pensar em conhecer tudo a respeito de todos os que não se salvaram, e por que não se salvaram. E quando tudo tenha terminado, darão a Deus um voto de confiança e as graças por que as coisas tenham resultado como a eles lhes parecia que deveriam ter resultado desde o princípio. [9]

Outra razão muito importante na mente Adventista para manter essa porta fechada, bem seja aqui ou no céu, é o *evangelismo.* Como poderiam eles jamais aceitar a idéia de que outros com diferentes hábitos e costumes e diferente moral se salvassem como eles? Que sucederia com a idéia que têm os Adventistas de que todas as outras igrejas do mundo são as rameiras (prostitutas) e as prostitutas de que fala Apocalipse? Esta idéia tinha vindo diretamente da profetisa. Ela tinha visto câmaras de tortura nos porões das igrejas católicas, onde todos os homens que finalmente tinham adorado no domingo teriam de receber a "marca da besta," e onde os Adventistas, como os Valdenses e os Husitas de antanho, teriam de ser caçados como cachorros nas fortalezas das montanhas, para ser torturados e finalmente mortos pela espada.

O medo não tem comparação como substituto para motivar à ação. Com medo, o aleijado pode escalar o muro mais alto, o cego pode ver o suficiente para tirar-se do caminho, e o mudo pode adquirir uma

instantânea soltura de língua. O amor, a motivação alentada pelas Escrituras, teve sua melhor (e alguns crêem sua última) demonstração na Cruz – e isso faz muito tempo. Ademais, o amor deve ser aprendido. O medo, com sua irmã gêmea a culpa, sempre espreita nas sombras da mente e está disponível em seguida se alguém toca o botão correto. Todos os teólogos, os adivinhos e administradores espirituais são experientes em tocar os botões corretos.

Para os que ficavam de 1844, a idéia de que a justiça tinha que ser comprada pelo penitente e que a misericórdia era grátis não era nova. Mas, a idéia recebeu ênfase da pluma de Ellen White, em cuja mente sombras mais escuras do que a maioria jaziam perto da superfície. Em seus *Testimonies for the Church*, ela conta sua primeira experiência.

Não pode passar-se por alto que, aos nove anos de idade, foi golpeada por uma pedra, e que o golpe foi tão forte que sua impressão posterior foi que quase se morre. Ficou desfigurada em vida. Diz que ficou "num torpor" por três semanas. Quando começou a se recuperar e viu quão desfigurada estava, quis morrer. Voltou-se melancólica e evitava as companhias. Disse: "Meu sistema nervoso se prostrou." [10] Estava terrivelmente assustada e solitária, e com freqüência aterrorizada pelo pensamento de estar "eternamente perdida." Pensou que "a sorte de um pecador condenado"[11] seria a sua, e temeu perder a razão.

Assim que temos aqui uma adolescente que, desde os treze até aos dezessete anos, foi debilitada, enfermiça, sem educação, impressionante e anormalmente religiosa, além de excitável, quando assistiu pela primeira vez às conferências de William Miller em 1840, em que predizia o fim do mundo em 1843 ou 1844. Durante este tempo, ela mesma sentiu que tinha sido excluída do céu. Em realidade, a causa de sua experiência na vida, estava excluída dos que a rodeavam. Com o tempo, suas atitudes se modificaram e se sentiu algo mais aceita. Mas, seus escritos, ainda através dos livros que publicou nas décadas de 1870 e 1880, mostram claramente a uma pessoa que olhava com grande apreensão muito do que era a vida real ao redor dela. Vivia num mundo horrível, e ansiava o momento em que tudo o que temia finalmente terminasse. [12]

Ela podia proporcionar-se este isolamento por si mesma. Sua **porta fechada**, no entanto, está ainda fechada nas mentes dos Adventistas hoje dia. Com cada nova crise local ou mundial, cada novo costume que é inaceitável, e toda a gradativa transformação moral, o Adventista fecha sua porta um pouquinho mais, dorme com suas malas feitas, e anseia que chegue esse ato final de justiça que lhe dará, somente a ele e a seu Clã, a segurança da misericórdia que tanto precisam. [13]

William S. Sadler, amplamente conhecido médico e cirurgião de seu tempo, escritor, amigo pessoal de Ellen White, genro de John Harvey Kellogg, escreveu:

**De tanto em tanto, surge alguém que tenta fazer crer a outras pessoas as coisas que vê ou ouve em sua própria mente. Surgem supostos "profetas" para convencer-nos da realidade de suas visões. Aparecem gênios estranhos que nos falam das vozes que ouvem, e, se parecem bastante sensatos e socialmente convencionais em todo sentido, algumas vezes conseguem levantar um vasto número de seguidores, criar cultos e estabelecer igrejas; enquanto, se são demasiado ousados em suas imaginações, se vêem um pouquinho demasiado longe ou ouvem demasiado, são prontamente capturados e rapidamente guardados bem seguros no confinamento de um manicômio**. [14]

Este porto psíquico é uma região segura, não sujeita a desafio pela lógica, argumento, evidência ou pela realidade. E, apesar de se ter negado todos estes nutrientes da conduta e a persuasão racionais, os homens ainda crêem o incrível. As idéias da porta fechada, do juízo investigativo, da negação da doutrina bíblica da graça e da misericórdia divinas livremente disponíveis para todos desde a Cruz, todas elas foram tomadas pelos Adventistas e feitas condicionais com base em conceitos rejeitados pela maioria, (até pelos originadores), mas respaldadas e promovidas por Ellen G. White.

E isto nos traz agora à última porta que foi fechada em 1844 por Ellen e os Milleristas que ficaram – o Evangelho, as Boas Novas da Salvação. Os pecados Adventistas não são nunca realmente perdoados.

Permanecem nos livros do céu até o dia do pagamento, o Dia do Juízo. Nenhum sistema que prospera e se perpetua a si mesmo sobre um escândalo tal pode trazer felicidade à mente ou a experiência humanas.

As constantes revisões levadas a cabo pelo sistema eclesiástico, as inspeções diárias exigidas pela mente, e as investigações para o juízo da vida, além das comparações com as vidas de outros para ver se um está à altura, minam as forças e o valor. Até o momento em que o "verdadeiro crente" tenha feito todos seus diários exercícios mentais e revisado sua lista do que há e do que não há que fazer, está esgotado. Seu conceito da vida é que Deus o flagela em cada colina, em cada vale e através de cada bosque, até que, esgotado, cai morto. Em cada caso, se suas quotas foram pagas, o Senhor se inclina e diz: "Bem está, bom servo fiel."[15]

Num sistema assim, o santo patrono se converte em substituto do Salvador. O céu e o aqui e agora se vêem através dos olhos desse santo do século dezenove. As obras se convertem na maneira de obter ou conservar as concessões outorgadas pelos privilegiados, e a vida se converte numa concorrência "santa" com outros crentes. Ninguém gosta de competir numa área em que não conheça; tanto assim que cada um delimita com estacas um território em que possa trabalhar melhor. Para um pode ser a dieta, para outro a roupa, para os extremistas a vida monástica. Qualquer que seja a tarefa, a vida se converte num enorme esforço para avantajar à concorrência subindo a essa via escorregadia primeiro. Se um pode só "perseverar até o fim" e durar mais ou ser mais pronto do que a concorrência, a justiça diz que seu lugar no além está assegurado, ainda que tenha sido um inferno viver no aqui e agora.

Assim foi e será sempre quando as "Ellen" da terra convencem a seus seguidores de que, por meio da contabilidade celestial, Deus salvará ou até satisfará à alma humana ou ao desejo de justiça. Cada vez que os teólogos ou crentes tratam de usar habilmente jogos semânticos com as doutrinas, sempre terminam perdendo ao Salvador e ao Evangelho aqui e fazendo um embrulho místico do além. Quando fecharam a porta em 1844, quão pouco se deram conta (a jovem Ellen e sua pequena banda de verdadeiros crentes) de que, ao tratar de salvar as aparências a causa do desengano experimentado, em realidade estavam tirando-lhes o Senhor a dezenas de milhares e fechando-lhes uma porta de amor e misericórdia a muitos outros para sempre. Tal foi a experiência de todos os que, sob qualquer título, trataram de se converter em depositários das chaves da salvação – esse Evangelho das Boas Novas.

---

## Referências e Notas

1 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1978) pp. 80-87.

2 . Tiago White, "The Gifts of the Gospel Church," *Second Advent Review* and Sabath Herald/11 (21 April IX51\-7)

3 . Tiago White, "The Gifts of the Gospel Church," Review 4 (9 June 1853): 13; J. W., "A Teste," *Review 7* (October 1855): 61.

4 . L. Richard Conradi, *The Founders of the Seventh-day Adventist Denomination* (Plainview, NJ: The American Sabbath Tract Society, 1939).

5 . Robert D. Brinsmead, *Judged by the Gospel*. Desmond Ford, *Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment*, Geoffrey J. Paxton, *The Shaking of Adventism*.

6 . Ellen G. White, *Christ´s Object Lessons* (Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1900), p. 363.

7 . *Review* 157 (May, June, July 1980).

8 . *Review* 157, (4 September 1980).

9 . EGW, *The Great Controversy (O Grande Conflito) between Christ and Satan* (Mountain View: PPPA, 1888, 1911). Veja-se o capítulo 28 , "Facing Life´s Record (The Investigative Judgment)," e o capítulo 41, "Desolation of the Earth." Estudos recentes mostram que grande parte destes capítulos vieram dos escritos de Uriah Smith.

10 . EGW, *Early Writings* (Washington: Review and Herald Publishing Assn., 1882), pp. 277-85. Veja-se também *Country Living*, de EGW (Washington: RHPA).

11 . EGW, *Testimonies for the Church*, 9 tomos (Mountain View: PPPA, 1885, 1909), tomo 1, pp. 9-16 ,25.

12 . EGW, *Christian Experience and Teachings* (Mountain View: PPPA, 1922).

13 . Jonathan M. Butler, "The World of E. G. White and the End of the World," *Spectrum* 10, não. 2 (Agosto 1979): 2-13.

14 . William S. Sadler, *The Truth About Spiritualism* (Chicago: A. C. McClurg).

15 . Mateus 25:21.

## Capítulo 3.
## Digam Que Não É Assim

### Como Ellen White chegou a ser conhecida como profetisa

---

O sucesso e o gênio de qualquer movimento religioso é dizer aos membros o que querem ouvir e assegurar-se de que não ouçam o que não quer que ouçam. Nada proporciona tantas oportunidades neste campo como a tipografia. Gutenberg não tinha nem a mais remota idéia de que portas estava abrindo quando inventou a tipografia. Desde a Idade Média, quando a verdade foi encadeada a uma parede de biblioteca para que ninguém pudesse sacá-la da abóbada (nem sequer com um cartão de retirada de livros), a humanidade teve que receber e aceitar o que os pais da igreja lhe entregaram. Provavelmente, isso era um pouco melhor do que quando os pais impunham o conhecimento com um chicote ou o cabo de uma faca, mas ainda era uma forma de controle.

A arte de imprimir teria de se desenvolver até ao ponto de que o objetivo não era controlar o corpo com as armas senão controlar a mente com a letra impressa. Os livres pensadores sempre têm se envolvido com problemas. No tempo de Moisés, se qualquer um acendesse fogo por sua própria conta para gozar de uma xícara de chá quente no sábado, era apedrejado e não, tampouco, no moderno sentido da palavra... Se, nos dias de Neemias, alguém vagava no mercado de trocas de objetos de segunda mão no sábado, corria o risco de que lhe arrancassem a barba ou os cabelos. Ainda, nos tempos do Novo Testamento, se Ananias guardasse umas poucas moedas do dízimo para pagar aluguel, o teólogo local o dizia que cairia morto – e caía.

Assim, chegou a imprensa. A prenda era muito melhor em seu enfoque; nenhuma sujeira por limpar, nenhum cadáver que sepultar. Somente havia que se seguirem às regras gêmeas: Dizer às pessoas o que queria ouvir; não deixar-lhes ouvir o que não queria ouvir. A primeira regra não é demasiado difícil, mas a segunda, todavia, requer alguma forma de controle. Se as pessoas não sabem ler, não se pode alcançá-las por meio da leitura; se sabem ler, poderiam ser alcançadas por leituras errôneas. A maneira com que as igrejas resolvem estes problemas é remetendo-os a Deus. Esta é também uma idéia antiga. Aos poucos, dá-se crédito a Deus por coisas que não tem feito; e, desde os princípios dos tempos, o diabo tem sido exonerado de coisas que se faz. (Leia-se sobre Adão e o fruto no relato da criação no Gênesis).

Os Adventistas do Sétimo Dia não foram os primeiros a construir um sistema, porém tiveram mais êxito que outros. No mercado em que começaram eram pequenos e dispersos, mas, com ajuda de Ellen G. White, haviam de crescer e consolidarem-se. Tiago White era uma espécie de mestre, conhecendo o poder da imprensa – especialmente o poder da imprensa controlada, e o quanto melhor era deixar que Deus a controlasse. Somente haveria que convencer aos leitores de que Deus estava escrevendo o que estavam lendo (dando-lhe, assim, autoridade) e de que Deus *não* no que se lhes diziam para *não* ler. Não era uma má idéia para um grupo de principiantes. Funcionou, e tem funcionado desde então – até tempos recentes, quando algumas pessoas perceberam o valor de se voltar do trem e ir até a parte de trás para ver o que fazia mover a coisa.[2]

Isto quanto ao sistema. Agora, como construí-lo? Quem haveria de escrever em nome de Deus? Certamente, Tiago não. Sua incursão na escritura haveria de incluir somente quatro livros, todos eles copiados em sua maior parte de alguma outra pessoa. Todavia, Ellen G. White, que somente tinha uma educação primária, não havia escrito nada notável. Não era uma combinação muito comerciável numa época em que a educação estava começando a se fazer popular. Em outra ocasião e em outro lugar, talvez. Mas, gradualmente, veio o experimento que faria tudo funcionar – a expressão máxima do gênio: Por que não se roubar tudo, em nome de Deus?

Apesar de tudo, coisa semelhante tinha sido feito antes. Ao menos assim estabeleceriam os modernos defensores da fé adventista por cerca de centro e trinta anos mais tarde. Chegou-se a dizer que Lucas havia copiado Marcos e que Paulo havia estado subtraído material dos gregos sem lhes dar crédito. Que João, o vidente, havia roubado dos antigos pagãos material para suas idéias e que Judas havia feito outro tanto com

algumas de suas obras pseudo-epígrafas. Até se disse que Moisés, em vez de receber os Dez Mandamentos de Deus, tomou-os de Hamurabi, um antigo legislador, ou até mesmo de outros antes de seu tempo.[3]

Nos dias de Ellen G. White era natural. Antes de seu tempo, existiu Emanuel Swedenborg, na Suécia, que tivera visões para o rei e para a família real, aproximadamente em 1740. Fundou uma igreja e viu muitas coisas que os demais não viram, algumas das quais aconteceram. Como Ellen G. White, a dirigente dos Shakers, nos Estados Unidos, Ann Lee, não tinha educação, mas escreveu "testemunhos" para os membros. Também, como a Sra. White, requeria "uma classe especial de vestuário" e se opunha à guerra e ao uso de carne de porco. Em 1792, Joanna Southcott, uma empregada doméstica, filha de pais pobres e com pouca educação, anunciou-se como profetisa e disse que em seus transes se lhe havia dito que Cristo haveria de vir mui breve.[4]

Joseph Smith, o famoso dirigente Mórmon, acabava de falecer em 1844.

Esse foi uma grande decepção, tanto para ele como para seus seguidores, porque lhe dispararam e o mataram. Sua vida foi curta. Nasceu em 1805 e morreu em 1844, no ano em que a Sra. White começou a ter revelações. Era pobre e desconhecido, até que começou a ter "visões" e "revelações" e a ver e falar com anjos. Ensinou a Segunda Vinda, e seus seguidores haveriam de se converter nos Santos dos Últimos Dias (as outras igrejas eram os pagãos, os gentios). Como os Adventistas, os Santos dos Últimos Dias reescreveram a Bíblia através de seu profeta, e Smith teve novas revelações, ainda que algumas investigações recentes pareçam confirmar que o material foi roubado.[5]

A lista não termina. Mary Baker Eddy, a famosa dirigente da Ciência Cristã, também existiu durante a maior parte da vida de Ellen G. White. Embora elas sejam diferentes em seu modo de pensar, os discípulos de ambas acreditavam que sua profetisa era inspirada por Deu e que seus escritos deveriam ser usados para interpretar a Bíblia.

O notável Charles T. Russell, da *Watchtower (Torre de Vigia)* e as Testemunhas de Jeová, também viveu durante o tempo de Ellen G. White. Seus seguidores crêem que eles são a única igreja verdadeira e que todas as demais são "Babilônia." Os Adventistas se alinham a esta última parte, mas se consideram a si mesmos como a única verdadeira igreja.[6]

Ellen G. White haveria de começar a tomar material alheio lentamente. Em princípios da década de 1840, dois homens que se haviam impressionado com o movimento Millerista eram Hazen Foss e William E. Foy. Supunha-se que, em Setembro de 1844, Foss havia recebido uma visão de que o povo do advento, com suas provas e perseguições, estava no caminho até a Cidade de Deus. Foi-lhe dito que, se recusasse transmitir a mensagem a outros, seria dado ao mais débil dos filhos de Deus. Foy também havia estado em contato com o futuro e havia sido informado acerca disso por escrito e em reuniões públicas desde algum momento em janeiro de 1842. Ellen G. White havia ouvido falar de Foss em Beethoven Hall, na cidade natal dela, Portland, Maine, quando era criança. Posto que estivesse aparentada com Foy por seu matrimônio, não há razão para crer que ela não poderia haver lido u ouvido falar das visões dele, assim como das visões de Foy.

Agora o marco era perfeito tanto para Ellen como para Deus. Os dois homens recusaram promover as visões e a um deles se lhe havia dito que Deus lhas daria ao mais débil dos débeis. E quem era mais débil que Ellen? No começo de 1842, sem ter sequer quinze anos de idade, tinha muitos problemas emocionais e físicos, segundo ela mesma conta. Em 1844, todavia, tinha problemas. Sua confusão emocional e física se agravou pela decepção causada pelo impulso de Miller até à eternidade. Com algumas dúvidas por causa de sua idade e sua falta de experiência, ela tomou a tocha das mãos caídas de Foy e de Foss, lançando-se em sua primeira visão.[8] Foi quase uma cópia em carbono das visões em que Foy e Foss reconheciam que Deus lhes havia dado, e era tão fiel ao original que garantia o êxito futuro de um dos casos mais notáveis de "empréstimos" literários que o mundo jamais tem visto.

## Definição de Plagio e Plagiário:

Uma edição do dicionário de Webster define um plagiário como se segue:

O que rouba os escritos alheios e os faz passar como próprios... Apropriação ou imitação da linguagem, das idéias e dos pensamentos de outro autor, e sua representação como si fosse sua a própria obra original... O ato de roubar obras literárias alheias ao se introduzir passagens de escritos alheios e fazê-los passar como próprios; ladrão literário.

Por áspera que pareça, a definição caracterizaria a Ellen na idade de dezessete anos como uma ladra e continuaria definido-a pelo resto de sua vida, com enorme ajuda e estímulo de outros. Parece um juízo mui severo. Muitos dos atuais apologistas de Ellen G. White têm tratado de desembaraçá-la desta situação propondo que, talvez, Deus tem um modelo diferente para os profetas.[9] Outros parecem permanecer tranqüilos e satisfeitos com o pensamento de que "todo o mundo o fazia." Parece-lhes haver escapado que, com essa classe de lógica, o céu seria o limite na conduta humana.

Outros querem crer que "ela não sabia." Porém, certamente muitos ao seu redor, através dos anos, sabiam, sim, e estavam preocupados. Uriah Smith, um dos primeiros editores, e por muito tempo editor da *Review,* sabia. Em 1864, apareceu o seguinte, sem autoria, na página editorial:

## Plágio

Esta é uma palavra usada para significar "furto literário," o tomar as produções alheias e fazê-las passar como próprias.

Em *World´s Crisis* de 23 de agosto de 1864, encontramos um fragmento de poesia devidamente intitulado "For the *World´s Crisis*," e assinado "Luthera B. Weaver." Qual não seria nossa surpresa quando encontramos neste trecho nosso hino familiar:

"Long upon the mountain weary
Have the scattered flock been torn."

Esta peça foi escrita por Annie R. Smith, sendo publicada primeiro na *Review*, tomo ii, no. 8, de 9 de dezembro de 1851, estando em nosso hinário desde que saiu a primeira edição. Porém, o pior de tudo é que a peça havia sido mutilada, sendo suprimida a segunda e mais significativa estrofe, a saber:

"Now the light of truth they're seeking, In its onward track pursue;
All the Ten Commandments keeping. They are holy, just and true.
On the words of life they're feeding,
Precious to their taste so sweet,
All their Master's precepts heeding, Bowing humbly at its feet."

Mas, quiçá, isto havia revelado claramente sua origem, pois apenas há alguma classe de pessoas na atualidade, exceto os Adventistas do Sétimo Dia, que tenha algo que dizer acerca de todos os Dez Mandamentos de Deus, etc. Estamos perfeitamente dispostos a que trechos da Review ou de qualquer de nossos livros sejam publicados até qualquer ponto, porém tudo o que pedimos é que se nos façam simples justiça, dando-nos o devido crédito! [10]

A honestidade editorial de Smith teve um efeito duradouro no periódico. Em 1922, quando Francis M. Wilcox era editor, a *Review* publicou dois breves artigos sobre o tema do furto literário. Um deles, sem assinatura, apareceu em uma página editorial sob o título "Are You a Plagiarist? If So, Please Do Not Write for the Review." [É Você Plagiário? Se é assim, não escreva para a Review]. O outro artigo curto, intitulado "Spiritual Plagiarism" [Plágio Espiritual], por J. B. Gallion, era ainda mais específico:

Plágio é o ato, por parte de um ou vários autores, de usar as produções de outra pessoa sem lhe dar crédito. Por exemplo, se você escrevesse um artigo no qual inserisse fragmento ou trecho de "The Psalm of Life" [O Salmo da Vida], ou qualquer parte dele, e permitisse que se passasse sob sua autoria, como uma produção sua, em dar crédito ao poeta Longfellow, você seria culpado de delito de plágio. "Bem," diria você, "todo mundo sabe que Longfellow escreveu 'The Psalm of Life.'" Muitos o sabem, é verdade, mas muitíssimos não. Os que são ignorantes desse fato poderiam ser enganados facilmente; mas, quer saibam ou não, isso não diminui a sua culpa. Tomou, nesse exemplo, o que não é seu e, portanto, é culpado de furto literário. Quiçá, não haja senão uns poucos que sucumbam sob a acusação de plagio no mundo! [12]

Em harmonia com a política "honesta e aberta" da *Review,* que parece haver estimulado aos leitores a praticar a honestidade através dos anos, houve também quem tratasse de demonstrar que Ellen G. White praticava essa mesma política. Um artigo na *Review*, em Junho de 1980 dizia que uma vez que foi dito a Ellen quão errôneo era fazer o que estava fazendo, ela disse que, a partir de então, deveria dar-se crédito a quem quer que deva de ser dado. Um leitor escreveu para a *Review* pedindo a data dessa notável conversação e reconhecimento. Esta é a resposta que o resto do público leitor nunca teve oportunidade de ver:

Se você solicitar a data em que Ellen G. White deu instruções para que os autores do material citado fossem incluídos em rodapés de páginas em seus escritos. A data disto foi aproximadamente 1909. Se você também perguntar em quais obras posteriores foram incluídas estas instruções. O único livro ao que se aplicavam estas instruções era *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, que foi logo republicado com estes rodapés de página em 1911? [13]

Ali o tem você. Em 1909, a data mencionada mais acima, Ellen G. White tinha oitenta e dois anos de idade e lhe faltavam seis anos para chegar à tumba. Em mais de setenta anos de furtar idéias, palavras e frases, nem uma só vez confessou especificamente. Os publicadores fizeram somente uma declaração vaga e genérica em relação com uma revisão *The Great Controversy (O Grande Conflito)* – e isso somente depois que o próprio livro se havia convertido em causa de controvérsia.

Quando estão muito próximos de serem descobertos, a defesa final dos “profetas” e videntes é dizer que Deus lhos fez praticar, que eles vêem e dizem coisas que outros haviam dito e que eles podem vê-las e dizê-las exatamente nas mesmas palavras que outros porque Deus lhas entregou a eles primeiramente. Eles simplesmente não divulgaram a ninguém até que fossem descobertos.

Robert W. Olson, o atual chefe do White Estate, assume esta posição em um trabalho de 12 de Setembro de 1978, intitulado "Wylie´s Language Used to Describe What She Had Already Seen Herself May 15, 1887." [A linguagem que Wylie usou para descrever o que ela mesma já havia visto em 15 de Maio de 1887]. O documento compara o diário que Ellen G. White escreveu na Suíça, 1887, com uma citação do livro de James A. Wylie *The History of Protestantism,* 1876. Assim consta: [14]

| Ellen G. White | James A. Wylie |
|---|---|
| **Zurique está agradavelmente situada às margens do Lago Zurique. Esta é uma nobre extensão de água, rodeada por bordas que se inclinam até acima, cobertas por vinhedos e bosques de pinho, no meio dos quais cintilam aldeias e brancas vilas entre árvores e colinas cultivadas que lhe dão variedade e beleza à paisagem, enquanto no horizonte distante se vêem o glaciar combinando-se com as nuvens douradas. À direita, a região está cercada pelas escarpadas muralhas dos Alpes Brancos, mas as montanhas retrocedem da orla e, permitindo que a luz caia livremente sobre o regaço do lago e sobre a ampla curva de suas encantadoras e férteis margens, dão à paisagem uma beleza que não poderia igualar nem a pluma nem o pincel do artista. O vizinho lago de Zug tem um marcado contraste com o de Zurique. Suas plácidas águas e tranqüilas margens parecem estar perpetuamente envoltas nas sombras. [ms. 29-1887]** | **Zurique está agradavelmente situada sobre as margens do lago com esse nome. Esta é uma nobre expansão de água, rodeada por bordas que se inclinam suavemente até acima, cobertas aqui por vinhedos e ali por bosques de pinho, dentre os quais aldeias e brancas vilas cintilam e animam o cenário, enquanto no horizonte distante se vêem o glaciar se combinando com as nuvens douradas. À direita, a região está cercada pelas escarpadas muralhas dos Alpes Brancos, mas as montanhas retrocedem da orla e, permitindo que a luz caia livremente sobre o regaço do lago e sobre a ampla curva de suas encantadoras e férteis margens, dão uma frescura e uma espaciosidade à cena que se vê desde a cidade, que contrasta notavelmente com o vizinho Lago de Zug, no qual as plácidas águas e a tranqüila margem parecem estar perpetuamente envoltas nas sombras das grandes montanhas.** |

A idéia de que Ellen G. White viu tudo primeiro da parte de Deus nas palavras de qualquer um, fosse quem fosse de quem estivesse copiando, não era nova para Olson. Em 1889, em Healdsburg, Califórnia, alguns dos defensores de White debatiam com os membros do grupo ministerial local. Depois de mostrar numerosas comparações de escritores que Ellen havia usado para seu material, os ministros de Healdsburg disseram:

O Ancião Healey queria fazer crer ao Comitê que ela não é uma mulher que lê. E também lhes pediu que acreditassem que os fatos históricos e até as citações são dadas a ela em visão, sem depender das fontes ordinárias de informação. Observe-se que Wylie dá o devido crédito quando cita a bula papal e que a Sra. White não o faz. Certamente, é digno de se notar, para dizer o menos, que Wylie, um escritor não inspirado, foi mais honesto neste particular que a Sra. White, a qual afirma que todos os fatos históricos e até as citações lhe foram dados em visão. Provavelmente, um caso de visão defeituosa. [15]

Há ministros aqui, presumivelmente crentes na inspiração e nas visões, que não estavam dispostos a aceitar a idéia de que Deus havia passado por alto aos meios humanos para alcançar às pessoas através de Ellen G. White.

O que a maior parte das pessoas faz, quando as coisas, em seu assim chamado fervor religioso, põem-se tão enredadas como o estão Ellen e seus escritos, é culpar a Deus. Adão o fez quando o diabo enganou a Eva. O Adventist White Estate intentou isto quando lhe ocorreu a idéia de que Cristo mesmo estava plagiando um pouquinho quando nos deu a “Regra de Ouro” em Mateus 7:12. Supostamente, obteve-a realmente do Rabino Hillel, que havia tido a idéia uma geração antes.[16] Provavelmente, pode ser tecnicamente correto que Deus roube, porquanto se supõe que tudo é seu em primeiro lugar, mas parece uma má lição para o resto de nós.

Há duas razões do por quê Ellen copiou material alheio, disse-nos no documento de 1979, do White Estate. A *primeira* razão é que ela não sabia escrever muito bem. Isto é muito mais novidade para os Adventistas, porquanto por mais de um século têm estado a citar Ellen G. White, suas palavras, frases e parágrafos, palavra por palavra, em suas batalhas escritas e verbais – sempre declarando quão formosa é sua maneira de escrever. A *segunda* razão é que Deus deixou fora do cânon muito material que era necessário para fazer inteligente todo o assunto.[17] Com muita ajuda de seu estado-maior, não obstante, as visões de Ellen foram

desdobradas, ampliadas e, para o século XX, havia-se acrescentado muito mais ao Cânon do que até mesmo Deus sabia. Sempre se afirmou que ela nunca acrescentou nada extra ao Cânon. Porém, quando os membros do White Estate somaram todas as palavras que ela escreveu, resultou numa estimativa de 25.000.000 de palavras! Os que se especializam em tais coisas dizem que, ainda sendo liberais com os pontos e outras marcas de pontuação, são muitos cânones!

No mesmo artigo de 1979, do White Estate, diz-nos que Ellen G. White provavelmente era com muita freqüência inconsciente do que fazia.[18] Nesse caso, talvez estivesse inconsciente grande parte do tempo, porque os membros do Comitê de Glendale, que se reuniram em janeiro de 1980 para examinar a acusação de que ela havia copiado de muitos mais autores ao seu redor do que outros se houvessem inteirado ou pelo menos admitido, com efeito disseram que a quantidade era mais do que eles haviam suspeitado e que era alarmante![19] O último grupo que mais se aproximara de ver e de dizer o mesmo foi a Conferência Bíblica de 1919. Foi afastada do assunto por seu esforço e seu prejudicial informe "perdeu-se" até anos recentes, quando alguém na abóbada tropeçou com a ata das reuniões. (*Spectrum*, com tudo o seu status independente, publicou esta ata em 1979 sem seguir a formalidade de uma permissão).[20] (Ver esta ata no apêndice)

O Comitê de Glendale, de janeiro de 1980 – ao qual também fizeram desaparecer tão rapidamente como foi possível – manteve muitas discussões de alto nível sobre qual seria a palavra correta que se devia usar – "tomar emprestado," "plagiar," ou "parafrasear." Nunca se sugeriu nem se mencionou a ninguém (nem sequer no banheiro masculino durante os recessos) a possibilidade de que Ellen G. White poderia haver furtado o material.[21] Porém, se a definição de um dicionário de *tomar emprestado* é aceitável ("tomar ou obter algo com a promessa de devolvê-lo ou devolver seu equivalente"), então nem ela nem seus ajudantes creram jamais que estavam "pedindo emprestado" nada.

Não somente se tem negado que ela jamais tomara nada (até que começou a se acumular evidência mais recente de que, sim, fê-lo), senão que sempre se tem dito que Deus o fazia. Em 1867, Ellen G. White disse:

**Ainda que eu dependa do Espírito do Senhor tanto para escrever minhas visões como para recebê-las, as palavras que emprego para descrever o que tenho visto são minhas.[22]**

Em 1876, haveria de dizer:

**Em tempos antigos, Deus falou aos homens por boca dos profetas e dos apóstolos. Nestes tempos, fala-lhes por meio dos *Testemunhos* de seu Espírito.[23]**

Pondo-se a si mesma e colocando a seus escritos em um nível mais e mais elevado, disse, em 1882:

**Se vós diminuís a confiança do povo de Deus nos testemunhos que Ele vos tem enviado, estão rebelando-se contra Deus tão certamente como o fizeram Coré, Datã e Abirã.[24]**

Com o correr do tempo, estas afirmações cresceram até que ela foi capaz de se exceder a si mesma (1882):

**Quando fui ao Colorado, senti tal responsabilidade por vós que, em minha debilidade, escrevi muitas páginas para que fossem lidas na reunião ao ar livre [reunião campal]. Débil e trêmula, levantei-me às três da manhã para vos escrever. Deus estava falando através da argila. Vós podereis dizer que esta comunicação era somente uma carta. Sim, era uma carta, porém inspirada pelo Espírito de Deus, para por diante de vossas mentes as coisas que me haviam sido mostradas. Nestas cartas que vos escrevo, nos testemunhos que transmito, apresento-vos o que o Senhor me tem apresentado. Eu não escrevo nem um artigo no periódico expressando somente minhas próprias idéias. Elas são o que Deus tem aberto diante de mim em visão – preciosos raios de luz que brilham desde o trono.[25]**

Logo continuou perguntando:

**Que voz reconheceríeis como a voz de Deus? Que poder tem o Senhor em reserva para corrigir os vossos erros e mostrar-vos o rumo que levam?... Se recusais crer até que toda sombra de incerteza e toda possibilidade de dúvida tenha sido dissipada, nunca crereis. A dúvida que exige perfeito conhecimento nunca se renderá à fé. A fé descansa na evidência, não na demonstração. O Senhor requer que obedeçamos à voz do dever, ainda quando haja outras vozes por todas as partes ao nosso redor instando-nos a seguir um rumo diferente. Distinguir a voz que fala da parte de Deus requer uma séria atenção de nossa parte.[26]**

Um problema aqui é que Daniel March havia escrito, anos antes, em seu livro *Night Scenes in the Bible*:

**Não devemos adiar nossa obediência até que toda sombra de incerteza e toda possibilidade de erro tenham sido dissipadas. A dúvida que exige perfeito conhecimento nunca se renderá à fé, porque a fé descansa nas probabilidades, não na demonstração... Devemos obedecer à voz do dever ainda quando haja muitas outras vozes clamando contra ela, e requer-se uma séria atenção para distingui-la da que fala em nome de Deus.[27]**

As expressões *"Foi-me mostrado"* fizeram-se hábito, pois a expressão haveria de aflorar uma e outra vez.

**Mostrou-se-me que uma área que é a causa do deplorável estado de coisas é que os pais não se sentem obrigados a criar seus filhos em conformidade com as leis físicas. As mães amam a seus filhos com um amor idólatra e consentem o apetite deles, embora saibam que prejudicarão sua saúde e que por isso trarão sobre eles enfermidades e infelicidade... Têm pecado contra o Céu e contra seus filhos e Deus lhes pedirá conta. Os administradores e mestres de escolas.[28]**

Se alguém não é dado a se sentir culpado e quer gastar um pouco de tempo observando ao se redor para as obras dos demais, pode ser que encontre o mesmo, sem o "Foi-me mostrado," nas obras de um escritor anterior que Ellen G. White houvera lido ou admirado:

**Os pais também estão sob a obrigação de ensinar e obrigar seus filhos a se conformarem às leis físicas por amor de si mesmos... Quão estranho e inexplicável é que as mães amem a seus filhos tão ternamente que lhes permitam o que têm ocasião de saber que pode danificar suas constituições e prejudicar sua saúde por toda a vida. Muitas crianças são trazidas ao mundo por estas mães por causa desta cruel bondade. Os administradores e mestres de escola.[29]**

Tais práticas podem ser uma das razões pela qual o White Estate fizera a interessante declaração em sua gravação de 1980 de que algumas de suas afirmações *"Foi-me mostrado"* eram *com pleno conhecimento, de forma segura e deliberada.*[30] Agora há uma palavra para você. Pode significar que uma razão para que a maioria, senão todas, das afirmações *"Foi-me mostrado"* nos primeiros escritos de Ellen G. White tiveram que ser substituídas era que as ajudantes de Ellen eram conhecedoras do problema.

Em relação às "ajudantes," William S. Sadler haveria de escrever mais tarde que as investigações mostraram que a maioria dos místicos e magos dos tempos modernos havia tomado a "precaução" de se cercar de assistentes adestrados e dignos de confiança."[31] Mais adiante conheceremos a alguns dos confiáveis associados de Ellen G. White.

O que Sadler não sabia acerca destes assistentes, contudo, é que eles até ajudaram Ellen a "tomar emprestadas" suas visões. Em uma das notáveis ilustrações do engano nos "empréstimos," Ellen haveria de escrever um artigo na *Review and Herald* de 4 de abril de 1899, que mais tarde apareceria em seus *Testemunhos Para a Igreja,* Dizia:

**Na reunião ao ar livre de Queensland, em 1898, foram-me dadas instruções para nossos Obreiros Bíblicos. Nas visões da noite, os ministros e obreiros pareciam estar em una reunião na qual se estavam dando lições bíblicas. Dissemos: "Hoje teremos o Grande Mestre conosco," e escutamos Suas palavras com interesse. Ele disse: "Há uma grande..."[32]**

O fantástico acerca do artigo é que a maior parte do material foi tomada do livro *The Great Teacher* [O Grande Professor], escrito por John Harris em 1836. Por conseguinte, ela parece estar essencialmente pondo as palavras de John Harris na boca de Deus como se fosse sua própria visão. Porém, realmente não é assim. As palavras que ela copiou foram escritas em realidade na introdução ao livro de Harris por Herman Humphrey, o qual, como Presidente do Amhurst College, escreveu a introdução para seu amigo Harris.[33]

Os modernos Adventistas tiveram a oportunidade de lançar um olhar sobre este fiasco no periódico denominacional, *Review and Herald*, mas em nenhuma parte do periódico se admitiu que Harris também houvesse sido enormemente útil a Ellen G. White quando escreveu *Desire of Ages* [O Desejado de Todas as Nações], *Acts of the Apostles* [Atos dos Apóstolos], *Fundamentals of Christian Education* [Fundamentos da Educação Cristã], *Counsels to Teachers* [Conselhos aos Professores], assim como outras obras suas.[34] Nenhuma atitude ensaiada por parte da *Review* poderia explicar satisfatoriamente como Harris e seu *Great Teacher* [O Grande Professor] se converteram em Deus, o Grande Mestre, através de Ellen G. White. E esta transição teve lugar mais de uma vez sob a pluma de Ellen.[35]

---

## Referencias e Notas

1. Levítico 24; Neemias 13; Atos 5.

2. Donald R. McAdams, "Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s" [Diferentes Pontos de Vista Sobre a Inspiração: Estudos Sobre Ellen G. White na Década de 1970], *Spectrum* 10, no. 4 (Março de 1980): 27-41.

3. Robert W. Olson, "Ellen G. White´s Use of Uninspired Sources"[O Uso de Fontes Não Inspiradas por Parte de Ellen G. White], fotocopiado (Washington: Ellen G. White Estate, 9 de Novembro de 1979), pp. 18-18. Conferências posteriores e fotocópias, que os membros do White Estate fizeram circular, ampliaram mais o tema dos empréstimos bíblicos.

4. Dudley M. Canright, *Life of Mrs. E. G. White: Seventh-day Adventist Prophet; Her False Claims Refuted* [Vida da Sra. Ellen G. White: Profetisa dos Adventistas do Sétimo Dia; Suas Falsas Afirmações Refutadas] (Cincinnati: Standard Publishing Company, 1919), pp. 18-31.

5. Wayne Cowdrey, Donald R. Scales, Howard A. Davis, *Who Really Wrote the Book of Mormon?* [Quem Escreveu Realmente o Livro de Mórmon?], (Santa Ana, CA: Vision House, 1977). Este livro dá uma direção na qual há também disponíveis gravações em fita sobre o tema.

6. Canright, *Life of Mrs. E. G. White* [Vida da Sra. E. G. White], pp. 25-31.

7. Francis D. Nichol, ea., *Seventh-day Adventist Encyclopedia* [Enciclopédia Adventista], Commentary Reference Series, 10 tomos. (Washington: Review and Herald Publishing Association, 1976), tomo 10, p. 474.

8. E GW, *Life Sketches of Ellen G. White* [Esboços da Vida de Ellen G. White] (Mountain View; Pacific Press Publishing Association, 1915), pp. 26-31. EGW, *Christian Experience and Teachings* [Experiência e Ensinamentos Cristãos], (Mountain View: PPPA, 1522), pp. 57-61. Jack W. Provonsha, *"Was Ellen White a Fraud?"* [Foi Ellen White Uma Fraude?], fotocopiado (Universidade de Loma Linda, Divisão de Religião, 1980).

10. [Uriah Smith, ed.] "Plagiarism" [Plágio], Review 24 (6 de setembro de 1864): 120.

11. Francis M. Wilcox, ed., "Are You a Plagiarist?"[É Você Um Plagiário?], *Review* 99 (23 de Março de 1922): 32.

12. J. B. Gallion, "Spiritual Plagiarism" [Plágio Espiritual], *Review* 99 (23 de Março de 1922): 21.

13. Carta da *Review* a [seud.] (29 de Julho de 1980).

14. Robert W. Olson, "Wylie´s Language Used to Describe What She Had Already Seen Herself" [A Linguagem de Wylie Usada Para Descrever o que Ela Mesma Já Havia Visto]. Ms. #655 autorizado para sua publicação, fotocopiado (Washington: EGW Estate (12 de Setembro de 1978). Esta autorização do White Estate cita o Ms. 291887 de EGW ("Diary-Labors in Switzerland-8") escrito em Basiléia desde 1 de janeiro a 15 de Maio de 1887; e James A. Wylie´s *The History of Protestantism*, tomo 1, 1876, pp. 435-436.

15. [Healdsburg] Pastors´ Union, "Is Mrs. E. G. White a Plagiarist?" ["É a Sra. E. G. White Uma Plagiária?"] Healdsburg [Califórnia] Enterprise, 20 de março de 1889, p. 1.

16. Olson, "EGW´s Use of Uninspired Sources"[Uso de Fontes Não Inspiradas Por Parte de EGW], pp. 16-19.

17. Ibid., pp. 7-9.

18. Ibid., p. 12.

19. Glendale Committee, "Ellen G. White and Her Sources" [Ellen G. White e Suas Fontes], fitas, 28-29.

20. [Conferência Bíblica], "The Bible Conference of 1919" [A Conferência Bíblica de 1919], *Spectrum* 10, no. 1.

21. Fitas do Glendale Committee (1980).

22. EGW, *Selected Messages* [Mensagens Escolhidas], 3 livros. (Washington: RHPA, 1958-58-80), livro 1, p.

23. EGW, *Testimonies for the Church* [Testemunhos Para a Igreja], tomo 4, pp. 147-48. Testimony 27 (1876).

24. EGW, Íd., tomo 5, p. 66. Testimony 31 (1882).

25. EGW, *Selected Messages*, livro 1, p. 27.

26. Ibid.

27. Daniel March, *Night Scenes in the Bible* [Cenas Noturnas na Bíblia] (Philadelphia: Zeigler, McCurdy & Co., 1923), p. 88.

28. EGW, *Testimonies*, tomo 3, p. 141. Testimony 22 (1872).

29. Larkin B. Coles, *Philosophy of Health: Natural Principles of Health and Cure* [Filosofía da Saúde: Princípios Naturais da Saúde e a Cura] (Boston: William D. Ticknor & Co., 1849, 1851, 1853), pp. 144-145.

30. Autorização do White Estate para publicação, na sessão da Conferência Geral de 1980, em Dallas, Texas. Entrevista de Robert Spangler com Robert Olson e Ron Craybill.

31. William S. Sadler, *The Truth About Spiritualism* [A Verdade Sobre o Espiritismo]. (Chicago: A. C. McClurg & Co., 1923). p 88.

32. John Hams, *The Great Teacher* (Amherst: T. S. & C. Adams, 1836: Boston: Gould and Lincoln, 1870) pp. 14-18: Veja-se também EGW, *Testimonies for the Church*, tomo 6, pp. 58-60.

33. Ibid.

34. Veja-se Apêndice, também *Review and Herald*, 2 de abril de 1981, "Did Mrs. White 'Borrow' in Reporting a Vision?"['Tomava Emprestado' a Sra. White ao Informar Uma Visão?] p. 7.

35. Veja-se EGW, *Testimonies to Ministers*, (Mountain View, Pacific Press Association, 1923), p. 193; John Harris, *The Great Teacher*, p. 58.

---

## Capítulo 4.
## Desaparecida, *Mas Não Esquecida*

O mundo "se fixará pouco e não recordará por muito tempo" (para usar a frase de um famoso presidente) o que Ellen escreveu nas décadas de 1850 e 1860. Com a "amálgama de homens e bestas," a Torre de Babel construída antes do dilúvio, e as idéias incorretas, à luz dos atuais conhecimentos, sobre a formação do carvão e as causas dos terremotos, vulcões, e erupções, não seria nenhum exagero dizer que muitos de seus escritos não foram muito populares. Não há evidência de que a obra que continha tudo isto, *Spiritual Gifts* (tomos um e dois), convertesse-se num sucesso de livraria.[1]

Em defesa dos *Gifts*, é apropriado assinalar que a organização Adventista ainda não tinha aperfeiçoado seu sistema de tipografias, colportores, livros de conferências, casas bíblicas, órgãos de propaganda eclesiástica, e um exército de obreiros pagados como os que se usam agora para catequizar à igreja e ao mundo. Porquanto, só tinha como 3.000 Adventistas nesse tempo (muitos dos quais não sabiam ler), a Spiritual *Gifts* parece ter-lhe ido tão bem como poderia esperar-se.

Algumas outras incursões na atividade de imprimir tiveram ainda menos sucesso. Houve muita controvérsia a respeito da impressão de algumas das primeiras idéias de Ellen no pequeno folheto chamado *"A Word to the Little Flock"* [Uma Palavra ao Pequeno Rebanho] (publicado por Tiago White em 1847) em apoio de suas visões da "porta fechada," bem como acerca de contradições sobre questões relativas às visões.[2] Em impressões posteriores, tanto *A Word* como outra publicação periódica chamada *Present Truth* (publicado desde Julho de 1849 até Novembro de 1850) teriam de passar por várias etapas de revisão que acordariam dúvidas nos anos por vir.[3]

É justo que nos apressemos a explicar que todo este reordenamento da história e da teologia era novo para Ellen. Já que Deus não lhe tinha dado muito material para trabalhar, isso poderia ajudar a explicar um pouco da confusão. Em realidade, às vezes pareceria que até Deus se confundiu, porque ela teria de fazer-lhes saber aos demais que Deus lhe tinha mostrado que "Sua mão cobriu um erro em algumas das cifras" de 1843.[4] Da mesma maneira, a ela se lhe tinha mostrado que "o tempo durante o qual Jesus estaria no Lugar Santíssimo quase tinha terminado, e que não duraria senão um pouquinho mais."[5] Até os anjos se viram envolvidos no assunto inteiro na visão de 27 de Junho de 1850: "Meu anjo acompanhante disse: 'O tempo quase terminou...' então vi que as sete últimas pragas cedo teriam de ser derramadas."[6] Para que ninguém tivesse a impressão de que estas eram afirmações mais bem gerais, para serem tomadas às presas ou filosoficamente, adicionava-se que "o tempo quase terminou, e o que a nós nos tomou anos aprender, eles terão que o aprender nuns poucos meses."[7]

Todo este transfundo de atirar e rechear levou aos Adventistas a uma interessante discussão da profecia e os com freqüência extremos pronunciamentos de Ellen. Esta classe de pronunciamentos, que veio chamar-se "profecia condicional," está detalhada no *Seventh-day Adventist Commentary*.[8] Uma tradução livre de seu arrazoamento diz mais ou menos assim:

Deus, que pode ver o fim desde o princípio, pode ser que não veja *todo* o fim desde o princípio. Com sua visão míope, Deus tem que cobrir sua aposta se declara sua posição em qualquer momento, porque muito nesta área é uma aposta. Se os acontecimentos piorassem de repente, e não se conformassem ao registro ou a sua interpretação, são as circunstâncias as que se equivocaram, não Deus. Assim, com uma moeda como a profecia condicional, todos os oráculos de Deus podem estar seguros de que eles ganham se sai cara e que você perde se sai selo. Mas os arautos e Deus têm sempre a razão em qualquer caso.

Um dos melhores exemplos desse tipo de argumentação foi a afirmação a respeito de alguma informação confidencial que Ellen recebeu de um anjo em 1856:

**Se me mostrou a gente que estava presente na conferência. Disse o anjo: "Alguns serão pasto dos vermes, alguns estarão sujeitos às sete últimas pragas, e alguns estarão vivos e permanecerão sobre a terra para serem trasladados à vinda de Jesus.”[9]**

Esta afirmação, mais do que a maioria das demais, proporcionou a base para muitas investigações. Um pode ver em seguida o enorme interesse que surgiria, e surgiu, a respeito de quem estava nessa reunião, que idade tinha nesse momento, quantos estavam vivos ainda, quem tinham experimentado o que lhe sucede a toda carne, e se alguns tinham sido postos numa categoria errônea e poderiam ser ressuscitados de alguma maneira especial para serem incluídos em outra categoria. Estas intermináveis discussões fizeram óbvio, por eliminação, que na década de 1980 alguém deveria estar na faixa de idade de 130 anos para cumprir a condição, ainda que alguns digam ainda que isso não é impossível para Deus - uma afirmação que uno não quereria criticar, porque Deus pesa no lado oposto.

Ainda com a ajuda do poeta John Milton e seu *Paradise Lost*, as coisas não saíram bem. Um cuidadoso exame em anos recentes revelou muito estreitos paralelos entre os escritos de Ellen White e o Livro de Jaser - um livro mencionado na Bíblia, mas que nunca foi parte dela. Francis D. Nichol (escritor do século XX, editor do Review, e firme defensor de Ellen), também admitiu que ela estivesse em dívida com o Segundo Livro de Esdras (apócrifo), outro livro antigo que não foi incluído no Cânon das Escrituras Sagradas, mas ao qual Ellen pôs nesse nível. Certas afirmações suas sobre acontecimentos dos últimos dias utilizam um pouco da terminologia e da linguagem pictórica de Esdras e adicionam cor, se não autoridade, a suas descrições.[10]

Mas as coisas mudaram nas décadas de 1850 e 1860. Apesar da ajuda que recebia dos que a rodeavam (e dos anjos que continuavam entrando e saindo), agora ela adquiriu uma nova habilidade que teria de dar a pauta para o resto de sua vida. Apesar de sua educação de terceiro grau, sabia-se que lia, e os registros subseqüentes mostram que lia e lia e lia. Na década de 1970, soube-se que tinha sido instruída nesta arte por aproximadamente quinhentos livros e artigos em sua biblioteca e nas bibliotecas que se puseram a sua disposição. Investigações ainda mais adiantadas indicam do que se usou mais material do que aquele do que estavam inteirados ainda os membros da plana maior do White Estate – e eles tinham crido que sabiam tudo sobre essas coisas. Também para este tempo, ela tinha aprendido um estilo mais liberal de copiar, que veio ser conhecido, desde então até o presente, como tomar emprestado.

Sem importar este tipo de ajuda humana -- um punhado ou mais de assistentes, editores de livros, secretárias e ajudantes – Ellen White sempre insistia em dizer que todo vinha de Deus. Já para o segundo tomo de Spiritual *Gifts* (1860), disse:

**"Eu dependo do Espírito do Senhor tanto para relatar ou escrever as visões, como para tê-las. É-me impossível recordar as coisas que se me mostraram, a não ser que o Senhor mas presente no momento em que a Ele lhe aprouver motivar-me a relatá-las ou escrevê-las."**[11]

Esta assombrosa declaração ia muito além do que os escritores bíblicos jamais reclamaram para si mesmos; e, em realidade, ia muito além de qualquer coisa do que ela tivesse afirmado jamais. Este chamado às armas foi contagioso. Outros se fizeram eco do clamor e o têm estado usando desde então. George A. Irwin (presidente da Conferência Geral Adventista desde 1897 até 1901) seguiu o exemplo dela ao afirmar num tratado titulado "The Mark of the Beast" (1911) que:

> É desde o ponto de vista da luz que veio por meio do Espírito de Profecia [os escritos da Sra. White] que a questão será considerada, crendo como cremos que o Espírito de Profecia é o único *intérprete infalível* dos princípios bíblicos, já que é Cristo, por meio de seu agente, quem proporciona o verdadeiro significado de suas próprias palavras. [a cursiva é nossa].[12]

Ninguém se opôs a esta asseveração nesse momento. Isso mostra até onde e quão rapidamente pode chegar uma jovem de um povo incipiente se tem as conexões corretas. Como Ellen mesma seguia dizendo-lhe a todo o mundo, suas conexões iam até o mais alto.

Foram necessárias umas poucas purgas para arrumar as coisas um pouco e pôr ordem entre os rapazes no quarto de atrás, os que poderiam ter algumas dúvidas a respeito do que tinham visto e ouvido, mas isso era um assunto de pouca monta. [13] Uma das armas favoritas no arsenal de um psíquico é invocar juízos sobre a cabeça do desertor, e Ellen se sentia em seu elemento nesta área de combate. Não muitos dos posteriores

membros da igreja sabiam que, com freqüência, seus "testemunhos" eram enviados à imprensa ou ao púlpito antes de ser entregues pessoalmente àqueles que estavam sendo repreendidos. Este hábito de fazer público o que com freqüência estava baseado em rumores ou mexericos, deixando pouco ou nenhum lugar para que o acusado se defendesse, geralmente fazia de Ellen uma ganhadora. Respondendo ao convite que fez circular aos que tivessem perplexidades em relação com seus testemunhos, dizendo-lhes que lhe escrevessem a respeito de suas objeções e críticas, os médicos Charles E. Stewart e William S. Sadler lhe escreveram a Ellen e lhe expressaram suas objeções a sua prática de publicar suas repreensões, dizendo-lhe que era antibíblica e errônea. Mas, até onde se sabe, ela nunca recolheu o desafio para contestar-lhes, como tinha dito que o faria.[14]

Outros cedo encontraram que era inútil lutar contra Deus, pelo menos em público. Uriah Smith o descobriu - e o disse assim, em sua tentativa de sobreviver como editor do Adventist *Review*. Para 1883, soube que o jogo tinha terminado. Ainda que tivesse expressado suas reservas acerca de obras de arte que Ellen estava produzindo, disse:

> Parece-me que os testemunhos virtualmente vieram adquirir uma forma tal que é inútil tratar de defender as desmesuradas afirmações que agora se fazem a favor deles. Pelo menos , depois do injusto tratamento que recebi o ano passado, não sento nenhuma responsabilidade nesse sentido... Se todos os irmãos estivessem dispostos a pesquisar este assunto amplamente e com honestidade, crio que se poderia encontrar algum terreno comum consistente para todos. Mas alguns são tão dogmáticos e renitentes que suponho que qualquer esforço nesse sentido só conduziria a uma ruptura do corpo.[15]

É interessante ler, tantos anos depois, que na Conferência Bíblica de 1919 os professores de religião da escola superior chegaram a uma conclusão parecida, mas vacilaram em fazer nada que pudesse resultar na ruptura de um corpo muito maior.[16]

Novamente, para mostrar que, para finais da década de 1870 e finais da de 1880, tinha muito pouco terreno intermédio no caso de Ellen White, Smith escreveu o 16 de Abril:

> A idéia de que questionar as visões no mais mínimo é converter-se em seguida em apóstata e rebelde sem esperança foi deliberadamente inculcada na mente da gente e sento ter que dizer que demasiadas pessoas não têm a força de caráter suficiente para sacudir-se esse conceito; por isso, no momento em que se faça qualquer coisa para estremecê-los a respeito de visões, perdem a fé em todo e vão para a destruição.[17]

O 31 de Julho desse mesmo ano, Smith novamente deu evidência de que não podia competir com Ellen:

> E minha razão é que a mesma Ellen G. White me fechou a boca. No Depoimento Especial à igreja de B. C. [Battle Creek], citado no número extra do Sabbath Advocate (suponho que você viu ambos os periódicos), ela anunciou em público que eu tinha rejeitado, não só esse depoimento, senão TODOS os testemunhos. Agora, se digo que não os rejeitei, demonstro que sim o fiz, já que contradigo este. Mas se digo que sim os rejeitei, isso não lhes fará nenhum bem, até onde posso ver, mas estarei dizendo o que eu supus que não era verdadeiro. Seu ataque contra mim parece do mais desnecessário e injusto... Sem razão, forçou-me a uma posição muito embaraçosa.[18]

Outros teriam de sentir a ira dela em seus "testemunhos," e sua vitória era tão segura como a de qualquer doutor bruxo, antigo ou privado. Mas, antes de cair por última vez, Smith (como o tinham feito outros antes que ele e o fariam outros por longo tempo depois dele) tratou de salvar sua razão e seu orgulho dizendo: "Agora tenho que distinguir entre 'depoimento' e 'visão.'"[19]

Tinha estado claro para a maioria, ainda antes que Smith fosse detento, que Ellen estava ganhando. Muito antes que caísse por última vez o pano sobre o ato de Uriah Smith, soube-se que Ellen estava orquestrando a

música e dirigindo a banda ao mesmo tempo. Outros se levantariam para pôr em dúvida o correto das anotações, mas ela estava a cargo, e continuaria estando-o. As afirmações se voltariam mais escandalosas à medida que passassem as décadas, e as vozes dos extremistas soariam mais estridentes para os que estavam dentro ou fora do redil, os que não aceitavam que ela e seus escritos tivessem a última palavra em pouco mais ou menos qualquer coisa e todas as coisas.

Os extremistas teriam de perder só uma batalha na guerra pelo controle da mente da gente. Isso teve lugar para enfrentar as crescentes críticas da década de 1940 e de 1950, quando proeminentes grupos evangélicos foram a Washington para examinar o Adventismo por si mesmos. Um grupo de dirigentes anônimos publicou um livro chamado *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* [Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem Perguntas Sobre Doutrina] (comumente conhecido como *Questions on Doctrine*) [Perguntas Sobre Doutrina]. O livro foi desenhado para convencer aos amigos visitantes que Ellen White não era a santa patrona da Igreja Adventista do Sétimo Dia; que seus escritos não estavam ao mesmo nível que os escritos do cânon; que sua inspiração não era a dos escritores do Cânon; e que a igreja não a considerava intérprete das Escrituras, senão todo o contrário. Todo isto se disse muito clara e fortemente em Questions *on Doctrine*.[20]

À direita radical lhe tomou quase vinte e cinco anos de trabalhar, esperar, e infiltrar posições para regressar com força. Em 1980, a Conferência Geral, em sessão em Dallas, Texas, meteu à força uma tabela na plataforma espiritual da igreja, e lhe disse a todos os que sabiam ler que Ellen White era realmente a santa da igreja, e que Ford, Brinsmead, Paxton, e todos os australianos e norte-americanos, ou qualquer que viesse, teria que escolher vir à igreja, e de fato vir ao Cânon e A Deus mesmo, através dos escritos daquela jovem de povo novo, oriunda de Gorham, Maine - Ellen Gould (Harmon) White.[21]

Tinha-se precisado longo tempo, mas ela tinha tido sucesso. Os extremistas que prevaleceram sobre os delegados para que adotassem a tabela teriam de usá-la quase em seguida como arma contra Ford, o mestre-erudito australiano que estava sendo submetido a juízo no que estava em jogo suas obras, sua reputação, e (alguns criam e esperavam) até sua vida.

Como Uriah Smith antes que ele, Ford teria de perder, principalmente porque desejava salvar algumas das obras de Ellen e diminuir a autoridade da maioria delas. Como Smith antes que ele, desejava separar, pelo menos em seu próprio pensamento, os *testemunhos* das visões . Mas seus juízes (e todos os subseqüentes artigos do *Review*) teriam de aclarar que era ou todo ou nada - que a Igreja Adventista do Sétimo Dia realmente crê, como o tinha indicado George Irwin em seu tratado de 1911, que Ellen tinha sido canonizada como a intérprete divina e infalível da doutrina e pensamento Adventistas. A sorte estava jogada. Ou, para dizê-lo de outra maneira, tinha-se cruzado o Rubicão. Ou as pontes tinham sido queimadas às suas costas.

Em todo caso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecia nua e só ante o mundo - como um culto - em sua crença de que a salvação é mal possível e que as Escrituras em realidade são impossíveis como guia para Cristo e o Evangelho, exceto através de Ellen. Um movimento que tinha começado com visões extremas em 1844, fechando a porta a todos os demais exceto seus próprios membros, novamente, como mais 140 anos tarde, tinha tomado o caminho do extremismo - desafiando todos os esforços para abrir aquela porta fechada; fechando-a com violência novamente (de ser possível, para sempre); declarando uma vez mais do que eles eram *os salvos*, os custodiadores das chaves, o epítome da perfeição humana. O povo de Deus e todos os demais teriam que começar a subir as escadas dos escritos de Ellen de joelhos, como a viagem de Lutero na Antigüidade, se é que tinham algum propósito de atingir o céu.

Pode ser que a história tenha chegado à conclusão de que Ellen tinha algum poder clarividente, e não só na maneira que outros tinham vindo aceitar. É possível que no começo da década de 1870 - quando o caminho ficou livre da maior parte da oposição verbal, e ela iniciou sua mais significativa tarefa de realinhar a história e seus eventos segundo seus conceitos, e de reescrever as Escrituras segundo suas visões - ela visse o resultado final, se tudo saía bem. E o registro mostra que sim saiu bem para alguns. Demasiado bem, talvez. A maioria dos que avançaram até esse ponto, agora parecem ficar-se sós, tal qual somente Ellen com seu troféu. Quiçá a ela lhe teria gostado isso, porquanto viveu solitária e com freqüência escreveu sobre isso e lhes disse a seus seguidores que o antecipassem e se prepararam para isso.

Não estão disponíveis as atas de nenhuma reunião em que se completaram os planos formais para produzir o material escrito nas décadas de 1870 e de 1880. Quiçá não ocorreram tais reuniões, nem nenhuma pressa para o juízo, só uma lenta evolução. Para este tempo, os escritos de Ellen incluíam a muitos autores, que reforçaram seus relatos do passado e sua visão dos eventos que teriam de ter lugar no futuro. A idéia estava mais bem expressa na introdução aos quatro tomos que tentavam fazer o trabalho:

### Prefácio à Edição Reimpressa

> Ellen White, durante a maior parte de seu ministério, deu-lhe grande prioridade à tarefa de manter a história do grande conflito entre Cristo e Satanás ante os olhos da igreja e do mundo. Teve primeiro o primeiro breve relato, quase um resumo, publicado no diminuto *Spiritual Gifts*, tomo 1. Em suas 219 páginas, abarca a história desde "A Queda de Satanás" até "A Morte Segunda" - o fim de Satanás e do pecado. Sendo os observadores do sábado menos de três mil, a emissão desta obra foi uma valorosa incursão na publicação de livros. O tomo 2, de 1860, apresentava a experiência cristã e as visões de Ellen White.
>
> Este foi seguido, em 1864, por Spiritual *Gifts*, tomos 3 e 4, completando a história do Antigo Testamento, à qual mal se fazia referência no tomo 1, exceto por três breves capítulos.
>
> A série *Spirit of Prophecy*, de quatro tomos, publicada desde 1870 até 1884, proporcionou à crescente igreja uma apresentação muito mais detalhada da história do grande conflito num total de 1.696 páginas de texto de Ellen G. White. A seu devido tempo, este foi substituído pela série de cinco tomos *Conflict of the Ages* [Conflito dos Séculos], ainda mais expandida, e para sua autora, mais satisfatória. Estes proporcionam ao leitor 3,507 páginas de texto relatando a história do grande conflito.[22]

As palavras claves neste prefácio são "foi substituído pela série Conflito dos Séculos, ainda mais expandida, e, para sua autora, mais satisfatória." Os Adventistas do século vinte geralmente não se inteiraram de que a Série Conflito fora uma expansão de nada. Ainda que se tivesse aceitado que Ellen tinha feito algum trabalho preliminar ao reescrever a história e a teologia, muito poucos tinham adivinhado que os quatro primeiros livros do *Espírito de Profecia* eram realmente um rascunho do trabalho. Obviamente, se os primeiros livros passaram a prova para sua autora e seus ajudantes, aqueles, os livros, se converteriam num fundamento mais firme e mais forte para qualquer revisão de pensamento do que a igreja tivesse do que ser condicionada para aceitar.

Se a declaração nesse prefácio se tivesse feito antes que tivessem passado entre oitenta e noventa anos depois do acontecimento, possivelmente teria ajudado a aclarar alguns dos problemas que estavam começando a aparecer no copiado de Ellen. Se todo o pessoal tivesse trabalhado com ela, e se todos os que notaram similitudes com materiais que tinham sido vistos em sua posse tivessem sido conscientes de que ela havia lançado mão de grandes porções de material alheio, o banquete que tinha sido servido em nome de Deus poderia não ter sido um piquenique assim. Mas Ellen não estava pondo toda a comida na mesa de uma só vez, caso contrário os convidados poderiam ter suspeitado.

A afirmação também teria de expandir a mentira branca, pois essas poucas páginas do "diminuto" Spiritual Gifts em maneira alguma poderiam ter sido chamadas páginas de tamanho completo. Quando se lhes compara com o produto terminado da Série Conflito, teriam de consistir só de como um terço à metade da amplificação posterior. O que isto significa, então, é que o último comentário sobre o Antigo Testamento, dado em sua Série Conflito final, que adicionava centos e centos de novas idéias e pensamentos não incluídos nas Escrituras começou com 75 a 90 páginas de idéias na produção de 1858. Mais tarde, estas iluminações teriam de cobrir mais de 25 milhões de palavras! Como esta expansão teve lugar é do que trata o resto deste relato.

---

### Referências e Notas

1 . Os primeiros dois tomos de Spiritual Gifts se publicaram em 1858 e 1860, e os últimos dois em 1864. Uma reprodução em fac-símile dos quatro tomos (em dois livros) foi emitida e protegida pelo direito de autor em 1945.

2 . Tiago White, Edit., *A Word to the "Little Flock"* (Brunswick, Me: impressão privada, 1847). Em anos recentes, uma reprodução em fac-símile deste folheto de 24 páginas foi emitida pelo "staff" do Ellen G. White Estate. Além disto, tinha um apêndice que consistia em duas páginas de notas pelo "staff" do White Estate, mais quatro páginas de comentários e explicações por Ellen White em sua Ms. 4 de 1883.

3 . Tiago White, Edit., Present Truth, Julho de 1849 a Novembro de 1850.

4 . Ellen G. White, Early Writings (Washington: Review and Herald Publishing Association, 1882), p. 64.

5 . Ibid., p. 58.

6 . Ibid., p. 64.

7 . Ibid., p. 67.

8 . Francis D. Nichol, Edit., Seventh-day Adventist Commentary, 7 tomos. (Washington: RHPA, 1953-57), tomo 4, s.v.

9 . EGW *Testimonies for the Church*, 9 tomos. (Washington: RHPA, 1885-1909).

10 . *The Book of Jasher; mencionado em Josué e Segunda de Samuel* (New York: M. M. Noah & A. S. Gould, 1840; reimpresso: Mokelumne Hill, CA 95245: Health Research, 1966). Referências a Esdras na *Word to the "Little Flock"* aparecem nos pés de página do folheto, pp. 14-20 . Estas se reproduzem também em Francis D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* (Washington: RHPA, 1951), apêndice, pp. 561-84.

11. EGW, *Spiritual Gifts*, tomo 2, p. 293.

12 . George A. Irwin, "The Mark of the Beast," folheto (Washington: RHPA, 1911). Irwin foi presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia 1899-1901.

13 . Ingemar Linden, *The Last Trump* (Frankfurt am Main: Peter Lang, 1978), p. 203. Linden citação informação dos diários de George W. Amadon.

14 . Charles E. Stewart, *A Response to an Urgent Testimony from Mrs. Ellen G. White*, folheto expandido de sua carta de 8 de Maio de 1907 (n. p. [impressão privada], pref. 1 Outubro de 1907. Com freqüência chamado "o livro azul.").

15 . De Uriah Smith para D. M. Canright, 11 de Março de 1883.

16 . [Conferência Bíblica], "The Bible Conference of 1919," Spectrum 10, não. 1 (Maio de 1979): 23-57.

17. De Smith para Canright, 6 de Abril de 1883.

18 . De Smith para Canright, 31 de Julho de 1883.

19 . De Smith para Canright, 7 de Agosto de 1883.

20 . [Os Adventistas do Sétimo Dia], *Questions on Doctrine* (Washington: RHPA, 1957), pp. 7-10, 89-91. No título da página, a preparação deste livro se atribui a "Um grupo representativo de dirigentes, instrutores bíblicos, e editores Adventistas do Sétimo Dia." Em alguns círculos, este grupo é conhecido como FRAN, uma espécie de acrônimo de Leroy E. Froom, Walter L. Read, e Roy Allan Anderson.

21 . Fundamental Beliefs of Seventh-day Adventists - Church Manual Revisions. [Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia - Revisões do Manual de Igreja]. *Advent Review*, Maio 1, 1980, p. 23.

22 . EGW, *The Spirit of Prophecy*, 4 tomos. (Battle Creek: Review and Herald, 1870-77-78-84. Reprodução em fac-símile, (Washington, RHPA, 1969), tomo 1, pref. à reprodução em fac-símile de 1919.

## Capítulo 5.
## Aquele Estante Alto

### Patriarcas e Profetas

---

- Nota histórica: J. N. Andrews lhe levou a Ellen White uma cópia de Paradise *Lost* [O Paraíso Perdido] quando se deu conta de que o relato dela a respeito de "O grande conflito" era similar ao de

John Milton em seu poema épico de 1667. De acordo com Arthur L. White, ela pôs o livro sobre **"um estante alto"** sem o ler...

- Bem, parece que Ellen esticou a mão para atingir essa **"estante alta"** com bastante freqüência!

Ellen e seu "staff" estiveram bem atarefados desde 1860 até 1880. Talvez recordando o livro que lhe tinha presenteado J. N. Andrews, ela baixou *Paradise Lost* daquele "estante alto" e se pôs a trabalhar em sua visão do grande conflito, que teria de ser o tema, não só de um livro, senão de todos os quatro tomos do *Espírito de Profecia* (predecessor da Série Conflito dos Séculos).[1]

O *Paradise Lost* de John Milton foi de grande ajuda para ela. As idéias de Milton a respeito da luta em favor da justiça nos tribunais celestiais, bem como algumas de suas mesmas palavras, foram entrelaçadas em cenas tão vívidas que ainda hoje dia algumas pessoas sofrem pesadelos quando as lêem. A história de Ellen expande o poema de Milton e comenta, não só a guerra no céu, senão também a guerra na terra, de princípio a fim. Satanás está em controle a maior parte do tempo, entrando e saindo dos acontecimentos humanos, onde quer que Deus o permita, e causando confusão geral, até que receba seu merecido castigo nas sete últimas pragas, a destruição da terra, e a queda final do pano, o lago de fogo.

Agora, tudo isto pode soar-lhes familiar a alguns – e de fato era. Outros, incluindo o Cânon, tinham usado este tema em maior ou menor grau. Mas os leitores de Ellen teriam de pensar que suas descrições eram mais brilhantes, mais claras, e mais autênticas que todas as que se tinham conhecido antes. A *Review* e outros veículos publicitários Adventistas teriam de anunciar seus escritos e suas "visões" como o maior em existência.[2] E tenho aqui que a gente começou a comprar. O primeiro tomo do *Espírito de Profecia* (1870) teria de seguir o bosquejo geral da impressão anterior do pequeno *Spiritual Gifts*, mas era muito mais "expandido."

Não foi só em teologia que Ellen viu coisas que os demais podem ou não ter visto antes. Nesta época, começou a incursionar em questões de saúde. Neste tema, novamente, como sucedeu com o *Paradise Lost* de Milton, aquele "estante alto" foi de ajuda. Alguns de seus contemporâneos desse tempo escreviam sobre o tema da saúde, como Jackson, Trall, Couves, Shew, Graham, Alcott, e outros.[3] A alguns deles, ela os tinha conhecido mais do que casualmente, e se falava de que não devolvia o que tomava, o que, de acordo com o dicionário, era roubar. A esta crítica, ela contestava:

> Foi na casa do Irmão A. Hillard, em Otsego, Michigan, o 6 de Junho de 1863, quando o grande tema da Reforma Pró Saúde se abriu ante mim em visão. Eu não visitei a Dansville senão até Agosto de 1864, quatorze meses depois de que tive a visão. Não li nenhuma obra sobre saúde até depois de ter escrito "Spiritual Gifts", tomos 3 e 4, "Appeal to Mothers," e depois de ter bosquejado a maioria de meus seis artigos para os seis números de "How to Live," e não sabia que existisse uma publicação como Laws of Life, publicada em Dansville, New York. Na época em que tive a visão mencionada mais acima, eu não tinha ouvido falar das variadas obras sobre a saúde escritas pelo Dr. J. C. Jackson, e outras publicações, em Dansville.
>
> Ao apresentar o tema da saúde aos amigos no lugar em que eu trabalhava em Michigan, New England, e no estado de New York, e falar contra as drogas e a carne, e em favor da água, o ar puro, e uma dieta adequada, com freqüência se me replicava: 'Você expressa quase as mesmas opiniões ensinadas em Laws of Life e outras publicações pelos doutores Trall, Jackson, e outros. Leu você esse jornal e essas obras?' Minha resposta era que não, e que não as leria senão até que tivesse escrito minha visão por completo, para que não se dissesse que eu tinha recebido minha luz sobre o tema da saúde dos médicos e não do Senhor.[4]

Outros, como antes no caso de Paradise *Lost*, teriam de indicar:

> A informação que veio à Sra. White do Autor da Verdade estava obrigada a ser harmônica com as verdades que tinham sido descobertas por outros.[5]

Como o neto, Arthur, teria de dar a entender quase mais cem anos tarde, Ellen teria de dizer que ela recebeu as "verdades" primeiramente, ainda que estudos subseqüentes mostrassem que as idéias fossem as mesmas e que a linguagem que as expressava fosse muito parecida com o que outros tinham usado primeiro. Poderia ter sido o antigo argumento de que ocorreu primeiro a galinha ou o ovo. Ellen disse:

> Depois de que tive escrito meus seis artigos para "How to Live”, pesquisei as variadas obras sobre higiene e me surpreendeu encontrar que estavam *tão quase completamente em harmonia com o que o Senhor me tinha revelado.* E para mostrar esta harmonia, e apresentar diante de meus irmãos e irmãs o tema como tinha sido discutido por escritores capazes, decidi publicar "How to Live", *no qual aparece o que eu freqüentemente extraí das obras às quais me referi* [a cursiva foi adicionada].[6]

Ronald L. Numbers, em *Prophetess of Health* [Profeta da Saúde], faz um trabalho plausível ao mostrar que as partes que Ellen "extraiu" compunham grande parte do todo, e que em alguns casos o todo era mais do que a soma das partes – uma equação que é tão difícil de crer em religião como em matemáticas.[7]

Não era só em questões de saúde que surgiam conflitos. Esses "testemunhos" receberiam muitas críticas. Nos primeiros tempos, tinha quem pensavam que Tiago White poderia estar influindo em sua esposa a respeito de seus escritos ou poderia estar expressando ele mesmo uma ou duas idéias sob o nome dela. Não há nada tão mágico como um selo para dar-lhe peso e autoridade às coisas, e ela era o selo. Por outra parte, James pensava que outros faziam o mesmo com Ellen e poderiam estar tomando-lhe vantagens:

> Ela é humilde, e deve ser tratada com ternura, ou não pode fazer nada. Os Anciãos Butler e Haskell tiveram sobre ela uma influência que espero seja quebrantada. Esta influência quase foi sua ruína. Nosso povo não deve permitir que estes homens façam o que fizeram, cujo propósito é que todos nossos ministros se desanimem por completo. Os jovens são mantidos fora do ministério a causa do conselho estreito e cego deles. [8]

John Harvey Kellogg, um protegido dos White, teve algumas destas mesmas queixas por anos. Pensou que demasiadas pessoas estavam fazendo demasiadas coisas em nome da inspiração de Ellen e seus escritos. Anos mais tarde, quando foi entrevistado por alguns dirigentes da igreja, disse:

> Quero dizer-lhes outra coisa que vocês não sabem, um depoimento que tenho da Irmã White, que nem ela nem nenhum deles publicaram, e é que estes homens com freqüência cortaram grandes bocados do que a Irmã White tinha escrito e que punham as coisas sob uma luz que não era a mais favorável... Ou que não se ajustava às campanhas deles dessa maneira, e se sentiram em liberdade de cortá-los e mudar assim o efeito e o teor de todo o assunto, enviando-o em nome da Irmã White.[9]

O que em essência parece estar dizendo é que alguns dos rapazes tinham conseguido um selo com o nome de Ellen, e estavam selando com ele algumas coisas. Mais tarde durante a entrevista, Kellogg teria de assinalar a William C. White, filho de Ellen, como o culpado em alguns casos:

> Will White pegou aquelas cartas, e tomou um parágrafo aqui, outro lá, e um além, os pôs juntos, compôs um documento, e o enviou assinado com seu próprio nome. Era um "depoimento" de Willie. Se você examina esse documento, verá que a assinatura dela NÃO aparece ali em absoluto, senão que Willie compôs o documento a partir de cartas que a Irmã White tinha escrito a esses amigos pessoais...
>
> Agora, é o nome de Willie o que aparece assinado, não o dela; e, no entanto, esse documento Ellen G. White Estate sendo levado por toda Europa e por todo o mundo, e lido em público como um depoimento do Senhor. E isso é o que eu lhes disse a vocês que é a fraude gigantesca que está sendo perpetrado, e o ministério da denominação e a mesma maquinaria inteira da denominação se puseram a trabalhar para perpetrar imposições e fraudes sobre a

> gente. Caso se soubesse a verdade, a denominação inteira sofreria a ignomínia e o desprezo.[10]

Anos depois, se argumentaria que as afirmações do bom doutor se fizeram depois de que ele tinha rompido com os White e com a igreja, e que, portanto estes comentários não eram confiáveis. Sugerir-se-ia que ele tinha motivos ulteriores e não deveria ser considerado como uma testemunha qualificada, ainda que se reconheça que tinha recebido honras junto com os que estavam no poder, que ele tinha tido o privilégio de sentar-se em reuniões da plana maior, e que ele pessoalmente tinha estado muito perto de Ellen. As críticas de Kellogg poderiam ser válidas se só ele tivesse visto e dito o que viu e disse. Mas não estava só.

William S. Sadler, outro bem conhecido médico e amigo pessoal da família White, também havia reconsiderado os métodos usados e as desculpas oferecidas em nome de Ellen **e** a inspiração. Em Abril de 1906, teria de recordar-lhe a ela alguns dos problemas que tinha visto através dos anos nos escritos e na conduta dela. Esta carta se escreveu enquanto ele continuava sendo em grande parte crente e sustentador de Ellen e em resposta ao próprio convite dela a fazer perguntas. Como outros, ele também tinha ouvido a voz de Ellen. Mas, como Isaac antes que ele, tinha descoberto que as mãos eram as mãos de outro, as de Will White. As afirmações de Sadler aclaram que grande parte da licença tinha sido eliminada durante vinte anos ou mais:

> Outra coisa: Isto é, a influência de Willie sobre os Testemunhos. Eu cheguei à verdade faz como vinte anos, e justo antes de ser batizado pelo Ancião Wm. Covert (faz como 18 anos), fiz uma decisão firme a respeito de testemunhos. Numa palavra, aceitei-os; mas, desde esse dia até hoje, especialmente nos últimos dez anos, e ainda mais especialmente desde seu regresso da Austrália a este país, tenho ouvido dizer constantemente a dirigentes, ministros e algumas vezes àqueles que têm postos de autoridade na Conferência, que Willie influiu em você na produção de seus Testemunhos; ou, como eles com freqüência os chamariam, as "cartas" que você envia.
>
> Estes comentários me causaram pouca ou nenhuma impressão. Decididamente, recusei-me crê-los, ano depois de ano. Deram-me uma cópia da comunicação escrita por você, datada o 19 de Julho de 1905, e dirigida aos Irmãos I. H. Evans e J. S. Washburn, e desde então não soube que fazer nem que dizer em relação com este assunto. Refiro-me à seguinte citação:
>
>> **"Depois de ver a representação, acordei, e esperei plenamente que o assunto tivesse lugar como se me tinha apresentado a mim. Quando o Ancião Haskell me falava da perplexidade que experimentavam a respeito de levar adiante a obra no Sul, disse: 'Tenha fé em Deus; você se levará desta reunião os cinco mil dólares que se precisa para a compra da igreja!'".**
>
> "Escrevi-lhe umas poucas linhas ao Ancião Daniels sugerindo que se fizesse isto, mas Willie não via como poderia levar-se a cabo o assunto, porque o Ancião Daniels e outros estavam nesse momento muito desanimados em relação com a situação em Battle Creek. Assim que lhe disse que não era necessário que entregasse a nota. Mas não pude descansar. Estava perturbado, e não podia encontrar a paz mental".
>
> "Por favor, quer ajudar-me a entender isto? É a mais séria de todas as dificuldades que encontrei em minha experiência em relação com os testemunhos".[11]

Se Sadler tivesse sabido o que outros tinham averiguado – que, além disso, a mão de Willlie estava na tramóia, Ellen e seus ajudantes também estavam envolvidos na preparação de algum livro altamente criativo usando materiais alheios – seguramente se teria sentido ainda mais perturbado. Outros teriam de propor o problema em anos posteriores, mas suas perguntas, como as de Sadler, nunca foram contestadas a satisfação de ninguém, nem que se saiba.

Para as décadas de 1870 e 1880, alguns estavam distinguindo, em seus pensamentos, entre um "depoimento" (isto é, na forma de uma carta privada da profetisa), e o material que era copiado e adaptado de outros escritores e posto em seus livros como se fora dela. Ellen não aceitava esta separação. Escreveu-lhe à igreja de Battle Creek em 1882:

> **Vocês se estão rebelando tão certamente como Coré, Datan, e Abiram. Vocês têm a história deles. Sabem quão renitentes foram eles em suas próprias opiniões. Decidiram que seu juízo era melhor do que o de Moisés.**
>
> **Quando fui a Colorado, senti-me tão responsável por vocês, que, em minha debilidade... Levantei-me às três da manhã para escrever-lhes. Deus estava falando por meio da argila. Vocês poderão dizer que esta comunicação era só uma carta. Sim, era uma carta, mas inspirada pelo Espírito de Deus, para pôr diante das mentes de vocês as coisas que se me tinham mostrado. Nestas cartas que escrevo, nos testemunhos que entrego, apresento o que o Senhor me apresentou a mim. Eu não escrevo nem um artigo no jornal expressando meramente minhas próprias idéias. Elas são o que Deus abriu diante de mim em visão - os preciosos raios de luz que brilham desde o trono.**[12]

A transição era agora completa. Ellen tinha chegado. Tinha atingido sua posição de autoridade, e esta não teria de ser questionada. Suas cartas, fossem privadas ou para serem publicadas logo, suas cópias de material alheio, suas palestras sobre qualquer tema, em realidade, quase qualquer coisa que pudesse baixar daquele "estante alto", seria agora considerada como procedente de Deus e abençoada por seu Espírito.

Nenhum demandante em religião lhe pediu jamais à gente um cheque em branco assim, com uma assinatura sem certificar. Mas esta demandante o fez. E até a data, a maioria dos Adventistas nunca questionou seu aceite nem sua capacidade para satisfazer sua demanda. Não só se consideram inspirados os "testemunhos" (incluindo os que foram copiados, em porções de até cem por cento, senão que se considera que quaisquer escritos que se sabe que ela aprovou, ou tocou, ou perto dos quais esteve enquanto viveu, têm algum significado especial ou "inspiração". Até o que ela não incluiu quando copiou se considera significativo. Indicou-se que - como Gutzon Borglum (o escultor dos rostos de Mount Rushmore, quem desde o vale abaixo supervisionava toda a remoção da rocha) - Ellen dirige, por meio de algum radar celestial, todo o material que sai sob seu nome, já seja que alguma vez o visse ou o reconhecesse como seu ou não.[13]).

Com um aceite como jamais se lhe deu a nenhum mortal antes, Ellen agora estava pronta para refazer os eventos do passado e, por meio de suas interpretações visionárias da Bíblia, também os acontecimentos do futuro. Já se tinha iniciado nesta idéia do grande conflito em sua edição de bolso de Spiritual *Gifts* de 1858. Mas essa pequena obra estava composta toscamente. E tinha alguma concorrência, pois esse mesmo ano Hastings tinha publicado um livro com um título idêntico.[14] O livro de Ellen, de 219 páginas, não prometia muito e, a diferença do livro posterior *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, nunca foi aclamado tão amplamente em termos para valer e luz, forma e conteúdo, prosa e estilo. Mas era um começo, e, portanto, teria de ser usado.

Não é difícil, nem sequer para um cego, ver que, se as continuadas revelações, inspirações, e instruções tomassem um giro obtuso e entrassem em conflito com o que se tinha dito antes, uma decisão assim daria lugar a perguntas muito mais sérias do que as que já se tinham suscitado. Se o material copiado, se os autores usados, se as novas visões ou instruções chocassem de alguma maneira notável com o velho, seria difícil de explicar. Teriam lugar algumas inconsistências, mas o método usado era (como o jogo das conchas) manter os olhos ocupados enquanto as mãos mudavam os objetos de um lugar a outro tão rapidamente que os princípios se esquecessem. E isso é o que sucedeu. Poucos leitores hoje dia sabem que *Spiritual Gifts* foi o antecessor do jogo de quatro tomos *The Spirit of Prophecy*, e muitos menos ainda sabem do que o jogo de cinco tomos da série Conflito dos Séculos se remonta a seus predecessores de quatro tomos.

A importância desta progressão não pode ser passada por alto, pois o que Deus disse em 1858 tinha que o repetir em 1870, e ainda mais tarde em 1890, e assim sucessivamente. Agora, sendo Deus o que é, isso não

seria problema para ele; mas para Ellen e sua equipe não era tão fácil. Cada novo autor copiado tinha que concatenado com os outros que lhe tinham precedido. Cada nova revelação ou visão tinha que encaixada com todo o que se tinha registrado antes. Tinha que detectar as inconsistências e eliminá-las, ou explicá-las, se algo se escapava - com freqüência uma e outra vez durante sessenta anos ou mais. No entanto, haveria alguns que notariam a mudança de estilo e a evolução da estrutura:

> As primeiras versões impressas se caracterizavam por um estilo ingênuo, e o tema refletia o que um esperaria numa jovem mística entre os decepcionados milleristas. Gradualmente, a profeta evoluiu para um tipo diferente de mensageiro, no entanto, e a Série do Conflito marca a produção da EGW madura. Em realidade, a evolução é tão grande que surpreende um pouco saber que a mesma pessoa escreveu as duas classes de livros. Até as diferentes etapas da mesma série mostram notáveis melhoras em estilo e conteúdo. Nas edições finais, o leitor pode ler capítulos inteiros sem observar nada que lhe recorde às visões. Como pôde ocorrer esta notável evolução numa, para um historiador sério, intrigante tarefa?[15]

O que era notável na evolução foi a habilidade cosmética com a que a equipe de Ellen rearrumava os acontecimentos de tal maneira que a crítica não socavara (como sucederia) o projeto inteiro em seus começos. Para quando o número de dissidentes tinha aumentado até um crescendo na década de 1890 e depois, o poder da lenda da invencibilidade de Ellen (enquanto ela dizia que tinha o escudo de Deus) ajudava-lhe a ganhar cada batalha, destruir toda oposição, despedir a todos os dissidentes de seus postos (ou o que é o mesmo, de seu emprego na igreja), e desterrar, em nome de Deus e da religião, a algumas das mais fortes personalidades na história médica e teológica da igreja. Não é de surpreender-se de que em 1980, na reunião que teve lugar em Glacier View (Colorado) para discutir os pontos de vista de Desmond Ford, um dos príncipes da igreja escrevesse:

> Chegou o momento de criticar nossos próprios métodos. Nós, como Adventistas do Sétimo Dia, temos a verdade revelada; e, sem se importar com o que outros possam dizer contra nós, temos a Deus de nosso lado, e a sua profetisa, Ellen G. White. Agora estamos descobrindo que muito do que ela escreveu em Desire *of Ages* [O 'Desejado de Todas as Nações] e *Great Controversy (O Grande Conflito)* [O Grande Conflito] foi copiado de outros. Como saberemos realmente o que afirmamos que sabemos? Assim, vemo-nos obrigados a fazer perguntas sobre questões de interpretação...
>
> É um fato histórico que a maioria das brilhantes luzes que abandonaram nossa igreja se foi em decorrência da autoridade atribuída aos escritos de Ellen White.[16]

O que possivelmente esse príncipe não sabia quando escreveu esse artigo é que não só *Desire of Ages* e *Great Controversy (O Grande Conflito)* tinham sido em sua maior parte extraídos de outros autores, senão que o princípio dos princípios, *Spiritual Gifts*, e o então tomo um do *Spirit of Prophecy,* o predecessor de Patriarchs *and Prophets* (também da Série Conflito), também tinham sido extraídos de outros escritores. O *Paradise Lost* de Milton teve a maior participação nessa versão média da série. De duas ou três páginas em Spiritual *Gifts*, o tema de Milton foi expandido até mais de trinta e sete páginas, e teria de aparecer, às vezes de maneira idêntica, em outros escritos seus. No entanto, ¡agora se descobriu que novos autores estavam enchendo os espaços livres para fazer os livros legíveis![17] Os irmãos não foram tímidos em anunciar as virtudes do primeiro tomo de The *Spirit of Prophecy*. [18] Até o nome da série sugere que tinha a aprovação especial de Deus e que deveria estar nos lares de todos os crentes. Ainda que o novo livro representasse um melhoramento sobre o *Spiritual Gifts* anterior (cujo título também sugeria a sanção divina), não teve o efeito que se esperava dele. Não foi senão até que a edição posterior saiu sob o título especial de Patriarchs *and Prophets* que o material ampliado começou a marcar o passo. Teria de ser a pedra angular do jogo de cinco tomos do Conflito dos Séculos que os Adventistas usam para estabelecer a maior parte das interpretações, traduções, e avaliações das Escrituras. Usado em todas as escolas e universidades Adventistas como autoridade sobre assuntos do Antigo Testamento, *Patriarchs and Prophets* foi aceito pelos Adventistas como a palavra final. Não se aceita nenhum desvio desta norma em questões de idéias relativas à criação, geologia, teologia, ou cristologia.

Houve uns poucos maus momentos com o livro, no entanto. Ao começo do escrito, Ellen tinha a Jacob e sua noite de luta numa versão. Numa apresentação posterior, no entanto, o quadro é quase oposto em seus detalhes. Notem-se seus diferentes pontos de vista nas porções em cursiva nos exemplos que seguem: ·

| The Spirit of Prophecy, Tomo 1, pp. 118-119. | Patriarchs and Prophets, pp. 196-97. |
|---|---|
| E. G. White | E. G. White, 1890. |
| O erro de Jacob, ao receber a bênção de seu irmão mediante a fraude, apresenta-se-lhe outra vez com força, e teme que Deus lhe permita a Esaú tirar-lhe a vida. Em sua angústia, ora a Deus toda a noite. *Se me representou um anjo como estando de pé diante de Jacob, apresentando-lhe seu erro em sua verdadeira natureza*. Ao dar-se volta o anjo para ir-se, Jacob se aferra a ele, e não quer soltá-lo. Suplica com lágrimas. Suplica dizendo que está profundamente arrependido de seus pecados e as injustiças cometidas contra seu irmão, que o separaram da casa de seu pai por vinte anos. Aventura-se a invocar as promessas de Deus, e as provas de seu favor para ele de tempo em tempo, durante sua ausência da casa de seu pai. Toda a noite lutou Jacob com o anjo, suplicando sua bênção. *O anjo parecia estar resistindo sua oração, recordando-lhe continuamente seus pecados,* enquanto tratava de soltar-se. Jacob estava decidido a reter ao anjo, não só com sua força física, senão com o poder da fé vivente. Em sua angústia, Jacob se referiu ao arrependimento de sua alma, a profunda humildade que tinha experimentado por suas faltas. O anjo aparentou indiferença para sua oração. [a cursiva foi adicionada].[19] | Era uma região solitária, montanhosa, freqüentada por bestas selvagens, e esconderijo de ladrões e assassinos. Solitário e desprotegido, Jacob, em profunda angústia, inclinou-se sobre a terra. Era meia-noite. Todo o que fazia que a vida lhe fosse querida estava na distância, exposto ao perigo e à morte. *O mais amargo de todo era o pensamento de do que teria sido seu próprio pecado o que tinha atraído este perigo sobre os inocentes.* Com veemente pranto e lágrimas, apresentou sua oração diante de Deus. De repente, uma mão forte se posou sobre ele. Pensou que era um inimigo que tratava de tirar-lhe a vida, e tratou de se livrar de seu assaltante. Na escuridão, os dois lutavam pelo controle. *Não se falou nem uma palavra*, mas Jacob aplicou toda sua força, e não diminuiu seus esforços nem por um momento... A luta continuou até quase ao romper da alva, quando o desconhecido pôs o dedo no músculo de Jacob, e o paralisou instantaneamente. *Agora o patriarca discerniu a natureza de seu antagonista*. [a cursiva foi adicionada][20] |

Estas discrepâncias causaram preocupação entre os ministros Adventistas de tempo em tempo, mas não saíram muitas respostas úteis. Em resposta a uma carta de 1943, Arthur White escreveu para o White Estate:

> Sua segunda pergunta se relaciona com o que você pensa que é uma discrepância no relato da luta de Jacob em "Patriarchs and Prophets", e os livros anteriores "Spiritual Gifts" e "Spirit of Prophecy".Você pede a explicação oficial de nossa denominação a respeito deste assunto. Não estou em condições de falar em nome da denominação A Conferência Geral não estudou a questão que você menciona, e não há nenhum pronunciamento oficial disponível. Tenho em mente o que me parece que é uma explicação satisfatória. Depois de que o converse com algumas outras pessoas aqui, lhe escreverei novamente, mas quando o faça, será em nome de Arthur White e não no da denominação.
>
> Resumindo, eu poderia pedir uma explicação do tipo de inspiração que permite algum conflito nos relatos em relação com o ministério de Cristo, como Ellen G. White Estate registrado pelos diferentes escritores evangélicos.[21]

Sempre cuidadosos para relacionar quaisquer problemas que ocorressem nos escritos de Ellen com os problemas que poderiam ocorrer com os escritores bíblicos, os primeiros apólogos de Ellen começaram a ouvir-se como se Deus não tivesse que dizer a verdade ou ser preciso. A essa tendência, adicionaram um novo giro. Ele tinha que ser Deus, e eles lhe diriam a todos quem era Ele quando fosse necessário fazê-lo. Esse argumento teria de continuar até a década de 1980.

E, no entanto, um não pode criticar demasiadamente essa edição final. Com a ajuda de John Milton, Alfred Edersheim, Frederic W. Farrar, Friedrich W. Krummacher, e um "staff" sempre crescente de pesquisadores, a finalista Ellen (e Deus) produziram um corpo de trabalho que teria de permanecer como a pedra angular dos Adventistas por mais de cem anos. Esse "estante alto", que tinha o propósito de ser uma proteção contra a tentação, também tinha produzido uma colheita de idéias.

**Exemplos de como E. G. White copiou *Patriarchs and Prophets* de Bible *History, Old Testament, Vols. 1-4*, de Edersheim.**

**Capítulo 5/Quadros Selecionados**

| Livros Escritos Por: | Fontes Que Utilizou: |
|---|---|
| **White, Ellen G.**<br><br>*Patriarchs and Prophets*<br>Mountain View, California, Pacific Press **(1890, 1913).** | **Edersheim, Alfred**<br><br>*Bible History: Old Testament, vols. 1-4.*<br>**(1876-1880)** Reimpresión Grand Rapids por Eerdmans 1949.<br><br>**March, Daniel**<br><br>*Night Scenes in the Bible*<br>Philadephia, Zeigler, McCurdy, **(1868-1870).** |

**Quadros Comparativos de Mostra**

| Página na edição de 1958 (White) | Página no tomo 1 (Edersheim) |
|---|---|
| 33 Por que Se Permitiu o Pecado? | 11 Introdução |
| 44 A criação | 17 Criação |
| 52 A Tentação e a Queda<br><br>63 O Plano de Redenção | 17 A Queda |
| 71 Caim e Abel Provados | 23 Caim e Abel - As Duas Maneiras |
| 80 Set e Enoque | 23 Set e seus Descendentes |
| 90 O Dilúvio | 44 O Dilúvio |
| 105 Depois do Dilúvio<br><br>111 A Semana Literal | 51 Depois do Dilúvio |
| 117 A Torre de Babel | 57 Babel - Confusão de Línguas |
| 125 O Chamado de Abraham | 72 O Chamado de Abram |
| 132 Abraham em Canaã | 72 Sua Chegada a Canaã |
| 145 A Prova da Fé | 97 Prova da Fé de Abraham |
| 156 Destruição de Sodoma | 88 A Destruição de Sodoma |
| 171 O Casamento de Isaac | 106 O Casamento de Isaac |
| 177 Jacob e Esaú | 106 Nascimento de Esaú e Jacob |
| 183 Evasão e Exílio de Jacob | 115 Jacob É Enviado a Labão |
| 195 A Noite de Luta | 132 A Noite de Luta |
| 204 O Regresso a Canaã | 132 Jacob Se Instala em Hebrom |
| 213 José em Egito | 142 Os Primeiros Anos da Vida de José |

| 224  José e Seus Irmãos | 161  José Reconhece a Seus Irmãos |
|---|---|
| **Página na edição de 1958 (White)** | **Página no tomo 2 (Edersheim)** |
| 241  Moisés | 35  Nascimento e Adestramento de Moisés |
| 257  As Pragas de Egito | 63  As Dez "Calamidades" ou Pragas |
| 273  A Páscoa | 78  A Páscoa e Suas Ordenanças |
| 281  O Êxodo | 78  Os Filhos de Israel Saem de Egito |
| 291  Desde o Mar Vermelho Até Sinai | 89  O Deserto de Sul |
| 303  A Lei Dada a Israel<br><br>315  Idolatria em Sinai | 105  As "Dez Palavras", e Seu Significado. |
| 331  A Inimizade de Satanás Contra a Lei | 121  O Pecado do Bezerro de Ouro |
| 343  O Tabernáculo e | 133  A Ereção do Tabernáculo e Seus Serviços |
| 359  O Pecado de Nadabe e Abiu | 137  O Pecado de Nadabe e Abiu |
| 395  A Rebelião de Coré | 171  A Negação de Coré |
| 363  A lei e os pactos | 114  Ordenanças Civis e Sociais - O "Pacto Feito Por Meio de Sacrifício" |
| 374  Desde Sinai Até Cades | 156  [Marcha Para o Deserto] |
| 387  Os Doze Espiões | 163  Os Espiões Enviados a Canaã |
| 406  No Deserto | 171  Os Anos no Deserto |
| 411  A Rocha Golpeada | 184  O Pecado de Moisés e Aarão |
| 422  A Viagem Ao redor de Edom  433  A Conquista de Basã | 193  Viagem dos Filhos de Israel na Terra de Edom |
| **Página na edição de 1958 (White)** | **Página no tomo 3 (Edersheim)** |
| 438  Balaão | 11   Caráter e História de Balaão |
| 453  Apostasia no Jordão | 23  O Fim de Balaão |
| 462  A Lei Repetida | 33  O Segundo Censo de Israel |
| 469  A Morte de Moisés | 42  Morte e Sepultura de Moisés |
| 481  O Cruzamento do Jordão | 53  A Milagrosa Divisão do Jordão |
| 487  A Queda de Jericó | 58  A Milagrosa Queda de Jericó |
| 499  Bênçãos e Maldições | 73  Bênção e Maldição Sobre Gerizim e Ebal |
| 505  Aliança Com os Gabaonitas | 72  O Engano dos Gabaonitas |
| 510  A Divisão de Canaã | 87  Divisão Final da Terra |
| 521  As Últimas Palavras de Josué<br><br>525  Dízimos e Oferendas<br><br>530  O Cuidado de Deus Pelos Pobres | 96  Discurso de Despedida de Josué |
| 537  As Festas Anuais | 33  Ordenanças dos Sacrifícios |
| 543  Os Primeiros Juízes | 105  Resumo do Livro dos Juízes |
| 560  Sansão | 163  História de Sansão |
| **Página na edição de 1958 (White)** | **Página no tomo 4 (Edersheim)** |
| 569  Em Menino Samuel | 1  Nascimento de Samuel |

| | |
|---|---|
| 575 Eli e Seus Filhos | 10 O Pecado dos Filhos de Eli |
| 581 O Arca Tomada dos Filisteus | 16 Recuperação do Arca |
| 592 As Escolas dos Profetas | 26 A Administração de Samuel |
| 603 O Primeiro Rei de Israel | 26 A Demanda Por Um Rei |
| 616 A Presunção de Saul | 56 A Desobediência de Saul |
| 627 Saul Rejeitado | 56 A Rejeição de seu Reino |
| 637 O Unção de David | 79 O Unção de David |
| 643 David e Golias | 79 Combate Entre David e Golias |
| 649 David Fugitivo | 94 Evasão de David a Onde Samuel |
| 660 Magnanimidade de David | 109 David e Jonatan |
| 675 Morte de Saul | 147 Morte de Saul |
| 683 Feitiçaria Antiga e Moderna | 136 Saul... Pitonisa de Endor |
| 690 David em Ziclague | 136 Captura de Ziclague pelos Amalequitas |
| 697 David Chamado ao Trono | 147 David Rei em Hebrom |
| 703 O Reinado de David | 163 David... Rei Sobretudo Israel |
| 717 O Pecado de David e Seu Arrependimento | 190 O Grande Pecado de David... Arrependimento |

## Referências e Notas

1 . J. N. Andrews lhe levou uma cópia de Paradise *Lost* a Ellen White quando se deu conta de que o relato dela da 'Grande Controvérsia' era similar ao de John Milton em seu poema épico de 1667. De acordo com Arthur L. White, ela pôs o livro sobre um "estante alto" sem lê-lo... O livro *The Spirit of Prophecy*, de EGW, foi publicado pela Pacific Press primeiro em quatro tomos (1870-77-78-84). A Review and Herald Publishing Association emitiu uma reprodução em fac-símile em 1969... Por último, a Série Conflito dos Séculos teria de incluir cinco livros: *The Great Controversy (O Grande Conflito) (*1888*)*, *Patriarchs and Prophets* (1890), *The Desire of Ages* (1898), *The Acts of the Apostles* (1911), e *Prophets and Kings* (1916).

2 . Uma nota editorial a respeito da próxima publicação do tomo dois de The *Spirit of Prophecy*, e que apareceu no *Review* de 30 de Novembro de 1876, dizia: "Estamos preparados para falar deste tomo, que acaba de ser emitido, como o mais notável do que este escritório tenha emitido".O parágrafo levava as iniciais do editor Uriah Smith.

3 . Ronald L. Numbers trata dos esforços destes "reformadores pró-saúde" em sua *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White* (New York: Harper & Row, Publicadores, 1976). Os pontos de vista destes reformadores foram publicados em jornais na década de 1800 e nestes livros, entre outros: (1) William A. Alcott, *Lectures on Life and Health* (Boston: Phillips, Sampson, and Co., 1853); (2) Larkin B. Couves, *Philosophy of Health: Natural Principles of Health and Cure* (Boston: William D. Ticknor & Co., 1849), (3) Sylvester Graham, *Lectures on the Science of Human Life* (New York: Fowler and Wells, 1858); (4) James Caleb Jackson, *The Sexual Organism* (Boston: B. Leverett Emerson, 1862); (5) Russell T. Trall, *Pathology of Reproductive Organs* (Boston: B. Leverett Emerson, 1862; (6) Joel Shew e Trall, editores do *Water-Cure Journal* (1845-62).

4 . Ellen G. White, Forward, Health or How to Live (Reprodução fotográfica, Mokelumne Hill, Calif., 1957); *Review* 30 (8 Outubro 1867), p. 260.

5 . Ibid.

6 . Ibid.

7 . Ronald L. Numbers, *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White* (New York: Harper and Row, Publishers, 1976).

8 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, p. 202. De Tiago White para Dudley M. Canright, 24 de Maio de 1881.

9. [John Harvey Kellogg], "Uma entrevista autêntica entre o Ancião G. W. Amadon, o Ancião A. C. Bourdeau, e o Dr. John Harvey Kellogg em Battle Creek, Michigan, em 7 de Outubro de 1907." Um relatório estenográfico notável.

10 . Ibid.

11 . De William S. Sadler para EGW, 26 de Abril de 1906, p. 3-4.

12 . EGW, *Testimonies*, tomo 5, pp. 66-67. De EGW para a Igreja de Battle Creek, 20 de Junho de 1882.

13 . Jack W. Provonsha, Sabbath School Study, Fita, 2 de Fevereiro de 1980. Glendale Committee Review, 28-29 Janeiro de 1980

14 . H [orace L [orenzo] Hastings, *The Great Controversy (O Grande Conflito) Between God and Man* (Boston: impressão privada pelo autor, 1858.)

15 . Linden, *The Last Trump,* p. 211.

16 . Earl W. Amundson, "Authority and Conflict-Consensus and Unity," fotocopiado (trabalho apresentado em Theological Consultation, Glacier View Ranch, Ward, CO, 15-20 Agosto 1980), pp. 12, 16.

17 . Veja-se o Apêndice, Capítulo 5, Comparison Exhibits.

18 . Guy Herbert Winslow, "Ellen Gould White and Seventh-day Adventism" (Dissertação, Clark University, Worcester, MA 1932), p. 290. Veja-se também Robert W. Olsen "The Desire of Ages," fotocopiado (Washington: EGW).

19 . EGW, *The Spirit of Prophecy*, tomo 1, pp. 118-19.

20 . Ellen G. White, *Patriarchs and Prophets* (Mountain View: PPPA, 1890, pp. )

21 . De Arthur L. White para Henry F. Brown, 23 de Setembro de 1943.

## Capítulo 6.
## Fontes Que Ellen G. White Utilizou (Muitos ou Pouco)

### O Desejado de Todas as Nações

---

Se *Patriarchs and Prophets (Patriarcas e Profetas)* foi a pedra angular da teologia Adventista, *The Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações)* foi a pedra chave no arco do pensamento e pontos de vista cristológicos Adventistas. O prefácio ao tomo dois (1877) de seu predecessor, *The Spirit of Prophecy*, dizia:

> Quando os editores publicaram o primeiro tomo desta obra, pareceu-lhes que supria uma lacuna há longo tempo sentida no mundo cristão, ao alumiar um tema que é de grande interesse para a mente cristã, a relação do filho de Deus com o Pai, e sua posição no céu, junto com a queda do homem e a mediação de Cristo entre ele e seu Criador.
>
> Neste segundo tomo, o autor continua com renovado interesse o tema da missão de Cristo, manifestada por seus milagres e ensinos. O leitor encontrará que este livro proporciona inapreciável ajuda no estudo das lições de Cristo apresentadas nos evangelhos. A autora,

> como escritora religiosa e oradora, trabalhou para o público durante mais de vinte anos. Sendo ajudada no estudo das Escrituras e em sua obra como instrutora religiosa pela especial iluminação do Espírito de Deus, está peculiarmente qualificada para apresentar os fatos da vida e o ministério de Cristo em relação com o plano divino para a redenção humana, e para aplicar de modo prático as lições de Jesus aos simples deveres da vida.
>
> Uma das mais agradáveis características deste livro é a linguagem suave e simples com o qual a autora reveste os pensamentos que brilham por sua verdade e sua beleza.[1]

Muitos problemas e muitas situações embaraçosas se teriam evitado em anos vindouros se a alguns outros, além do "Espírito de Deus", se lhes tivesse dado algum crédito. Ainda que as Escrituras expliquem que todo o bem e todo dom perfeito vem de Deus, descobriu-se que alguns dos dons de Ellen para escrever tinham vindo de algumas fontes humanas. Em fins de 1970, Robert W. Olson, em nome do White Estate (que sempre é pressionado para manter a seus leitores e aos membros da igreja em dia nestas coisas), emitiu uma admissão, mais bem tardia, de que Ellen si tinha estado olhando às escondidas as obras de outros autores quando escreveu *The Desire of Ages*:

**Por longo tempo, os Adventistas do Sétimo Dia reconheceram a dívida de Ellen White com outros autores...**

**Não se sabe exatamente até que ponto Ellen White tomou prestado material para *The Great Controversy (O Grande Conflito)*...**

**Estudos levados a cabo por Raymond Cottrell e Walter Specht mostraram que Ellen White tomou emprestadas cerca de 2,6% das palavras em The *Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações)* de *Life of Christ (Vida de Cristo)*, de William Hanna... No entanto, tanto W.C. White como Marian Davis mencionam outros livros sobre a vida de Cristo que Ellen usou. É também evidente que ela tomou emprestado material de algumas obras não mencionadas nem por W. C. White nem pela Srta. Davis, tal como *The Great Teacher,* de John Harris...**

**Os empréstimos literários de Ellen White não se limitaram aos três livros mencionados acima...**

**Ellen White pode dificilmente ser chamada "copista", já que quase invariavelmente reescreve, reconstrói frases, e melhora a idéia do autor original quando usa material alheio...**

**Em relação com a preparação de The *Desire of Ages* em particular, W. C. White diz:**

**"Antes de escrever sobre a vida de Cristo, e até certo ponto durante o tempo em que escrevia, ela leu obras de Hanna, Fleetwood, Farrar, e Geikie. Nunca soube que lesse a Edersheim. Às vezes se referia a Andrews". De W. C. White para L. E. Froom, Janeiro???**

**Uma comparação entre *The Desire of Ages* (O Desejado de Todas as Nações) e as variadas vidas de Cristo disponíveis em seu tempo mostra que ela *tomou material, mais ou menos* [a cursiva foi adicionada] não só dos autores mencionados acima por W. C. White, senão também de March, Harris, e outros.[2]**

O artigo de Olson, que pode ser uma das mais reveladoras admissões do que o White Estate fez até a data, merece um estudo detalhado. Se esse artigo tivesse circulado, ou sequer se tivesse filtrado, ao público e à igreja em general (o que não ocorreu até o momento em que isto se escreve), este livro poderia não se ter escrito. Com freqüência, só a "pessoa informada" que recolhe a assim chamada informação "supersecreta" sabe onde pedir que costure - se tem o privilégio de saber que essa informação existe em absoluto.

Escrever ou dizer que "por longo tempo, os Adventistas reconheceram a dívida de Ellen White com outros autores" é só uma extensão da mentira branca. Ainda que seja tecnicamente verdadeiro que, já desde a

década de 1800, a igreja tem levado a cabo uma ação de retaguarda em relação com o uso de material alheio em nome de Deus e de Ellen, as declarações sempre se fizeram à defensiva e com rápida justificativa.

Por exemplo, um artigo de William S. Peterson numa edição de Spectrum de 1971 teria de atrair sobre ele um coro de invectivas espirituais que, na linguagem de um caminhoneiro ou um estivador, levantaria a pintura de qualquer furgão a trinta passos. Que Ellen tinha tomado material emprestado simplesmente não era assim, disse-se. Desde o número desse outono até a década de 1980, o jornal publicou as contínuas acusações e contra-acusações, negações e contra-negações que tratam de refutar qualquer sugestão de que ela tivesse incorporado em seus livros o vocabulário de alguém ou que tivesse sido influenciada por alguém ao escrever.[3]

Não foi senão até que Neal C. Wilson, presidente da Conferência Geral, escreveu aos dezoito membros do Comitê Especial de Glendale para que se dispusessem a revisar o número de ocasiões em que, segundo certas investigações, Ellen tinha "tomado emprestado" material de outros, que os leitores do *Adventist Review* se inteiraram de que ela tinha usado obras alheias para sacar delas "informação descritiva, biográfica, histórica, espiritual, e científica".[4] Como um membro do comitê teria de assinalar-lhe a Wilson, "Isso não deixa quase nada, exceto a revelação direta. É sobre esse ponto que o painel terá de decidir?"[5] Seguramente, o pessoal do White Estate deve ter sabido todo o tempo que a maior parte dos membros de igreja não tinha tido informação a respeito da quantidade e extensão do material do qual ela tinha "tomado emprestado".

Pelo menos um bom número de eruditos da igreja, que trataram de sacar-lhe ao White Estate material histórico que ajudaria a fazer comparações com os escritos de outros autores, sabem que receberam muito pouca ajuda e estímulo de parte dos que protegem a sacrossanta abóbada do Ellen G. White Estate. A política de "revelação seletiva" (é dizer, O Ellen G. White Estate seleciona o que pode ser revelado) teve tal autoridade que só quando os membros do Clã desaparecem da cena pode a igreja esperar ter acesso à informação que pode revelar a verdade. Uma e outra vez, os homens desse escritório, enquanto percorrem o circuito nacional - o que fazem com mais freqüência para ajudar a tranqüilizar aos inquietos nativos - tiveram que se enfrentar à pergunta de por que a abóbada não pode abrir-se para todos os pesquisadores para do que a informação esteja disponível para amigos e inimigos por igual, e por que só o Clã é o único que pode selecionar e eleger sempre.

### O artigo da Adventist Review de 1980:

Ainda os que poderiam ter tido sua própria chave da abóbada (por dizê-lo assim), encontram fascinante a possibilidade de que a porta fechada pudesse abrir-se sequer um pouquinho. Donald R. McAdams, pessoalmente um competente pesquisador sobre Ellen e seus escritos, deu uma nota de esperança a respeito dessa possibilidade num artigo em Spectrum em 1980:

> Num artigo titulado "This I Believe About Ellen G. White" [Isto Creio A respeito de Ellen G. White], que apareceu no *Adventist Review* de Março 20, 1980, Neal Wilson informou à igreja a respeito do Comitê Rea [Glendale]. O relatório inicial indica que *"em seus escritos, Ellen White usou fontes mais extensamente do que até agora nos tínhamos nos inteirado ou havíamos reconhecido..."* [a cursiva é nossa].
>
> Esta declaração é o artigo mais significativo que já foi publicado na *Review* neste século. O presidente da Conferência Geral está reconhecendo, aberta e honestamente, os fatos a respeito do uso de fontes por Ellen White, e dirigindo o atendimento da igreja para uma definição de inspiração que será nova para a maioria dos Adventistas e ameaçadora para outros. Uma resposta completa a Rea deve esperar até que ele tenha apresentado sua evidência à igreja em forma escrita e definitiva.[6]

Inevitavelmente, McAdams reagiria como o fez porque é um historiador honesto que passou pessoalmente muito tempo em 1972-73 examinando um capítulo de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, comparando um capítulo deste livro com a metade de um capítulo do historiador James A. Wylie, e

encontrando evidência irrefutável de dependência A parte interessante e significativa desta história, como ele a conta, é que o White Estate não quis permitir-lhe a este historiador da igreja dar a conhecer seu trabalho ou suas conclusões nem à igreja nem ao mundo.[7]

McAdams tinha outra razão para estar preocupado pelo que estava ocorrendo. Ele era um dos membros do Comitê de Glendale ao qual Wilson lhe tinha escrito. Tinha visto parte da evidência, tinha ouvido a apresentação de Janeiro 28-29 de 1980, e ele mesmo lhe tinha dito a seus colegas que a evidência tinha sido realmente "surpreendente”. Até indicou que "se cada parágrafo de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* tivesse que ter notas ao pé de acordo com o procedimento correto, então quase cada parágrafo teria que ter sido anotado." É de interesse observar que os membros do comitê presentes, que pertenciam ao White Estate, não se lhe opuseram.[9]

Como teriam podido? Estavam sentados ali com informação privilegiada. Ronald D. Graybill, secretário ajudante do White Estate, esteve presente na reunião. Ele também tinha estado trabalhando nos arquivos e, em Maio de 1977, tinha terminado uma comparação entre Ellen White e suas estreitas paráfrases de outro historiador, Merle D’aubigné. Ao continuar seu estudo, o que apareceu ante os assombrados olhos de Graybill foi, não D'Aubigné em absoluto, senão uma versão popularizada de D'Aubigné que tinha sido preparada pelo Reverendo Charles Adams para leitores jovens, e este material tinha sido publicado primeiro, não em The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, senão no *Signs of the Times (Sinais dos Tempos)* de 11 de Outubro de 1883, num artigo titulado "Luther in the Wartburg."[10] As conclusões desta muito boa história de capa e espada foram, como diz McAdams citando a Graybill:

> Não parece ter nenhum fato histórico objetivo no relatório da Sra. White de que ela não poderia ter adquirido nada das fontes literárias das quais bebia, exceto por um detalhe:... A impressão geral que este historiador obteve deste estudo é que sustenta o ponto principal de McAdams – que a narração histórica objetiva e terrenal está baseada na obra de historiadores, não em visões.[11]

Assim que, por que não o dissemos desde o começo? O mais cerca do que jamais estivemos desse tipo de reconhecimento foi de parte do filho, Willie White, (numa carta de Novembro de 1912):

> Algumas vezes, quando escrevia os capítulos de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, ela fazia uma descrição parcial de um importante evento histórico, e quando a copista que preparava os manuscritos para a tipografia perguntava a respeito de tempo e lugar, Mãe dizia que essas coisas eram registradas por historiadores conscientes, e que se inserissem as datas usadas por esses historiadores. Outras vezes, ao escrever o que se lhe tinha apresentado, Mãe encontrava em nossos livros denominacionais descrições tão perfeitas de eventos e apresentações de fatos e doutrinas que copiava as palavras destas autoridades.[12]

As afirmações de Willie seriam modificadas por uma declaração de seu filho Arthur em 1969: "A Sra. White sempre tratou de evitar ser influenciada por outros”.[13]

Teve outro membro do grupo do White Estate que também permaneceu sentado e calado durante aquela reunião de Janeiro de 1980, sem deixar ver seu jogo. Era Robert W. Olson, que tinha sido designado para dirigir o White Estate quando Arthur L. White se aposentou em 1978. Quiçá mais do que qualquer outra pessoa na habitação, exceto W. Richard Lesher (diretor do Instituto Adventista de Investigação Bíblica), Olson sabia onde estavam enterrados alguns dos cadáveres, porque alguns desses cadáveres estavam sendo ressuscitados mais rapidamente do que se podiam levar a cabo os enterros.

Em 1977 e 1978, Olson recebeu certo número de cartas que abriam novas vias de informação sobre a relação entre Ellen e seu livro *Patriarchs and Prophets*. Segundo Olson, a investigação tinha tomado um giro desagradável ao começar a acercar-se a The *Desire of Ages*. Quando se lhe perguntou a respeito do persistente rumor de que Ellen tinha recebido ajuda muito humana na preparação do *Desire of Ages*, não

parecia recordar as cartas ou os materiais que estava recebendo, exceto para dizer que o relatório sobre a ajuda era exagerado, e que não tinha razão para crer que o *Desire of Ages* fora outra coisa que a obra de Ellen White.[14]

Bem sabia que o rasto para os "empréstimos" de Ellen se estava esquentando, pois ele tinha escrito uma notável carta em relação com isso ao "staff" do Ellen G. White Estate o 29 de Novembro de 1978, só dois anos antes da reunião na qual agora negava que existisse problema algum. A carta tocava pontos muito sensitivos, e não estava destinada ao domínio público. Para assegurar a imparcialidade, incluo a carta inteira na seção do apêndice a este capítulo. [N. do T. : Aparece ao final da tradução deste capítulo, depois das notas e referências] Aqui se dão algumas porções:

> Faz como oito ou dez meses, o Pastor Rea me enviou uma cópia de algumas de suas investigações que, em sua opinião, mostravam que Ellen White dependeu muito de Edersheim para algumas das coisas que tinha escrito em Desire *of Ages*, bem como para a própria organização do livro, e o uso de muitos dos títulos dos capítulos.
>
> Naquela ocasião, escrevi-lhe ao Pastor Rea e lhe pedi que não seguisse adiante com nenhuns planos de publicar suas descobertas até que eu tivesse oportunidade de falar com ele pessoalmente na Reunião ao Ar Livre da Southern Califórnia Conference, que teria de ter lugar a finais de Julho de 1978. O Pastor Rea em seguida esteve de acordo com esta sugestão. Quando assisti à reunião perto de Palmdale, Califórnia, em Julho passado, passei várias horas falando com o Pastor Rea, e obtive seu consentimento de que deteria o anúncio de seu livro em qualquer grande escala até que tivéssemos a oportunidade de vê-lo primeiro nós mesmos... O Pastor Rea aceitou dar-nos todo o tempo que precisemos antes de dar quaisquer outros passos por sua conta...
>
> Por meio de Jim Nix em Loma Linda e Ed Turner na Universidade de Andrews, inteirei-me de que alguém n área de Loma Linda está comparando o *Desire of Age*s com o livro "*The Life of Christ",* de Hanna. Jim Nix me disse que ele viu o livro de Hanna, que está muito sublinhado tanto em vermelho como em azul, e que se supõe que esta é a mesma cópia do livro usado no escritório do White Estate quando a Sra. White preparava seu livro *Desire of Ages*. *Jim Nix sacou uma cópia Xerox deste livro e no-la enviou, assim que a temos aqui em nosso escritório...* [A cursiva é nossa].
>
> Ed também me falou de um profissional, um dentista segundo recordação, que vivia na área de Victorville... Este profissional teve acesso recentemente ao livro "Life of Christ", de Hanna, e depois de lê-lo, disse-lhe a Ed que o livro virtualmente "o arrumou" pelo estreito parecido que descobriu entre Hanna e Ellen White.[15]

A solução proposta por este homem de Deus, que tinha jurado difundir a verdade e a luz, foi como segue:

> A única alternativa [de quatro bosquejadas] que me parece ter sentido é a última. O tempo de Jim [Cox] não lhe custará nada ao White Estate, e crio que podemos permanecer o bastante perto dele para que as conclusões a que chegue sejam essencialmente as mesmas às que chegaríamos nós se estivéssemos fazendo o trabalho nós mesmos. Poderíamos pedir-lhe a Jim que prepare um relatório para um comitê cada dois ou três semanas.[16] Mais tarde, explicou-se na reunião do Comitê de Glendale que a carta era só uma pobre seleção de palavras e que seu significado poderia ser mal interpretado.[17] Não teve nenhuma má interpretação das palavras de Arthur, no entanto, quando escreveu sobre o tema ao mesmo tempo e ao mesmo grupo:
>
> Tenham presente que o adestramento nas universidades para aceitar ou crer só o que pode ser provado a satisfação do pesquisador pode facilmente conduzir a um enfoque escéptico que não tenha em conta o fato de que pode ter características perturbadoras nos escritos

inspirados, o que resulta na necessidade da fé, como o explica Ellen White ao discutir as investigações da Bíblia e seus escritos...

"Todos os que procuram ganchos para pendurar suas dúvidas, os encontrarão...”.

"A desconfiança para Deus é a conseqüência natural do coração não renovado...”.

"Satanás é capaz de sugerir dúvidas e inventar objeções ao assinalado depoimento que Deus envia”.

*The Great Controversy (O Grande Conflito)*, p . 527; *Testimonies*, tomo 5, p. 675.[18]

Um pode fechar os olhos e ouvir essa porta ressoar ao fechar-se outra vez, esta vez mais hermeticamente, enquanto os cavaleiros perdidos do temor e da culpa vão galopando pelo céu. Não se ouvia como uma política de portas abertas quando continuou:

> Se a Universidade de Andrews participa, são os eruditos adestrados em métodos de investigação por universidades que se sabe demoliram a fé na Bíblia e a confiabilidade dos relatos bíblicos, capazes de emitir um juízo adequado em áreas nas que tanto a absoluta honestidade ao aceitar os registros como a fé baseada na evidência são fatores importantes? Ao fazer decisões quando o pesquisador tem diante opções múltiplas, fracassará a fé na inspiração de Ellen?[19]

Seria difícil concluir, a partir destas duas missivas confidenciais, que ao povo da Igreja Adventista se lhe estimula a conhecer toda a verdade a respeito de Ellen, incluindo sua destreza para usar material alheio em suas próprias obras, ainda que sem dar crédito.

É necessário adicionar um pouco mais de informação ao quadro para fazê-lo mais completo. Robert Olson esteve sentado durante as reuniões do Comitê de Glendale com um antigo, mas obssessionante documento virtualmente sobre seus joelhos. O documento tinha sido "descoberto" só umas semanas antes no vestíbulo dos escritórios do Ellen G. White Estate por Desmond Ford em sua busca da verdade. Era tão revelador, que se Olson o tivesse lido ou o tivesse usado na reunião, a sessão poderia ter-se encurtado médio dia ou mais. Vinha da pluma de W. W. Prescott (por longo tempo dirigente e anterior vice-presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista), que pessoalmente tinha levantado algumas pedras. A carta estava datada de 6 de Abril de 1915, e estava dirigida a Willie, o filho de Ellen, com o qual Prescott tinha trabalhado no duro e por longo tempo:

> Parece-me que uma grande responsabilidade descansa sobre aqueles de nós que sabemos que há sérios erros em nossos livros autorizados e que, no entanto não fazemos nenhum esforço especial para corrigi-los. A gente e a média de nossos ministros confiam em que nós lhes proporcionemos declarações confiáveis, e usam nossos livros como autoridade suficiente em seus sermões, mas nós lhes deixamos continuar afirmando, ano depois de ano, coisas que sabemos que são errôneas. Não posso crer que isto é correto. Parece-me que estamos traindo a confiança posta em nós e enganando aos ministros e à gente. Parece-me que há muita mais ansiedade em evitar-lhes uma possível comoção a algumas pessoas confiadas do que em corrigir o erro.
>
> Sua carta indica um desejo de sua parte de me ajudar, mas temo que seja um pouco tarde. A experiência dos últimos seis ou oito anos, e especialmente as coisas em relação com as quais eu conversei com você, afetaram-me de várias maneiras. Tive que me sobrepor a várias duras comoções, e depois de dar o melhor de minha vida a este movimento, recebi dele pouca paz e satisfação, e me sinto compelido à conclusão de que o único que me fica por fazer é fazer caladamente e a consciência o que posso, e deixar que os demais sigam adiante sem mim. Provavelmente, o Ellen G. White Estate está muito longe de ser um final feliz para

> o trabalho de minha vida, mas parece ser o melhor ajuste que posso fazer. A maneira em que os escritos de sua mãe foram manejados, e a falsa impressão em relação com eles, que ainda é fomentada entre a gente, produziram-me grande perplexidade e prova. Parece-me que se praticou o que equivale a um engano, ainda que provavelmente não intencional, ao preparar alguns de seus livros, e que não se fez nenhum esforço sério para desenganar as mentes da gente do que se sabia eram pontos de vista errôneos em relação com os escritos dela. Mas é inútil afundar nestes assuntos. Conversei com você por anos a respeito de eles, mas isso não muda nada. Creio, no entanto, que estamos derivando para uma crise que virá, tarde ou temporão, e, quiçá, mais temporão que tarde. Já calou um sentimento de reação muito forte.[20]

A evidência relatada mais adiante mostra por que Prescott estava ainda mais preocupado do que indicava sua carta. Com a bênção de outros oficiais, ele mesmo tinha ajudado a escrever alguns dos mesmos livros dos quais se queixava. Como podia ele, em boa consciência (e não temos evidência de que não era homem de boa consciência), deixar que a igreja seguisse crendo que o que ele e outros tinham ajudado a escrever em nome de material devocional agora teria de ser recebido como a palavra final e autorizada de Deus e converter-se na base da cristologia Adventista no mundo (por si só um tema de especial interesse para Prescott)?

É agora evidente – a partir de informação que o White Estate possui e de material que se filtrou de outras fontes – que a igreja está em problemas no que concerne a Ellen e seus raptarias. Identificou-se demasiado material dos lugares onde ela tinha comprado. Como escreveu McAdams em seu artigo do *Spectrum:*

> Pelo tempo em que o White Estate respondia à evidência de que Ellen White tinha tomado emprestado abundante material dos historiadores protestantes na preparação de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, outro pesquisador estava chamando o atendimento do Ellen G. White Estate à evidência de que ela também tinha tomado emprestado material de autores seculares para outros livros da série Conflito dos Séculos, especialmente *Prophets and Kings* [Profetas e Reis] e *The Desire of Ages* [O Desejado de Todas as Nações]. Walter Rea, pastor da Igreja de Long Beach, Califórnia, afirmou, baseando-se em evidência inconclusa apresentada em vários documentos não publicados, que a fonte principal para *Prophets and Kings* tinha sido *Bible History: Old Testament* [História Bíblica: O Antigo Testamento], de Alfred Edersheim, originalmente publicado em sete tomos entre 1876 e 1877, e que *The Life and Times of Jesus, the Messiah* [Vida e Tempos de Jesus, o Messias], que se publicou por primeira vez em 1883, tinha sido a fonte principal para *The Desire of Ages*...
>
> Agora, o crescente conhecimento nos círculos Adventistas a respeito de as investigações de Walter Rea e seus estudos de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* requeriam outra resposta no Review.
>
> A julgar pelos exemplos usados por Arthur White para ilustrar a relação entre Ellen White e Hanna nos artigos 4, 6, e 7, ele já devia ter a sua disposição o muito completo e cuidadoso estudo levado a cabo por Walter Specht. Desejando conhecer a verdade a respeito das fontes que Ellen White tinha usado para *The Desire of Ages*, e não desejando ser pego sem preparação pela investigação de Walter Rea ou de alguém mais, o White Estate comissionou a dois eminentes eruditos Adventistas para que estudassem a fundo a relação entre *The Desire of Ages* e *The Life of Our Lord,* de William Hanna. Raymond F. Cottrell, por longo tempo editor de livros na Review and Herald Publishing Association, tomou os primeiros 45 capítulos, e Walter F. Specht, professor de Novo Testamento na Universidade de Loma Linda, tomou desde o capítulo 46 até o capítulo 86.[21]

Com a designação de Cottrell e Specht para a tarefa de examinar *The Desire of Ages* de Ellen, a igreja estava lançando à brecha a seus pesos pesados. Entendia-se perfeitamente nas altas esferas que se a maré crescente

de fatos e informação se levava o fundamento de The *Desire of Ages*, a pedra clave no arco de Santa Ellen ficaria em grave perigo e a mentira branca ficaria exposta. Isto não se entendeu em todas partes, mas muitos dirigentes estavam bem conscientes disso e se sentiam muito apreensivos.

Portanto, o fato de que os Adventistas chamassem a dois de seus melhores homens de sua aposentadoria e de volta à briga era um risco calculado. As credenciais dos dois eram impecáveis. Cottrell, um Adventista de terceira geração, tinha servido à igreja em vários postos de alto nível, incluindo o de editor de livros na Review and Herald, a maior parte de sua vida. Specht era conhecido como erudito, presidente de departamento, e decano das melhores instituições da igreja. Esperava-se que ambos os homens levassem à tarefa, não só sua experiência de toda uma vida, senão também sua integridade.

O relatório emitido ao final de seis meses de estudo foi horrorizante – não tanto pelo que dizia como pelo que revelava por meio do que *não* enfatizava. O fato mesmo de que se usasse gente de tão alto nível mostrava que a igreja em geral não se tinha inteirado da mentira branca e que os dirigentes estavam decididos a assegurar-se de que a igreja recebesse só informação que fora aceitável para esses dirigentes.

Ambos os homens tomariam o caminho mais curto em seu relatório. Specht, conquanto concedia que Hanna tinha sido usado por Ellen através tanto da primeira edição de The *Spirit of Prophecy* (tomos dois e três) como da edição posterior de The *Desire of Ages,* chegou à conclusão de que mesmo assim lhe gostava mais a maneira em do que Ellen tinha parafraseado a Hanna do que a obra do mesmo Hanna.[22] Ainda que tivesse descoberto que as cópias de Hanna tinham começado a princípio e terminado ao final, parecia-lhe que o assunto não era tão sério como alguns o tinham considerado.

Cottrell, menos cauteloso, calculou que Ellen tinha tomado 2,6% de Hanna.[23] Mostrou a classe de "contabilidade criativa" que tinha usado para obter esta cifra incrível:

> Prestou-se atendimento à possibilidade de que Ellen White tivesse dependido de Hanna até certo ponto quanto às passagens da Bíblia que ela citação, e/ou quanto à ordem em que ela os introduz algumas vezes. No entanto, duas considerações impedem a possibilidade de chegar a uma conclusão firme com respeito a qualquer relação nas passagens bíblicas citados...
>
> Ademais, tanto White como Hanna usaram a versão do Rei Tiago [King James Version] da Bíblia. Provavelmente edições com referências marginais... Também, *provavelmente ambos os* utilizaram concordemente... Para localizar as passagens bíblicas relacionados. Assim, ainda que nenhum dos dois escritores visse jamais o que o outro escreveu, ambos provavelmente se refeririam a outras passagens bíblicas aproximadamente na mesma ordem. Além disto, a duas pessoas igualmente familiarizadas com a Bíblia *lhes viriam à mente as mesmas passagens bíblicas relacionados, e os introduziriam aproximadamente na ordem indicado pela narração do Evangelho...*
>
> Para mim... estes fatos ... indicam que qualquer similitude entre as passagens bíblicas citadas, ou o ordem no qual ocorrem, *é, pelo menos em grande parte, se não inteiramente, coincidência e completamente inútil para estabelecer se Ellen White utilizou a Hanna e até que ponto...*
>
> Só quando ambos os escritores usam palavras idênticas ou inusuais numa seqüência específica pode estabelecer-se uma relação literária além de toda dúvida. [a cursiva foi adicionada].[24]

Cottrell tinha caído na armadilha da qual Francis D. Nichol mesmo se tinha desfeito - usar o estudo para provar que Ellen não havia "citado" a outros diretamente tanto como se tinha dito. Cottrell parecia passar por alto o fato de que *parafrasear* é a mais sutil forma de copiar e a mais potencialmente enganosa. Até McAdams disse em seu artigo do *Spectrum*:

**Efetivamente, há alguns parágrafos estreitamente parafraseados e outros parágrafos nos quais, ainda que as palavras de Ellen White sejam diferentes, *é claro que ela está seguindo as idéias apresentadas por Hanna.* [A cursiva foi adicionada].[25]**

Depois de esforçar-se por diminuir a influência de outros autores na redação de The *Desire of Ages*, Cottrell efetivamente reconheceu:

No entanto, há numerosos casos de uma clara correlação literária, que provam concludentemente que Ellen White utilizou algumas das palavras, frases, idéias, e seqüências de pensamento alheias.[26]

Em resposta a sua afirmação de que "nem o Dr. Specht nem eu encontramos em nenhum caso nem sequer uma oração em The *Desire of Ages* que fora idêntica a Life *of Chris*t, nem ainda substancialmente,"[27] eu sugiro que o leitor veja a seção de quadros deste capítulo.[28] Melhor ainda, deveria obter uma cópia de Hanna de uma biblioteca e ilustrar-se pessoalmente.

Ainda que o texto do relatório em geral não tenha recebido ampla circulação, a cifra do 2,6% foi citada e repetida por todas as partes. Os Adventistas se agarraram a ela como um náufrago se agarra a um salva-vidas e se dirige à orla gritando que se salvou. Em realidade, o alcance do estudo era tão limitado que algumas das questões mais sérias ficaram por tratar. Por exemplo:

**a . A igreja em general não conheceu em realidade a extensão da mentira branca - e "os irmãos" não estão ansiosos de fazer-se saber aos membros**

**b. Pelo menos já na década de 1870, e ainda na de 1900, Ellen e seus ajudantes estiveram profunda e amplamente envolvidos na extração de material de escritos alheios.**

**c. Se até 0 por cento de Cottrell (qualquer que fosse sua exatidão) estendesse-se à crescente lista de autores identificados como utilizados por Ellen e seus ajudantes, a igreja e seu profeta estariam num tremendo problema e algo começaria a abrir-se pelas costuras.**

**d. O uso, por parte de Ellen , de Hanna e outras fontes não era "revelação seleta," com a permissão de Deus, para rechear uma cena aqui e outra lá para ajudar à memória desfalecente da profetisa, senão um comentário direto e uma paráfrase de cada passagem ou capítulo selecionados - com freqüência com pausas para uma homilia;a pessoal, mas da mesma maneira com freqüência expandindo essa homilia para fazê-la notavelmente similar ao material devocional do autor copiado.[29]**

**e. Quiçá, a evidência mais prejudicial que surgiu é a de do que, sem importar a ajuda que Ellen recebesse, humana ou divina, ela tinha a estranha habilidade para regressar e recolher novo material cada vez que o regresso se levava a cabo. Algumas vezes, os pensamentos, as palavras, e as orações que tinham sido tomadas de um autor nas primeiras etapas (1870-84) eram apagadas no produto posterior *(The Desire of Ages)*. Algumas vezes se usava em seu lugar uma amplificação do material do mesmo autor. Mas outras vezes (especialmente quando o copiado anterior tinha sido extenso) extraía-se material de outras fontes ou outros autores de modo tal que a cor das novas fibras não chocasse com o padrão final da tela que se tecia através dos anos. Claramente, os planejadores humanos conheciam bem os mapas que estavam usando para todas as viagens de todos esses anos.[30]**

No entanto, Cottrell, por natureza e prática um erudito honesto, mais tarde permitiu do que sua integridade se sobrepusesse a sua herança e preconceitos Adventistas. Seu silêncio foi rompido o 19 de Setembro de 1981, quando *Los Angeles Times*, num artigo por John Dart, um editor religioso, citou parte de uma próxima missiva de Cottrell:

> A combinação das investigações de Ford e Rea e o tratamento dos dois homens pelos administradores da igreja apresenta uma crise 'com a muito real ameaça de um cisma na igreja que amamos, ' de acordo com Raymond F. Cottrell, um proeminente erudito bíblico

Adventista. Cottrell, editor de livros para o *Adventist Review* por mais de 30 anos, culpou aos administradores da igreja pela "crise Ford-Rea" num artigo para um próximo número do diário independente *Spectrum*, publicado pelos Foros Adventistas, inclinados à reforma.

Tanto Ford como Rea "são amigos da igreja, não inimigos, apesar do fato de que, em ambos os casos, a sabedoria de algumas de suas táticas seja questionável", escreveu Cottrell. Aos futuros historiadores, continuou Cottrell, "a crise Ford-Rea lhes parecerá o clímax lógico, quiçá inevitável, depois de perto de um século de ocultar sob o tapete denominacional os pontos em disputa aos quais eles tinham chamado o atendimento recentemente".[31]

O rascunho preliminar mesmo de Cottrell ("Our Present Crise: Reaction to a Decade of Obscurantism") [Nossa Crise Atual: Reação a uma Década de Obscurantismo] era ainda mais específico e devastador em seus assinalamentos com o dedo, pois continuava dizendo:

> Os únicos elementos novos são a extensa aplicação, por parte de Ford, do princípio apotelesmático, que cada um na igreja segue até certo ponto, e a demonstração por Rea da extensão da dependência literária de Ellen White. Há evidência documentária do fato de que nossos eruditos bíblicos, faz pelo menos vinte e cinco anos, eram bem conscientes de todos os problemas exegéticos que evoca nossa tradicional interpretação de Daniel e Hebreus, e também da dependência literária de Ellen White. Mas, durante os anos que decorreram (noventa e setenta e cinco, respectivamente), a igreja enterrou, consistentemente, oficialmente, e mais ou menos efetivamente, as repetidas e positivamente motivadas tentativas - e em alguns casos às pessoas que presumia de fazer as perguntas também - que competentes eruditos bíblicos, cuja lealdade à igreja não pode ser posta em dúvida, efetuavam com freqüência.[32]

E finalmente jogou a culpa a administradores específicos:

> A década de 1969 a 1979 proporciona o fundo histórico imediato para nosso dilema. Antes desta década, nossos eruditos bíblicos trabalhavam caladamente nestes problemas, individualmente e em círculos eruditos, plenamente conscientes do fato de que a igreja se acercava a uma crise da qual, no melhor dos casos, mal se dava conta. Em minhas narrações pessoais, acumuladas através dos anos, há extensa documentação contemporânea do que se estava fazendo, e das medidas oficiais da Conferência Geral para afogar esta investigação erudita. Este registro de ofuscação bem intencionada é vital para entender nosso dilema atual porque foi isto, mais do que qualquer outro fator por si só, o que conduziu a Ford e Rea, especialmente a Ford, a "publicar" suas perguntas. O presente curso de ação deles é uma reação à ofuscação, não uma tentativa gratuita de desconcertar à igreja. A igreja mesma é basicamente responsável pela crise, não Ford nem Rea!
>
> A maioria dos seguintes incidentes durante a década de 1969 a 1979 podem documentar-se a partir de meus arquivos pessoais. Para os poucos itens que não estão talheres em meus arquivos pessoais, há evidência documentário em outros lugares, e/ou outras pessoas podem verificar os fatos.
>
> Foi a anunciada política de Robert H. Pierson como presidente da Conferência Geral que os administradores, não os eruditos bíblicos nem os teólogos, tomariam as decisões teológicas da igreja. Durante estes anos, reiterou esta política a indivíduos e aos comitês da Conferência Geral, e implementou-a ao nomear a não eruditos (particularmente a Willis Hackett e A Gordon Hyde) para vigiar à comunidade erudita Adventista, governar o Comitê de Investigação Bíblica e o Comitê Consultivo Sobre Geociência, e reestruturar estes comitês de uma maneira calculada para assegurar o efetivo controle administrativo deles.[33]

Cottrell era só um de muitos mensageiros com mais más notícias para a igreja em sua crise. Fred Veltman, de acordo com *The Adventist Review* no outono de 1980, era o homem sobre cujos ombros cairia o manto da verdade. Por causa do alvoroço causado pelo estudo Rea, a *Review* informou:

> Depois de um cuidadoso estudo da informação [o Comitê Glendale de Janeiro 28-29, 1980] chegou à conclusão de que o uso de fontes por parte de Ellen White tinha sido mais extenso do que tínhamos pensado, e recomendou que um erudito formado em análise literária se encarregasse de levar a cabo um estudo consciencioso de The *Desire of Ages*. Esta sugestão foi adotada pela Conferência Geral. O Dr. Fred Veltman, um erudito do Novo Testamento da faculdade do Pacific Union College, já está ocupado a tempo completo no projeto, que se espera que lhe tome como dois anos.[34]

Depois de examinar o material a respeito da controvérsia sobre Ellen White que tinha disponível, Veltman escreveu uma crítica detalhada para o Comitê Consultivo Executivo do Presidente em Washington. Nesse relatório, dizia, citando àquele mesmo Raymond Cottrell:

> A evidência de Walter Rea e suas conclusões serão e são sumamente prejudiciais para a fé de nossa membresia em EGW.
>
> Dizer que "Eu vi" e expressões similares se referem ao conhecimento e não às origens celestiais do conteúdo das visões é pedir-lhe à gente que deixe de crer o que se lhe ensinou durante toda sua vida. A óbvia leitura da expressão em seu contexto o faria a um entender que as visões têm uma fonte celestial. Esta explicação obriga à gente a chegar à conclusão de não se pode assumir a integridade de EGW.[35]

Edward Heppenstall, por longo tempo teólogo Adventista, também é citado por Veltman:

> O material de Walter terá um efeito devastador sobre a membresia da igreja. Muitas das respostas que se oferecem agora não são realmente satisfatórias para aqueles que examinaram a informação.[36]

Até Desmond Ford, o teólogo australiano, faz um devastador resumo, como o informam as palavras de Veltman:

> Desmond Ford não crê que EGW tivesse o propósito de enganar. Ao mesmo tempo, não pode estar de acordo com as posições tomadas ou sustentadas pela igreja no sentido de que os escritos de EGW são uma extensão do cânon, que têm autoridade quanto às doutrinas da igreja e que são infalíveis.
>
> Desconsidera que Walter Rea está renitente em publicar suas conclusões e que deseja ir com os irmãos se só estes tomam em sério os pontos em disputa e a evidência.[37]

Veltman mesmo chega às seguintes conclusões:

> A maioria das respostas que os porta-vozes da igreja proporciona quando Walter propõe as perguntas não são adequadas. Ademais, a credibilidade dos dirigentes da igreja diminui com cada nova publicação. A igreja é constantemente tomada por surpresa e posta à defensiva. E cada ponto que a igreja admite é "um tanto" para Walter. A igreja deveria estar na linha de frente fazendo o estudo e informando aos membros quando a informação foi cuidadosamente avaliada. O que é difícil de entender é por que a igreja e não o Ellen G. White Estate disposta a trabalhar com Walter apesar de que ele está disposto a trabalhar com a igreja.

> Walter está decidido a chegar ao fundo do problema e fazer-se saber à igreja. Ele não quer que outra geração passe pela agonia pessoal da desilusão que ele experimentou. Isto não é negociável para Walter, e é difícil criticá-lo por sua convicção em vista da evidência e a história de seu problema na igreja.
>
> A questão dos "Se me mostrou" provavelmente é a mais difícil de contestar.[38]

Efetivamente, os dirigentes da igreja encontraram difícil enfrentar-se à realidade, mas era óbvio que algo devia fazer-se, e cedo. Assim que, como sempre, os cansados pastores de PREXAD (Comitê Consultivo Executivo do Presidente) e o White Estate se voltaram à fonte que tão com freqüência lhe negam a seus membros – a lei. Parecia sua última esperança de acalmar a tormenta que não queria desaparecer e para a qual não estavam preparados.

**O advogado da Igreja Adventista do Sétimo Dia decide que, por causa do tempo no qual ela viveu, White não era legalmente culpada de plágio**.

A Review de 1º de Setembro de 1981 anunciou que seu advogado católico tinha declarado isso. De acordo com a definição do advogado, Ellen White não era legalmente uma plagiária, e, portanto, suas obras não constituíam uma violação do direito de autor.[39] Este relatório – que claramente evitava os envolvimentos morais, espirituais, ou teológicas no coração do assunto - trouxe muito pouco consolo e arrancou poucos suspiros de alívio dos leitores informados.

Para aumentar a confusão, Arthur Delafield, outro cansado, mas voluntarioso guerreiro, foi chamado de volta ao combate. Delafield, que tinha sido clérigo viajante do White Estate por mais de vinte e cinco anos, escreveu uma resposta a uma carta de um membro leigo da Austrália. Além de fazer perguntas, este leigo tinha declarado uma convicção:

> Devo admitir que, às vezes, senti-me airado e desiludido, não com Walter Rea ou de Walter Rea, senão com o "sistema”. A questão não é como silenciar ou desacreditar a Walter Rea (ou o Forum, ou qualquer outra pessoa), senão se o que ele diz é verdadeiro ou não. Posso viver com a verdade a respeito de Ellen White, mas me seria muito difícil sentir entusiasmo a respeito de pertencer, muito menos sustentar e promover, a uma organização que depende de falsidades ou a intimidação para sobreviver.[40]

A resposta de Delafield foi de novela. Em típico estilo pontifício, declarou:

> Sua carta de 27 de Maio, dirigida ao presidente da Conferência Geral, chegou a este escritório. O Pastor Wilson certamente deseja que você o recorde com cálidos sentimentos de irmandade. Seu assistente administrativo, Arthur Patzer, pediu-me que eu lhe conteste, já que passei 25 anos nos escritórios do Ellen G. White Estate como um dos secretários e agora sou fideicomissário vitalício da junta do White Estate...
>
> Walter [Rea] passou mais tempo procurando paralelos entre os escritos de Ellen White e fontes não inspiradas do que qualquer pessoa fora do White Estate. Colocou estes paralelos uno ao lado do outro, e o peso da evidência parece indicar que Ellen White foi quase uma criatura de seu tempo – uma plagiadora com enorme capacidade de incorporar escritos alheios para suas próprias mensagens escritos e obter crédito por isso.
>
> Digo que o que antecede pareceria ser o que Walter Rea tinha provado. No entanto, um pesquisador cuidadoso... sente-se grandemente agoniado pela "evidência" de Walter Rea. Digo que isto não é porque há muito, senão porque ele crê que há muito disso, e digo que ele está equivocado. Terrivelmente equivocado. Manifestamente exagerou a situação.[41]

Finalmente, sua melhor carta aparece na página cinco:

> Tenho muito respeito por muitos de nossos teólogos Adventistas. Sentei-me a seus pés, e fui instruído por eles. Admiro-os e respeito-os muito. Gostaria de lhe recordar, no entanto, que você pode revisar a Bíblia desde Gênesis até Apocalipse sem encontrar um só texto que indique que os teólogos têm o dom do Espírito Santo. As Escrituras indicam, no entanto, que os profetas têm o dom do Espírito Santo. Ellen White tinha esse dom e *ela era canônica no que concerne à autoridade em interpretações doutrinais* [a cursiva é nossa].[42]

Porquanto Delafield, agora aposentado, escreveu sua resposta em papel oficial da Conferência Geral, e invocou o nome do clérigo da igreja, Neal C. Wilson, como sua autoridade para escrever, pareceria que "a igreja" tinha rejeitado extra-oficialmente a controvertida posição que tinha assumido como vinte e quatro anos antes, quando, sob alguma controvérsia e coação, "um grupo representativo de dirigentes Adventistas do Sétimo Dia, instrutores bíblicos, e editores" tinha declarado através da imprensa oficial Adventista:

**Desejamos fazer notar...**

**1 . Que não consideramos os escritos de Ellen G. White como uma adição ao cânon sagrado das Escrituras.**

**2 . Que não cremos que eles sejam de aplicação universal, como a Bíblia, senão particularmente para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.**

**3 . Que não os consideramos no mesmo sentido que as Sagradas Escrituras, as quais permanecem como o só e único modelo pelo qual têm de ser julgados todos os outros escritos.**

**Os Adventistas do Sétimo Dia crêem uniformemente que o cânon das Escrituras se fechou com o livro de Apocalipse. Sustentamos que todos os outros escritos e ensinos, de qualquer fonte que sejam, têm de ser julgados pela Bíblia e estão sujeitos à Bíblia, que é a fonte e a norma da fé cristã. Provamos os escritos de Ellen G. White por meio da Bíblia e em nenhum sentido provamos a Bíblia por meio dos escritos de Ellen G. White...**

***Nunca consideramos a Ellen G. White na mesma categoria que os escritores do cânon das Escrituras.* [a ênfase se adicionou].[43]**

Apesar dos melhores esforços do "grupo representativo" de 1957, que publicou as declarações que antecedem em *Questions on Doctrine*, agora, na carta de 1981 do velho guerreiro, por fim tinha ficado claro o plano detalhado dos pontos de vista extremos e paranóicos do passado. Os Adventistas, por meio de cansados pastores, estavam-lhe dizendo ao mundo que, apesar de todo o duplo sentido do passado e os enganos do presente, eles efetivamente jogavam sua sorte com Ellen como sua autoridade final, para eles, a primeira entre seus iguais. Por meio dele, eles, efetivamente, estão orgulhosos de dizer-lhe ao mundo que eles representam uma seita e que não estão a ponto de associar-se com não-membros de seu culto ou de qualquer resto da comunidade cristã!

Na verdade tem um modo de iludir a um "verdadeiro crente" quando os porta-vozes da igreja parecem estar dispostos a passar por alto a maior parte da informação, a maioria de seus críticos amigáveis, e toda a evidência, em seus esforços por ocultar a realidade.

Ainda outra declaração que saiu a luz nada menos que de parte de W. C. White, o filho de Ellen, não mudou a posição de que tudo o que ela dizia tinha que vir de Deus. Em 1905, supõe-se que ele disse:

> Alguns dos mais preciosos capítulos do *Desire of Ages* se compõem de material que foi escrito primeiro em cartas dirigidas a homens que trabalhavam sob circunstâncias penosas, com o propósito de alegrá-los e instruí-los em seu trabalho. Algumas destas formosas lições a respeito da experiência cristã, ilustrada na vida de nosso Salvador, escreveram-se primeiro em cartas a meu irmão Edson, quando lutava com muitas dificuldades em seu trabalho em

> Mississipi. Algumas se escreveram primeiro ao Pastor Corliss, quando sustentava uma discussão com um astuto Campbellista em Sydney. Nota: A Irmã White escreveu na cópia original de seu manuscrito, e de seu punho e letra, as seguintes palavras: "Li isto. É correto".[44]

Mas era inútil. Sempre teria quem diria que se Ellen tinha tocado algo, ou o tinha visto, ou se sequer se tinha inteirado disso, tinha que vir de Deus e que tudo isso era inspirado! **Até aquela declaração, tão com freqüência citada pelos Adventistas, de que algum bibliotecário dos sagrados salões da Biblioteca do Congresso tinha descrito a *The Desire of Ages* como um dos dez livros mais impressionantes sobre a vida de Cristo, descobriu-se do que tinha sido sussurrado por algum pregador Adventista caminho a seu trabalho**. Mas saber isto não sacudiria nem livraria ao crente verdadeiro. De tais coisas estão feitas as mentiras brancas (de Ellen G. White) nesta vida.

| Livros Escritos por White: | Fontes das quais extraiu material: |
|---|---|
| **White, Ellen G**.<br><br>*The Desire of Ages*, Mountain View, California, Pacific Press, 1898.<br><br>*The Spirit of Prophecy, tomos 2-3*, Mountain View, California, Pacific Press, 1877-1878. | **Edersheim, Alfred**<br><br>*Bible History, tomo I*, (1876). Reimpressão, Grand Rapids Eerdmans 1949.<br><br>*The Life and Times of Jesus the Messiah*, (1883). Reimpresión, Grand Rapids Eerdmans 1967.<br><br>**Farrar, Frederic W**.<br><br>*The Life of Christ*, New York, Dutton, 1877.<br><br>**Fleetwood, John**<br><br>*The Life of Our Lord and Savior Jesus Christ*, New Haven, Galpin, 1844. |

**Geike, Cunningham**

*The Life and Words of Christ*, New York, Appleton, 1883.

**Hanna, William**

*The Life of Christ,* New York, American Tract Society.

**Harris, John**

*The Great Teacher, 2nd ed*., Amherst J. S. and C. Adams, 1836.

*The Great Teacher, 17th ed*., Boston, Gould and Lincoln, 1870.

**March, Daniel**

*Night Scenes in the Bible*, Philadelphia, Zeigler, McCurdy.

*Walks and Homes of Jesus*, Philadelphia, Presbyterian Pub. Committee, 1856.

## Quadros Comparativos de Amostra

### Nota: Os numerais entre colchetes [ ] indicam números de páginas.

| *The Spirit of Prophecy, Tomo 2.*<br><br>**E. G. White 1877.** | *The Life of Christ*<br><br>**William Hanna 1863.** |
|---|---|
| [67] Cristo diz virtualmente: Nas margens do Jordão, os céus se abriram diante de mim, e o Espírito desceu sobre mim como pomba. Essa cena no Jordão não era senão um sinal para evidenciar que eu era o Filho de Deus. Se crerdes em mim como tal, vossa fé arderá mais intensamente, e vereis abrirem-se os céus, e nunca se fecharão. Eu os abri para vocês, e os anjos de Deus, que estão unidos comigo na reconciliação entre a terra e o céu, unindo aos crentes na terra com o Pai no alto, ascenderão, levando as orações dos precisados e os afligidos desde a terra até o Pai no alto, e descendo, | [108] Ouvistes... nas orlas do rio, os céus se abriram por um momento por em cima de minha cabeça, e se viu ao Espírito descer sobre mim como pomba. Essa não era senão um sinal. Crede o que esse sinal se propunha confirmar; crede em mim como o Cordeiro de Deus, o Salvador do mundo, o que batiza com o Espírito Santo, e vossos olhos de fé serão estimulados, e vereis aqueles céus permanecerem continuamente abertos sobre minha cabeça - abertos por mim para vocês; e aos anjos de Deus... que levam a cabo o bendito ministério de reconciliação entre a terra e o |

<table>
<tr><td>trazendo bênçãos... para os filhos dos homens.<br><br>Os anjos de Deus estão sempre se movendo para acima e para abaixo desde a terra até o céu, e desde o céu até a terra. Todos os milagres de Cristo foram levados a cabo a favor dos afligidos e os sofrimentos pelo poder de Deus através do ministério dos anjos. Cristo condescendeu a assumir a humanidade, e assim, une seus interesses com os caídos filhos e filhas de Adão aqui abaixo, enquanto sua divindade se asse do trono de Deus. E assim Cristo abre a comunicação entre o homem e Deus, e entre Deus e o homem.</td><td>céu, entre ... os crentes abaixo e o Pai celestial acima... subindo e trazendo inumeráveis bênçãos, ascendendo e descendo sobre o Filho do homem.... Ver-me-eis nessa escada de toda engraçada comunicação entre a terra e o céu, fixando minha humanidade firmemente num extremo dessa escada à terra, em minha divindade no outro extremo dessa escada perdido entre os esplendores do trono.</td></tr>
<tr><td>The Spirit of Prophecy, Tomo 2.<br><br>E. G. White 1877.<br><br>[343] A Festa dos Tabernáculos se celebrava para comemorar o tempo em que os hebreus habitaram em lojas durante a peregrinação no deserto. Enquanto durava este grande festival, ao povo se lhe requeria que deixasse suas casas e vivesse em choupanas feitas de ramos verdes de pinheiro ou palmeira. Estas frondosas estruturas se erigiriam algumas vezes sobre os tetos das casas, e nas ruas, nos vales, e ao longo das ladeiras. Dispersas em todas as direções, estes verdes acampamentos apresentavam um aspecto muito pitoresco.<br><br>[344] A festa durava uma semana, e durante todo esse tempo o templo era uma cena festiva de grande regozijo.</td><td>Night Scenes in the Bible<br><br>Daniel March 1868 - 1870.<br><br>[363] Por sete dias consecutivos, Jerusalém estava atestada de milhares de fiéis em Israel... Viviam em choupanas ou tabernáculos de ramos verdes, construídas sobre os tetos das casas, nas ruas e vagas públicas, nos pátios do templo e das casas privadas, e para acima e para abaixo nos vales e ladeiras além dos muros da cidade. Todo o Morro Sião... estava tão espessamente sombreado por ramos verdes que à distância semelhava um bosque de palmas e pinheiros, de oliveiras e de mirtos. Sete dias estavam consagrados...</td></tr>
<tr><td>The Desire of Ages<br><br>Ellen G. White 1898.<br><br>[23] Assim, Cristo levantou seu tabernáculo em meio de nosso acampamento humano. Armou sua loja ao lado das lojas dos homens, para que pudesse morar entre nós, e familiarizar-nos com seu divino caráter e sua vida.</td><td>The Great Teacher<br><br>John Harris 1836, (1870 ea.)<br><br>[90] Vinho e levantou seu tabernáculo em meio do acampamento humano, armou sua loja ao lado das lojas nossas, para atestar a presença de Deus, familiarizar-nos com seu caráter, e fazer-nos sensíveis a seu amor.</td></tr>
<tr><td>The Desire of Ages<br><br>Ellen G. White 1898.<br><br>[83] Seria bom que passássemos uma hora, cada dia, contemplando pensativos a vida de Cristo. Deveríamos considerá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação capte cada cena, especialmente as finais. Ao deter-nos em seu grande sacrifício por nós, nossa confiança nele será mais constante, nosso amor será estimulado, e estaremos mais profundamente imbuídos de seu espírito.</td><td>Walks and Homes of Jesus<br><br>Daniel March 1856.<br><br>[313] No entanto, nos faria muito bem passar revista, com freqüência e solenemente, às cenas finais da vida terrenal do Salvador... Aprenderemos muitas saudáveis lições recordando e passando uma hora, pensativos num esforço por fortalecer nossa fé e estimular nosso amor ao pé da cruz.</td></tr>
<tr><td>The Desire of Ages</td><td>The Life of Christ</td></tr>
</table>

| **Ellen G. White 1898.** | **William Hanna 1863.** |
|---|---|
| [142] "De verdadeiro, de verdade vos digo: De aqui em adiante vereis o céu aberto, e aos anjos de Deus que sobem e descem sobre o Filho do Homem". .<br><br>Aqui Cristo diz virtualmente: Na orla do Jordão, os céus se abriram, e o Espírito desceu como pomba sobre mim. Essa cena não era senão um sinal de que eu sou o Filho de Deus. Se vocês crêem em mim como tal, vossa fé arderá mais intensamente. Vereis que os céus estão abertos, e que nunca se têm de fechar. Eu os abri para vocês. Os anjos de Deus estão ascendendo e descendo, trazendo bênçãos e esperança, valor, ajuda, e vida, aos filhos dos homens.<br><br>[143] Ao tomar sobre si a humanidade, nosso Salvador une seus interesses aos dos caídos filhos e filhas de Adão, enquanto por meio de sua divindade Ele se asse do trono de Deus. E assim Cristo é o meio de comunicação entre os homens e Deus, e entre Deus e os homens. | [108] "De verdadeiro, de verdade vos digo: De aqui em adiante, ou mais bem desde este momento em adiante, vereis o céu aberto, e aos anjos de Deus que sobem e descem sobre o Filho do Homem. Ouvistes que faz umas poucas semanas nas orlas do rio, os céus se abriram por um momento sobre minha cabeça, e se viu ao Espírito vindo sobre mim como pomba. Essa não era senão um sinal. Crede o que esse sinal se propunha confirmar; crede em mim como o Cordeiro de Deus, o Salvador do mundo, o que batiza com o Espírito Santo, e o olho de vossa fé será estimulado, e vereis esses céus abertos continuamente sobre minha cabeça - abertos por mim para vocês; e aos anjos de Deus - todos os seres e todas as coisas que levam a cabo o bendito ministério de reconciliação entre a terra e o céu... ascendendo e descendo sobre o Filho do Homem.... Me vereis nessa escada de toda engraçada comunicação entre a terra e o céu, minha humanidade fixando firmemente na terra um extremo dessa escada perdida em meio dos esplendores do trono." |

## Referências e Notas

1 . Ellen G. White, *The Spirit of Prophecy* (Battle Creek: Review and Herald, 1870-1884), tomo 2, p. 5.

2 . Robert W. Olson, "EGW´s Use of Uninspired Sources" [Uso de Fuentes Não Inspiradas por Parte de EGW], fotocopiada (Washington: EGW Está, 9 Novembro 1979, pp. 1-4, 7, 8.

3 . William S. Peterson, "Ellen White´s Literary Indebtedness" [A Dívida Literária de Ellen White], *Spectrum 3*, não. 4 (Outono 1971): 73-84. Desde o artigo de Peterson, outros apareceram em Spectrum cada ano desde 1971.

4 . De Neal C. Wilson para o Glendale Committee Sobre as Fontes de EGW, 8 de Janeiro 1980.

5 . De Jerry Wiley para Neal C. Wilson, 14 de Janeiro 1980.

6 . Donald R. McAdams, "Shifting Views of Inspiration" [Cambiantes Pontos de Vista Sobre a Inspiração], Spectrum 10, não. 4 (Março 1980): 38.

7 . *Ibid*., pp. 34-35.

8 . Glendale Committee, "Ellen G. White and Her Sources" [Ellen G. White e suas Fontes], fitas (28-29 de Janeiro de 1980), observações de McAdams.

9 . *Ibid*.

10 . McAdams, "Shifting Views," *Spectrum 10*, não. 4 (Março, 1980): 35.

11 . *Ibid*.

12 . EGW, *The Spirit of Prophecy*, tomo 4, suplemento citando uma carta de W. C. White para W. W. Eastman, 12 de Maio de 1969, pp. 545-46.

13 . *Ibid*., p. 535.

14 . Olson, "Ellen G. White and Her Sources," fitas de discursos ao Foro Adventista em Loma Linda, CA (Janeiro de 1979).

15 . De Olson para os Fideicomisarios do EGW Está, 29 de Novembro de 1978, pp. 1-2.

16 . *Ibid*., p. 5.

17 . Glendale Committee, fitas, 28-29 de Janeiro de 1980.

18 . Arthur L. White, "(Confidential) Comments on the Proposed Study of 'Desire of Ages,'" ["(Confidencial) Comentários Sobre o Proposto Estudo do '"Desejado de Todas as Nações'"] fotocopiada (Washington: EGW Está, 5 Dezembro de 1978).

19 . *Ibid*., p. 5.

20 . De W. W. Prescott para DF 198. W. C. White, 6 Abril de 1915 (Washington: EGW Está).

21 . McAdams, "Shifting Views," *Spectrum 10*, não. 4 (Outono de 1971): 36-37.

22 . Raymond F. Cottrell e Walter S. Specht, "*The Literary Relationship Between The Desire of Ages, by Ellen G. White, and The Life of Christ, by William Hanna"* [Relação Literária Entre *Desire of Ages*, de Ellen G. White, e *The Life of Christ*, de William Hanna], 2 pts., fotocopiado (Biblioteca, Arquivos, e Coleções Especiale da Universidade de Loma Linda, 1 de Novembro de 1979), pt. 2.

23 . *Ibid*., pt. 1.

24 . *Ibid*., pt. 1, pp. 3-4.

25 . McAdams, "Shifting Views," Spectrum 10, não. 4 (Outono 1971): 37.

26 . Cottrell e Specht, "The Literary Relationship Between EGW and WH," pt. 1, p 5.

27 . *Ibid.*

28 . Veja-se o Apêndice, Capítulo 6, Quadros Comparativos mostrando similitudes entre Ellen G. White e William Hanna.

29 . *Ibid.*

30 . *Ibid.*

31 . John Dart, "Adventists Cite Legal Opinion to 'Clear' Prophet of Plagiarism" [Os Adventistas Citam Uma Opinião Legal para 'Exonerar' à Profetisa de Plágio], *Los Angeles Times* (19 de Setembro de 1981).

32 . Raymond F. Cottrell, "Our Present Crise: Reaction to a Decade of Obscurantism" [Nossa Crise Atual: Reação a uma Década de Obscurantismo], rascunho fotocopiado.

33 . *Ibid.*

34 . [Anúncio editorial sem assinatura], *Adventist Review* (27 de Novembro de 1980).

35 . Fred Veltman, "Report to PREXAD on the E. G. White Research Project" [Relatório para PREXAD sobre o Projeto de Investigação a respeito de E. G. White]; fotocopiado (Angwin, CA Life of Christ Research Project, n. d. [Abril de 1981], p. 21.

36 . *Ibid*., p. 21.

37 . *Ibid*., p. 22.

38 . *Ibid*., pp. 24-25.

39 . [Anúncio editorial sem assinatura], "Ellen White´s Use of Sources" [Uso de Fontes por Ellen White], *Adventist Review* (17 de Setembro de 1981), p. 3. Também, entrevistas com o advogado Victor L. Remik, pp. 4-6, e Warren L. Johns, p. 7.

40 . De Peter C. Drewer para Neal C. Wilson, 27 de Maio de 1981 , p. 3.

41 . De D. Arthur Delafield para Peter C. Drewer, 24 de Junho de 1981, pp. 1, 5.

42 . *Ibid*., p. 5.

43 . [Seventh-day Adventists], *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (Washington: RHPA, 1957, pp. 89-90.

44 . W. C. White, "The Integrity of Testimonies," apresentado em College View; Nebraska, 25 de Novembro de 1905. EGW Está DF 10 i, pp. 7-8, 11.

---

## A Carta de Robert Olson

Ellen G. White Estate, Inc.
Proprietários de
Ellen White Publications

Conferência Geral de
Os Adventistas do Sétimo Dia
6840 Eastern Avenue, NW
Washington, D. C. 20012.
Tel. (202) 723-0800  Telex 89-580

Novembro 29 de 1978

W. P. Bradley    R. D. Graybill
D. A. Delafield    D. E. Mansell
P. A. Gordon    A. L. White

Queridos irmãos:

Desde nossa reunião ontem pela manhã, quando discutimos o nome de Jim Cox em relação com a investigação a respeito de *Desire of Ages*, duas de vocês me pediram que puséssemos algo por escrito que pudesse ajudar-nos a pensar um pouco como antecipação a uma ulterior discussão deste tema à próxima terça-feira, 5 de Dezembro.

Como todos vocês sabem, com o correr dos anos, diferentes indivíduos se interessaram em comparar os escritos da Sra. White com as obras de outros autores, e suponho que isto continuará sucedendo até o fim do tempo. Um dos mais recentes em prestar atendimento a este tipo de investigação é o Pastor Walter Rea, que é pastor na Southern Conferência Conference.

Faz como oito ou dez meses, o Pastor Rea me enviou uma cópia de algumas de suas investigações que, em sua opinião, demonstravam que Ellen White tinha dependido muito de Edersheim para algumas das coisas que tinha escrito em *Desire of Ages*, bem como para a organização mesma do livro em si, e o uso de muitos títulos de capítulo.

Naquela ocasião, escrevi-lhe ao Pastor Rea e lhe pedi que não seguisse adiante com nenhum plano para publicar suas descobertas até que eu tivesse a oportunidade de falar com ele pessoalmente no Acampamento da Southern Califórnia Conference que teria de ter lugar em Julho de 1978. O Pastor Rea esteve de acordo em seguida com esta sugestão. Quando assisti ao acampamento perto de Palmdale, Califórnia, em Julho passado, passei várias horas falando com o Pastor Rea, e obtive seu consentimento para deter o anúncio de seu trabalho até qualquer ponto até que nós mesmos tivéssemos tido a oportunidade de olhá-lo primeiro. Disse-lhe que, se ninguém no White Estate tinha tempo para levar a cabo uma investigação pessoal de seu trabalho, trataríamos de encontrar um erudito qualificado em alguma parte de nossas filas que pudesse fazê-lo por nós. Pareceu-me que isto deveria fazer-se em bem tanto de seus interesses como dos nossos. Os eruditos deveriam estar sempre abertos a receber críticas de seu trabalho, e isto deve fazer-se antes da publicação. O Pastor Rea acedeu a dar-nos todo o tempo que precisemos antes de dar qualquer outro passo por sua conta.

Enviei-lhe uma cópia Xerox do trabalho do Pastor Rea ao Pastor Kenneth Davis do Southern Missionary College. O Pastor Davis indicou que está disposto a ajudar-nos neste projeto de investigação. O Pastor Davis dita um curso sobre "A Vida de Cristo" no SMC, e por muitos anos usou o livro de Edersheim "The Life and Times of Jesus the Messiah" [Vida e Tempos de Jesus, o Messias] em relação com o ensino de sua classe. Deveria poder produzir um relatório no verão de 1979. O trabalho do Pastor Davis não lhe custará nada ao White Estate.

Por meio de Jim Nix em Loma Linda e Ed Turner na Universidade de Andrews, inteirei-me de que alguém na área de Loma Linda está comparando *Desire of Ages* com o livro de Hanna "The Life of Christ." Jim Nix me disse que ele viu o livro de Hanna e que está profusamente sublinhado tanto em vermelho como em azul, e que se supõe que esta é a mesma cópia do livro que se usava no escritório do White Estate quando a Sra. White preparava seu livro Desire of Ages. Jim Nix fez uma cópia Xerox deste livro e no-la enviou, assim que a temos aqui em nosso escritório. Não sei até onde se está comentando este relatório em particular em Loma Linda, mas, de acordo com Jim Nix, várias pessoas estão falando dele. Ed Turner me deu essencialmente o mesmo relatório faz quatro semanas, quando falei com ele na Universidade de Andrews. Perguntei-lhe a Ed se podia dizer-me quem era este indivíduo, e me contestou que não podia. "Se soubesses quem é, entenderias por que não te posso dizer seu nome." Lhe perguntei a Ed se a pessoa era um leal Adventista do Sétimo Dia ou não. Sua resposta foi que eu provavelmente o consideraria como alguém mais ou menos à margem. Aparentemente, este indivíduo desconhecido, que possui uma cópia de "Life of Christ," de Hanna, é um tipo de pessoa mais bem intelectual que tem fortes sentimentos contra o White Estate. Pelo menos, eu cheguei a esta conclusão depois de falar com Ed Turner.

Ed também me falou de um profissional, um dentista, segundo recordação, que vivia na área de Victorville, ao norte de Loma Linda, que, a partir de seu próprio estudo pessoal através dos anos, tinha-se familiarizado muito com *Desire of Ages*. Este profissional tinha tido acesso recentemente a "Life of Christ," de Hanna, e depois de lê-lo, disse-lhe a Ed que estava "maravilhado" de ver o estreito parecido que descobriu entre Hanna e Ellen White.

Quando estive em Andrews faz quatro semanas e me reuni com os estudantes de Doutorado em Teologia, bem como com a faculdade, a quinta-feira, 26 de Outubro, desde as 12h30min até as 2h30min p.m., encontrei-me com que tinha que contestar todo tipo de perguntas, incluindo algumas relacionadas com *Desire of Ages* e a possível dependência da Sra. White de outros autores para o que tinha escrito nessa obra. O único que pude dizer-lhe aos estudantes e à faculdade foi que nós éramos conscientes das afirmações que se estavam fazendo, que estávamos tão ansiosos como qualquer outra pessoa de saber quais eram os fatos, e que estimularíamos qualquer investigação que se fizesse e que nos

conduzisse a um entendimento mais pleno da situação. Disse-lhes do que o Pastor Walter Rea tinha trabalhado algo nesta área, e que a mim, pessoalmente, parecia-me que a investigação não era adequada o bastante para nos dar nenhuma conclusão final. Disse que nós no White Estate simplesmente não tínhamos o pessoal necessário para fazer este tipo de trabalho, além de cumprir com todas nossas outras responsabilidades. E lhes disse que esperávamos poder encontrar ajuda desde dentro da faculdade mesma do Seminário, para que nos ajudassem nesta obra. Olhei diretamente a Jim Cox, que estava sentado como a quinze pés[1], testa a testa comigo, e lhe disse: "Jim, espero que você e os de teu departamento possam ajudar-nos nesta investigação para que possamos reconhecer os fatos, quaisquer que sejam, e terminar com os rumores infundados."

Eu não lhe tinha dito a Jim nem uma palavra sobre o assunto antes desse momento, e crio que o deixei estupefato com meu comentário. Por suposto, eu estava inteirado de que ele se tinha acercado a Rum Graybill anteriormente e expressado interesse em levar a cabo esta classe particular de trabalho.

Pareceu-me que, desde um ponto de vista psicológico, seria bom que nós não fôssemos arrastados a esta classe de programa de investigação, senão que ajudássemos a fomentá-lo. Com freqüência, os eruditos Adventistas são do parecer de que nós os diretores do White Estate em realidade não estamos interessados numa investigação séria neste sentido. Têm a impressão de que provavelmente sentimos temor do que poderíamos encontrar. A mim satisfaria dissipar esta idéia das mentes de nossos instrutores bíblicos Adventistas, se é possível.

Qualquer que seja a atitude que assumamos nesta oportunidade, eu não crio que impeçamos que continue esta classe de investigações. Poderíamos desejar que cessassem todas essas investigações, mas estou seguro de que o desejar não produzirá nenhum resultado dessa classe Parece-me que temos só duas alternativas. Uma é que, de uma ou outra forma, envolvamo-nos na investigação. A segunda é que nos retiremos dela por completo, e simplesmente reajamos ao trabalho de outros depois de que tenham terminado sua investigação. Se aceitarmos a segunda alternativa, temo-me que afetará nosso grau de credibilidade aos olhos de nossos instrutores bíblicos.

Dito seja de passagem, Rum Graybill me mencionou que, em relação com a solicitação que se lhe fez para que visitasse a Igreja Green Lake em Seattle, Washington, para um fim de semana dedicado ao Espírito de Profecia, já se lhe fez saber que vários membros da igreja de ali têm perguntas relativas ao uso de fontes na preparação do livro *Desire of Ages*. Parece que, goste-nos ou não, esta questão se está discutindo mais e mais amplamente. Pessoalmente, crio que nos conviria a nós aqui no White Estate ajudar a fomentar alguma classe de investigação séria que conduza a respostas definitivas para as perguntas que estão surgindo. Na atualidade, não sabemos como responder às muitas perguntas que nos estão chegando sobre este ponto, e não desejo dar a impressão de que tememos aos fatos Parece-me que a verdade não tem nada que perder com a investigação.

Mais tarde na tarde da quinta-feira 26 de Outubro, passei como uma hora com Jim Cox em seu escritório no edifício do Seminário, revisando alguns detalhes da linha de investigação que ele seguiria, se é que ia ocupar-se neste projeto para nós. Expliquei-lhe que estávamos interessados em saber exatamente quais livros usou Ellen White como ajudas quando escreveu *Desire of Ages* e até que ponto se usou estes livros. Em outras palavras, que tipo de material extraiu ela dos livros? Foi cronológico? Geográfico? Cultural? Histórico? Por suposto, o mais importante que desejamos saber é em que ponto difere a Sra. White de seus contemporâneos. Eram estas diferenças no enfoque geral e o tom? Pedi-lhe que, em particular, procurasse contribuições teológicas e lições espirituais que se encontravam em Desire *of Ages* e que não se encontravam em nenhuma outra parte.

Se Jim tem de fazer um trabalho consciencioso para o White Estate nesta área, será necessário que cooperemos com ele proporcionando-lhe informação de nossa abóbada, que agora está disponível para ele. Refiro-me à correspondência da década de 1890, que nos daria indícios tanto quanto acerca de quem eram as assistentes literárias de Ellen White quando trabalhava em Desire *of Ages*, como um pouco de a natureza de seu trabalho. Também seria útil ter qualquer comentário que estas empregadas tenham feito, especialmente Marian Davis. Também seria útil proporcionar-lhe a Jim declarações de W. C. White, H. Camden Lacey, Doures Robinson, e possivelmente outros, que poderiam arrojar luz sobre quando e como se levou a termo o trabalho do *Desire of Ages*. Também poderia ter informação recolhida dos diários e cartas de Ellen White, que proporcionem detalhes informativos adicionais.

Jim me disse que precisaria pelo menos seis meses para fazer o trabalho que, segundo, ele seria necessário, e que só tinha uma permissão de três meses, que lhe tocava tomar no semestre de outono de 1979. Disse que estava vivamente interessado nesta tarefa em particular, e que se sentiria feliz de usar sua permissão de três meses para trabalhar nela, mas que não poderia fazê-lo a não ser que a administração da Universidade de Andrews lhe concedesse outros três meses

[1] Cerca de 4,57m

sem nenhuma responsabilidade de ensinar, para poder passarem-se seis meses consecutivos trabalhando neste projeto. Mais tarde, nesse mesmo dia, conversei a respeito do assunto com Tom Blincoe e Grady Smoot. Ambos os se mostraram favoráveis à idéia nesse momento, mas, por suposto, não quiseram fazer nenhum compromisso que envolvesse três meses do tempo de Jim Cox. Quando estive ali, não falei com Dick Schwartz, porque estava no hospital. No entanto, faz como duas semanas, os doutores Smoot, Schwartz, e Blincoe se reuniram e discutiram nossa solicitação. Depois de sua reunião, Dick me disse por telefone que estavam dispostos a participar no projeto dando-lhe a Jim Cox os três meses de tempo extra que seriam necessários. Dick me recordou que Jim não sempre desfrutou da mais favorável reputação. Disse-lhe do que eu o sabia, mas que me parecia que se Jim era o bastante bom para ser chefe do Departamento de Novo Testamento em nosso único Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, também era o bastante bom para fazer-nos este trabalho de investigação. Expliquei-lhe que, enquanto estive ali, tinha falado com Jim em duas ocasiões durante um total de duas horas e média, e que me parecia que podia confiar em sua atitude. Dick me assegurou que podíamos contar com a cooperação da administração da Universidade de Andrews. Assim que todo se está movendo agora nesta direção, a não ser que se faça algo para detê-lo. Na próxima reunião da Junta Diretora da Universidade de Andrews, o Dr. Smoot lhe pedirá à Junta que autorize a Jim a usar os meses de janeiro, fevereiro, e março de 1980 para ocupar-se neste projeto em particular. No semestre de inverno de 1980, Jim estaria livre de toda responsabilidade de ensinar.

Incluo cópias das cartas que escrevi ao Sr. Smoot, o Dr. Blincoe, e o Dr. Cox, bem como uma carta recebida do Dr. Smoot mencionando este assunto. Sua carta foi escrita só uns poucos dias antes que Dick Schwartz me telefonasse dando a aprovação deles.

Agora, pode ser que eu cometesse um erro ao olhar diretamente a Jim Cox durante a reunião da quinta-feira pela tarde e lhe pedisse sua ajuda abertamente. Só o Senhor sabe se fazer isso foi o correto ou não. A pergunta diante de nós agora é: Agora para onde vamos desde aqui? Como eu o vejo, temos as seguintes alternativas:

1 . Poderíamos decidir que não temos nada que ver com nenhum programa de investigação neste sentido, e informá-lo assim a nossos irmãos de Andrews. Isto significaria que qualquer coisa que Jim desejasse fazer seria por sua conta, e pareceu-me que, de todos os modos, ele se ocuparia em alguma investigação neste sentido por sua própria conta devido seu interesse no tema e o fato de estar constantemente ensinando no campo dos evangelhos.

2 . Poderíamos informar às autoridades de Andrews que decidimos fazer esta investigação nós mesmos aqui no White Estate em Washington e que, por essa razão, não precisaremos nenhuma ajuda em absoluto de sua faculdade. Não crio que ninguém em Andrews nos critique se decidimos seguir este procedimento.

3 . Poderíamos informar ao Dr. Smoot e a seus colaboradores que nos gostaria receber ajuda da faculdade de Novo Testamento de Andrews, mas que não cremos que a investigação deva fazê-la o chefe desse departamento. Poderíamos dizer-lhes que temos dúvidas a respeito de Jim e que, apesar de que se fizeram certos arranjos, cremos que devemos procurar a um dos sócios dele para que faça a investigação antes que se confiar ao mesmo Jim.

4 . Poderíamos patrocinar o plano que já foi lembrado por nossos colegas de Andrews, Rum Graybill, e eu mesmo. Poderíamos erigir qualquer dispositivo de segurança que nos pareça necessário para proteger os interesses do White Estate. Penso que foi o Pastor White quem mencionou que poderíamos designar a um comitê para que trabalhasse com Jim tão estreitamente como fosse possível para garantir que os interesses do White Estate estejam protegidos em todo momento.

Pessoalmente, não vejo luz em nenhuma das três primeiras propostas. Idealmente, possivelmente deveríamos fazer a investigação aqui em nosso próprio escritório. Mas simplesmente não podemos fazer isto por falta de pessoal adequado. Simplesmente, não temos a ninguém no escritório que possa deixar por seis meses o que está fazendo para cumprir com a exigência que já foi lançada sobre nós com nosso convite.

A única alternativa que me parece ter sentido é a última. O tempo de Jim não lhe custará nada ao White Estate, e crio que podemos permanecer o bastante perto dele para que as conclusões a que ele chegue sejam essencialmente as mesmas às que nós chegaríamos se nós mesmos fizéssemos o trabalho. Poderíamos pedir-lhe a Jim que preparara um relatório cada dois ou três semanas para um comitê composto de pessoas como Tom Blincoe, Roy Graham, o Dr. Murdoch, Dick Schwartz, e Raoul Dederen. Possivelmente, Dick Schwartz poderia ser o presidente desse comitê.

Depois que tivermos discutido este assunto em nossa reunião de pessoal, em 5 de dezembro, possivelmente estejamos em condições de fazer uma recomendação à Junta quando esta se reunir em 7 de dezembro.

Com meus melhores desejos.
Sinceramente,
[assinado Bob]
Robert W. Olson, Secretário.
RWO/nc
Enc.

## Capítulo 7.
## Nova Luz de White

### Os Atos dos Apóstolos

---

O fundamento para a reinterpretação Adventista da história antiga e a doutrina foi lançado com *Patriarchs and Prophets* (1890), que se converteu assim na pedra angular da teologia e da geologia Adventistas. Depois, *Desire of Ages* (1898) teria de converter-se na pedra chave no arco da cristologia Adventista do Novo Testamento. Depois, o jogo mais importante de conchinhas de "agora o vês, agora não o vês" teve lugar com outro livro, *The Acts of the Apostles (Atos dos Apóstolos)* (1911), o subproduto de *Sketches from the Life of Paul (Esboços da Vida de Paulo)* (1883), e ainda antes, *The Spirit of Prophecy (O Espírito de Profecia)* (tomo três, 1878), teria de se erigir em monumento ao disparate Adventista da mentira branca.

Muitos Adventistas ouviram falar algo do conflito a respeito de *Sketches from the Life of Paul*. Tinha sido publicado em 1883 e apresentado à igreja e ao público como a maior fonte de informação inspirada sobre a vida de Paulo desde que Lucas escreveu o Livro dos Atos. O prefácio dava a pauta:

> A escritora deste livro, tendo recebido ajuda especial do Espírito de Deus, está em capacidade de arrojar luz sobre os ensinos de Paulo e sua aplicação para nosso tempo, como nenhum outro autor está preparado para fazê-lo. Ela não se permitiu a si mesma discutir teorias nem especular. Não se introduziu nenhum material estranho. Em conseqüência, muito do que está conteúdo em outros livros, que é interessante para os curiosos e tem certo valor, mas que é, depois de todo, pouco mais do que teoria, não encontra cabida neste livro.[1]

Claramente, esta viagem rápida de Paulo, nos seus cerca de sessenta anos plenos, ira salvar os baixios da especulação humana, que tinham feito encalhar a outros escritores antes de Ellen. Em anos posteriores, se argumentaria que ela não escrevia o prefácio de seus livros e que, com freqüência, também não escrevia as introduções - o que pode ser, mas se é assim, destrói o argumento de que ela estava sempre em controle e sempre supervisionava o produto terminado. Ou Ellen apoiou essa afirmação, ou não a apoiou; mas, em todo caso, a declaração é útil para examinar o que sucedeu depois da publicação.

O livro experimentou dificuldades quase em seguida tanto dentro como fosse da igreja. Francis D. Nichol, que mais tarde foi o apólogo de Ellen, fez o melhor do que pode para calar quaisquer maus rumores e adiantar-se a qualquer nova crítica contra a profetisa.[2] Para dar-lhe a Nichol o crédito que merece, quiçá estivesse tratando de salvar algo que era difícil de salvar. Teve problemas com esta tarefa quase desde o princípio. Alguns eruditos consideram a defesa inadequada e inexata.[3] A dizer verdade, alguns sugeriram que o nome de Arthur White deveria ter sido incluído como colaborador. O livro de Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* [Ellen G. White e Seus Críticos], escreveu-se para continuar a evasão da realidade com a lenda de Santa Ellen, reordenando os fatos para negar que Ellen fora sempre qualquer coisa, menos ética, em sua maneira de escrever. Um observador disse que

> Nichol não fez públicos todos os documentos vitais que possuía. Conhecia a devastadora evidência da carta da Sra. White para Bates em 1847 [concernente à porta fechada], mas não disse nada a respeito de isso.[4]

Se esta informação é verdadeira, então, que objetividade poderia Nichol contribuir às idéias que expôs em relação com *Sketches from the Life of Paul*? Que tenha existido ou não uma ameaça de demanda judicial, o livro foi retirado da circulação, dando cada lado do debate diferentes razões para seu esgotamento. O livro não esteve disponível novamente até que se publicou uma reprodução em fac-símile noventa e um anos mais tarde.

O grande alvoroço a respeito do livreto pode contar-se de uma maneira simples. O método de escrever seguia o modelo que já se tinha estabelecido, e não há dúvida de que o material foi roubado de outras fontes. Teve queixas de que *Sketches* soava muito parecido a The *Life and Epistles of St. Paul,* escrito por W. J. Conybeare e J. S. Howson. Ainda que as similitudes fossem negadas nesse tempo, um exame posterior mostrou que a crítica tinha fundamento. Usou-se uma comparação de por centos para tratar de reduzir ao mínimo o fato da dependência.

Um estudo efetuado por H. Ou. Olson[5] em princípios de 1940 foi a base para o material no livro de Nichol que defendia Ellen. Olson apresentou páginas e páginas de comparações, mas só informou de citações diretas ou palavras similares. A verdade é que Ellen tinha usado material do outro autor quase sem interrupção. Comparações mais recentes indicam do que a paráfrase do livro de Conybeare e Howson é evidente na estrutura as palavras, os parágrafos, e até as páginas do material – quase sem dar-lhe a Deus oportunidade, em muitos casos, de inserir uma palavra transversalmente.[6] Até a cor local e o vocabulário de Ellen são limitados em alguns capítulos.

Apesar dos truques na preparação do livro, as conhecidas críticas, e o fato de que tinham transcorrido noventa anos, a reimpressão do facsímile se fez em 1974 sem mudanças nem confissões. No novo prefácio da edição em fac-símile, os fideicomissários diretores do White Estate ainda louvavam os méritos do livro como se não tivessem aprendido nenhuma lição nos passados cem anos:

> Ao começo, um leitor observou que, em seus trinta e dois capítulos, tinha "muitos pontos que não se mencionam no Novo Testamento" - mais de 750 deles. George I. Butler, presidente da Conferência Geral, escreveu emotivamente no *Review and Herald* depois de ler o livro:
>
> > Há passagens nele que tocaram nossos corações no mais profundo, e fizeram brotar lágrimas de nossos olhos. Terminamos de ler suas páginas com uma muito grande admiração pelo caráter e a vida deste devoto apóstolo, e com um claro sentido do poder da religião de nosso Senhor e Salvador para ajudar e enobrecer a humanidade débil e caída. - *Review and Herald*, Julio 24, 18833.[7]

Para uma igreja que sempre lhe tinha dito ao público que nada deveria adicionar-se ao Cânon, mais ou menos uns poucos pensamentos, 750 novas adições seriam impressionantes até para um livro escrito por Ellen.

A admissão por parte de H. Ou. Olson de que ela tinha copiado material era compreensível. Mas, como um dos que estavam inteirados, ele tinha informação confidencial adicional que Nichol não usou em seu livro. Olson também tinha feito um estudo sobre outro autor que Ellen e seu grupo consideraram útil, porém, como de costume, não haviam antes reconhecido. Ao documento foi dado o pesado título de "Comparações Entre 'The Life and Works of Paul', escrito por Farrar, e 'Sketches from the Life of Paul,' escrito pela Sra. E. G. White, Para Estabelecer Se o Último Dependeu do Primeiro." O estudo era uma verdadeira promessa. As comparações se fizeram circular entre os membros da igreja no campo, com a particularidade de que lhes faltava a primeira página. Essa página dizia:

> Não se leu cuidadosamente e não se fez nenhuma comparação entre "The Life and Works of Paul," escrito por Farrar, e "Sketches from the Life of Paul," escrito pela Sra. E. G. White, como no caso entre esta última e "Life and Epistles of the Apostle Paul," escrito por Conybeare e Howson; *senão que se utilizou um dia* num esforço para estabelecer se alguma parte do livro da Sra. White estava baseado no livro de Farrar. Em especial, comparei as seções de "Sketches from the Life of Paul," que não tinham citações de "Life and Epistles of the Apostle Paul."[8]

Apesar de todas as lições do passado, e como para seguir um modelo de não ver, Olson continuou restringindo-se, como outros que vieram depois. Ninguém parecia querer reconhecer a mercadoria roubada na casa de empenhos de Ellen, porque os futuros investigadores parecem ter-se feito eco de Olson quando diz na primeira página de seu documento:

> No capítulo no tomo I da obra de Farrar que trata da obra em Corinto, encontrei duas passagens dos quais *se tinham citado* possivelmente *três e cinco palavras*, respectivamente, e na seção no tomo II, que trata de Nero, encontrei quatro passagens, com um total de cento *cinco palavras que eram as mesmas que se encontravam na seção* correspondente do livro da Sra. White. [A cursiva foi adicionada].

Uma ou outra vez, os que estavam incluídos no Plano do Clã da igreja se apressaram a emitir juízos para salvar a Ellen – fechando os olhos às paráfrases ou o uso livre nas adaptações de material alheio. Assim contribuíram a manter viva a mentira branca.

No entanto, houve alguns contemporâneos de Ellen que viam o que ocorria quando Ellen e seu grupo faziam arder o azeite de meia-noite bem entradas as horas da madrugada. [10] Arthur G. Daniells, (presidente da

Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1901 até 1922), quando se lhe pediu que explicasse aquelas luzes do norte que com freqüência alumiam o material alheio, apresentou alguma justificativa do problema durante a Conferência Bíblica de 1919, na qual se fizeram esforços para enfrentar-se aos escritos de Ellen. Como muitos dos membros do clã que ainda queriam trabalhar para o sistema, tomou o caminho mais fácil em sua explicação:

> Si; e agora considerem esse livro "Life of Paul," – suponho que todos vocês o conhecem, bem como as afirmações que se fizeram contra ela, acusações de plágio, até pelos autores do livro, Conybeare e Howson, que provavelmente causariam problemas à denominação porque uma porção tão grande de seu livro foi posto em "The Life of Paul" sem dar nenhum crédito nem usar aspas. Algumas pessoas de lógica estrita poderiam exagerar sobre essa base, mas eu não sou assim. Encontrei-o, e li-o com o Irmão Palmer quando o encontrou, e obtivemos o de Conybeare e Howson, e também "History of Reformation," de Wylie, e l*emos palavra por palavra, página depois de página, e não encontramos nem citações nem créditos,* e realmente não soubemos a diferença até que começamos a compará-los. *Supus que era o trabalho da própria Irmã White*. A pobre irmã disse: Vá, eu não sabia nada de citações nem de créditos. Minha secretária deveria ter-se encarregado disso, e a casa publicadora deveria ter-se encarregado disso."[A cursiva foi adicionada].[11]

Ellen deve ter aprendido bem sua lição de Eva, que culpou à serpente por sua queda. É difícil crer, ainda em 1883, em seu plano de reescrever a história e a teologia a partir de outros autores, que Ellen não soubesse a diferença moral e ética em áreas tão delicadas quando, de acordo com ela, Deus estava a seu lado todo o tempo enquanto ela fazia o que fazia. Se, como assegurava Ellen, Deus lhe estava dando contínua informação a respeito da roupa suja dos membros da igreja, seguramente deve ter-lhe dado informação confidencial a respeito da delicadeza de dar crédito quando usava material alheio.

A maior parte dos livros e materiais posteriores de Ellen chegou depois do que se lhe tinha informado do problema com *Sketches from the Life of Paul* e depois da já mencionada confissão de ignorância. É assombroso que nem ela, nem seus ajudantes, nem a igreja dessem jamais nem um ápice de crédito a ninguém, até a edição de 1888 de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*. Ainda então, fez-se de maneira tão improvisada, que teve que ser melhorada na edição de 1911.

A Daniells não lhe gostou o que viu. Mas, sendo bom político, tinha aprendido a não dizer nada bem. Em 1919 , expressou honestamente a seguinte convicção:

> Ali vi a manifestação do humano nestes escritos. Por suposto, eu poderia ter dito isto, e o disse, que desejava que se tivesse tomado um rumo diferente *ao compilar os livros*. *Se se tivesse tido o devido cuidado, se teria evitado que muita gente se descarrilasse*. [A cursiva foi adicionada].[12]

Mas não se teve o devido cuidado. Em realidade, as afirmações de Ellen e de seus escritos se voltaram ainda mais abarcantes e extremas, e até a data há gente que está sendo "descarrilada."

Mas Daniells estava tendo problemas com algo mais do que com *Sketches from the Life of Paul*. Na mesma Conferência Bíblica de 1919, teria de dizer-lhes aos presentes (a maioria dos quais revelaram sofrer de tortura mental a respeito da infalibilidade e o plágio de Ellen) que tinha visto outros problemas em outros livros:

> Em Austrália, vi preparar "The Desire of Ages," e reescrever capítulos, alguns deles uma e outra e outra e outra vez. Vi isso, e quando lhe falei à Irmã Davis a respeito de isso, digo-lhes que tive que me enfrentar com isto e começar a estabelecer coisas em relação com o espírito de profecia. *Se nunca se tivessem tomado estas falsas posições*, o assunto teria sido muito mais singelo do que é hoje. Todo o que foi objeto da acusação de plágio se teria simplificado, e *crio que homens teriam sido salvados para a causa* se desde o começo

> tivéssemos entendido isto como deveria ter sido. *Sustentando esses falsos pontos de vista, temos dificuldades para endereçar as coisas. Não nos enfrentaremos a essas dificuldades recorrendo a uma falsa afirmação.* [As cursivas foram adicionadas].[13]

Daniells não falava de "inspiração verbal," como alguns querem fazer-lhe crer à gente. Sabia, como outros o tinham sabido antes que ele, que alguns dos que estavam ao redor de Ellen haviam usado o privilégio editorial e licença para incorporar alguns de seus próprios pensamentos. Ellen não estava em controle todo o tempo. Daniells a tinha visto soltar as rédeas e ter menos controle com o correr do tempo. Ele conta sua preocupação:

> Visitei-a uma vez para lhe falar a respeito de este assunto do "contínuo," e levei comigo aquele velho gráfico... e coloquei-o sobre seu regaço, e tomei "Early Writings" e li-o, e então lhe falei da controvérsia. Passei muito tempo com ela. Era um de seus dias em que se sentia alegre e descansada, assim que lhe expliquei com bastante detalhe. Disse-lhe: "Agora, aqui você diz que se lhe mostrou que o ponto de vista que os irmãos sustentavam a respeito do "contínuo" era correto. Agora, há duas partes aqui neste 'contínuo,' que você cita. Um é este período de tempo, os 2300 anos, e o outro é o que era o mesmo 'contínuo.' "
>
> Revisei-o junto com ela, e cada vez que eu chegava a esse assunto, ela dizia: "Prossiga, eu *sei* o que se me mostrou, que esse período de dias era fixo, e que não teria nenhum tempo definido depois disso. Os irmãos estavam na verdade quando chegaram à data de 1844."
>
> Então eu deixei isso, e continuei com este "contínuo." Ela disse: "Prossiga, irmão Daniells, eu não sei o que é esse 'contínuo,' se é paganismo ou o ministério de Cristo. Isso não é o que se me mostrou." E em seguida regressava a essa zona crepuscular.[14]

Há quem crêem que Daniells se meteu em águas profundas tratando de reduzir a velocidade da lenda de Ellen, e que foi despedido pelos verdadeiros crentes em 1922 em parte a causa dos rumores de sua falta de fé em Ellen e em seus escritos.[15] Esta pode ser ou não uma correta interpretação do que passou. No entanto, um por um, os que melhor conheciam a Ellen e estavam mais perto dela no mundo real, com freqüência eram disciplinados quando não podiam seguir seus escritos no mundo irreal, onde sua ficção era considerada como fatos e sua fantasia como verdade. Ellen não exigia que todos vissem o que ela via, mas era necessário que *cressem* que ela tinha visto o que dizia que tinha visto.

Mas a parte imensamente importante do jogo de mãos era que ninguém deveria vir ver *onde* ela viu o que diz que viu. O verdadeiro truque consistia em convencer, a todos e a cada um deles, de que a maior parte da mercadoria do que ela vendia era nova e de primeira mão. Com a ajuda de Ellen, a igreja vendeu esta mentira branca a si mesma e vendeu-a a todos os demais que queriam comprá-la – e continuou vendendo-a até o dia de hoje. Como se está publicando material novo a uma velocidade alarmante, mostrando que a mercadoria era e é substancialmente de segunda e ainda de terceira mão, Ellen está em condições de converter-se, em grande parte, em compiladora de material alheio antes que em autora ou empresária de mercadoria divina.

À luz do material da Conferência Bíblica de 1919, que foi dado à luz pública só em anos recentes - não de boa fé pelo White Estate, senão por particulares – seria temerário argumentar, como fazem alguns, que ninguém sabia o que sucedia no closet dos escritos de Ellen; porque, se o tivessem sabido, se o teriam dito aos demais.

Em realidade, *si teve* gente que o disse. Mas os que o fizeram não foram recompensados por seus esforços: Stewart, Sadler, os Kellogg, Ballinger, Canright, Colcord, Smith, e Daniells, entre outros. Mais tarde, as assistentes de Ellen - Fannie Bolton, sua sobrinha Mary Clough, e até Marian Davis, seu leal empregada editorial, que trabalhou para ela por mais tempo - se revelariam preocupadas e nervosas por sua participação no copiado de Ellen. Ainda mais tarde, nos inteiraríamos de que as preocupações de Lacy, Prescott, e outros foram também ignoradas, e que suas perguntas ficaram para pôr perplexas e tentar às mentes inquisitivas de hoje dia.

Um por um, cada um deles foi persuadido por meio de uma "repreensão," um "depoimento," um conselho, e a confrontação, e seus testemunhos minimizados.[16] Como Uriah Smith o tinha averiguado antes deles, não era aconselhável revolver muito a casa de empenhos de Ellen olhando as etiquetas de sua mercadoria para ver se era de primeira ou de segunda mão. Alguns dos que o fizeram foram silenciados, mudados de lugar, ou rejeitados como não aptos para Deus ou sua obra. Ellen e seus "verdadeiros crentes," os custódios das chaves, tendo inventado a idéia da porta fechada em 1844, estavam decididos a mantê-la fechada para todos, menos para os que jurassem que criam de que Ellen, e só Ellen, tinha visto o que tinha visto, e que ninguém, mas ninguém, tinha visto nunca dantes. Ela afirmaria que não tinha visto nem lido o livro *Paradise Lost*, de Milton.[17]

> **Sei que a luz que recebi vem de Deus, não me a ensinou homem algum. 18. Não li nenhuma obra sobre a saúde senão depois de ter escrito *Spiritual Gifts*. 19. Minhas visões foram escritas independentemente dos livros ou as opiniões de outros.[20]**

Ellen nunca se resignou a reconhecer a influência humana em seus escritos. AOS que viam as coisas de maneira diferente jamais se lhes permitiu admitir o que viram ou souberam – a base de todo mudança para melhorar. Tinha que manter a lenda de que a relação entre Deus e Ellen era tão estreita que nada poderia jamais se interpor entre eles. E Ellen White ajudou a fomentar e a manter essa lenda. Os que expressavam em voz alta sua preocupação pelo que viam eram declarados "suaves" a respeito de Ellen e tratados em conseqüência. A lista dos que receberam notícias do desagrado de Deus por meio da pluma de Ellen é longa.[21]

Ainda hoje, mediante juramento, fazem-se esforços para evitar que os mestres e dirigentes das igrejas locais expressem reservas com respeito a Ellen e a seus escritos. A continuação, um exemplo desse tipo de juramento, enviado aos membros de igreja o 3 de Outubro de 1980:

**A junta de pastores da igreja de Aurora recomendou que se lhe envie esta carta a cada um dos membros. Sirva-se ler com cuidado.**

**Queridos membros:**

**A igreja de Aurora é membro da irmandade de igrejas da Conferência dos Adventistas do Sétimo Dia de Colorado. Foi organizada para pregar o evangelho e sustentar os ensinos da igreja Adventista do Sétimo Dia. Nas Escrituras, se lhe adverte à igreja que deve "estar alerta" contra indivíduos ou ensinos que possam entrar e desbaratar a unidade ou apartar aos membros das crenças da igreja.**

**A igreja Adventista do Sétimo Dia não tem credo, mas sim tem uma declaração de crenças que foi adotada como a base de sua existência. A declaração de crenças foi reafirmada na recente Conferência Geral [1980]. Mais recentemente, os dirigentes e eruditos adotaram uma declaração de consenso que proporcionava um forte apoio à posição oficial da igreja sobre os ensinos relativos ao santuário e o ministério profético de Ellen G. White.**

**Para preservar a unidade e manter o ordem, a igreja de Aurora deve solicitar-lhes aos dirigentes e aos que ocupam postos no ministério do ensino que se assinem às crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. Se um maestro ou dirigente não pode fazer isto a consciência neste momento, pedimos-lhe que renuncie a seu posto voluntariamente. Pedimos-lhe isto num espírito de amor, crendo que esta seria a resposta cristã de parte da pessoa que se encontre em desacordo com os ensinos da igreja.**

**Reconhecemos que Deus deu certos dons a indivíduos. Estamos tratando de usar estes dons para a glória de Deus. Esperamos que cada um de nossos dirigentes e maestros reconheça sua lealdade à igreja e seus ensinos, e que continue cumprindo com suas obrigações.**

**17. O Dom de Profecia.**

**Um dos dons do Espírito Santo é o de profecia Este dom é uma marca que identifica à igreja remanescente, e se manifestou no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma fonte contínua e autorizada da verdade, e proporcionam à igreja consolo, guia, instrução, e correção. Ademais, seus escritos dizem claramente que a Bíblia é o modelo pelo qual se tem de provar toda doutrina e toda experiência. [A cursiva foi adicionada].[22]**

Quiçá mais do que qualquer outro documento, esta carta mostra quão necessário foi e continua sendo que a igreja use a força e a pressão para manter a posição de Ellen na igreja. Também expressa com clareza que o céu Adventista é um céu de Ellen G. White, e que os que vão ali terão que comprar seu boleto das santas concessões da igreja que se vendem na casa de empenho de Ellen.

E, no entanto, nem uma só vez, nem sequer em interesse da justiça ou da honestidade, deu-se-lhe crédito a ninguém por sua contribuição concernente aos escritos que a igreja ora promove como "o espírito de profecia." Algumas vezes se mencionou aos obreiros, mas sempre se negou a influência externa.[23] A única declaração de alguma substância à qual a igreja subscreveu alguma vez é a que se pôs na introdução à edição revisada de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* de 1888 e mais tarde na edição de 1911 John Harvey Kellog parecia ter a verdadeira resposta a essa atuação quando disse:

> Continuaram vendendo-o, mas mudaram o prefácio na seguinte edição [1888] para proporcionar uma pequena saída através da qual poder escapar-se arrastando-se, e deram um pequeno indício, de uma maneira muito suave e mais bem oculta, que o autor tinha utilizado informação obtida de várias fontes, bem como da inspiração divina. Isso é o que eu recordação. E recordação que vi a correção, e não me gostou, e disse: "Isso é só arrastar-se, isso é simplesmente algo posto ali para que o leitor corrente não o descubra em absoluto senão que veja ali as afirmações maiores como de inspiração divina, para que sejam enganados com isso."[24]

À medida que a história se revelava ano depois de ano, e década depois de década, mais e mais dirigentes de igreja, amigos pessoais, ajudantes, e outros caíram na conta do jogo de esgrima que Ellen e seu grupo estavam jogando, mas quando deram um passo adiante para testemunhar do que tinham visto, ou para fazer perguntas a respeito de o que não entendiam, foram fuzilados.

Fannie Bolton, uma das assistentes editoriais de Ellen, foi um dos casos. Foi contratada por seu reconhecido talento. Mas várias vezes, cheia de remorsos pelo que via e o que se lhe pedia que fizesse, foi até pessoas importantes para contar-lhes sua história e tratar de obter algumas respostas para o que ela sentia que não era apropriado. Uma dessas pessoas foi Merritt G. Kellogg, que escreveu a respeito de essa experiência:

Disse Fanny: "Dr. Kellogg, tenho uma grande angústia mental. Vim pedir-lhe conselho, porque não sei que fazer. Disse-lhe ao Pastor Starr [Geo. B.] o que vou dizer-lhe a você, mas não me deu nenhum conselho satisfatório. Você sabe que eu estou escrevendo todo o tempo para a Irmã White. A maior parte do que escrevo se publica em Review *and Herald* como se tivesse saído da pluma de Ellen G. White, e se despacha como se tivesse sido escrito pela Irmã White por inspiração divina. Quero dizer-lhe que me sento muito agoniada a respeito de este assunto porque me parece que estou atuando de maneira enganosa. A gente está sendo enganada a respeito da inspiração do que escrevo. Parece-me muito mau que qualquer coisa que eu escreva saia com a assinatura da Irmã White como se fosse um artigo especialmente inspirado por Deus. O que eu escrevo deveria sair com minha própria assinatura, para que se lhe dê crédito a quem o merece." Lhe dei à Srta. Bolton o melhor conselho que pude, e pouco depois lhe pedi à Irmã White que me explicasse a situação. Disse-lhe exatamente o que Fanny me tinha dito. A Sra. White me perguntou se Fanny me tinha dito o que eu lhe tinha repetido a ela, e quando lhe disse que sim, disse-me: "O Pastor Starr diz que ela foi onde ele com o mesmo. Agora," disse a Irmã White com algum calor, "Fanny Bolton jamais voltará a escrever nem uma só linha para mim. Ela pode fazer-me dano como nenhuma outra pessoa pode fazê-lo." Alguns dias mais tarde, a Srta. Bolton foi devolvida aos Estados Unidos. Desde esse dia até hoje, meus olhos permaneceram abertos. M. G. Kellogg.[25]

Ao White Estate lhe gosta dizer que há provas disponíveis indicando que Fannie era emocionalmente instável. Por que não deveria sê-lo, considerando as influências e pressões que atuavam sobre ela? Algumas destas influências e pressões aparecem mais tarde em sua "confissão." Sob o sistema de relação trabalhista de Ellen, um não era despedido abertamente sem que Deus estivesse ativamente na junta trabalhista. O Pastor Starr conta como ocorriam essas separações:

Depois, retirei-me a minha habitação e orei fervorosamente em relação com o assunto, pedindo-lhe ao Senhor mais luz e direção quanto a como chegar à raiz da dificuldade. Ao sair de minha habitação, passei em testa da porta da Irmã White, e como estava entornada, ela me viu e me chamou a sua habitação, dizendo: "Tenho problemas, Irmão Starr, e me gostaria falar com Você"

Perguntei-lhe a natureza de seu problema, e ela contestou: "Meus escritos, Fanny Bolton" - só quatro palavras. Depois, perguntei-lhe qual era o problema com Fanny Bolton e seus escritos... Ela disse: "Quero contar-lhe uma visão que tive hoje como às duas da manhã. Estava tão desperta como o estou agora, e apareceram por em cima de mim uma carruagem de ouro e cavalos de prata, e Jesus, em sua real majestade, estava sentado na carruagem. Fiquei muito impressionada com a glória desta visão, e lhe pedi ao anjo que me acompanhava que não permitisse que a visão desaparecesse senão até que eu tivesse acordado a toda a família. Ele disse: 'Não chames à família. Eles não vêem o que você vê. Escuta uma mensagem.' Então me chegaram as palavras retumbando sobre as nuvens desde a carruagem e desde os lábios de Jesus: 'Fanny Bolton é tua adversária! Fanny Bolton é tua adversária! A mensagem se repetiu três vezes. Agora," disse a Irmã White, "eu tive esta mesma visão faz como sete anos, quando minha sobrinha, Mary Clough, trabalhava em meus escritos. [Ela disse]: 'Tia Ellen me dá os escritos em rascunho, e eu os pulo, mas não recebo nenhum reconhecimento por isso. Todo sai assinado *Ellen G. White*."[26]

Nenhum grevista moderno teria menos oportunidade estando Deus fazendo as negociações nessa junta trabalhista. (Evidentemente, estas eram negociações de tão alto nível que não se lhe podiam confiar nem sequer a nenhum dos anjos subordinados.) Em todo caso, naqueles dias era o mesmo que agora: Quando o árbitro diz que estás fora, estás fora!

Um dos interessantes apartes deste assunto parece ser o de Mary Clough, a sobrinha de Ellen. Com freqüência, tinha sido elogiada por seu trabalho quando esteve com Ellen, quem disse dela:

> Mary é muito útil, e por ela tenho apreço...[27] Trabalha bem com minhas cópias...[28] Estimo a Mary mais e mais cada dia...[29] Mary me segue muito de perto. Entusiasma-se tanto com alguns temas, que me traz o manuscrito para ler-me, depois de tê-lo copiado. Hoje me mostrou uma gorda pilha de manuscritos que tinha preparado. Contemplou-os com muito orgulho...[30]

Mas, como Fannie, Mary também tinha caído em desgraça e tinha sido despedida - novamente por Deus. Isto demonstra que (também naqueles dias) quando Você está quente, está quente, mas quando Você esfriou-se (é dizer, quando viu demasiado do que Ellen via e onde o via), Você está fora.

Apesar de todas as observações a respeito do copiado de Ellen que chegavam a Washington, D. C. pela linha quente, a posição oficial era, e é, que ainda se se descobrisse que Ellen tinha copiado todo de Conybeare e Howson, ela não tinha sido influenciada pelo que tinha reconstruído em suas próprias palavras com a ajuda de Deus. Ainda em 1959, numa série de artigos, o neto Arthur ainda estava renovando o compromisso a favor da avó:

> Com o passo dos anos, a acusação mudou à de que a Sra. White tinha sido influenciada nas mensagens que transmitia. Alguns indicaram que as mensagens refletiam as opiniões e os pontos de vista de seus sócios. Não seria estranho, diziam, que alguns das mensagens da Sra. White refletissem as opiniões de outros, porquanto ela estava rodeada de dirigentes poderosos. Alguns dos que receberam mensagens de repreensão, perguntaram em seus corações ou abertamente: "Quem tem estado falando com a Irmã White?"[31]

É difícil crer que o neto Arthur não soubesse quem estava "falando com a Irmã White." Como custodio das chaves da abóbada ele deve ter sabido quais evidências estavam disponíveis para dar a resposta. Mas continuou dizendo por que não se atrevia:

> Se as mensagens transmitidas por Ellen G. White tiveram sua origem nas mentes ou nas influências que a rodeavam; se às mensagens sobre organização se lhes pode seguir o rasto até as idéias de Tiago White ou George I. Butler; se os conselhos sobre a saúde se originaram nas mentes dos doutores Jackson, Trall, ou Kellogg; se as instruções sobre educação se basearam nas idéias de G. H. Bell ou de W. W. Prescott; se os altos estandartes defendidos nos escritos e os livros de Ellen G. White foram inspirados pelos homens poderosos de sua causa - ¡então os conselhos do Espírito de Profecia não significam para nós nada mais que algumas boas idéias e conselhos úteis![32]

Muito verdadeiro. É interessante especular sobre por que Arthur escolheu os nomes que escolheu, pois durante algum tempo a maquinaria Adventista de rumores tinha estado cochichando os nomes dos que contribuíam aos escritos de Ellen, incluindo os que ele mencionou. H. Camden Lacey tinha escrito:

> E por que não falamos mais, geralmente a respeito de Ele [o Espírito Santo] dessa maneira, como o faz nossa tradução autorizada, e o fizeram os Primeiros Escritos da Ellen G. White, até que caiu sob a influência de seu esposo e outros pioneiros?[33]

Novamente, deve recordar-se que os dirigentes da igreja sabiam que Lacey tinha informação confidencial concernente à composição de alguns dos livros; e em suas cartas a Leroy E. Froom, tinha-lhe escrito em 1945:

> Mas ele [W. W. Prescott] insistiu em sua interpretação, e a Ellen G. Marian Davis pareceu engolir-se, e tenho aqui que, quando saiu "O 'Desejado de Todas as Nações," apareceu aquele ensino idêntico nas páginas 24 e 25 que, segundo crio, ¡pode ser procurada em vão em qualquer das obras publicadas pela Ellen G. White antes desse tempo![34]

Há quem poriam em dúvida a exatidão da memória de Lacey a respeito de estas questões, mas em fim de contas sua memória tem que se contrapor à memória do neto Arthur ou à de qualquer outro membro do White Estate. Eles não estavam ali quando o incidente teve lugar. Ainda que Arthur não tinha sido adestrado em psicologia moderna, nem tinha sido preparado a fundo como teólogo, sim sabia que se lhe tinha confiado a tarefa de proteger as concessões de sua avó, e não tinha nenhum desejo de perder aquela franquia celestial, nem ele mesmo nem sua igreja. Não estava só na proteção dessa imagem celestial. Na segunda parte de seus artigos, citação à avó Ellen como dizendo:

> Tive o hábito de não ler nenhum artigo doutrinal no jornal, para que minha mente não fora influenciada pelas idéias ou os pontos de vista de ninguém, e para que o molde das teorias de nenhum homem tivesse nenhuma conexão com o que eu escrevo.[35]

Uma pessoa razoável de média inteligência e uma modesta educação pode ver que algo tem que ceder. Uma comparação independente de *Sketches from the Life of Paul* (Esboços da Vida de Paulo) com os autores que Ellen White usou proporcionaria suficiente evidência para que até seus mais firmes defensores chegassem à conclusão de do que, até em teologia, as coisas iguais a si mesmas também são iguais entre si.[36] Mas Arthur não era matemático. Assim que, sem a restrição dessa disciplina, pôde escrever:

> Estas afirmações da Sra. White mesma e dos que estavam perto dela são francas, positivas, e inequívocas, e deveriam eliminar para sempre qualquer pergunta quanto a se suas secretárias puderam ou não ter influído nos escritos de E. G. White. A Sra. White não foi influenciada pelos que estavam perto dela, nem seus escritos foram manipulados. Suas mensagens não se basearam nas idéias dos que estavam perto dela, nem em informação que outros possam ter-lhe proporcionado.[37]

Estas incríveis afirmações deveriam ter eliminado para sempre todas as perguntas - mas não as eliminaram. Teriam de vir mais, e numa seqüência mais rápida. A posição da Igreja Adventista mudou na década de 1970. Para salvar-se dos efeitos da crescente evidência de que Ellen sim copiou material alheio, de que sim ocultou esse fato, e de que outros si tinham influído sobre ela, agora a igreja disse, aliás – e que? O copiar material não era nada novo. Como Ellen depois deles, a maioria dos escritores bíblicos também copiou de outros e foram influídos por outros. A partir dessa linha de raciocínio, é claro que a igreja e o neto Arthur tinham decidido em seu pensamento que Ellen fazia muito tempo se tinha convertido na primeira entre seus iguais.

O auditório ao qual apelava Arthur na *Review* era um auditório cativo. Este auditório não se dava conta, quando lia a respeito de *Sketches from the Life of Paul* (Esboços da Vida de Paulo), que antes *de Sketches*, Ellen já tinha extraído material livremente de outros autores em sua versão anterior sobre a vida de Paulo (tomo três do *Espírito de Profecia)*.[38] No prefácio da reimpressão de 1974, o leitor cauteloso poderia ter-se tropeçado com uma pequena jóia de afirmação oculta ali, mas não muitos eram cautelosos na década de 1870, porquanto esse reconhecimento teria de vir noventa e um anos depois dos fatos.

Não se precisa um alto grau de erudição para detectar a fórmula de Ellen para usar material de outros autores no precursor de *Sketches from the Life of Paul*. No entanto, exige-se certo grau de algo mais para entender como - depois de se cercar, por assim dizer, de escritores como Conybeare e Howson, Farrar, March, McDuff, e quem sabe quantos mais – podia ela sustentar, impávida, que não tinha sido influenciada por eles, quando os enchimentos insertos se sobressaíam por todas as partes. Se *ela* foi influenciada ou não é agora de menor importância, sendo o principal que *a igreja e todos seus membros* certamente foram influenciados por aqueles de quem ela copiou (e foram desencaminhados quanto aos fatos). E a igreja em general continua sendo assim influenciada pelas idéias, orações, parágrafos, e até páginas do material que não é como foi representado.

Até H. Ou. Olson, que tinha a tarefa de desviar as críticas que vinham dos que sabiam como Ellen tinha reunido material de outros para seu livro *Life of Paul* (Vida de Paulo), admitiu:

> Ainda que se possa encontrar consideráveis paralelos entre os dois livros, é evidente que seus objetivos não são os mesmos.[39]

Quem disse que se supunha que seus objetivos fossem os mesmos? De alguma maneira, os mordomos diretores do White Estate tinham "extraviado" aquela página frontal da investigação de Olson sobre parte do livro, e não reapareceu em público senão até que o Comitê de Glendale se reuniu em Janeiro de 1980 para estudar as comparações com as fontes – e um Olson de outra geração informou ao grupo que seu tio era o que tinha feito o estudo anterior. [40] Quaisquer que fossem os defeitos desse estudo foi o estudo que usou Nichol em sua defesa de Ellen, e o livro que tinha iniciado à igreja para abaixo no serpenteante caminho dos percentuais a respeito da página frontal faltante, da qual poucos tinham ouvido falar, muito menos lido, H. O. Olson tinha dito:

> Não se fez nenhuma leitura cuidadosa nem nenhuma comparação de "The Life and Work of Paul", de Farrar, com Sketches from the Life of Paul," da Sra. E. G. White, como no caso deste último com "Life and Epistles of the Apostle Paul," de Conybeare e Howson; senão que se utilizou um dia num esforço para estabelecer se alguma parte do livro da Sra. White estava baseada no livro de Farrar.[41]

Quiçá se H. Ou. Olson não tivesse sido tão franco e aberto, seu trabalho teria tido uma circulação mais ampla. Ele admitiu as limitações de seu estudo. Como muitos o fariam desde seus tempos até a atualidade, ele procurava palavras e citações diretas – não paráfrases ou adaptações de pensamento. Esse trabalho, que poderia ter-se feito sem pressa numa tarde de domingo como diversão e jogando, foi considerado como defesa sólida no muro da mentira branca que pararia e rejeitaria desafios por outros quarenta anos.

A seqüela da história, no entanto, é mais notável do que seu princípio. Com o desaparecimento temporário de Sketches *from the Life of Paul* e a expansão da série *O Espírito de Profecia* na Série do Conflito, maior, foi necessário ressuscitar a Paulo de seu funeral em Sketches. Ellen mesma expressou este desejo em 1903 quando escreveu:

> Crio que deveria publicar-se uma nova edição de Life *of Paul.* Far-lhe-ei algumas adições a este livro, no entanto, antes que se republique.[42]

Agora tinha mais de setenta anos e a natureza tinha começado a cobrir os carvões do fogo de sua vida. Em realidade, para quando *The Acts of the Apostles* (Atos dos Apóstolos) apareceu em 1911, ela tinha cerca de oitenta e quatro anos de idade.[43]

O que nasceu pode ter sido uma nova edição, mas o recheio era o mesmo. Para este tempo, no entanto, Ellen tinha sido ascendida a uma posição de supervisão, e atuava só como a superintendente de Deus. O Ellen G. White Estate faz uma interessante admissão em Life *Sketches of Ellen G. White*:

> Em plena década de 1910, a Sra. White tinha considerado plenamente todos os problemas relacionados com a edição recomposta de "Great Controversy (O Grande Conflito)." Tendo completado essa tarefa, encontrou tempo para *supervisionar* a revisão de "Sketches from the Life of Paul," (Esboços da Vida de Paulo) e adicionar vários capítulos sobre a vida e os escritos dos apóstolos da igreja cristã primitiva. Este material se publicou em 1911, sob o título "The Acts of the Apostles" [Os Atos dos Apóstolos] [A cursiva foi adicionada][44]

Em realidade, não tinha muito que supervisionar. Em alguns casos, se reordenou o material original, adicionaram-se alguns autores mais, e se moderou algo do copiado mais óbvio com mais textos bíblicos.

Mas se tinha adicionado uma nova dimensão. Chamou-se aos experientes para que fizessem um trabalho cosmético sobre as cifras antigas. De ali em adiante, seria difícil relacionar *The Acts of the Apostles* (Os Atos dos Apóstolos) com seu predecessor, *Sketches from the Life of Paul* (Esboços da Vida de Paulo)*,* ou o predecessor deste último, o tomo três do *Espírito de Profecia*. Um estudo cuidadoso e uma acurada comparação dos três livros na ordem de sua produção mostram muita imaginação e evolução criativa - todo isso capaz de ser feito pelo homem, não por Deus. O tomo três do *Espírito de Profecia* revelava pouca teologia original. *Sketches from the Life of Paul* (Esboços da Vida de Paulo) adicionou material a mais autores, mas não tinha mais originalidade - e não tinha nenhum reconhecimento de uma crescente dependência de outros autores.[45]

A edição final de The *Acts of the Apostles* (Atos dos Apóstolos) era um entrelaçamento de materiais efetuado por um "consórcio" de conspiradores. Algo do material que tinha sido copiado anteriormente foi substituído com textos bíblicos. Diluíram-se e se limitaram os detalhes óbvios de paráfrase. Mas um novo mestre entrou à areia da inspiração. À vida de Paulo se lhe adicionou a vida de Pedro. Isto, além da família de Conybeare e Howson, Farrar, March, e McDuff, introduziu capítulos adicionais, que mostravam a ajuda de John Harris, que em 1836 tinha publicado uma série de cinco ensaios num livro titulado *The Great Teacher* (O Grande Mestre), que prometia muito e vendia-se bem.[46]

*The Great Teacher* (O Grande Mestre) era diferente de qualquer coisa que Ellen e seu grupo tivessem usado antes. A maioria dos escritores anteriores tinha seguido bastante de perto a narrativa das Escrituras Isto tinha ajudado ao White Estate a se defender das críticas de que Ellen tinha copiado. A defesa era que, ainda que se colassem algumas similitudes dos autores usados, essas similitudes eram apenas coincidências, porquanto tanto o material copiado como a pessoa que copiava estavam seguindo a narrativa bíblica, e quiçá estavam usando as mesmas referências marginais, e quiçá o mesmo dicionário bíblico, e quiçá, quiçá, quiçá.[47]

Mas este Harris não era nenhum quiçá! Aqui mostramos uma comparação da introdução de The *Great Teacher* (O Grande Mestre) com o tomo seis de *Testimonies for the Church* (Testemunhos Para a Igreja).

| E. G. White | John Harris |
|---|---|
| Deviam estudar as lições de Cristo e o caráter de seus ensinos. Deviam ver que elas estavam livres do formalismo e a tradição, e apreciar a originalidade, a autoridade, a espiritualidade, a ternura, a benevolência, e o prático de seus ensinos.[48] | O livro contém cinco ensaios de considerável extensão, e trata dos seguintes temas de importância: - I. *A Autoridade dos Ensinos de Nosso Senhor*. II. *A Originalidade dos Ensinos de Nosso Senhor*... III. *A Espiritualidade dos Ensinos de Nosso Senhor*. IV. *A Ternura e a Benevolência dos Ensinos de Nosso Senhor*. V. *A Prática dos Ensinos de Nosso Senhor*.[49] |

Harris e *The Great Teacher* (O Grande Mestre) tinham aparecido nas obras de Ellen anteriormente mas, como em outros casos, sem crédito nem reconhecimento. Tinha-se encontrado o material de seu livro muito útil ao reescrever The Desire of Ages em 1898. Muitíssimas vezes, Harris e seus ensaios deixam sua marca em The *Acts* e em The *Desire*, e em Ellen e sua igreja. Alguns dos doces ditos que repicavam a sino Adventista harmonizavam com Harris, não Ellen. Sem as afirmações de Harris, como a de que Ele desenhou a igreja para que fosse seu próprio pecúlio; é a única fortaleza que ele sustenta num mundo em rebelião; e, portanto, ele tinha o propósito de que nela não se conhecesse nenhuma autoridade nem se reconhecesse nenhuma lei, exceto a sua.[50]

As introduções de The *Acts* e de The *Desire* teriam sido tão monótonas como as de seus respectivos predecessores, nos quais estas introduções faltavam por completo – o que mostrava o que Deus podia fazer com um pouquinho de ajuda.

Mas o uso de Harris e *The Great Teacher* não se limitou às introduções a estes dois livros de Ellen. Mais tarde, *Fundamentals of Christian Education (Educação)*, *Counsels to Teachers* (Conselhos aos Professores), e *Education (Educação)* apresentariam a Ellen de princípio a fim – e pouca gente saberia que Harris era realmente a sensação do espetáculo.[51] Se as declarações de Harris fossem extraídas de qualquer dos cinco livros e postas em outro lugar do mesmo livro, a continuidade dos pensamentos não se alteraria em nenhum caso. As declarações não têm relevância nem valor em seu contexto ou ambiente a não ser que o leitor lhes dê alguma sorte de valor. Em conseqüência de não seguirem nenhuma narrativa bíblica, nenhuma ordem estabelecida, podem usar-se como com freqüência tem-se praticado – em qualquer parte, em qualquer momento, por qualquer pessoa, para dizer qualquer coisa ou para estabelecer qualquer ponto.

Indicou-se que W. W. Prescott, o gênio educativo do Adventismo,[52] tinha grande interesse em Ellen, bem como em seu material e seus escritos. O estilo de ler e de pensar de Prescott está muito mais de acordo com o de Harris do que com o de Ellen, pois, a diferença de qualquer outra pessoa, Harris aparece na extensa lista dela.[53] Em anos posteriores, o White Estate fez uma interessante admissão quanto à participação de Prescott na produção de The *Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações)*. Um trabalho trazido à luz pública por Robert Olson, e artigos posteriores de Arthur White na *Review* afirmava que Prescott, sim, teve algo que ver com a "correção" gramatical em The *Desire of Ages*.[54] Essas afirmações, mais a carta de Lacey, relacionam bastante bem a Harris e A Prescott com a corrente de acontecimentos.

Uma nota adicional de interesse é que quando se compara a The *Doctrine of Christ*, o livro de texto de Prescott para a escola superior, com Harris e seu material (copiado dos primeiros poucos capítulos de The *Desire of Ages*), os três mostram uma notável similitude, com Harris ocupando um rápido primeiro lugar, Ellen claramente um segundo lugar, e o livro de Prescott num lento terceiro lugar, mas ainda na concorrência.[55] Um final tão fechado explicaria por que o professor estava tão preocupado de que o material escamoteado de Harris e entregado aos "defensores" da igreja aparecesse mais tarde na casa de empenhos de Ellen e se vendesse como mercadoria de Deus.[56]

Para qualquer pessoa que estivesse a certa distância, era óbvio que todo o "emprestado" se fez com espelhos – mas não enfocados para refletir a Harris, ou a March, ou a Conybeare e Howson – nem sequer para refletir a Deus. A obra final foi pendurada no Salão da Fama Adventista para refletir a obra e a autoridade de Ellen como os dirigentes e teólogos as entregaram à Igreja Adventista. Os últimos cinco livros da Série Conflito

teriam de ficar como a contribuição duradoura e autorizada de Ellen (e, portanto, de Deus), e do Adventismo à geologia, à teologia, à cristologia, e à escatologia. Os Adventistas crêem e ensinam, seja oficialmente ou extra-oficialmente, que a "inspiração" (ou o gênio) de Ellen e a habilidade para reassinalar os fatos da história e predizer os eventos do futuro, é de inquestionável autoridade. A Conferência Geral de 1980 da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a expulsão de Desmond Ford em Colorado, a constante negação dos fatos nas investigações atuais sobre o programa de copiado de Ellen White durante sua vida, a insistência em dizer que qualquer falta que se possa encontrar em sua vida e em seus métodos pode igualar-se com as experiências dos escritores bíblicos - tudo indica que ela é a intérprete final e infalível de toda fé e prática Adventista.

No entanto, houve rachaduras no espelho Adventista. A forte posição da administração Adventista não vinculou no mundo em geral. Nem sequer foi aceita pela igreja em geral. A *Ellenologia* é um fenômeno norte-americano. Quase todos na totalidade do Adventismo estão fora dos Estados Unidos e não tiveram a totalidade de seus escritos, nem lhes preocupa usá-los, ou pelo menos os interpretam em forma algo diferente de como o faz o aderente norte-americano. Até os verdadeiros crentes que deixam as costas dos Estados Unidos tendem a adaptar-se a uma influência sem Ellen nos assuntos da igreja e seu estilo de vida pessoal, só para mudar a sua posição anterior novamente quando regressam à pátria de Ellen. Com freqüência, o sinal desta mudança é um anel de casamentos, proibido, por instruções de Ellen, para ministros e membros, igualmente, nos Estados Unidos. Ellen tinha convertido a ausência de um anel na marca do Adventismo nos Estados Unidos, quando escreveu:

*“Alguns levaram um ônus com relação a levar um anel de casamento, pensando que as esposas de nossos ministros deveriam adaptar-se a este costume. Todo isto é desnecessário. Que as esposas dos ministros tenham o elo de ouro que une suas almas a Cristo Jesus, um caráter puro e santo, o verdadeiro amor e a mansidão e a piedade que são o fruto da árvore do cristão, e sua influência em todas as partes estará assegurada. O fato de que o fazer caso omisso do costume dê lugar a observações não é uma boa razão para adotá-la. Os norte-americanos podem dar a entender sua situação dizendo claramente que em nosso país o costume não se considera obrigatório. Não é necessário que levemos o sinal conosco, pois não estamos sendo infiéis a nosso voto matrimonial, e o levar o anel não seria evidência de que somos fiéis. Preocupa-me profundamente este processo de conformação que parece estar ocorrendo entre nós, de conformidade com o costume e com a moda. Não deveria gastar-se nem um centavo num anel de ouro para testemunhar que estamos casados.”*[57]

Por décadas, a discussão desta proibição gerou mais calor que luz nos corpos deliberantes da igreja, perdendo Deus a discussão, se, supostamente, foi Ele o autor, porque a maioria das igrejas afrouxaram a proibição para permitir que se use o anel. Caso contrário, muito do talento da igreja estaria fora dos limites da graça e o uso da igreja. Ainda é difícil para os pastores e evangelistas da igreja batizar a membros que tenham posto seu anel, e com freqüência se usa um pedaço de fita adesiva para ocultá-lo. Parece que até há maneiras de rodear a Ellen e ao seu Deus.

A confissão, o começo dos começos, é um ato antinatural - uma admissão de culpa, de ter feito o mau, e de propósito humano, em desacordo com a ética do homem ou as leis morais de Deus. Quando a confissão vem da mente, é útil para propósitos externos. Quando vem do *coração* ou da alma é útil para propósitos internos. Em qualquer dos dois casos, a confissão pode ter um efeito curto ou duradouro, dependendo das circunstâncias. No entanto, sempre se desperdiça quando ocorre demasiadamente tarde ou quando é forçado ou extraído muito tempo depois que o conhecimento dos fatos que causam a necessidade da confissão se tenha propagado. Tal parece ser o caso em relação com Arthur White e seu trabalho de Janeiro 18, 1981, titulado "The Prescott Letter to W. C. White" [A Carta de Prescott Para W. C. White].

Fiel à metodologia do "staff" do White Estate, Arthur trata em seu documento de minimizar, ou manchar sutilmente, a Prescott, principalmente a causa da carta deste último a W. C. White, suas conexões com Avó Ellen, e a reconhecida ajuda que ele lhe proporcionou aos escritos dela. A acusação de inclinações panteístas se lhe faz a Prescott o mesmo que se lhe fez a Waggoner e A Kellogg. Quiçá por falta de provas, Arthur não dá os detalhes de suas acusações, usando tão somente expressões tais como “um indício disto,” "ulteriores

afirmações parecem dar a entender isto," "parecia confuso," "só com uma dedicação sem entusiasmo," e "os resultados só tiveram sucesso moderado."[58]

É em sua apologia - na qual o White Estate, com ele à cabeça, não fez nada para corrigir os mal-entendidos a respeito dos escritos de Ellen - onde Arthur White baixa a guarda e abre a porta o suficiente para deixar entrar um pouquinho de luz. Como se temesse que os que sabem, ou podem ouvir falar disso, pudessem ter verdadeiras boas idéias, diz:

Estes fatos são tais que uma mente arruinada ou inescrupulosa, ou um pesquisador altamente crítico, pode mal interpretá-los seriamente e usá-los incorretamente. O que segue se escreve com a esperança, e em oração, de que esta informação seja usada justa e judiciosamente.

E por que foi apresentada de má vontade? Porque estavam envolvidos homens bons de inquestionável integridade; homens de confiança, dedicados, em altas posições de direção nas igrejas homens que merecem ser recordados com honra e admiração, e, sobretudo, porque o que teve lugar se fez inadvertida e involuntariamente. *Não estamos discutindo um álibi, senão mais um acidente no qual alguns saíram muito feridos.* [A cursiva foi adicionada].[59]

Depois vem a confissão:

> Mas não foi senão até faz três ou quatro anos, quando as atas das reuniões dos maestros de Bíblia e de história em 1919 foram reveladas e publicadas, que me inteirei da reunião de 1919.[60]

E novamente, mais adiante:

> É verdadeiro que o intenso trabalho num estudo da relação entre porções de certos livros de Ellen G. White e os escritos de comentaristas e historiadores revelou um uso mais amplo de outros escritos por parte de Ellen White do que eram conscientes o White Estate ou os atuais dirigentes da igreja. Através dos anos, o "staff" foi demasiado pequeno e tem estado demasiado ocupado satisfazendo as demandas impostas sobre ele para dar-se tempo para sondar respostas a perguntas que agora se fazem.[61]

Onde tinha estado o pobre Arthur todos estes anos quando aquelas "inquisitivas" perguntas se faziam uma e outra vez?

Seu trabalho poderia indicar que, se em realidade era ignorante da investigação da Conferência Bíblica de 1919 (que alguns crêem que foi uma das mais reveladoras e importantes reuniões do Adventismo) e era ignorante do extenso trabalho de copiado de Ellen na preparação de seus livros, então quiçá ignorava muitos mais fatos concernentes a Avó Ellen.

Apesar destas inconsistências e problemas de ética, não pode negar-se que Ellen tinha chegado à cima, e em grande estilo, com seus escritos. No sistema Adventista, ela tinha redesenhado o passado, dado lustre ao presente, e adicionado cores exóticos ao futuro. Esse futuro, como se detalha na escatologia Adventista, encontra-se no livro de Ellen *The Great Controversy (O Grande Conflito)* – em si mesmo a maior controvérsia de todos seus escritos.

---

## Referências e Notas

1 . Ellen G. White, *Sketches from the Life of Paul* (Washington: RHPA, 1883; reprodução em facsimile, 1974), prefácio, pp. 7-8.

2 . Fancis D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* (Washington: RHPA, 1951), caps. 28 e 29.

3 . Comitê de Glendale, "Ellen G. White Sources," fitas (28-29 de Janeiro de 1980). Donald R. McAdams e outros foram conscientes de que o trabalho de Nichol é inadequado. Veja-se também o trabalho de Ronald Graybill apresentado na Reunião de Obreiros da Conferência do Norte de Califórnia , Março de 1981.

4 . Robert D. Brinsmead, *Judged by the Gospel* (Fallbrook, CA: Verdict Publications, 1980), p. 158.

5 . H. Ou. Olson, "Comparison of *The Life and Epistles of the Apostle Paul*, by Conybeare e Howson, and *Sketches from the Life of Paul*, por Ellen G. White." (Washington: EGW Está).

6 . Veja-se o Apêndice, Quadros Comparativos do Capítulo 7.

7 . EGW, *Sketches from the Life of Paul*, prefácio da edição em facsímil de 1974.

8 . H. Ou. OLson, "Comparison of *The Life and Work of St. Paul,* by Farrar, and *Sketches from the Life of Paul*, by Mrs. E. G. White, to Ascertain If the Latter Is Dependent On the Former" (Washington: EGW Está).

9 . Ibid.

10 . Durante sua vida, apareceram muitas declarações relativas ao momento, num período de vinte e quatro horas, trabalhava Ellen White em seus escritos. Em 1882, ela escreveu uma longa epístola (publicada mais tarde no tomo cinco dos *Testimonies*, pp. 62-84, e também, em parte, em Selected *Messages*, lib. 1, p. 27) na qual há estas afirmações: "Acordei-me de meu sonho... e escrevi, à meia-noite... levantei-me às três da manhã para lhe escrever." Estas afirmações e outras parecidas usadas comumente por ela não deixam dúvidas de que ela escrevia muito durante as noites.

11 . [Conferência Bíblica] "The Bible Conference of 1919," Spectrum 10, não. 1 (Maio de 1979): 23-57.

12 . Ibid., p. 52.

13 . Ibid., p. 51.

14 . Ibid., p. 35.

15 . Bert Haloviak, "In the Shadow of the 'Daily': Background and Aftermath of the 1919 Bible and History Teachers' Conference," trabalho apresentado na reunião dos Eruditos Bíblicos Adventistas do Sétimo Dia, New York City, 14 de Novembro de 1979.

16 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, p. 203. O pé de página número 78 de Linden (com referência à controvérsia entre Uriah Smith e os White) diz: "Em 1870, [Tiago White] efetuou uma completa purga da igreja do escritório central. O propósito da reorganização era dar aos White um melhor controle sobre a igreja. Um dos veteranos, G. W. Amadon (1882-1913), proporcionou ao historiador muita informação útil em seus diários," Diário de Amadon 1870-73, Biblioteca da Universidade de Andrews, Heritage Collection.

17 . Veja-se o Capítulo Uno para os antecedentes.

18 . EGW a Bates, 13 de Julho de 1847, MS B-3-1847 (Washington: EGW Está). Arthur L. White citado por Robert Brinsmead em Judged *by the Gospel*, p. 160.

19 . EGW, "Questions and Answers," *Review*, 8 de Outubro de 1867, p. 260.

20 . Arthur L. White, "Who Told Sister White?" *Review* (21 de Maio de 1959), p. 7. EGW é citada de Ms. 7, 1867.

21 . Linden, Brinsmead, Winslow, aqui e lá. Faz-se referência a H.Camden Lacey nas fitas do Comitê de Glendale do 28-29 de Janeiro.

22 . [Um ministro Adventista do Sétimo Dia] em carta aos membros da igreja de Aurora, Colorado, 3 de Outubro de 1980

23 . Arthur L. White, "Who Told Sister White?" *Review* (14 de Maio de 1959).

24 . [John Harvey Kellogg], "An Authentic Interview," pp. 33-34.

25 . M[erritt] G. Kellogg, declaração [manuscrita] fotocopiada circa 1908.

26 . [George B. Starr], citado em "Statement Regarding the Experiences of Fannie Bolton [ca. 1894] in Relation to Her Work for Mrs. Ellen G. White," (Washington: EGW Está, DF 445), p. 8.

27 . "Ellen G. White´s Writings [letters] on the Life of Christ," Ms. 683, EGW a JW, 4 de Abril de 1876.

28 . Ibid., p. 2. (EGW a JW, 7 de abril de 1876).

29 . Ibid., p. 3. (EGW a Lucinda Hall, 8 de Abril de 1876).

30. Ibid., p. 3. (EGW a JW, 16 de Abril de 1876).

31 . Arthur L. White, "Who Told Sister White?" *Review* (14 de Maio de 1959), p. 1. p. 6.

32 . Ibid.

33 . H. Camden Lacey a Arthur W. Spalding, 5 de Junho de 1947 , p. 3.

34 . H. Camden Lacey to Leroy E. Froom, 30 de Agosto de 1945, pp. 1-2.

35 . Arthur L. White, "Who Told Sister White?" Review (21 de Maio de 1959), pt. 2, pp. 7-8.

36 . Vejam-se os Quadros Comparativos para o Capítulo 7 no Apêndice.

37 . Arthur L. White, "Who Told Sister White?" *Review* (21 de Maio de 1959, pt. 2, pp. 8-9.

38 . Vejam-se no Apêndice os Quadros Comparativos sobre *The Spirit of Prophecy*, tomo 3, para o Capítulo 7.

39 . H. Ou. Olson, comparações do livro de EGW sobre Paulo com o de Farrar e com os livros de Conybeare e Howson sobre Paulo.

40 . O Comitê de Glendale sobre as fontes de EGW, 28-29 de Janeiro de 1980, fitas.

41 . Comparações, por H . Ou. Olson, entre o livro de EGW sobre Paulo e os livros de Farrar e de Conybeare e Howson sobre Paulo.

42 . E. G. W. *Sketches from the Life of Paul*, rproducción em facsímil da segunda edição, segunda página do prefácio, edição de 1974.

43 . Bible Conference "The Bible Conference of 1919," Spectrum 10, no. 1 (Maio de 1979), p. 35. Arthur Daniells relata o esforço para comunicar-se com EGW, comentando, "E em seguida se metia naquela zona crepuscular."

44 . EGW, *Life Sketches of Ellen G. White*, p. 434.

45 . Vejam-se os Quadros Comparativos para o Capítulo 7 no Apêndice.

46 . John Harris, *The Great Teacher* (Amherst: J. S. & C. Adams, 1836; Boston: Gould and Lincoln, 1870).

47 . Raymond F. Cottrell e Walter F. Specht, "The Literary Relationship Between *The Desire of Ages*, por Ellen G. White, e *The Life of Christ*, por William Hanna," 2 partes, fotocopiado (Biblioteca, Arquivos, e Coleções Especiais da Universidade de Loma Linda, 1 de Novembro de 1979), pt. 1, aqui e lá, Veja-se também meu capítulo seis, "Sources from Which She Drew, More or Less."

48 . EGW, *Testimonies for the Church*, tomo 6, p. 160.

49 . Harris, *The Great Teacher*, p. 18.

50 . Ibid., pp. 157-58.

51 . Vejam-se os Quadros Comparativos para o Capítulo 9 no Apêndice.

52 . *SDA Encyclopedia*, Série Comentário, tomo 10, s.v. W. W. Prescott. Prescott participou em grande parte da história Adventista desde 1880 até 1930 (incluindo a controvérsia com John Harvey Kellogg).

53 . EGW Está, "Books in the E. G. White Library in 1915," (Washington: EGW Está, n.d.), DF 884. Este inventário de dezessete páginas de livros "On Shelves in the E. G. White Study and in the Office and Vault" [Em Estantes no Estudo de E. G. White, e no Escritório e a Abóbada] inclui quase quatrocentos títulos, um bom número deles jogos de vários tomos. Mais recentemente, uma lista informativa foi preparada por Ronald D. Graybill e Warren H. Johns, "An Inventory of Ellen G. White´s Private Library, July 29, 1981, draft" [Um Inventário da Biblioteca Privada de Ellen G. White] (Washington: EGW Estate, 1981).

54 . Arthur L. White, "The E. G. White Historical Writings," uma série de sete artigos publicados no *Adventist Review*, desde o 12 de Julho de 1979 até o 23 de Agosto de 1979.

55 . W[illiam] W[arren] Prescott, The Doctrine of Christ (Washington: RHPA, 1919). Veja-se pp. 9-11.

56 . H. Camden Lacey a Leroy Froom, 30 de Agosto de 1945; H. Camden Lacey a Arthur W. Spalding, 5 de Junho de 1947.

57 . EGW, *Testimonies to Ministers and Gospel Workers* (Mountain View: PPPA, 1923), pp. 180-81.

58 . Arthur L. White, "The Prescott Letter to W. C. White [6 de Abril de 1915], "fotocopiado (Washington: EGW Estate, 18 de Janeiro de 1981), pp. 4, 7.

59 . Ibid., p. 22.

60 . Ibid., p. 26.

61 . Ibid., p. 29.

---

## Quadros Comparativos Escolhidos

| Livros Escritos por: | Fuentes Que Ela Utilizou |
|---|---|
| **White, Ellen G.** | **Conybeare, W. J/. Howson, J. S.** |
| *The Acts of the Apostles*<br>Mountain View, California, Pacific Press, 1911. | *The Life and Epistles of the Apostle Paul*<br>New York, Crowell, 1852. |
| *The Spirit of Prophecy, vol 3.*<br>Battle Creek, SDA Publishing Assn., 1878. | **Harris, John** |
| | *The Great Teacher, 2nd. edit.*<br>Amherst, J. S. e C. Adams, 1836. |
| | *The Great Teacher, 17th. ed.*<br>Boston Gould and Lincoln, 1870. |
| | **March, Daniel** |
| | *From Dark to Dawn*<br>Philadelphia, J. C. McCurdy & Co., 1878. |
| | *Night Scenes in the Bible*<br>Philadelphia, Zeigler, McCurdy (1868-1870). |
| | *Walks and Homes of Jesus*<br>Philadelphia, Presbyterian Pub. Committee, 1856. |

## Quadros Comparativos de Mostra

| **The Spirit of Prophecy, Vol. 3.**<br><br>**Ellen G. White 1878.** | **The Life and Epistles of the Apostle Paul**<br><br>**W. J. Conybeare/J. S. Howson 1852.** |
|---|---|
| [295] Alugaram testemunhas falsas para testemunhar que o tinham ouvido falar palavras blasfemas contra o templo e contra a lei. | [73] Subornaram a testemunhas falsas para acusá-lo de blasfemar contra Moisés e contra Deus. |
| [299] Requereu-se-lhe às testemunhas que tinham acusado a Estevão que arrojassem as primeiras pedras. Estas pessoas puseram suas roupas aos pés de Saulo... | [77] E as testemunhas (que, de acordo com a Lei, requeria-se que arrojassem as primeiras pedras) despojaram-se de suas vestimentas exteriores e as puseram aos pés de Saulo... |

| | |
|---|---|
| O martírio de Estevão causou uma profunda impressão em todos os que o presenciaram... [300] Seu zelo [o de Paulo] por levar adiante a perseguição aterrorizava aos cristãos em Jerusalém. As autoridades romanas não fizeram nenhum esforço especial para deter a cruel obra... Ele não foi membro do concílio do Sanedrín senão até depois a morte de Estevão, quando foi eleito para ser membro desse corpo em consideração do papel em que tinha atuado nessa ocasião. | [75] E é evidente ... quão profunda impressão tinha causado em sua [a de Paulo memória a morte de Estevão...<br><br>[80] Não parece que as autoridades romanas os restringissem em modo algum... Há fortes razões para crer que, se não era membro do Sanedrín ao tempo da morte de Estevão, foi eleito membro do poderoso senado pouco depois - possivelmente como recompensa pelo zelo que tinha demonstrado contra os hereges. |
| [317] A educação rabínica e farisaica de Paulo agora teria de ser usada em boa conta pregando o evangelho e sustentando a causa para destruir a qual tinha uma vez feito todos os esforços. | [95] Sua educação rabínica e farisaica agora era usada para sustentar a causa que tinha vindo destruir. |
| ***The Acts of the Apostles***<br>**E. G. White 1911.** | ***The Great Teacher***<br>**John Harris 1836 (edit. de 1870)** |
| [11] A igreja é a fortaleza de Deus, sua cidade de refúgio, que ele tem num mundo rebelde. Qualquer traição à igreja é traição contra Aquele que comprou à humanidade com o sangue de seu Filho Unigênito... Ele enviou a seus anjos para ministrar a sua igreja, e as portas do inferno não puderam prevalecer contra seu povo. | [157] Ele decidiu que a igreja seja seu próprio pecúlio; é a única fortaleza que ele tem num mundo em rebeldia... de maneira que, abrir suas portas para dar entrada a qualquer dos rebeldes, por especioso que seja o pretexto, é traição à mais sagrada confiança, e traição à grande causa de Cristo. |
| [12] Por débil e defeituosa que seja, a igreja é o único objeto ao qual Deus confere seu supremo cuidado. É o palco de sua graça, no qual se deleita revelar seu poder para transformar os corações. | [160] Mas a igreja de Cristo, por débil e defeituosa que seja, é o único objeto sobre a terra ao qual confere seu supremo cuidado... É o palco de sua graça, no qual faz experimentos de misericórdia sobre os corações humanos, e efetua transformações. |
| [12] Não podia usar os reinos do mundo como comparação. Na sociedade, não encontrou nada com o que compará-lo. Os reinos da terra governam pelo domínio do poder físico; mas toda arma carnal, todo instrumento de coação está desterrado do reino de Cristo. | [152] Porque, enquanto alguma figura monstruosa, de ferocidade e poder brutos, considerava-se símbolo apropriado de cada monarquia precedente... enquanto eles prevaleciam pelo domínio do poder físico, toda arma carnal e todo instrumento de coação deveria ser desterrado de seu reino... |
| | ***Night Scenes in the Bible***<br>**Daniel March 1868-1870.** |
| [146] Pedro foi confinado a uma cela lavrada na rocha cujas portas tinham gordos ferrolhos e barrotes; e os soldados de guarda foram fatos responsáveis pela vigilância dos prisioneiros... Mas os ferrolhos e os barrotes... só fariam mais completo o triunfo de Deus na libertação de Pedro. | [459-60] Dezesseis soldados armados, todos os quais respondiam com suas vidas pela vigilância, e uma cela feita de rocha maciça, e duas correntes e três portas vigiadas e aparelhadas de ferrolhos... demonstram-nos que o poder empregado na defesa da religião de Jesus é maior que os exércitos dos reis. |

## Capítulo 8.
## A FUGA DE WHITE

### O Grande Conflito

---

A história que Ellen contou quando produziu *The Great Controversy (O Grande Conflito)* não era única. Se a idéia de uma controvérsia entre o Satanás bíblico e o Cristo histórico soa familiar é porque a idéia soava já muito antes do tempo de Ellen. Assim, aqueles, nos círculos Adventistas, que persistem em representar sua contribuição como nova e diferente quando reestruturou a história para que harmonizasse com sua teologia do futuro estão perpetuando uma mentira branca. Convertem em determinante sua versão da luta primitiva em cada ato e cada aspecto da relação do homem com seu próximo, seja político, econômico, geográfico, ou religioso. De acordo com a história, se os bons ganham, Deus ganha o "round;" se os maus ganham um "round," se lhe atribui a Satanás por predeterminação.

O único problema com esta teoria é que a vitória depende de quem é o árbitro. Algumas vezes, Deus recebe o crédito, e algumas vezes é vice-versa. Geralmente, Deus sai bem livrado; e se não resulta assim, adiciona-se-lhe tempo ao "round" para dar-lhe uma melhor oportunidade de emparelhar as coisas no futuro. Um dos textos favoritos dos que levam as anotações desta maneira é Romanos 8:28: "E sabemos que aos que amam a Deus, todas as coisas lhes ajudam a bem." Para dar consolo e refúgio aos que perdem a luta, a última metade do texto proporciona uma "saída" para os teólogos – "aos que conforme a seu propósito são chamados."[1]

Em sua versão da controvérsia, Ellen proporcionou a resposta sobre "os que são chamados" nomeando a seu grupo de crentes como os que enquadravam nessa fresta, e fechou a porta para todos os demais - tal como o tinha feito como quarenta anos antes com a idéia da porta fechada em 1844. O grande conflito da posição de Ellen guarda alguma esperança para os que escapam da marca de alguma besta e mudam, das meretrizes e das prostitutas incrédulas do Apocalipse de João, para converter-se nos "verdadeiros crentes" da fé e o clã de Ellen. Nada disto era mais inovador no enfoque ou no método do que outras versões anteriores, mas era muito mais forte e mais definitivo em sua linguagem e seu alcance.

Desde o começo do Adventismo (e o movimento de 1844), o fator decisivo do céu e o lar, nos princípios ou eventos finais de Ellen, não parece ser Cristo, o Evangelho, ou as Boas Novas, senão a manipulação legalista do passado, o presente, e o futuro de acordo com sua própria contabilidade celestial.[2]

Outros antes dela tinham tratado o grande conflito em termos gerais, mas ninguém jamais tinha sacado as conclusões dela, já fossem gerais ou específicas. Em Paradise *Lost*, de Milton, a luta se tinha descrito em termos do bem e o mau, o negro e o branco, todo ou nada, Cristo e Satanás. O livro de Milton tinha sido um trabalho tão aceitável, que se tinha sustentado por cerca de duzentos anos antes que Ellen começasse a ler sua história. Há indícios de que ela se agradou do estilo e da maneira com que John Milton apresentou a luta no universo. [3] Em realidade, Milton tinha feito um trabalho tão bom, que suas obras se anunciavam, na parte posterior das primeiras publicações da literatura Adventista, como dignas de ser lidas.[4] Apesar desses anúncios e a descoberta posterior de que Milton tinha influído em Ellen, Arthur White escreveu em 1946.

> Não conheço nenhuma declaração da pluma de Ellen White que tenha relação com Milton. Depois que se deu à Irmã White a visão do grande conflito, o Irmão J. N. Andrews lhe perguntou se ela tinha lido "Paradise Lost" alguma vez. Quando ela disse que não, ele lhe levou uma cópia do livro a sua casa. Ela não o abriu, senão que o pôs sobre uma estante, decidida a não o ler senão até que tivesse escrito o que se lhe tinha revelado.[5]

Isto foi o mais alto da dessa estante a que se chegou, porque para o tempo da edição reimpressa em fac-símile de 1969 de The *Spirit of Prophecy* (tomo quatro), alguém deve ter-lhe dito a Arthur que ela tinha baixado o livro de Milton da repisa e o tinha usado. A única pergunta era: Foi usado antes ou depois? A afirmação dele era que tinha sido *depois*:

> *É evidente que, mais tarde, ela leu pelo menos porções de Paradise Lost*, porque há uma frase citada em Education (Educação).[6]

Quase sem exceção, os autores que Ellen escolheu para deles copiar apoiavam o mesmo tema - que o homem era bom antes de converter-se em mau; que deseja ser bom, mas ainda é mau; que quando é bom, é muito, muito bom, e quando é mau, é horrendo – e que a vitória chegará em algum lugar, em alguma parte, em algum momento, para os bons, e que a cortina cairá para os maus. Novamente, este tema não era novo nem para Ellen nem para aqueles dos quais ela copiava. Depois de tudo, a maioria, se não todos, dos que ela copiou eram mestres, pregadores, teólogos, supervendedores, e proporcionavam paráfrases livres da história bíblica desde Gênesis até Apocalipse. Mas se precisava que Ellen e seu primeiro fervor adventista lhe dessem às coisas o *empuxo investigador,* o envieso Adventista. Foi esta única e "singular" contribuição ao mundo da teologia o que se converteu em "o último hurra" Adventista – e seu próprio grande conflito, em mais de uma maneira.[7]

Desde o princípio, os que estavam ao redor de Ellen viram similitudes entre o que Ellen escrevia e o que eles mesmos liam de outros autores, similitudes que os inquietaram. Não era só J. N. Andrews e sua preocupação pelos rostos gêmeos de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* e *Paradise Lost*. Era também John Harvey Kellogg e sua leitura dos primeiros capítulos das obras dela. Numa entrevista gravada com dois membros de sua igreja, disse:

> Quando saiu *The Great Controversy (O Grande Conflito),* alguém me fez notar em seguida os capítulos sobre a história dos Valdenses. Não pude evitar de me inteirar porque o livreto "History of the Waldenses," de Wylie, estava ali mesmo sobre o balcão de livros do Review and Herald, e aqui estava "The Great Controversy (O Grande Conflito)," com alguns extratos daquele mal disfarçados. Tinha um disfarce porque as palavras tinham sido mudadas; não teria sido correto usar citações porque as palavras foram mudadas no parágrafo, por isso não eram citações exatas, mas ao mesmo tempo tinham sido tomadas em empréstimo.[8]

A entrevista inteira mostra que o bom doutor estava muitíssimo inquieto pelo que ele e outros sabiam que era um engano que Ellen, seu filho Will, e os editores tinham perpetrado sobre a gente.

O capítulo sobre William Miller ("An American Reformer") em The *Great Controversy (O Grande Conflito)* (e que anteriormente aparecia como o capítulo treze de The *Spirit of Prophecy*, tomo quatro, 1884) foi tomado, em muitos casos palavra por palavra, de um livreto que James tinha imprimido em 1875 como *Sketches of the Christian Life and Public Labors of William Miller*. (James tinha reconhecido, tanto na página do título como por meio de citações no texto, que tinha usado as memórias de William Miller, escritas por Sylvester Bliss [1853], e "outras fontes.") [9] Por esta razão, a versão de Ellen não era "revelação seletiva." Não era mercadoria no varejo. Era roubo no atacado que tinha sido passado como material encoberto e incorporado em The *Great Controversy (O Grande Conflito)*.[10]

Para então, Uriah Smith, tendo-se unido ao grupo, também participava da festa. Seu material sobre o santuário (publicado primeiro como artigos no *Review* entre 1851 e 1855, e depois em forma de livro em 1877) proporcionou material para o capítulo vinte e três "What Is the Sanctuary"? [Que É o Santuário?] de The *Great Controversy (O Grande Conflito).* [11] Suas descrições, palavra por palavra, de textos e acontecimentos do Antigo Testamento foram incorporadas – novamente, não em detalhe, senão em quantidade - ao quadro da luta pela vitória nesta terra, como foi escrita por Ellen e seus ajudantes.

J. N. Andrews, também escritor erudito, um dos outros primeiros descobridores e exploradores, foi também recrutado para a expedição . Seus escritos - incluindo "The Prophecy of Daniel" [A Profecia de Daniel], "The Four Kingdom" [Os Quatro Reinos], "The Sanctuary" [O Santuário], e "The Twenty-Three Hundred Days" [Os Dois Mil Trezentos Dias], publicados desde 1860 até 1863 - foram postos na mercearia como ônus. Por décadas, a gente da Igreja Adventista tem citado o material dele sobre as mensagens dos três anjos como as palavras infalíveis de Ellen.[12]

Vários historiadores teriam de acompanhar a estes aventureiros - quase sempre sem seu conhecimento. Se nos diz em anos posteriores que Ellen gostava de ler-lhe a sua família as obras de Merle d'Aubigné,[13] um de seus verdadeiros crentes na teoria do grande conflito; assim que foi trazido a bordo (outra vez, até onde sabemos, sem conferi-lo para saber se queria fazer a viagem). Mais tarde, um de seus parentes históricos, Wylie, teria de ser adicionado à lista de passageiros para uma que outra comida na mesa do capitão.[14]

Foi uma tripulação heterogênea a que fez aquela viagem. Era a primeira vez que todos eles navegavam sob a mesma bandeira branca. Não é de se estranhar que encontrassem, quase desde o princípio, um mar gordo de críticas. O cinismo expressado no jornal local pela associação ministerial de Healdsburg, Califórnia, era típico. Em debate com Adventistas locais, disseram:

> Neste artigo desejamos comparar alguns extratos dos seguintes livros: "History of the Sabbath" [História do Sábado] ([J. N.] Andrews); "Life of Wm. Miller" [Vida de William

> Miller] ([James] White); "History of the Waldenses" [História dos Valdenses] (Wylie); "The Sanctuary" ([Uriah] Smith), e "History of the Reformation" (D'Aubigné), com os correspondentes extratos do livro "The Great Controversy (O Grande Conflito)," Tomo IV [*The Spirit of Prophecy*] da Sra. White, para ver se a Sra. White "introduziu passagens de escritos alheios e os fez passar como próprios." Se fez isto, então, de acordo com Webster, a Sra. White é plagiária, uma ladra literária.[15]

Como esta era uma associação ministerial, devem ter tido algum grau de inspiração quando se aventuraram no reino das predições e afirmaram:

> Não afirmamos que de nenhum modo a seguinte comparação seja completa; o tempo e o espaço só permitiram um exame parcial; não duvidamos de que uma busca adicional revele muito mais da mesma natureza.[16]

E assim foi. Donald R. McAdams faz um admirável trabalho de identificar a muitos dos que seguiram o trabalho dos ministros de Healdsburg, sem saber que outros o tinham feito antes ou o que tinha sido descoberto anteriormente.[17] O que emerge é que, goste-nos ou não, creiamo-lo ou não, os teólogos de Healdsburg estavam no verdadeiro em 1889 pelo que concernia a Ellen e a sua tripulação na viagem de "Great Controversy (O Grande Conflito)."

Foi óbvio desde o princípio, antes que o barco se fizesse à vela, que *The Great Controversy (O Grande Conflito)* não era navegável. O deles era a única passagem numa só direção que os viajantes tinham conhecido jamais. Com um mandato para não ler nada que não fosse literatura da Igreja Adventista, e com os publicadores sacando seu material a jorros, como poderiam sabê-lo? Os anúncios na *Review,* ainda em 1876, faziam afirmações que beiravam o fantástico, e mostravam seu desejo de manter aos fiéis alinhados. O que mostra a continuidade foi o precursor da persuasão muito mais poderosa que teria de vir:

> Estamos preparados para falar deste livro, que acaba de sair, como do livro mais notável que jamais tenha saído deste Escritório. Cobre a porção do grande conflito entre Cristo e Satanás, que está incluída na vida e a missão, os ensinos e os milagres, de Cristo aqui na terra.[18]

No entanto, estavam aparecendo filetes de água por todas as partes no barco da produção de Ellen. O material da Conferência Bíblica de 1919 (publicado por primeira vez em 1980) diz claramente que os maestros, administradores, ministros, e educadores estavam preocupados pelo correto ensino da inspiração[19] Seus conceitos de como faz Deus o que faz estavam sendo seriamente confundidos, não pelo que sabiam que tinham ajudado a Ellen a escrever, senão pelo que tinha vindo ser promovido como inspiração de Deus somente, sem crédito para nenhum membro a bordo do barco de Ellen.

Sob a crescente pressão, duas dos fiéis foram despachados, provavelmente de noite, quando a maior parte do trabalho parece ter sido feito, para ajudar a consertar os fios de água. Tenho aqui como Doures E. Robinson conta sua participação na aventura:

> *Crio que o Irmão Crisler e eu mesmo passamos quase seis meses estudando The Great Controversy (O Grande Conflito)*... Como mestres de Bíblia e história, vocês sabem quão difícil é escrever história, e como até os melhores historiadores erram. Ao *revisar Great Controversy (O Grande Conflito)*, fomos à biblioteca e comparamos um por um os pontos que se tinham suscitado; em realidade, tinha *mais de cem pontos. Os examinamos cuidadosamente nas bibliotecas de Stanford e Berkeley*. [A cursiva é nossa][20]

A história que o White Estate contou concernente às correções feitas foi que só a ortografia e a gramática estavam em dúvida. Mal valeria a pena uma viagem à biblioteca, por não dizer nada de passar-se seis meses ali, para corrigir erros ortográficos e gramaticais. O que está claro é que o como iam Ellen e seus ajudantes a sair deste mundo e entrar ao outro era muito mais importante do que a ortografia, e se precisaria mais do que

um livro de leitura de McGuffey para mostrar o caminho. Eram aqueles detalhes os que estavam metendo em problemas a Ellen e *A The Great Controversy (O Grande Conflito)*.

Como explica Kellogg em sua entrevista, trataram de livrar-se do dilema através de seus meios literários:

> Agora, então, seguiram adiante e venderam aquela edição inteira, pelo menos 1500 cópias dessa coisa que tinham à mão...
>
> Continuaram vendendo-a, mas mudaram o prefácio na seguinte edição para dar uma pequena saída, através da qual poder sair arrastando-se, dando um pequeno indício, de uma maneira muito suave e como oculta, de que o autor também tinha utilizado informação obtida de várias fontes, bem como da inspiração divina.[21]

Depois continuou revelando realmente o segredo a respeito de algo mais do que de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*. A veracidade e a exatidão de sua memória devem ser postas ao lado do fato de que, quase mais do que qualquer outra testemunha vivente da época ele tinha conhecido e trabalhado com Ellen mais de perto do que qualquer outra pessoa, exceto a própria família imediata dela:

> Isso é o que eu recordação. Recordação que vi a correção e não me gostou. E disse: "Isso é só um arraste, isso é simplesmente algo posto ali para que o leitor ordinário não o descubra em absoluto, senão para que veja ali as afirmações maiores da inspiração especial, para que seja enganado por isso." Então saíram outros livros. Certo número deles não está livre disso. Não era simplesmente esse só livro. Sua explicação não ajudou a outros livros, nem sequer "Desire of Ages" (O Desejado de Todas as Nações) ou "How to Live." (Como Viver) Não creio que Você inteirasse-se a respeito de "How to Live" com referência às coisas que foram tomadas do livro de Escola.[22]

Ao que George W. Amadon, o leal defensor de Ellen, replicou: "Sei que uma grande porção dele foi tomada em empréstimo."[23] Que quis dizer com "tomada em empréstimo"? Quiçá quis dizer que todo foi tomado – por completo e ademais tomado emprestado!

Esta hemorragia de críticas requeria cirurgia maior, e foi aplicada na edição de 1911 de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*. Ainda que se tenha dito uma e outra vez, através dos anos, que a razão pela qual fora necessário trabalhar o livro outra vez era que as placas dos eletrotipos estavam muito desgastadas, Willie White dá outra razão para a mudança esse ano:

> No corpo do livro, o mais notável melhoramento é a introdução de referências históricas. Na edição anterior, deram-se mais de setecentas referências bíblicas, mas só nuns poucos casos tinha algumas referências históricas às autoridades citadas ou às quais se fazia referência. Na nova edição, o leitor encontrará *mais de quatrocentas referências a oitenta e oito autores e autoridades*. [A cursiva é nossa].[24]

Os teólogos Adventistas que tomam a posição de que teve muitos roubos ao escrever o Cânon poderiam desejar tomar nota neste ponto. Se um comparasse os quatro evangelhos com The Great Controversy (O Grande Conflito), assim é como sairia. Combinando as 400 referências de outros autores e os 700 textos bíblicos, e usando as cifras de Willie White, os quatro escritores dos quatro evangelhos (copiando até o grau em que Ellen o fez) *haveriam de ter copiado cada um dos versículos que escreveram!* O que Dom McAdams gravou em fita a respeito da reunião do Comitê de Glendale concernente a The *Great Controversy (O Grande Conflito)* de Ellen é outra maneira de dizer o mesmo. McAdams disse que, se cada parágrafo de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* tivesse rodapés de página de acordo com a prática aceita, dando crédito a quem correspondesse, quase cada um dos parágrafos teria que ter anotações ao pé.[25]

Willie White deu outras razões para a permanência de seis meses de Robinson e Crisler nas bibliotecas de Stanford e Berkeley:

> Nuns poucos casos, usaram-se novas citações de historiadores, pregadores, e escritores atuais em lugar das antigas, ou porque são mais poderosas ou porque não pudemos encontrar as antigas... Em oito ou dez lugares, as referências ao tempo foram mudadas a causa do tempo decorrido desde que o livro se publicou por primeira vez. Em vários lugares, as formas de expressão se mudaram para evitar ofensas desnecessárias... Em alguns outros lugares, poucos, onde havia afirmações em relação ao papado que são fortemente questionadas pelos católicos romanos, e que são difíceis de provar por meio de histórias acessíveis, o vocabulário da nova edição foi mudado de tal maneira que a afirmação possa cair facilmente dentro do alcance da evidência que é facilmente obtida.[26]

Seria mais bem injusto culpar demasiado a Willie. Ele só estava explicando o que outros estavam averiguando e do que as secretárias se estavam queixando. Requer-se constante trabalho e esforço para seguir mudando acontecimentos e circunstâncias do passado para adaptá-los às atividades correntes de Ellen, as quais constantemente estavam ocupando o lugar de fatos firmes, por cujas inexatidões pudesse ser julgada. Mas o *Review* de Junho 12 de 1980 ainda teria de pretender que era só *The Great Controversy (O Grande Conflito)* o que precisava mudança e confissão.[27]

Ainda que não seja nosso propósito ocupar-nos aqui das inconsistências e mudanças das iluminações noturnas de Ellen, vale a pena notar que o trabalho cosmético levado a cabo nas edições posteriores de seus livros era tão útil que outros notaram a mudança. Linden diz que

> ...a Série Conflito marca a produção de uma EGW madura. Em realidade, a evolução é tão grande que é um pouco surpreendente saber que a mesma pessoa tinha escrito as duas classes de livros... Como ocorreu este notável acontecimento é uma curiosa tarefa para um historiador sério. Os cinco tomos da Série Conflito resultaram de um complexo processo, do qual só se conhecem alguns fatores; pode que se conheçam outros fatos quando os abundantes arquivos do Ellen G. White Estate estejam completamente disponíveis para os pesquisadores... Sua biblioteca privada continha centos de volumes, e só se tem listagem uma fração. Ademais, ela tinha um "staff" completo de secretárias e editores a sua disposição.[28]

Com o que Linden deu é quiçá uma das mais significativas peças de informação de qualquer estudo sobre Ellen e seus escritos. Poucos teólogos do clã Adventista citam os primeiros escritos de Ellen, se é que algum o faz. Desejariam esquecer um pouco deles. Alguns deles são um insulto à inteligência - seu "Solemn Appeal to Mothers" [Apelo Solene às Mães], o fato de copiar de um médico seu "Cause of Exhausted Vitality" [A Causa do Esgotamento da Vitalidade] a respeito da vida sexual de sua geração; sua mudança de guarda quando as coisas que ela "via" ou "predizia" não sucediam. Estas passagens raras vezes se mencionam mesmo nos púlpitos da Igreja Adventista. A maioria das "formosas" citações vem de obras posteriores.[29]

Naturalmente. Para então, quando Ellen teria cinqüenta anos de prática. Com os numerosos obreiros no exército de ajudantes aos quais podia ir, com a estrutura da Igreja Adventista, seu dinheiro, suas imprensas derramando a propaganda de sua invencibilidade, ela estava livre para incorporar, como se fora "de Deus," qualquer coisa que desejasse pôr em seus escritos. Para princípios de século, se um queria ver a mudança ou as inconsistências entre o material antigo e o novo, tinha que fazer uma eleição extremamente difícil para permanecer na igreja. Um tem que manter com impavidez variadas coisas: Que Deus, não Ellen, era inconsistente. Que Deus, não Ellen, poderia ter mudado de idéia. Que não importasse o que fizesse, correto ou equivocado, ela estava certa porque Deus tinha participado nisso ao ordenar que ela o fizesse. Deus tinha melhorado com a idade e a experiência – através de Ellen e seu contínuo copiado.

O que realmente sucedeu na igreja foi que Deus e Ellen vieram parecer um e o mesmo. O que ela fazia, Deus o aprovava. O que a ela não lhe gostava, Deus o condenava. O que ela escrevia, Deus o respaldava. O que ela deixava fora, Deus o evitava como coisa sem importância. Se o Cânon tinha sido o livro de Deus até o tempo dela, agora Ellen era a serva de Deus, sua voz, sua imagem, seu outro eu. Ellen e seus escritos se tinham convertido no Deus Adventista!

Se alguma dúvida deste processo, que examine cuidadosamente as instruções que se lhe dão à igreja. Que olhe o número de vezes que ela ou suas obras, sempre sobressaindo com muito por em cima do Cânon, citam-se como autoridade na *Review* e outras publicações Adventistas. Que vá à história da sessão da Conferência Geral da igreja em 1980, na qual seus escritos (e Ellen mesma) foram elevados ao nível de igualdade com as Escrituras e os escritores bíblicos. Que escute novamente a melodia que se tocou durante a reunião de Glacier View em 1980, na qual se excomungou a Desmond Ford e proibiu-se-lhe ocupar qualquer posição porque seu agudo intelecto e valorosa consciência sustentaram a autoridade das Escrituras por sobre a autoridade de Ellen White.[30]

Ninguém pode duvidar seriamente de que Ellen Gould Harmon White finalmente tenha obtido o poder do veto sobre Deus na Igreja Adventista. Para parafrasear as convicções expressadas por Earl W. Amundson em Glacier View, não só as luminárias, senão quaisquer luzes que brilham na Igreja Adventista, sem o consentimento e a aprovação de Ellen, foram e serão apagadas.[31]

Em vista das extensas investigações levadas a cabo em anos recentes (incluindo as de McAdams, Graybill, e outros) e o reconhecimento das mudanças efetuadas e dos autores usados - muito do que se lhes fez presente aos membros da igreja em general - parece desnecessário incluir no Apêndice um grande número de exemplos comparativos para *The Great Controversy (O Grande Conflito)*.

No entanto, seria útil tomar nota de uma das moribundas esperanças dos Adventistas. Aos Adventistas lhes gosta crer que os últimos capítulos de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* foram estruturados a seu favor, teologicamente falando, e que se copiou pouco ou não se copiou nada em questões de escatologia. Uma comparação de alguns capítulos no tomo quatro de The *Spirit of Prophecy* (o precursor de The *Great Controversy (O Grande Conflito))* mostra que isto é só ilusão.[32] Os capítulos posteriores da edição expandida de Controversy de 1911 mostra padrões similares.[33]

Por doloroso que seja o dar-se conta disso, a controvérsia de Ford e a controvérsia-comparação-Ellen White fizeram a The *Great Controversy (O Grande Conflito)* um pouco suspeito. Ademais, outra investigação em progresso em tempos recentes mostra grandes bocados de erros históricos.[34] Até os clérigos ambulantes do White Estate admitiram que o livro já não pudesse ser considerado um relato exato dos acontecimentos históricos do século dezenove, mas que deve usar-se evangelisticamente.[35] Todos estes fatos somados levam à conclusão de que a tentativa de Ellen de reescrever a história de acordo com sua visão não deu resultado.

Assim que, para os teólogos Adventistas, a situação deveria ser começar outra vez pelo princípio.

---

## Referências e Notas

1 . Romanos 8:28.

2 . Ellen G. White, *The Great Controversy (O Grande Conflito)* (Mountain View: PPPA, 1888), "The Investigative Judgment," p. 479.

3 . John Milton, *Paradise Lost*. Publicado duas vezes durante a vida do poeta: 1667, 1674.

4 . Por exemplo, veja-se *The Three Messages of Revelation 14:6-12* [As Três Mensagens de Apocalipse 14:6-12], de J. N. Andrews. Outros folhetos e livros publicados pelos primeiros Adventistas também anunciavam as obras de John Milton. Um tratado titulado "The State of the Dead" [O Estado dos Mortos], por John Milton, foi impresso pela SDA Publishing Association em Battle Creek em 1866.

5 . Carta de Arthur L. White, 4 de Abril de 1946.

6 . EGW, *The Spirit of Prophecy*, 4 tomos. (Battle Creek: *Review and Herald*, 1858-60-84), suplemento ao tomo 4, p. 536. Veja-se *Education (Educação)*, p. 150.

7 . Veja-se Robert Brinsmead, *Judged by the Gospel* [Juízos pelo Evangelho], capítulo 12, "The Legend of Ellen G. White´s Literary Dependency" [A Lenda da Dependência Literária de Ellen G. White], p. 145. Em realidade, a controvérsia sobre *The Great Controversy (O Grande Conflito)* começou virtualmente com sua publicação em 1888, e continuou até a atualidade.

8 . [John Harvey Kellogg], "An Authentic Interview... on October 7th, 1907" [Uma Entrevista Autêntica ... o 7 de Outubro de 1907], p. 32.

9 . Tiago White, Edit., *Sketches of the Christian Life and Public Labors of William Miller, Gathered from his Memoirs by the Bate Sylvester Bliss, and From Others* [Esboços da Vida Cristã e Atividades Públicas de William Miller, Reunidos de suas Memórias, pelo Defunto Sylvester Bliss, e Outros] (Battle Creek: Steam Press, 1875).

10 . Compare-se o Capítulo 13, "William Miller," em The *Spirit of Prophecy*, tomo 4, de EGW, com seu contraparte posterior, o capítulo 18, "An American Reformer," em The *Great Controversy (O Grande Conflito)*, p. 317. Tomar material de escritores Adventistas anteriores se converteu no padrão dos volumes "ampliados" de Ellen White.

11 . Uriah Smith, "*The Sanctuary and the Twenty-three Hundred Days of Daniel VIII, 14*" [O Santuário e os Dois Mil Trezentos Dias de Daniel 8:14] (Battle Creek: Steam Press, 1877).

12 . J. N. Andrews, *The Prophecy of Daniel: the Four Kingdoms, the Sanctuary, and the Twenty-three Hundred Days a Profecia de Daniel* [Os Quatro Reinos, o Santuário, e os Dois Mil Trezentos Dias] (Battle Creek: Steam Press, 1863).

13 . Arthur L. White, "Rewriting and Amplifying the Controversy Story" [Reescrevendo e Ampliando a História da Controvérsia], pt. 2 de 7 *, Review*, 19 de Julho de 1979, p. 9. J[ean] H[enri] Merle d'Aubigne, *History of the Reformation of the Sixteenth Century* [História da Reforma do Século Dezesseis], 5 tomos. (Edinburg: Oliver and Boyd, 1853; New York: Robert Carter, 1846).

14 . A lista de livros que o Ellen G. White Estate identificou como tomados do DF 884 (para incluir os livros nos estantes do estudo de EGW, no escritório, e na abóbada. Uma nova lista preparada por Graybill e Johns em 1981: *An Inventory of Ellen G. White´s Private Library, July 29, 1981, Draft* [Um Inventário da Biblioteca Privada de Ellen G. White, Julio 29, 1981 , Rascunho] (Washington: EGW Está, 1981). James Aitkin Wylie, *History of the Waldenses* [História dos Vandenses] (London: Cassell, Petter, Galpin & Co., 1880).

15 . (Healdsburg) Pastors´ Union, "Is Mrs. E. G. White a Plagiarist?" [É a Sra. E. G. White Uma Plagiaria?] (Healdsburg, California, Enterprise, 20 de Março de 1889).

16 . Ibid.

17 . Donald R. McAdams, "Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s"[Cambiantes Pontos de Vista Sobre Inspiração], *Spectrum* 10 (Março de 1980):27-41.

18 . Robert W. Olson, "Exhibits Relating to *The Desire of Ages*" [Quadros Relativos ao *'Desejado de Todas as Nações*], fotocopiado (Washington: EGW Está, 23 de Maio de 1979) (p. 11 dos quadros de Olson, *Review and Herald*, Novembro 30, 1876).

19 . (Bible Conference). "The Bible Conference of 1919” [A Conferência Bíblica de 1919] *Spectrum* 10, não. 1 (Maio de 1979):23-57.

20 . Robert W. Olson, "Historical Discrepancies in the Spirit of Prophecy" [Discrepâncias Históricas no Espírito de Profecia], com uma nota no apêndice por Arthur L. White, fotocopiado (Washington: EGW Está, 17 de Julho de 1979).

21 . (John Harvey Kellogg), "An Authentic Interview... on October 7th, 1907" [Uma Entrevista Autêntica ... o 7 de Outubro de 1907], p. 33.

22 . Ibid.

23 . Ibid.

24 . EGW, *Selected Messages*, 3 lib. (Washington: RHPA, 1958-80), lib. 3, Apêndice A, pp. 434-35. Estas observações a respeito da revisão de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* foram feitas por W. C. White ao Conselho da Conferência Geral o 30 de Outubro de 1911.

25 . [Glendale Committee], "Ellen G. White and Her Sources," fitas da reunião do 28-29 de Janeiro de 1980.

26 . EGW, *Selected Messages*, lib. 3, Apêndice A, pp. 435-36.

27 . Kenneth H. Wood, "The Children Are New," editorial, *Review* (12 de Junho de 1980).

28 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, "From Visions to Books," cap. 4, pt. 2, p. 211.

29 . Ibid., pp. 211-12.

30 . Veja-se a edição de Ministry de Outubro de 1980. Esta é o órgão internacional da Associação Ministerial dos Adventistas do Sétimo Dia. Também, veja-se *Spectrum* 11, não. 2 (Novembro de 1980), o órgão da Associação de Foros Adventistas.

31 . Earl W. Amundson, "Authority and Conflict - Consensus and Unity" [Autoridade e Conflito - Consenso e Unidade], trabalho lido durante a Consulta Teológica, 15-20 de Agosto de 1980, em Glacier View Ranch, Ward, Colorado.

32 . Vejam-se os Quadros Comparativos do Capítulo 8 no Apêndice.

33. Ibid.

34 . Robert W. Olson e Ronald D. Graybill aos historiadores da Pacific Union Conference, no recinto universitário A Serra da Universidade de Loma Linda, sessão de verão de 1980.

35 . Ibid.

---

**Capítulo 8/Quadros Selecionados**

| Livros Escritos Por: | Fontes Que Utilizou: |
|---|---|
| **White, Ellen G.** | **Andrews, J. N.** |

| | |
|---|---|
| *The Great Controversy (O Grande Conflito)*,<br>Mountain View, Calif., Pacific Press, 1911.<br><br>*The Spirit of Prophecy*, tomo 4.<br>Oakland, Calif., Pacific Press, 1884. | *History of the Sabbath*,<br>Battle Creek, Steam Press, 1862. |
| | **March, Daniel**<br><br>*Night Scenes in the Bible*,<br>Philadelphia, Zeigler, McCurdy,<br>(1868-1870).<br><br>*Walks and Homes of Jesus*,<br>Philadelphia, Presbyterian Pub. Committee, 1856. |
| | **Merle d'Aubigne, J. H**.<br><br>*History of the Reformation*, tomo 4, lib. 9,<br>Glasgow and London, Collins, 1841. |
| | **Smith, Uriah**<br><br>*The Sanctuary*,<br>Battle Creek, Steam Press, 1877. |
| | **White, James**<br><br>*Sketches of the Christian Life and Public Labors of William Miller*,<br>Battle Creek, Steam Press, 1875. |
| | **Wylie, J. A .**<br><br>*History of the Waldenses*,<br>London, Cassell, Petter & Galpin, sem data. |

## Capítulo 9.
## Restos e Retalhos

### Profetas e Reis - e Várias Coisas

---

O resto da história é pendente abaixo todo o caminho. O último dos cinco grandes na série Conflito dos Séculos, publicado ao ano seguinte depois da morte de Ellen à idade de oitenta e oito anos, continuou o padrão de setenta anos - copiando o que outros tinham escrito sobre o tema.

Uma vez que a igreja e o público foram persuadidos de que a leitura de Ellen tinha melhorado enormemente sua capacidade e sua memória, qualquer coisa que levasse seu nome se vendia. Em princípios do século XX, a Igreja Adventista estava vendendo a Ellen por todas as partes. Gradualmente, Deus, o Evangelho, e até o

relato bíblico do evangelho, pareciam perder prioridade no púlpito. A ênfase veio a fazer-se principalmente sobre a autoridade de Ellen por meio de seus rápidos olhares para o futuro e seu realinhamento dos eventos da história, sem importar a fonte ou o grau de exatidão Muitos dos clérigos vieram ser menos ministros da luz e da verdade e mais apologistas da Ellenologia Adventista e supervendedores da igreja. Claramente, Deus corria em segundo lugar.

No *Comentário Adventist*a, Ellen foi reconhecida como a voz autorizada para as instituições educativas que a igreja opera.[1] Os livros devocionais anuais vendidos aos verdadeiros crentes traziam um poderoso provérbio de Deus para cada dia por meio da pluma de Ellen.[2] Uma enxurrada de material impresso inundava a igreja através de testemunhos "novos" e "não publicados." Compilações adicionais – solicitadas ou sugeridas por administradores em postos chave que desejavam autoridade para o que estavam fazendo ou o que queriam fazer ou, ainda, o que criam – continuavam aparecendo nas listas de publicações ou folhetos Adventistas,[3] e os membros as compravam, sem suspeitar quão substancialmente outros ajudantes diferentes de Deus haviam tornado possível esta abundância.[4]

Já em princípios da década de 1950, o White Estate tinha escrito que seu propósito era limitar a produção de compilações. Mas as compilações continuaram saindo.[5] Fizeram-se planos para uma habitação adicional na abóbada do Ellen G. White Estate para dar cabide a todos os pedaços e retalhos de material sobrante que eram incorporados ao material impresso publicado sob o nome de Ellen. Segundo um rumor humorístico que corria, durante as renovações o neto Arthur instalou seu catre perto da porta para proteger o material de Deus e assegurar-se de que a porta fechada dessa abóbada permanecesse fechada. Ao todo, os anos que decorreram desde a morte de Ellen em 1915 até começos da década de 1960 fizeram mais para realçar seus escritos expandidos, sua imagem, e sua posição como "a primeira entre seus iguais" de Deus que todos os anos de esforços enquanto viveu. Em realidade, para muitos, com freqüência parece que se escreveu mais a respeito de ela, a favor dela, e por ela desde sua morte que durante sua vida. Onde terminará tudo isto?

Num momento de fervor, a pessoa tende a deixar-se levar pelo entusiasmo. Pode ser que as coisas se voltem um pouquinho livres ou descuidadas – e isso é o que sucedeu com alguns dos bocados que estavam atirados por aí. Por exemplo, uma *Review* de 1871 continha um parágrafo credenciado como "Selected" - indicando que esse pequeno trecho tinha sido reimpresso de uma fonte que ou era desconhecida ou não era aceitável nomear:

> O que faz muita falta nesta época são homens. Homens que não se vendam. Homens que sejam honestos, íntegros desde o centro até a circunferência, sinceros até a medula dos ossos – homens que condenem o erro num amigo ou num inimigo, neles mesmos e nos demais. Homens cujas consciências sejam tão firmes como a bússola ao pólo. Homens que estejam de parte da verdade ainda que os céus se cambaleiem e a terra trema.[6]

Uma paráfrase deste pensamento "seleto" [que apareceu como mais trinta anos tarde na edição de 1903 do livro de Ellen, *Education (Educação)*] se converteria numa das grandes gemas Adventistas - memorizada, recitada, e reverenciada por incontáveis milhares de fiéis:

> A falta maior no mundo é de homens – homens que não se comprem nem se vendam, homens que sejam verazes e honestos no mais íntimo de suas almas, homens que não temam chamar ao pecado por seu verdadeiro nome, homens cujas consciências sejam tão fiéis ao dever como a bússola ao pólo, homens que permaneçam do lado da verdade ainda que se desaprumem os céus.[7]

Outros bocados e retalhos começaram a aparecer também nos *Testimonies for the Church* [Testemuhos Para a Igreja], de Ellen.[8] Até que se fez esta descoberta, que ocorreu depois de sua morte (até onde o indica a informação atual), os *Testimonies* sempre tinham sido tidos por não violados. Eram as virgens do gênio dela, o sinal de sua conexão com Deus, sua única e verdadeira declaração a respeito de suas sessões pessoais e não adulteradas com os seres celestiais. Até Uriah Smith tinha traçado uma linha entre o que ele tinha visto e aquilo do que não podia estar seguro nesse tempo.[9] Mas já não se podia negar que, se alguém deixava atirado

um bocado, Ellen o recolhia e o usava, porque tarde ou temporão aparecia em sua loja de penhores para ser vendido como mercadoria de Deus.

Um erudito que conhecemos antes, Dom McAdams, apareceu com um manuscrito revelando que Ellen tinha usado o historiador Wylie para alguns retalhos de *The Great Controversy (O Grande Conflito)*:

> As porções históricas de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* que examinei são compêndios e adaptações seletivas de historiadores. Ellen White não só tomava emprestados os parágrafos com os quais se esbarrava aqui e ali durante suas leituras, senão que em realidade seguia aos historiadores página depois de página, omitindo muito material, mas usando sua seqüência, algumas de suas idéias, e com freqüência suas palavras. Nos exemplos que examinei, não encontrei fatos históricos no texto dela que não estejam no texto deles. O rascunho escrito à mão sobre John Huss segue ao historiador tão de perto que nem sequer parece ter passado por uma etapa intermediária, senão mais bem próximo da página impressa do historiador que ao manuscrito da Sra. White, incluindo erros históricos e exortações morais.[10]

Para meados da década de 1970, um crescente número de relatórios punham em dúvida os escritos de Ellen e de seus ajudantes.[11] Até os membros diretores do White Estate entraram em cena, de uma maneira obtusa. Rum Graybill, naquele tempo assistente nos escritórios do Ellen G. White Estate, completou um estudo de um dos capítulos de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* e descobriu que grande parte dele tinha sido incluída num artigo no *Signs of the Times* de Outubro de 1883, titulado "Luther in the Wartburg."[12] Graybill tinha descoberto que o que Ellen tinha feito em realidade era copiar, não ao historiador Merle d'Aubigné, como se tinha suposto, "senão uma versão popularizada de d'Aubigné, que tinha sido preparada pelo Reverendo Charles Adams para leitores juvenis" – neste caso tinha copiado ao que tinha copiado.

Nem sequer a conexão de Graybill com O Ellen G. White Estate pôde aliviar a dor ao escrever:

> A impressão geral obtida deste estudo por este pesquisador é que apóia o ponto principal de McAdams - que a narrativa histórica objetiva e secular se baseou na obra de historiadores, não em visões.[13]

Como no caso do trabalho de McAdams, o Ellen G. White Estate não quis dar à luz o trabalho de Graybill, seu próprio representante. Precisa-se algo mais do que um agente secreto para obter uma cópia desta peça. Mas se um fora o bastante afortunado para estar entre os poucos escolhidos aos quais se lhes permite ver a preciosa relíquia da qual Graybill sacou sua conclusão, veria que Ellen em realidade tinha copiado com sua própria mão as palavras e os pensamentos de alguém que tinha copiado as palavras e os pensamentos de outro escritor. Se for aqui onde os teólogos Adventistas estão parados quando insistem em que "todo o mundo" o fazia (assim que tem que ser correto), poderiam ter razão. Mas um poderia perguntar-se: – Por que meter a Deus em todo isto e insistir em que Ele o aprovou?

Devido a que muito e valioso material fonte do White Estate, não o Ellen G. White Estate facilmente disponível para os pesquisadores, a comunidade intelectual ainda não pôde enfrentar-se com o sério problema que parece existir quanto ao significado de inspiração.

Os modernos exploradores William S. Peterson e Ronald L. Numbers tinham feito bem revelando as fontes de alguns dos bocados e retalhos que tinham sido vistos de tanto em tanto na loja de penhores de Ellen. Mas foi sua desventura, por seus esforços, fazer-se não bem-vindo para o emprego institucional Adventista, como lhes tinha sucedido a muitos outros antes que eles. Para continuar sendo funcional no Adventismo, não é necessário ver o que Ellen via, e certamente não é necessário ver em que lugar ela via o que via, mas sempre foi necessário *crer* que ela via o que via. Este fato é difícil de aceitar por aqueles que, ainda por predeterminação, remexem na loja de penhores onde a mercadoria é representada ante os compradores como mercadoria de Deus.

Às vezes, as coisas se punham, não só criativas, senão hilariantes. Em 1977, Harold L. Calkins, anterior presidente da Southern California Conference dos Adventistas do Sétimo Dia, inundou as igrejas locais com esta jóia credenciada a Ellen G. White na *Review* de Outubro 7, 1865:

> A oração é a resposta a cada problema da vida. Põe-nos a tom com a sabedoria divina, que sabe como ajustar todo à perfeição. Assim que, com freqüência, não oramos em certas situações, porque desde nosso ponto de vista, a perspectiva é desesperada. Mas nada é impossível para Deus. Nada é tão enredado que não se possa remediar; nenhuma relação humana é tão tensa que Deus não possa trazer reconciliação e entendimento; nenhum hábito está tão profundamente arraigado que não possa ser vencido; ninguém é tão débil que não possa ser forte. Ninguém está tão adoeço que não possa ser sanado. Nenhuma mente é tão obtusa que não possa ser brilhante. Não importa o que precisemos, se confiamos em Deus, ele o proporcionará. Se algo nos está causando preocupação ou ansiedade, deixemos de repetir a dificuldade, e confiemos em Deus para receber previdência, amor e poder.[14]

Mais tarde, Leslie Hardinge, coordenador de Ellen G. White e secretário da conferência, escreveu ao White Estate pedindo-lhes que verificassem a origem da declaração. A resposta foi como segue:

> A citação que nos enviou em sua carta de Março 31, que lhe estamos devolvendo, e que supostamente foi encontrada num artigo de Ellen G. White que apareceu na *Review* de 7 de Outubro de 1865, não é uma declaração de E. G. White. Pelo menos, ninguém no White Estate pôde encontrar nenhuma declaração como esta nos escritos dela... Não temos idéia de qual possa ser a origem desta citação.[15]

Não que tivesse nenhuma diferença se se tivesse dito que a citação tinha saído da pluma de Ellen, porque mesmo assim as linhas puderam muito bem ter sido copiadas de algum outro escritor. Mas a pergunta que surge é a seguinte: Quantas desta classe de coisas se fizeram antes, no nome de Ellen e a inspiração, e finalmente no nome de Deus? Os suportes embaixo desta declaração foram derrubados, porque, sem o respaldo de Ellen, carece de autoridade. Para a multidão de verdadeiros crentes adventistas, há pouco de valor sem o selo de aprovação de Ellen.

Numa carta escrita em 1921 em resposta a perguntas feitas por seu sobrinho, Vesta J. Farnsworth defendeu lealmente a Ellen e suas atividades. Como sucede com freqüência, uma defesa pode, por sua própria natureza, revelar informação que faz o oposto de defender. Por exemplo, a Sra. Farnsworth escreveu:

> Anos mais tarde, quando se lhe apresentou a ela [EGW] o pensamento de que o uso que tinha feito das declarações dos historiadores se considerava uma infração dos direitos e interesses comerciais dos publicadores, ela deu instruções de que se fizessem correções, nas futuras edições de seus livros, dando pleno crédito por todas as citações.[16]

Ainda que o gordo das obras principais de Ellen tinha sido publicado para então, depois de que "se lhe apresentou o pensamento" em relação com *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, ninguém produziu ainda uma declaração dela no sentido de que estava disposta a dar crédito específico a pessoas específicas cujas obras e idéias foram incorporadas em seus materiais.

Uma declaração de uma carta de Willard A. Colcord proporciona o marco para a explicação que Vesta Farnsworth deu a outra pergunta de seu sobrinho:

> Creio que o que disse na carta a meu pai a respeito da carta australiana era demasiado indefinido para que captasses os verdadeiros fatos. Nos escritos sobre temas de liberdade religiosa enviados aqui ao departamento de liberdade religiosa, faz alguns anos, de parte da Irmã White, as duas páginas incluídas aqui foram incorporadas tal como foram tomadas de uma comunicação que lhe enviei à Irmã White enquanto estive em Austrália, sem nenhum crédito, nem citações, nem nada desse tipo; simplesmente, foram adotadas como material

> original... Este uso nos escritos da Irmã White de tanto material escrito por outros, sem citações nem créditos, colocou a ela e a seus escritos em bastantes problemas. Um dos principais objetivos da mais recente revisão de "Great Controversy (O Grande Conflito)" foi arrumar assuntos desta classe, e uma das principais razões pelas quais "Sketches from the Life of Paul" nunca se voltou a publicar foram os sérios defeitos seus sobre esta base.[17]

Para contestar-lhe a seu sobrinho, a Sra. Farnsworth citou o que segue de informação proporcionada por um dos que serviram como secretários de Ellen White por um tempo – Clarence C. Crisler:

> Durante os últimos anos da vida ativa da Irmã White, guardaram-se em seu escritório, não só arquivos de suas cartas e manuscritos, senão também outros variados documentos de várias fontes; e esta miscelânea foi classificada e disposta para que estivesse facilmente ao alcance em todo momento. Coletivamente, esta massa de documentos se conheceu como "The Document File" [O Arquivo de Documentos]. Era completamente diferente do Arquivo de materiais de testemunhos e guardava-se separado dele.
>
> O Arquivo de Documentos estava disposto de acordo com temas, e continha muito de interesse histórico e general em relação com muitas fases de nossa obra denominacional... Não se fez nenhum esforço para que fora completo; mais bem, o Arquivo de Documentos era um lugar onde o material que poderia ser útil se guardava em forma classificada. Neste Arquivo de Documentos tinha um folder chamado "Religious Liberty Department" [Departamento de Liberdade Religiosa]; nele se tinham posto, com o correr dos anos miscelâneas de materiais sobre este tema, incluindo alguns duplicados e porções copiadas de cartas e manuscritos da pluma da Irmã White.
>
> Quando, antes da Conferência Bíblica de 1919, a Sra. White pediu o que ela tinha escrito sobre o tema de Liberdade Religiosa... para que pudesse dar consideração a que deveria ser incluído sobre este tema num futuro volume de "Testimonies for the Church" (tomo nove), se lhe entregou o que tinha no Arquivo regular de suas cartas e manuscritos. Mais tarde, quando ela estava a ponto de sair de seu lar e de seu escritório em California para assistir à Conferência, estas cartas e manuscritos foram copiados em parte, para que pudesse ter algumas porções com ela; pois ainda não tinha tomado decisões finais quanto a que era melhor publicar nesse tempo.
>
> Para garantir que qualquer material disponível estivesse facilmente a seu alcance enquanto estivesse longe do Escritório uma de suas secretárias, antes de tomar o trem para a Conferência de Washington, tomou do Arquivo de Documentos o folder etiquetado "Religious Liberty Department"... e este foi levado à Conferência, além do material de Testemunhos do Arquivo de cartas e manuscritos. Este arquivo, como a maioria dos outros arquivos no Arquivo de Documentos, continha material de várias fontes, e foi aqui onde um membro do Departamento de Liberdade Religiosa se tropeçou com a página da qual se disse que era "uma carta que ele lhe tinha enviado a ela alguns anos antes." A página tinha sido escrita pelo Pastor W. A. Colcord.[18]

O que Vesta Farnsworth disse a respeito de Marian Davis, outra das ajudantes literárias de Ellen, revela perspectivas ainda inexploradas:

> Diz-se que um dia encontraram Marian Davis chorando por causa do plágio nos livros da Irmã White. Se isto fora verdadeiro, é uma das muitas coisas relacionadas com seu trabalho pelas quais se sentia profundamente agoniada. A Irmã Marian Davis era extremamente fiel e conscienciosa em seu trabalho, e sentia agudamente sua responsabilidade no trabalho que se lhe tinha confiado em relação com os escritos da Irmã White. Era frágil de corpo, e com freqüência se sentia deprimida. Muitas vezes, procurou as orações e o conselho de seus sócios e colegas de trabalho. E com a ajuda de Deus, fazia um nobre trabalho. Amava o

> trabalho mais do que a sua vida, e qualquer coisa que o afetava a ele, a afetava a ela. Tinha *participado na decisão* de omitir as aspas na primeira edição de Great Controversy (O Grande Conflito) e usar um reconhecimento geral no Prefácio. Depois, quando chegaram as severas críticas por isto, ela, com a Irmã White e seus sócios, sentiu-o agudamente. [A cursiva é nossa].[19]

E agora, a verdadeira bomba:

> A acusação de que a Irmã White tampava com seu avental o que estava escrevendo, quando chegava um visitante, para ocultar o fato de que estava copiando um pouco de um livro, é verdadeiramente absurda. *Não era nenhum segredo que ela copiava passagens escolhidas de livros e publicações periódicas*. Mas quando ela escrevia conselhos e repreensões a ministros de maior idade, também desejava que obreiros mais jovens não se inteirassem de que ou a quem escrevia. Com freqüência, isto a levava a cobrir o que estava escrevendo quando chegavam visitantes. [A cursiva é nossa].[20]

O que a Sra. Farnsworth tinha revelado certamente era mais do que se tinha proposto revelar. Primeiro, tinha dito que "na redação desta carta, fui afortunada ao receber ajuda de fontes confiáveis, e crio que Você pode considerar como autêntico o que estou escrevendo."[21]

Se ela é confiável, então alguém tem que chegar à conclusão de que (*a)* Marian Davis foi encontrada chorando; (*b*) que ela chorava por causa do plágio nos livros de Ellen; (*c)* que Marian tinha enorme liberdade para fazer o que fazia, presumivelmente com freqüência sem permissão ou sem o conhecimento de Ellen; (*d*) que Ellen, sim, cobria o que escrevia com seu avental, como havia rumor; (*e*) que "não era nenhum segredo que Ellen copiava passagens escolhidas de livros e publicações periódicas."

Em vista desta evidência, que pode fazer o White Estate exceto mudar a discussão, do fato de que Ellen tomava material alheio (no nome de Deus), a uma área de valor?

A diferença dos fatos ou as políticas, o valor, por suposto, não é nada mais nem nada menos que a opinião própria de um mesmo. É a grande área cinza da utopia na qual vive a maioria de nós. É intangível e subjetivo. É uma questão, não da mente ou a razão, senão dos sentimentos, a esperança, os desejos, os sonhos, e as ambições. É uma área, não de provas, senão de conjeturas, com freqüência chamada "fé" pelos que não têm fé. É o campo de batalha onde os supervendedores do psíquico fazem funcionar sua magia. Para os teólogos, pode ser chamado "inspiração." Pode servir como uma bandeira para apartar à gente da verdadeira palavra à qual não se atrevem a enfrentar-se. Essa palavra rara vez usada é *autoridade*.

A palavra autoridade, como a inspiração, é também intangível no mundo religioso. Como a beleza, a autoridade nesse mundo é também segundo o cristal com que se olha. Mas, a diferença da inspiração, a inspiração em fim de contas deve traduzir-se no objetivo, no mundo concreto da realidade, o aqui e o agora, a ação. A inspiração nunca precisa mover-se de seu divã; em realidade, não se moveu muito através dos séculos. Com freqüência, a inspiração aparece como uma tentativa desonesta, por parte de gente honesta, para definir e enfrentar-se com um conceito que parece resistir-se em ser definido. A inspiração esquenta o corpo e tranqüiliza a mente, mas não precisa produzir nenhuma ação. Pode permanecer encerrada para sempre nas câmaras ocultas da alma, e não ser reconhecida nunca pelos demais. Mas a autoridade deve viver na ação, enquanto a inspiração com freqüência trata à ação com extremo cuidado. A autoridade dada livremente se converte na base de toda autodisciplina, enquanto à inspiração cedo se vai ao vento. Os teólogos da classe de Ellen se serviriam a si mesmos e serviriam a sua causa muito melhor enfrentando-se à questão de qual autoridade se lhe deu a Ellen do que descuidando seu barco até do que se afunda, enquanto eles se gritam o um ao outro em nome da inspiração.

Apesar da mentira branca, a posição de Ellen na história Adventista é segura. Sua inspiração e sua devoção a sua causa não podem negar-se, porque vivem nas vidas de seus verdadeiros crentes. Mas a igreja nunca se enfrentou à autoridade dela quanto aos fatos e as políticas e as práticas. Os membros da Igreja Adventista

deixaram que os supervendedores do psíquico usurpassem a autoridade de Ellen e a convertessem na autoridade de Deus para seus próprios fins. São eles os que com freqüência fazem soar a trombeta de Ellen em nome de Deus. Se a igreja tem de sobreviver, os teólogos terão que sair da utopia e começar a guiar-se a si mesmos e a outros para uma resposta satisfatória do que é a autoridade de Ellen.

Foi a elucidação dessa autoridade, não a inspiração, o que William S. Sadler procurava quando lhe escreveu a Ellen em 1906 . Sempre tinha apoiado a Ellen em suas decisões e em seus escritos. Mas tinha começado a ter dúvidas – como as tinham muitos outros que a tinham seguido demasiado cegamente e por demasiado tempo. Sadler expressou alguns destes problemas desta maneira:

> Em conseqüência, sento-me perplexo quando trato de entender certas coisas que você escreveu recentemente. Com freqüência, não sei como escolher entre as seguintes duas posições:
>
> (1) Devo reconhecer as condições ou acusações expressadas no Depoimento como verdadeiras, e como condições que realmente existem na atualidade, ainda que depois de uma busca com oração e uma cuidadosa investigação ainda não possa eu reconhecer que estas coisas existem? Ou
>
> (2) É este outro caso como o dos edifícios de Chicago, no qual Você apresentou algo que em realidade não existia, mas que o Senhor estava tratando de impedir?[22]

Sadler viu uma perigosa mudança de atitude (quanto a Ellen e seus escritos) iniciando-se na igreja:

> Prestei ouvidos surdos a estas coisas por anos, mas agora, já que nossa atitude sobre os Testemunhos se está convertendo numa prova através da denominação, dou-me conta de que tenho que ir ao fundo de todas estas coisas.[23]

Como outros antes que ele, estava preocupado pela influência de Willie White sobre os Testemunhos - como o expressou com clareza citando a Ellen de "a comunicação escrita por Você, com data de 19 de Julho de 1905, aos Irmãos I. H. Evans e J. S. Washburn":

> Escrevi umas poucas linhas ao Ancião Daniells indicando que se fizesse isto, mas Willie não viu que o assunto pudesse ser levado adiante deste modo, porque o Ancião Daniells e outros nesse momento estavam muito desanimados em relação com a condição das coisas em Battle Creek. Assim que lhe disse que não era necessário que entregasse a nota.[24]

Contra o que este bom doutor estava lutando parecia ser o mesmo contra o que todas as pessoas pensantes arredor de Ellen tiveram que lutar em algum momento de sua experiência. Seu problema sempre se reduzia ao mesmo: QUER O VERDADEIRO DEUS DE Ellen White PÔR-SE DE PÉ, POR FAVOR? Em sua carta para ela, Sadler lhe fez esta pergunta uma e outra vez:

> São as cartas que Você escreve aos dirigentes de nossa obra, respostas às cartas que eles escrevem, Testemunhos? Devo eu receber tudo o que Você escreve como se fora do Senhor - tal com está, palavra por palavra, – ou há comunicações que Você despacha, cartas pessoais suas, – comunicações pessoais da Irmã White?...
>
> Qual deverá ser minha atitude para os que vacilam em aceitar um Depoimento, ou aparentemente rejeitam os Testemunhos? Devo deixá-los sós com Deus e com suas Bíblias, ou devo denunciá-los publicamente, e fazer guerra contra eles?... Concernente ao Vestido de Reforma e a mudança de instruções... é sua posição hoje diferente de algum modo da que Você tomou então?...

> Faz vários anos, se me disse que seu filho tinha feito esta mudança no manuscrito. É isto assim? Tem alguém autoridade para mudar seus escritos de algum modo? Até que ponto e exatamente de que modo são os Testemunhos editados depois de que saíram de sua pluma, antes de cristalizar em material impresso?[25]

Perguntas, perguntas, perguntas. Mas nunca foram contestadas. Essa deve ter sido uma das razões pelas quais este médico praticante em particular - cujo arquivo diz que num tempo foi o cirurgião residente maior no Hospital [de ensino] Columbus e cirurgião chefe no Sanatório e Hospital Bethany, anteriormente professor numa escola de medicina de pós-graduação em Chicago, e autor de vários livros – mais tarde escreveu o seguinte quanto a alguns casos similares do que ele tinha observado:

> Quase todas estas vítimas de transes e catalepsia nervosa, tarde ou cedo chegam a crerem-se mensageiros de Deus e profetas do céu; e sem dúvida a maioria deles é sincera em sua crença. Não entendendo nem a fisiologia nem a psicologia de sua doença, sinceramente chegam a considerar suas peculiares experiências mentais como algo sobrenatural, enquanto seus seguidores crêem cegamente qualquer coisa que eles ensinam por causa do suposto caráter divino dessas assim chamadas revelações.[26]

A evidência aponta ao fato de que Sadler falava, não só por convicção profissional, senão também por sua própria observação pessoal de Ellen através dos anos e a experiência de alguém que uma vez tinha sido crente.

Muitos, em seu tempo e a sua vez, chegaram a ter perguntas concernentes à autoridade de Ellen. Talvez fossem esposos, parentes, secretárias, assistentes, editores, escritores, educadores, sócios, ou amigos. Mas chegaram a questionar a relação dela com Deus quando se tratava das afirmações em seus escritos e em suas "visões." Não era que duvidassem de sua inspiração pastoral ou a crença dela nisso. Porém, se o que perguntavam era em nome de quem fazia o que fazia.

Essa pergunta, que tanto concernia a pessoas informadas então, e que foi sua maior controvérsia (e a de Ellen) durante a vida dela, é ainda a causa de perguntas e controvérsia em nossos dias – toda uma vida desde sua morte em 1915.

Não é de se surpreender que, décadas mais tarde, Rum Graybill, Sócio no White Estate, dirigindo-se ao Adventist Forum Board [Junta de Foros Adventistas] em Novembro de 1981, expressasse em voz alta os mesmos pensamentos de Sadler, só que com diferentes palavras:

> O grosso dos comentários dela trata somente da origem divina de seu material, e tende a negar a influência do pensamento e opinião humanos. E assim, apesar de que não temos nenhum problema com o fato de que a Sra. White tomasse material emprestado, sim nos perguntamos por que parece negar que o tivesse feito.[27]

Mas que o negou o negou. É só parte da mentira branca estendida dizer que a igreja foi sincera e honesta quanto ao trabalho de copiar de Ellen. Nem ela nem seu esposo deram jamais evidência de do que ela participava na obra de roubar material alheio. Em realidade até que se viram obrigados a admiti-lo em anos posteriores, os White, desde James até Willie, o filho, e seguindo até o neto Arthur, todos tomaram a linha dura a respeito da Mãe Ellen. A melhor tentativa de James ocorreu em seu livro *Life Sketches*, que se publicou em 1880, apenas oito anos antes de "a grande confissão" na introdução de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* de 1888. É tão forte e absoluto em sua ignorância ou encobrimento, que deveria ser citado como um todo:

> 3 . Indicam os incrédulos que o que ela escreve em seus testemunhos pessoais o aprendeu de outros Perguntamos: Que tempo teve ela para aprender todos estes fatos? E quem pode, por um momento, considerá-la como cristã, se ela presta ouvidos ao dispositivo, e depois o escreve como uma visão de Deus? E onde está a pessoa de superior capacidade, natural ou

adquirida, que possa escutar a descrição de um, dois ou três mil casos, todos diferentes, e depois escrevê-los sem confundi-los uns com outros, expondo o trabalho a mil contradições? *Se a Sra. White reuniu os fatos de uma mente humana num só caso, então o fez em milhares de casos, e Deus não lhe mostrou as coisas que ela escreveu nestes testemunhos pessoais.*

4 . Em suas obras publicadas se dizem muitas coisas que não se encontram em outros livros, e, no entanto, são tão claras e formosas que a mente normal as capta em seguida como a verdade... Se os comentaristas e os escritores de teologia em geral tivessem visto estas jóias de pensamento que impressionam a mente com tanta força, e elas tivessem sido impressas, todos os ministros do país poderiam tê-las lido. Estes homens reúnem pensamentos de livros, e como a Sra. White escreveu e falado cem coisas, tão verdadeiras como formosas e harmoniosas, *que não se encontram nos escritos de outros, são novas para os mais inteligentes leitores e ouvintes. E se não se encontram impressas, e não se pronunciaram durante sermões desde o púlpito, onde as encontrou a Sra. White?* De que fonte recebeu ela os novos e ricos pensamentos que se encontram em seus escritos e discursos? *Ela não poderia tê-los aprendido de livros, pelo fato de que eles não contêm tais pensamentos*. E, certamente, ela não os aprendeu dos ministros que não tinham pensado nelas. O caso é claro para mim. Requer-se mais cem vezes credulidade para crer que a Sra. White aprendeu estas coisas de outros, e que as fez passar como visões de Deus, da que se requer para crer que o Espírito de Deus se as revelou a ela. [A cursiva é nossa].[28]

---

## Referências e Notas

1 . Veja-se o Apêndice, Quadro Comparativo para o Capítulo 9 sobre o Comentário Adventista.

2 . Veja-se o Apêndice, Quadro Comparativo para o Capítulo 9 sobre *My Life Today* [Minha Vida Hoje] e *Sons and Daughters of God* [Filhos e Filhas de Deus] - dois livros devocionais compilados muito tempo depois da morte de Ellen White.

3 . Veja-se o Apêndice, Quadros Comparativos para o Capítulo 9. Certos livros foram compilados e publicados muito tempo depois da morte de Ellen White.

4 . Veja-se o Apêndice, Quadros Comparativos para o Capítulo 9 sobre *Testimonies for the Church* e publicações posteriores.

5 . De D. Arthur Delafield para Walter Rea em 1960, concernente às políticas do EGW Está sobre fazer mais compilações. De Merlin L. Neff para o White Estate, 20 de Janeiro de 1961: "Muitos de nossos dirigentes, particularmente em Washington, têm a impressão de que temos suficientes compilações do Espírito de Profecia. Há consideráveis objeções contra sacar mais delas na atualidade."

6 . ["Recheio" editorial], *Review*, Tomo 37, Não. 6, Janeiro de 1871.

7 . Ellen G. White, *Education (Educação)* (Mountain View: PPA, 1903), p. 57.

8 . Veja-se o Apêndice, Quadros Comparativos para o Capítulo 9 sobre *Testimonies for the Church.*

9 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, p. 208. Veja-se também as cartas de Uriah Smith para Dudley M. Canright em 1883 (11 de Março, 6 de Abril, 31 de Julio, 7 de Agosto).

10 . Donald R. McAdams, "Shifting Views of Inspiration," *Spectrum* 10, No. 4 (Março de 1980): 34. Aqui McAdams citação a "Ellen G. White and the Protestant Historians" [Ellen G. White e os Historiadores Protestantes], seu texto mecanografado sem publicar disponível em forma de fotocópia nos "centros de investigação" Adventistas (EGW Está, Biblioteca da Universidade de Andrews, e os Arquivos e Coleções Especiais da Biblioteca da Universidade de Loma Linda).

11 . Ibid., pp. 27-41 (o artigo inteiro). Vejam-se também os números de Spectrum da década de 1970.

12 . McAdams, *Spectrum* 10, Não. 4 (Março de 1980), p. 35.

13 . Ibid., p. 34.

14 . De Harold L. Calkins para os membros da Southern California Conference em 1977. A citação que circulou pretendia ser uma citação das obras de Ellen G. White numa *Review* de 1865.

15 . Do Escritório do EGW Está para Leslie Hardinge, 18 de Abril de 1977.

16 . De Vesta J. Farnsworth para Guy C. Jorgensen, 1 de Dezembro de 1921 , pp. 32-33.

17 . Carta de Willard A. Colcord, 23 de Fevereiro de 1912.

18 . De Vesta J. Farnsworth para Guy C. Jorgensen, 1 de Dezembro de 1921, pp. 32-33.

19 . Ibid., p. 34.

20 . Ibid., p. 34.

21 . Ibid., p. 6.

22 . De William S. Sadler para Ellen G. White, 26 de Abril de 1906 , p. 2.

23 . Ibid., p. 2.

24 . Ibid., p. 3.

25 . Ibid., pp. 4, 6, 8-10.

26 . W[illiam] S. Sadler, *The Truth About Spiritualism*, (Chicago: A. C. McClurg & Co., 1923).

27 . Roy Graybill, White Estate, Novembro de 1981, Forum Board Talk.

28 . Tiago White, *Life Sketches, Ancestry, Early Life, Christian Experience and Extensive Labors of Elder Tiago White, and His Wife, Mrs. Ellen G. White* [Esboços da Vida, os Antepassados, os Primeiros Anos, a Experiência Cristã, e os Extensos Trabalhos de Tiago White, e sua Esposa, Ellen G. White] (Battle Creek, Steam Press, 1880) pp. 328-329, edição de 1880.

---

## Capítulo 9/Quadros Seletivos

| Livros Escritos Por: | Fuentes Que Ela Utilizou: |
|---|---|
| **White, Ellen G.**<br><br>*Christ´s Object Lessons*, 1900.<br>*Counsels on Stewardship*, 1940.<br>*Counsels to Teachers*, 1913.<br>*Education (Educação)*, 1903.<br>*Evangelism,* 1946.<br>*Fundamentals of Christian Education (Educação)*, 1923.<br>*Gospel Workers*, 1915.<br>*Great Controversy (O Grande Conflito)*, 1884, 1886, 1911.<br>*Messages to Young People*, 1930.<br>*The Ministry of Healing*, 1905.<br>*My Life Today*, 1952.<br>*Patriarchs and Prophets*, 1890, 1913.<br>*Prophets and Kings*, 1916.<br>*Selected Messages*, Vols. 1-3, 1958-1980.<br>*Sons and Daughters of God*, 1955.<br>*Spirit of Prophecy*, Vol. 4, 1884.<br>*Steps to Christ*, 1892.<br>*Testimonies to Ministers*, 1923.<br>*Testimonies to the Church*, Vols. 1-9, 1868-1909.<br>*Thoughts from the Mount of Blessing*, 1896. | **Andrews, J[ohn] N[evins]**<br>*History of the Sabbath*, Battle Creek, SDA Pub. Assn. 1862.<br><br>**Broadman, William E.**<br>*The Higher Christian Life*, Boston, Hoyt, 1871.<br><br>**Couves, L[arkin] B**.<br>*Philosophy of Health*, Boston, Ticknor, Reed & Fields, 1853.<br><br>**Edersheim, Alfred**<br>*Elisha the Prophet*, London, Religious Tract Society, 1882.<br><br>**Gordon, Adoniram Judson**<br>*The Ministry of Healing,* London, Revell, 1882.<br><br>**Harris, John**<br>*Mammon*, New York, American Tract Society, 1836.<br><br>*The Great Teacher*, 2dá. edit., Amhurst, J. S. and C. Adams, 1836.<br><br>*The Great Teacher,* 17a. edit., Boston, Gould and Lincoln, 1870.<br><br>**Kirk, Edward N.**<br>*Lectures on the Parables of Our Saviour*, New York, Trow, 1856.<br><br>**Krummacher, F. W.**<br>*Elijah the Tishbite*, London, Nelson, 1848.<br><br>**March, Daniel**<br>*Home Life in the Bible*, Philadelphia, Ziegler & McCurdy, 1873.<br><br>*Night Scenes in the Bible*<br>Philadelphia, Ziegler & McCurdy, 1868-1870.<br><br>*Our Father´s House*,<br>Philadelphia, Ziegler & McCurdy, 1871. |

*Walks and Homes of Jesus*
Philadelphia, Presbyterian Pub.
Committee, 1856.

**Melvill, Henry**
*Sermons, Volume I & II*, London,
Francis & John Rivington, 1846, 1851.

**Miller, Eli Peck**
*The Cause of Exhausted Vitality*, Boston,
E. P. Woodward & Co., 1867.

**Nichols, Francis Davis, Edit.**
*The S. D. A. Bible Commentary*,
Washington, D. C., Review & Herald
Pub., 7 Vol., 1953-57.

**Smith, Hanna W.**
*The Christian´s Secret of a Happy Life*,
Old Tappan, N. J., Revell, 1883 (1971 edit.)

**Smith, Hanna W.**
*The Christian´s Secret of a Happy Life*,
Old Tappan, N. J., Revell, 1883.
(1971) edit.)

**Stowe, Calvin**
*Origin & History of Books of the Bible*,
Hartford, Conn., Hartford
Publishing Co., 1868.

**Taylor, William M.**
*The Parables of Our Saviour*, New York,
Hodder & Streghton, 1886.

**Underwood, Almon**
*Millennial Experiences, or God´s Will
Known & Doe*, Boston, Henry Hoyt,
1860.

**White, James**
*Life Incidents*, Battle Creek, Steam
Press, 1868.

*Life Sketches, Ancestry, Early Life,
Christian Experience and Extensive
Labors, of Elder Tiago White, and His
Wife, Mrs. Ellen G. White,* Battle Creek,
Steam Press, 1880.

*Sketches of the Christian Life and Public
Labors of William Miller,* Battle Creek,

| | |
|---|---|
| | Steam Press, 1875. |

**Quadros Comparativos Demonstrativo**

| *Prophets and Kings (Profetas e Reis)* **E. G. White 1916.** | *Night Scenes in the Bible* **Daniel March 1868-1870.** |
|---|---|
| 119 Entre as montanhas de Gileade... habitava ... um homem de fé... bem afastado de qualquer cidade de renome.<br>Ao ver Elias que Israel se submergia mais e mais na idolatria, sua alma se angustiou.... Deus tinha feito grandes coisas por seu povo. Tinha-o livrado da escravatura...<br>120 Porquanto os adoradores de Baal afirmavam que os tesouros do céu, o orvalho e a chuva, vinham, não de Jeová, senão das forças que governam a natureza, e que era através da energia criadora do sol que a terra era enriquecida e produzia em abundância, a maldição de Deus teria de descansar pesadamente sobre a terra contaminada. | 193 Vindo da agreste terra montanhosa de Gileade... Não sabiam nada de povos ou aldeias...<br>196 Foi mantido separado das moradas dos homens e os... ternos afetos da vida doméstica....<br>197 Elias recordava a história que Israel tinha esquecido... a libertação no Egito ... E cria que a casa apóstata de Acabe e de todo Israel estava... nas mãos do Deus vivente...<br>Os sacerdotes de Baal tinham estabelecido o culto à Natureza...<br>198 Ao povo se lhe tinha ensinado que estas deidades pagãs governavam os elementos da terra e o fogo e o água por meio de seus conjuros místicos. Mas Elias ainda cria que o sol e as nuvens,... os ribeiros e as fontes estavam em mãos de Jeová. |
| 121 Foi só por meio do exercício de uma fé forte no indefectível poder de Deus que Elias entregou sua mensagem... Elias tinha passado por ribeiros perenes, colinas cobertas de verdor, e majestosos bosques que pareciam estar fora do alcance da seca... O profeta poderia ter-se perguntado como é que os ribeiros, que nunca tinham deixado de fluir, podiam secar-se, ou como aquelas colinas e aqueles vales podiam ser consumidos pela seca. | 200 Elias deve ter sido um homem de grande fé para estar disposto a pôr em perigo sua própria vida pela veracidade da qual tinha falado...<br>Cruzou os fertilizadores ribeiros e as pantanosas planícies de Beth-shan... Pôde contemplar as verdes colinas de Samaria... o boscoso Carmelo... fontes de ribeiros perpétuos... Não. Esta terra não podia arder com a seca nem ser devastada pela fome. |
| 124 A terra está abrasada como por fogo. O ardente calor do sol destrói a pouca vegetação que sobreviveu. Os ribeiros se secam, o gado que muge e os rebanhos que balam, vagam daqui para lá em angústia. Os campos que uma vez floresceram se converteram em ardentes areias do deserto, um ermo desolado. Os pequenos troncos de madeira, dedicados à adoração de ídolos não têm folhas; as árvores do bosque, demarcados esqueletos da natureza não dão sombra. O ar é seco e sufocante; as tormentas de pó cegam os olhos e quase detêm o alento... A fome, com todos seu horrores, acerca-se.<br><br>127 Passou o segundo ano de fome, e ainda os implacáveis céus não davam sinais de chuva... Os pais e as mães, impotentes para aliviar o sofrimento de seus filhos, viram-se obrigados a vê-los morrer...<br>Ele (Deus) tratava de ajudá-los a recobrar a fé | 205 Passa um ano inteiro e começa outro, e não há chuva. Termina-se um segundo e um terceiro, e... não se forma nenhuma nuvem nem cai nenhum orvalho...<br>A terra abrasada está toda queimada como por fogo. Os campos, uma vez frutíferos, convertem-se como em cinzas de um forno.<br><br>206 O vento quente seca a umidade das verdes folhas e da carne vivente e as sufocantes tormentas de pó varrem as colinas como o vento muito quente que sopra do deserto... Os pequenos troncos de madeira não dão sombra, e as árvores do bosque estendem seus esqueléticos braços... O balido das ovelhas se volta mais e mais débil...<br><br>206 A fome entra aos lares... A mãe se volta com horror... e o pai... descobre que as bocas... já não |

| | |
|---|---|
| perdida, e tinha que trazer sobre eles grande aflição...<br><br>128 Não tinha senão um só remédio - voltar-se dos pecados que tinham trazido sobre eles a mão castigadora do Todo-poderoso, e voltar-se ao Senhor com o pleno propósito do coração. | choram mais...<br><br>207 E toda esta terrível calamidade foi trazida sobre Israel por misericórdia, para salvá-los do mal maior de negar e abandonar ao Deus de seus pais... Não importava o que lhes custasse recuperar essa fé... era melhor sofrer... que viver sem Deus....<br>Assim creu Elias, e... esperou ... que o coração de seu povo apóstata se voltasse de novo por meio da aflição. |
| 139 Em suas primeiras e vacilantes palavras: "É você o que inquieta a Israel?", ele [Acabe] inconscientemente revela os mais íntimos sentimentos de seu coração. Acabe sabia que tinha sido pela palavra de Deus que os céus se tinham convertido em bronze. No entanto, tratou de culpar ao profeta pelos severos juízos que tinham caído sobre a terra. | ***Eliha the Tishbite***<br>**F. W. Krummacher 1848.**<br><br>63 Em conseqüência, Acabe, com sentimentos que é melhor imaginar do que expressar, foi encontrar-se com Elias...<br><br>64 "És você o que inquieta a Israel?" disse o iracundo monarca, e assim jogou sobre o profeta toda a culpa dos severos juízos de Deus sobre a terra. |
| 140 Elias não faz nenhuma tentativa de escusar-se ou de lisonjear ao rei. Nem procura evitar a ira dando-lhe as boas novas de que a seca quase terminou... "Não inquietei a Israel" afirma Elias audazmente, "senão você, e a casa de teu pai, em que abandonastes os mandamentos do Senhor, e seguido aos Baalins." | 66 Escusa-se? ... Recorre à lisonja ou ao artifício? ... Sequer trata de moderar o desagrado do rei anunciando-lhe a boa nova da chuva que se acerca? ... "Não inquietei a Israel: senão você, e a casa de teu pai, em que abandonastes os mandamentos do Senhor, e seguido aos Baalins." |
| 140 Hoje há necessidade de uma voz que fale em severo reproche... Os suaves sermões que com freqüência se pregam não causam uma impressão duradoura; a trombeta não dá um som verdadeiro.<br>Muitos professos cristãos... fariam bem em se perguntar: Por que teve João Batista que lhes dizer aos fariseus: "Geração de víboras!"? ... 141 Por que teve que provocar a ira de Herodias dizendo-lhe a Herodes que era ilegal que vivesse com a mulher de seu irmão?<br>141 "Você és esse homem."... Palavras tão inconfundivelmente claras como estas que Natã lhe disse a David rara vez se ouvem desde os púlpitos hoje, e rara vez se vêem na imprensa. Se não fossem tão raras, veríamos mais do poder de Deus revelado entre os homens. Os mensageiros de Deus não deveriam queixar-se de que seus esforços sejam sem fruto, até que se arrependam de seu próprio amor pela aprovação e seu desejo de agradar aos homens que os conduz a suprimir a verdade. | 67 Linguagem como este rara vez se ouve na terra...<br>Deveríamos ver maiores coisas, se não fosse porque a saudação terrível: "Você é esse homem!" Não fora tão desconhecido entre nós... Se Elias, ou Paulo, ou João Batista, estivessem aqui, ouviríamos à trombeta dar um som bem diferente... Mais de um publicano: "Não exijas mais do que te corresponde." Mais de um Herodes: "Não te é lícito ter a mulher de teu irmão." Quantos... que na atualidade só escutam suaves palavras ... Fiéis servos de Deus... não estão dispostos a sofrer o pecado sobre eles - os tais são raros em verdade. ¡Oh, vocês, ministros de Cristo, grandes e pequenos, não nos queixemos do pouco fruto de nossos labores até que primeiro nos tenhamos queixado de nosso próprio e demasiado grande amor pelos louvores dos homens! |
| 141 Os ministros que comprazem aos homens clamando: Paz, paz, quando Deus não falou de paz, deveriam humilhar seus corações diante de Deus, pedindo perdão por sua falta de sinceridade e por sua falta de valor moral. Não é por amor ao próximo que eles suavizam a mensagem que lhes foi confiado, senão porque são auto-indulgentes e amadores das comodidades. O verdadeiro amor procura primeiro a glória de Deus e a salvação das almas. | 68 Bem poderíamos humilhar-nos, todos e cada um, por nossa falta de sinceridade e por comprazer aos homens, ao permitir-nos exclamar: "Paz, paz, quando não há paz."... é a falta de verdadeiro amor ao próximo, e a indulgência de nossa própria indolência e comodidade. Que o Senhor acenda uma chama mais pura em nossas almas, e nos dê um melhor amor, um amor que, onde o requer a verdade, a honra de Deus, e a salvação de nossos irmãos, possa falar e atuar desinteressadamente e negando-se a si mesmo. |
| 142 Oxalá que cada ministro se desse conta do sagrado de seu ofício e da santidade de seu trabalho, e | 67 Meus amigos! Fariam bem em orar para que lhes seja dado a vossos ministros fazer um melhor uso da |

| | |
|---|---|
| mostrasse o valor que mostrou Elias! Como mensageiros designados pelo céu, os ministros estão numa posição de terrível responsabilidade. Têm de "redargüir, repreender, e exortar com toda paciência”... No lugar de Cristo, têm de trabalhar como mordomos dos mistérios do céu... Têm de ir para adiante por fé, recordando que estão rodeados por uma nuvem de testemunhas. Não têm de falar suas próprias palavras, senão as daquele, que é maior do que os potentados da terra, ordenou-lhes do que falem. Sua mensagem tem de ser: "Assim diz o Senhor." Deus chama a homens como Elias, Natã, e João Batista. | liberdade que lhes foi divinamente confiada como uma terrível e responsabilíssima esperança, "para redargüir, repreender, e exortar com toda paciência e doutrina." ... Nós mensageiros de Deus no lugar de Cristo, como mordomos dos mistérios de Deus. Falamos não de nós mesmos, senão dAquele, que é maior do que todos, manda-nos do que falemos. Vamos para adiante, rodeados por uma nuvem de testemunhas, como embaixadores do Rei de reis, e temos direito a anunciar nossa mensagem aos pecadores em nome de Deus, com um "Assim diz o Senhor!”... Oh... a santidade de nosso ofício! Oh, oxalá que nos penetrasse mais completamente, e fôssemos como Elias, ou Natã, ou o Batista, ou o apóstolo Paulo. |
| 143 Acabe obedeceu a [Elias] em seguida, como se o profeta fora um monarca, e o rei um súbdito. Enviaram-se rápidos mensageiros por todo o reino com a convocação para reunir-se com Elias e os profetas de Baal e Astarote. Em cada povo e cada aldeia, a gente se preparou para reunir-se...<br>144 No cume de um dos mais altos morros... estava o altar quebrado de Jeová...<br>Os profetas de Jezabel marcham em imponente ordem. Com real pompa, o rei aparece e ocupa seu lugar... | ***Night Scenes in the Bible***<br>**Daniel March 1868-1870.**<br><br>208 Acabe... está tão maravilhado... pela presença do profeta que só lhe obedece em seguida... como se Elias fora rei e Acabe fora súdito e escravo.<br>Enviam-se rápidos correios por todo o reino com a convocatória, e cada povo e cada aldeia e cada família prazerosamente envia seu representante à grande assembléia... 209 Se levantam nuvens de pó... enquanto as longas filas ... convergem para as boscosas alturas do Carmelo. Os oitocentos cinqüenta profetas de Baal e Astarote de Jezabel marcham como um só corpo desde seu grande templo... A carruagem de Acabe passa rapidamente... |
| 147 Aquele sobre quem o reino inteiro carregou o peso de sua aflição está agora ante eles, aparentemente indefeso em presença do Monarca de Israel...<br>Sem sentir-se envergonhado, impávido, o profeta permanece de pé diante da multidão.<br>Em ansiosa expectação, o povo espera que fale...<br>O povo não lhe responde nem uma palavra. Ninguém naquela vasta assembléia se atreve a revelar sua lealdade a Jeová... | 209 O homem sobre quem o reino inteiro tinha posto o peso de sua desolação e de sua agonia, permanece de pé diante deles, sem temor, indefeso, só.<br>Sobre o mais alto espinhaço da montanha, onde o altar de Jeová tinha estado alguma vez e tinha sido derrubado... sai o profeta e tomada sua posição. 210 Por todas partes para abaixo da boscosa vertente... estão reunidos os milhares.. esperando e contendo o alento com admiração e expectação...<br>Mas não há ninguém em toda a multidão que se atreva a pronunciar uma palavra de aprovação ou dar um sinal de assentimento a uma proposta tão clara... |
| 149 Os falsos sacerdotes preparam seu altar, dispondo a lenha e a vítima; e depois começam seus conjuros. Seus agudos gritos reverberam uma e outra vez através dos bosques e as alturas circundantes, ao invocar o nome de seu deus, dizendo: "Oh, Baal, escuta-nos!" Os sacerdotes se reúnem ao redor de seu altar, e dando saltos, retorcendo-se, e gritando, atirando-se dos cabelos, e cortando-se a carne, suplicam a seu deus que os ajude.<br>Não se ouve nenhuma voz, nem nenhuma resposta a suas frenéticas orações...<br>Enquanto eles continuam suas frenéticas devoções, os astutos sacerdotes estão continuamente tratando de inventar algum meio pelo qual possam acender fogo no altar e fazer que a gente cresse que o fogo veio diretamente de Baal...<br>150 Elias continua observando atenciosamente; | Os sacerdotes de Baal... põem a lenha e a vítima, e depois começam a cantar e a ulular, nas selvagens orgias de seu culto idólatra... 211 saltando, lançando e rasgando seus... roupas ... É depois de meio dia, e ainda, esperando ganhar tempo e encontrar algum truque ou jogo de mãos pelo qual possa acender-se o fogo, continuam com seus gritos, cortando-se suas carnes, saltando sobre o altar, manchando seus rostos e suas roupas com seu próprio sangue, ganindo e expelindo espuma pela boca...<br>Durante todo esse tempo, Elias permanece de pé, só, esperando e sabendo perfeitamente que, se por meio de algum engano ou alguma astúcia, eles acendem o altar, o povo se lhes uniria e o despedaçariam ali mesmo...<br>Mas todo é em vão para os frenéticos e desmaiados sacerdotes de Baal... O povo está cansado das vãs repetições e o terrível demonismo da idolatria. |

| | |
|---|---|
| porque sabe que, se por qualquer truque os sacerdotes tivessem sucesso em acender o fogo de seu altar, instantaneamente seria despedaçado...<br>Os profetas de Baal estão cansados, desmaiados, confundidos... | |
| 150 - 1 Todo o longo dia, o povo presenciou as demonstrações... e teve a oportunidade de reflexionar na estupidez da adoração dos ídolos. Muitos na multidão estão cansados das exibições de demonismo; e agora esperam com profundo interesse os movimentos de Elias.<br>É a hora do sacrifício da tarde...<br>Os desiludidos sacerdotes de Baal, esgotados por seus vãos esforços, esperam para ver o que Elias vai fazer... O povo, temeroso também, e quase sem alento com a expectação, observa... | 212 E então, à hora do sacrifício da tarde, o profeta se adianta só... A grande multidão está pálida e sem alento com a terrível expectação... Sua acalmada e singela oração, bem como seu pacífico comportamento, são mais impressionantes do que a espumante fúria... |
| 152 Não bem termina a oração de Elias quando chamas de fogo, como brilhantes relâmpagos, descem do céu... lambendo a água da valeta ... A brilhantez da labareda alumia a montanha e deslumbra os olhos da multidão. Abaixo nos vales onde muitos observam em expectação os movimentos dos a mais acima, o descenso do fogo se vê claramente, e todos se assombram do que vêem. Parece-se à coluna de fogo que no Mar Vermelho separava aos filhos de Israel da hoste egípcia.<br>O povo na montanha se prostra em admiração diante do Deus invisível. | 212 Nem bem tinha falado, quando o rugente fogo desce dos claros céus como a cintilação de um relâmpago... A súbita labareda cega os olhos da multidão e alumia toda a encosta da montanha... O povo, que observa desde longe, sobre os tetos das casas em Jezreel e em Samaria, e nos cerros de Efraim e Galiléia, assustam-se do que vêem. Parece-lhes como se a coluna de fogo que guiou a seus antepassados no deserto tivesse descido sobre o morro Carmelo. A multidão na montanha cai ao solo sobre seus rostos... |
| 155 Os juízos do céu tinham sido executados; o povo tinha reconhecido ao Deus de seus pais como o Deus vivente; e agora a maldição do céu tinha de ser retirada, e renovadas as bênçãos temporárias da vida. A terra tinha de ser refrescada com a chuva...<br>156 Isto foi suficiente... Naquela pequena nuvem contemplou por fé uma chuva abundante...<br>158 Elias, quem, como profeta de Deus, tinha humilhado esse dia a Acabe diante de seus súbditos e matado a seus sacerdotes idólatras, ainda o reconhecia como rei de Israel; e agora, como ato de homenagem, e fortalecido pelo poder de Deus, correu diante da carruagem real...<br>159 E, no entanto, depois de seu triunfo assinalado... estava disposto a executar o trabalho de um servo ...<br>O profeta, escolhendo permanecer fora dos muros, envolveu-se em seu manto e se deitou a dormir sobre a terra nua... | 213 O povo confessou ao Deus de seus pais, e os falsos profetas foram mortos, é tempo de que vinga a chuva e que a terra abrasada reviva novamente com renovada vida... Mas é suficiente. Elias, a quem... as nuvens e o céu lhe foram familiares desde sua juventude, já pode ouvir o som da tempestade que vem...<br>214 Como um moderno árabe, não quis entrar, senão que permaneceu fora dos muros e se arrojou sobre a terra nua, em meio da tormenta, para seu repouso da noite. O profeta tinha envergonhado ao rei diante de seu povo no Carmelo, e correu diante de sua carruagem como um ato de homenagem para mostrar que ainda o reconhecia como seu soberano... Ainda estava disposto a executar o humilde serviço de correr na chuva e na escuridão diante da carruagem de seu rei... |
| 161 Mas uma reação como a que com freqüência segue à fé profunda e ao sucesso glorioso fazia pressão sobre Elias. Temia que a reforma iniciada no Carmelo não fora duradoura, e a depressão se apoderou dele... | 216 Tal é a reação que não é raro que siga ao mais atrevido esforço e ao sucesso mais deslumbrante. Tal é o desalento que algumas vezes pressiona fortemente sobre a fé mais sublime e mais heróica nas mentes mais puras e mais nobres... |
| 162 Fugitivo, longe dos lugares habitados pelos homens, seu ânimo achatado por amargo desengano, desejava não voltar+a+ver nunca o rosto de nenhum homem...<br>O fiel Jó, no dia de sua aflição e escuridão, declarou: "Pereça o dia em que nasci." | 190 Longe dos lares dos homens e as caridades da vida doméstica, com gosto teria dado seu corpo para que fora coberto pelas cambiantes areias... Preferiria morrer na escuridão e na solidão que voltar a ver o rosto ou ouvir a voz de seu próximo outra vez.<br><br>191 As palavras que a aflição e a escuridão |

| | |
|---|---|
| | arrancavam dos lábios do paciente profeta da Antigüidade: "Pereça o dia que nasci." |
| 165 O apóstolo Paulo testemunhou: "E disse-me: Basta-te minha graça, porque meu poder se aperfeiçoa na debilidade." | 216 Paulo foi arrebatado ao terceiro céu em visões de glória... e então, pouco depois, orava com súplicas repetidas três vezes. |
| 217 Ao viajar ao norte, quão mudado estava o panorama de como tinha estado só pouco antes! ... Agora, a um lado e a outro, brotava a vegetação como para isentar o tempo de seca e fome.<br>O pai de Eliseu era um fazendeiro rico, um homem cuja casa se contava entre as que, num tempo de apostasia quase universal, não tinha dobrado seu joelho ante Baal... A sua era uma casa em que ... a lealdade à fé do antigo Israel era a regra... | ***Elisha the Prophet***<br>**Alfred Edersheim 1882.**<br><br>5 Uma vez mais, a Elias se lhe instrui para que se dirija ao norte. Mas agora, quão diferente se vê o panorama! É como se a natureza mesma simpatizara com as visões de comodidade e ajuda que ultimamente se lhe tinham apresentado à alma do profeta. ...<br>Filho de uma casa nobre, a sua era a antiga fé de Israel... Deve ter tido mais de um lar no qual os joelhos nunca se tinham dobrado ante Baal! |
| 218 Recebeu adestramento nos hábitos de singeleza e de obediência...<br>218 Fidelidade nas coisas pequenas... é a evidência de aptidão para maiores responsabilidades...<br>219 Um homem pode estar no serviço ativo de Deus enquanto está ocupado nos deveres ordinários e cotidianos... | 6 Eliseu tinha crescido nos hábitos de uma piedade singela ... *disposição para cumprir os deveres, por humildes que sejam...*<br><br>7 Se não podemos ou não servimos a Deus no lugar humilde e nos deveres diários que Ele nos atribuiu, com certeza nunca poderemos e nunca lhe serviremos em nenhum outro lugar ou circunstância. |
| 220 "Regressa," foi a resposta de Elias, "porque, que te fiz?" Esta não era uma rejeição, senão uma prova de fé. Eliseu tinha que contar o custo - decidir por si mesmo aceitar ou rejeitar o chamado. Se seus desejos se aferravam a seu lar e suas vantagens, estava em liberdade de permanecer ali... | 9 A resposta de Elias: "Regressa, porque, que te fiz?" tem o propósito de ser, não uma repreensão, senão uma prova. Significava, efetivamente: A não ser que teu coração responda plenamente; se só permanece no passado, regressa a tua casa. |
| 222 Se diz que verteu água nas mãos de Elias, seu maestro... Como assistente pessoal do profeta, continuou demonstrando fidelidade nas coisas pequenas...<br>Tendo posto sua mão no arado, estava decidido a não se voltar atrás. | 11 Se lhe descreve como vertendo água nas mãos do profeta, ou, em outras palavras, como seu assistente pessoal. Há uma humildade voluntária, e, portanto, falsa quando por própria vontade os homens abandonam suas posições corretas... em favor de posições e circunstâncias de sua própria imaginação e invenção.<br>17 Pôs sua mão no arado, e não olhará para trás. |
| 370 Todos os homens são de uma só família por criação, e todos são um através da redenção. Cristo veio demolir todas as paredes de separação, a abrir cada um dos compartimentos dos átrios do templo, para que cada alma possa ter livre acesso a Deus Seu amor é tão amplo, tão profundo, tão pleno, que penetra em todas as partes. Libra da influência de Satanás àqueles que foram enganados, e os põe ao alcance do trono de Deus, o trono rodeado pelo arco-íris da promessa. Em Cristo não há nem judeu nem grego, nem escravo nem livre. | ***The Great Teacher***<br>**John Harris 1836.**<br><br>71 O amor de Deus... tem estado, desde o começo, operando ... em favor da humanidade... Vinho a demolir todas as paredes de separação, a abrir cada um dos compartimentos no templo da criação, para que cada adorador tenha acesso livre e igual ao Deus do templo... Ele (Deus) deu-o, para rodear ao mundo com uma atmosfera de graça, tão real e universal como o ar elementar que rodeia e circula ao redor do mesmo balão terráqueo...<br>¡Isto é amor! Ter levantado ao mundo para a radiante órbita ao lado de seu trono... e tê-lo levado ao mais alto trono dos mais altos céus. |
| 522 Admitido em sua juventude para que participasse da autoridade real, Beltsazar se gloriava de seu poder e | ***Night Scenes in the Bible***<br>**Daniel March 1868-1870.** |

| | |
|---|---|
| levantou seu coração contra o Deus do céu. | 290 Foi admitido para que participasse do poder real aos quinze anos, e a glória, que era demasiado grande para o poderoso Nabucodonosor... Levantou-se contra o Senhor do céu... |
| 523 Todos os atraentes que a riqueza e o poder podiam obter adicionavam esplendor à cena. Formosas mulheres com seus encantos se encontravam entre os convidados que assistiam ao banquete real... Príncipes e estadistas bebiam vinho como água, e se regozijavam em sua influência enlouquecedora.<br>Com a razão destronada por médio da intoxicação desenfreada... o rei mesmo encabeçava a desenfreada orgia...<br>524 Pouco pensava Beltsazar que tinha uma Testemunha celestial de sua idólatra diversão; que um divino Vigilante, não reconhecido, contemplava a cena de profanação, e escutava a alegria sacrílega... Quando a pândega estava em seu clímax, uma mão sem sangue saiu e traçou sobre os muros do palácio caracteres que cintilavam como fogo - palavras que, ainda que desconhecidas para a vasta multidão, eram um prodígio de condenação para o rei agora cheio de remorsos...<br>531 Ainda enquanto ele e seus nobres bebiam dos copos sagrados de Jeová, e louvavam a seus deuses de prata e ouro, os medos e os persas, tendo desviado o Eufrates de seu canal, estavam marchando até o coração da desguarnecida cidade. O exército de Ciro agora estava sob os muros do palácio; a cidade estava cheia dos soldados do inimigo.<br><br>527 A consciência foi acordada. | 292 As frutas brilham... e um rio de vinho ... corre mais vermelho do que o sangue; há bailarinas desembrulhadas e um tumulto de pândega que enlouquece as paixões da terra...<br>"A música e o banquete e o vinho; as grinaldas, o cheiro a rosas e as flores; os chispeantes olhos, os ornamentos cintilantes...; o falso encanto da vertiginosa cena" tiram toda razão e toda reverencia à multidão de foliões.... Agora não há nada demasiado sagrado para profanar, e Beltsazar mesmo encabeça a algazarra e a blasfêmia.<br>291 As chamas do sacrifício idólatra subiam alto...<br>293 No mesmo momento em que a sacrílega pândega atingia seu ponto máximo, uma mão sem corpo saiu e escreveu as palavras de condenação sobre o muro do recinto de banquetes, os exércitos de Ciro tinham sacado ao Eufrates de seu curso e marchavam para a cidade desguarnecida ao longo do leito da corrente por embaixo dos muros; já estavam em posse das portas do palácio quando Beltsazar e seus príncipes bebiam vinho nos copos de Jeová.<br>297 O olho do Grande Juiz contempla cada uma das cenas de profanidade e devassidão. Apareceu a escritura no muro do salão de banquetes de Beltsazar à hora de sua mais desenfreada orgia, para mostrar que Deus estava ali.<br>299 Uma consciência acusadora sempre faz a escuridão... terrível para o culpado. |
| ***The Ministry of Healing***<br>**Ellen G. White 1905.**<br><br>471 O oleiro toma a argila, e a modela de acordo a sua vontade. A amassa e a trabalha. A despedaça, e une os pedaços outra vez. Umedece-a, e depois a seca. A deixa estar por um momento sem tocá-la. Quando está perfeitamente dúctil, continua o trabalho de convertê-la num copo. Dá-lhe forma, e na roda, configura-a e pole-a. Seca-a ao sol, e coze-a no forno. Assim se converte num copo apto para ser usado. | ***The Christian´s Secret of a Happy Life***<br>**Hanna W. Smith, 1883.**<br>**(8a. edit., 1971).**<br><br>24 O oleiro toma a argila assim deixada para que ele a trabalhe, e começa a modelá-la e a dar-lhe forma, segundo sua vontade. A amassa e a trabalha; a despedaça e une os pedaços outra vez; a umedece, e depois a deixa secar. Algumas vezes, a trabalha por horas de uma só vez; algumas vezes a faz a um lado por dias, sem tocá-la;... A faz girar sobre a roda, a alisa e a suaviza, e a seca ao sol, coze-a no forno, e finalmente a saca de seu ateliê, um copo para sua honra e apto para seu uso. |
| ***Messages to Young People***<br>**Ellen G. White 1930.**<br><br>103 Observou Você alguma vez um falcão perseguindo a uma tímida pomba? O instinto lhe ensinou à pomba que, para que o falcão possa agarrar a sua presa, deve voar mais alto do que sua vítima. Assim que ela sobe mais e mais alto no domo azul do céu, sempre perseguida pelo falcão, que trata de obter a vantagem. Mas é em vão. A pomba está a salvo enquanto que não permita que nada a detenha em seu | ***Our Father´s House***<br>**Daniel March 1871.**<br><br>255 Vi à ave de presa em perseguição de uma tímida palma. A pomba sabia que o falcão, ao efetuar seu ataque, deve abater-se desde uma altura maior. Assim que a indefesa criatura subiu, em círculo depois de círculo, mais e mais alto, para o céu. Sobre as colinas e sobre as montanhas... tratando em vão de atingir uma altura maior desde a qual possa apressar-se, como um raio, e agarrar a sua presa. Mas a pomba estava a salvo |

| | |
|---|---|
| vôo, ou a faça baixar à terra; mas que titubeie uma vez e voe mais baixo, e seu vigilante inimigo se abaterá sobre sua vítima. Uma e outra vez observamos esta cena com interesse, quase sem alento, todas nossas simpatias com a pequena pomba. Quão tristes ficaríamos ao vê-la cair vítima do cruel falcão! | enquanto que continuasse voando a grande altura. Não tinha nada que temer das garras de sua rapina inimiga enquanto não permitisse que nada a fizesse baixar a terra. Mas uma vez que deixasse de subir, seu vigilante inimigo cedo atingiria uma maior altura, e desde ali disparar-se com mortal pontaria para destruí-la. |
| ***Thoughts from the Mount of Blessing*** <br> **Ellen G. White 1896 (edit. de 1956)** <br><br> 44 As provas pacientemente suportadas, as bênçãos recebidas com gratidão, as tentações varonilmente resistidas, a mansidão, a bondade, a misericórdia, e o amor revelado habitualmente, são as luzes que brilham no caráter em contraste com a escuridão do coração egoísta, no qual a luz da vida nunca brilhou. | ***Night Scenes in the Bible*** <br> **Daniel March 1868-1870.** <br><br> 336 Cada prova pacientemente suplantada, cada bênção recebida com agradecimento, cada tentação fielmente resistida, leva-nos mais alto na brilhante senda que conduz à glória e para Deus. |
| ***Selected Messages, Vol. I*** <br> **Ellen G. White 1958.** <br><br> 19 As mentes humanas variam. As mentes de diferente educação e pensamento recebem diferentes impressões das mesmas palavras, e é difícil para uma mente dar a alguém de diferente temperamento, educação, e hábitos de pensamento, mediante a linguagem, exatamente a mesma idéia que a que é clara em sua própria mente... | ***Origin and History of the Books of the Bible*** <br> **Calvin E. Stowe 1868.** <br><br> 17 As mentes humanas são diferentes nas impressões que recebem da mesma palavra; e... um homem raras vezes dá a outro, de diferente temperamento, educação, e hábitos de pensamento exatamente a mesma idéia... |
| 19 As Escrituras foram dadas aos homens, não numa corrente contínua de ininterruptas declarações, senão bocado a bocado através de sucessivas gerações, segundo Deus em sua providência viu uma adequada oportunidade para impressionar ao homem em vários tempos e lugares... | 13 As Escrituras foram dadas aos homens pouco a pouco, através de muitas épocas, segundo Deus viu a correta oportunidade - *em vários tempos e de várias maneiras...* |
| 21 Não são as palavras da Bíblia as que são inspiradas, senão que são os homens os que foram inspirados. A inspiração atua, não sobre as palavras do homem ou suas expressões, senão sobre o homem mesmo. | 19 Não são as palavras da Bíblia as que foram inspiradas, não são os pensamentos da Bíblia os que foram inspirados; são os homens que escreveram a Bíblia os que foram inspirados. A inspiração atua, não sobre as palavras do homem, não sobre os pensamentos do homem, senão sobre o homem mesmo. |

## Capítulo 10.
## Um Fim Para Todas as Coisas

---

O último dos cinco grandes da série Conflito dos Séculos – *Prophets and Kings (Profetas e Reis)* – publicou-se em 1916, no ano seguinte depois da morte de Ellen G. White, quase em seus oitenta e oito anos de idade. Continuou o modelo que se tinha vendido bem por setenta anos - copiar a outros autores que a tinham precedido no tema.[1] No entanto, este livro não foi um dos mais populares dos dela, possivelmente porque está limitado a um período ou a um tema sobre o qual não se tinha publicado muito, e, por conseguinte, não tinha muito de onde copiar. Contém mais textos bíblicos do que qualquer de seus outros livros, e no livro se usou um bom número de enchimentos quando se esgotaram as histórias.

> Poderia pensar-se que a morte de Ellen poria fim ao trabalho de copiado. Mas não seria assim. Willie White tinha outros planos – e estes foram expressos em sua solicitação ao Comitê Executivo da Conferência Geral dos Adventistas numa carta datada em Outubro de 1921. Por anos, [ela] disse uma e outra vez que desejava que reuníssemos de seus escritos as coisas que mostrariam a nosso povo que os princípios da reforma pró-saúde eram um dom de Deus para o povo Adventista do Sétimo Dia....
>
> Várias vezes, quando minha mãe me falou a mim e aos Irmãos Crisler e Robinson a respeito da obra que deveríamos fazer depois de sua morte, referiu-se a este livro sobre o movimento da Reforma Pró Saúde como um dos assuntos mais importantes aos quais tinha do que prestar atendimento...
>
> Outra obra que a Irmã White desejava fazer publicar, e para a qual se reuniu material sob suas instruções e em relação com a qual ela nos deu instruções de seguir adiante tão cedo como pudéssemos depois de sua morte, era uma seleção escolhida dos sermões que tinha pregado durante seus dois anos de trabalho em Europa. ... Seria uma valiosa adição a nossa literatura denominacional nos idiomas francês, alemão, sueco, e dinamarquês.
>
> Se esta compilação tivesse podido fazer-se enquanto minha mãe podia supervisioná-la, teria podido sair com a mesma autoridade que seus outros escritos, mas como não pudemos fazer isto a tempo para que minha mãe o supervisionasse, será necessário publicá-lo sob outra base. [A cursiva é nossa].[2]

¡Que lástima! Com Ellen desaparecida verdadeiramente e incapaz de "supervisionar" o que se tinha reunido em setenta anos, ia-se a precisar algo mais de engenharia para convencer aos fiéis de do que o que ia sair depois de seu falecimento ainda vinha de Ellen e em nome de Deus.

Mas hoje, mal há algum fiel que possa distinguir entre o material escrito e publicado antes da morte de Ellen e o que saiu depois. Ninguém parece crer que é necessário fazer esta distinção. Se Ellen tocou alguma idéia alguma vez, ou se sequer lhe disse a outros que a tocassem (incluindo Willie), o fazer essa coisa específica *tinha que ser* a vontade de Deus, e o material tinha que ter sido de Deus – e isso, dizem, é o fim do assunto. Ellen cria e ensinava que seu material viveria e falaria enquanto durasse o tempo. Ela atingiu com seus crentes um nível em toda uma vida que nenhum dos escritores do Cânon atingiu jamais em seu tempo. Ademais, tinha atingido a paridade com a Bíblia. Era parte de sua crença declarada que tal coisa sucedesse:

> Se lhe deu abundante luz a nosso povo nestes últimos dias. Já seja que se me perdoe a vida ou não, meus escritos falarão constantemente, e sua obra irá para adiante enquanto dure o tempo. Meus escritos estão guardados em arquivos no escritório, e, ainda que eu não viva, estas palavras que me foram dadas pelo Senhor ainda terão vida e falarão ao povo.[3]

Para os Adventistas, a cortina nunca cairia sobre esta mulher do século dezenove e seus escritos. A interpretação modificada da "última geração" de Mateus 24; sua mudança de datas para a Segunda Vinda; seu fechamento, sua abertura, e outra vez seu fechamento da porta da misericórdia; a modificação de sua posição a respeito do santuário – nunca terminariam as mudanças se os irmãos podiam conservar as coisas tal como sempre tinham sido. Os supervendedores tinham estabelecido o modelo, e suas congregações teriam de comprar, e comprar, e comprar o material de Ellen para todos os tempos. Proporcionar-se-ia nova luz a novos intervalos sempre que a ocasião o requeresse. Dar-se-iam instruções cada vez que os nativos se pusessem inquietos. Fixar-se-iam novas metas cada vez que as antigas estivessem gastadas. Inventar-se-iam novos lemas para substituir os que tinham desaparecido antes. Todo se faria no nome de Deus através da pluma de Ellen – ainda muito depois de ter evidência disponível de que Ellen, com muita ajuda capaz, tinha roubado a outros a maior parte de seu material e era, em realidade, como disse um escritor, uma cleptomaníaca literária:

> Ao viajar a Irmã White expondo suas idéias sobre higiene, a gente com freqüência lhe dizia: "Você fala exatamente como o Dr. Jackson," assim que ela passava algum trabalho

> explicando que nunca ouviu falar da revista sobre saúde do Dr. Jackson, *Laws of Life*, que sucedeu a The *Letter Box,* senão até depois da revelação de Junho de 1863, e que não tinha lido nenhuma das outras obras do Dr. Jackson. Isto pode ter sido verdade, sem ser toda a verdade. Sem dúvida, a Sra. White sabia como o Dr. Jackson tinha posto novamente de pé ao Ancião Himes. E em Janeiro de 1863, quando dois dos meninos White adoeceram de difteria , o Ancião White, muito felizmente, tropeçou-se por casualidade com uma carta do Dr. Jackson, que apareceu impressa no *Yates County Chronicle*, em Penn Yan, New York, explicando seus métodos para o tratamento da difteria, adaptados para seu uso no lar. Impressionados, os White os aplicaram, e os meninos se recuperaram. Se a Sra. White parece relutante a reconhecer uma dívida, só podemos reflexionar que assim eram o Pai Graham e o Dr. Alcott. E a Sra. White era consistente. Transladou a mesma política a seus trabalhos literários, que mais tarde causaram muito rancor e o uso, por parte de seus críticos, de ásperas expressões, tais como "cleptomania literária."[4]

Como se fez todo isso? De maneira não muito diferente do que se lhes fez às mentes e às psiques dos "verdadeiros crentes" em todos os tempos. Quem iniciou as Cruzadas, aquela antiga estampida para a loucura? Quem sacou o primeiro sangue nas guerras santas do passado? Quem mira com ira ainda desde o tubo-monstro de um só olho na sala, cuspindo fogo e enxofre desde todos os canais que aceitam anúncios celestiais? Os supervendedores do psíquico, por suposto. Os teólogos, os clérigos, os religiosos - aos que os ignorantes, os que se sentem culpados, e os temerosos venderam suas almas. Os fiéis ainda andam pelas ruas fazendo soar os timbres das portas para infectar a outros. Dirigem a palavra aos desconhecidos nas esquinas para oferecer-lhes sua mercadoria roubada. Bem, pode ser que saibam, ou pode ser que não saibam, que aquilo que levam para oferecer no nome de seu santo não veio de Deus - mas já não faz nenhuma diferença. O que sim faz diferença é que eles *crêem* que vem de Deus e que isto lhes dá um chamado santo e os separa dos demais como justos.

Os clérigos da classe que seja conhecem a fórmula. Por gerações, receberam a tocha das mãos dos que creram e aperfeiçoaram a idéia de que sua fé, seu clã, sua interpretação eram os únicos *verdadeiros* entre seus iguais. Com esse pensamento guardado e a salvo nas mentes dos verdadeiros crentes, o clero pode agora voltar-se ao método de apresentar o Plano do Clã, sua verdadeira fé, no pacote mais atraente.

Em alto grau, o sucesso de todos os clérigos consiste em convencer à congregação de que eles têm as três C: Têm o *cuidado* ou lhes importa, têm o *coach* (o adestramento), e têm *conexões* com o Todo-poderoso.

Pode ser verdade, para os que entregam seu corpo para ser queimado em alguma escura ribeira pagã ou para os que repartem todos seus bens para dar de comer aos pobres, 5 que a alguns *sim lhes custo*. Mas aos que lhes importa são poucos e estão dispersos. A observação ensina que a muitos clérigos em realidade não lhes importa. Como os antigos médicos de família, poucos fazem ainda visitas a domicílio, poucos ainda oram com seus membros a respeito de seus problemas, e poucos entendem as necessidades da gente, muito menos como suprir estas necessidades. No mundo atual da atraente religião por televisão, rutilantes estrelas no evangelismo por rádio, e a "mentira permissível" nos anúncios, estes supervendedores têm um produto que vender - e a religião lhes paga bem a seus camelôs. Importam-lhes as mesmas necessidades comuns e diárias que têm ou querem outros mortais em qualquer vocação, e suprir essas necessidades consome a maior parte de seu tempo e seu talento. No caso dos dirigentes Adventistas, as listas recorrentes dos que estão envolvidos em conflitos de interesses apóia esta tese.[6]

É verdade que o clero pode ter algum adestramento especial. Mas, adestramento em que? Com freqüência, o adestramento é na arte da magia, da mitologia, do invisível e o irreal. Caso se vissem obrigados a fazer fila no guichê dos desempregados do mundo e a oferecer sua concorrência como prenda de valor para o público, quem os contrataria? Para qual linha de trabalho estariam qualificados? Que poderiam fazer, aparte de sua magia, para serem úteis a si mesmos ou à sociedade? Com freqüência, estes supervendedores do psíquico têm pouco mais de trinta anos antes de ter terminado sua educação "continuada." Se enfrentam ao futuro com (1) uma montanha de dívidas; (2) uma esposa (que a profissão exige); e (3) dois ou três meninos (opcionais, mas com freqüência recolhidos ao longo do caminho por erro). Depois descobrem que estão agarrados pela

vida (com freqüência numa posição para a qual eles mesmos sabem que não estão preparados) e que estarão em perigo se alguns de seus pensamentos chocam com o sistema. Quanto mais estrito seja o Plano do Clã sob o qual trabalham, menor é sua oportunidade de sobreviver se tratam de vender qualquer idéia do que o sistema ou o Clã não aceita.

Assim que se convertem nos felizes guerreiros da religião. Vendem a idéia de que têm conexões que os porão, a eles e a seus amigos, na cabeça da fila, muito próximo do céu. Se há alguém que pode conseguir-lhe uma entrada para o além a preços de atacado, são eles. Tetzel não foi o primeiro nem será o último em vender indulgências, nem tinham (nem têm) os católicos o monopólio das concessões celestiais. Todos os supervendedores vendem as vantagens de sua marca particular. Nos cultos e seitas, é a marca de seu santo e o que esse santo requer o que se precisa para ser salvo. Nas formas de religiões maiores e que têm estado estabelecidas por mais tempo, é o Plano do Clã, a religião de mamãe, a fé de nossos pais, a verdadeira luz.

Toda esta mercadoria pode ser empacada e vendida só pelos supervendedores do psíquico, porque desde tempos imemoriais as pessoas compraram a idéia de que eles, e só eles, têm as conexões apropriadas com o Juiz de lá acima. Em conseqüência, os do clero são os modeladores de Deus, os depositários das chaves de São Pedro, a última Grande Esperança do povo para o além.

Em realidade, o que eles vendem é *temor*. Temor ao aqui, ao agora e ao além também. A felicidade pode atingir a um menino num cavalo de madeira num carrossel. Pode brilhar nos olhos do inocente nos votos matrimoniais ou sentir-se no cálido abraço de um matrimônio de idade à posta do sol. Mas o temor tem que ser fabricado pelos teólogos e feito aparecer como real nas mentes dos contempladores. Como seu gêmeo, *a culpa*, o temor deve ser formado e modelado a partir da ignorância do desconhecido, o constante esforço por atingir o incognoscível e o inatingível, a contínua venda do indesejado.

Para fazer um bom trabalho de venda, todos os supervendedores têm que ter um talismã – um objeto do qual se acredita que confere poderes sobrenaturais ao que ao seu portador – um John Bunyan, um Gulliver, um Hans Christian Andersen, um Joseph Smith, uma Mary Baker Eddy, uma Ellen G. White.

Um talismã nos ajuda a ver o que queremos ver – um santo, uma terra de fantasia, algo Muito Importante. Em mãos dos supervendedores, o talismã se converte numa marionete que eles manipulam para controlar o seu auditório. As sombras se convertem em substância e a substância se converte em sombras. Em mãos do manipulador mestre, a realidade começa a desvanecer-se; o presente se faz impreciso. Assim, o participante troca a realidade do hoje pelo temor e a esperança do amanhã – enquanto só os supervendedores sabem como estão sendo manipulados os fios.

Ao final, quando cai a cortina depois do último ato, os participantes e o auditório não estão mais realizados do que ao começo; ainda estão sendo levados por temor a um lugar que não podem descrever, para uma recompensa que nunca obtiveram. Se estão inquietos, podem afastar-se à deriva, só para serem capturados pelas palhaçadas de outro espetáculo de marionetes manejados desde os bastidores por outro supervendedor do psíquico.

A religião organizada sempre tem destruído a Deus por meio de seus supervendedores, que sempre o fizeram por meio de seus santos. Algumas vezes, esses santos não foram tão visíveis como Joseph Smith, Mary Baker Eddy, ou Ellen White – mas de todos os modos estão ali, seja que falem a linguagem do Pai Aquino, da Mãe Maria, ou da Irmã Ellen.

Em todo caso, os santos são as marionetes usadas pelos supervendedores para obter o controle do auditório. O auditório aprende a rir quando o fantoche ri e a chorar quando o fantoche chora. Aprendem a ver o que o fantoche vê e a ocultar-se do que ele não deseja ver. Às vezes, o auditório e a marionete parecem um, sempre se movendo num mundo irreal para um final irreal, onde nem a marionete nem o auditório discernem realmente o roteiro do drama, nem entendem nem desfrutam seus movimentos.

Mas, detrás da cortina, manipulando tanto a marionete como o auditório, há algum supervendedor do psíquico, disso pode Você estar seguro. O soldo neto é demasiado grande como para deixar que o espetáculo continue sem um administrador. E quem demonstrou através dos séculos ser melhor administrador das pessoas que o supervendedor com seu santo marionete?

O Adventismo teve seus supervendedores e sua marionete, Ellen. Primeiro veio Tiago White, o autor da mentira branca. Ele, mais do que qualquer outro, conhecia o poder do produto que vendia. Estimulou e ajudou a Ellen em seus primeiros escritos, e guiou-a através a mais de um escolho. O ano em que morreu, 1881, escreveu-lhe a Ellen a respeito da riqueza que se encontrava em seus escritos:

> Terei um quadro que se venderá em seguida à razão de U$S2.00 a cópia... Temos que sacar certos livros. Não os terminaremos nem em California nem em Battle Creek, a não ser que nos mantenhamos afastados do Escritório e seus negócios... *Nossos assuntos financeiros estão bem, e ainda há riqueza em nossas plumas*. Desta maneira, podemos deixar algo que pode falar quando nos tenhamos ido. [A cursiva é nossa].[7]

O ano anterior tinha escrito:

> Mas ainda devo rogar que apartemos tempo para sacar certos livros. Estamos mais bem preparados para fazer isto do que certas pessoas que ambicionam inundar o mercado com seus livros...
>
> Prefiro não receber nada do Sanatório e do College, e para ter meios, e fazer nossa parte em dar a outras empresas, deveríamos receber liberalmente de nossos livros. Com a crescente demanda de nossos escritos, e o quadro que apresenta New Life, terá um rendimento de vários milhares de dólares anualmente, além da imensa quantidade de bem que nossos escritos farão.[8]

O quanto cerca um do outro, caminham o Ouro e Deus no mundo da mentira branca.

Tiago organizou e expandiu os escritos dela para benefício dos White. Quando abandonou o palco da ação seu lugar foi ocupado por seu filho Willie. Em anos subseqüentes, a crítica que se fazia era de que com freqüência Willie era Ellen.[9] Logo, quando o tempo de Willie terminou, Arthur esteve à mão para continuar a lenda White. Suas mãos sustentavam os fios que davam expressão à marionete de sua avó. A influência dele era um fator na decisão de qual "verdade" se revelava, e quando e a quem. Suas "revelações" seletivas de "novo material" sobre "novos" temas através dos anos mantinha ao auditório sempre procurando luz especial.

Ninguém pode com sucesso pôr em dúvida o fato de que os rapazes White, desde James até Arthur, instalaram a música, tocado a melodia, e atirando dos fios do espetáculo da marionete Ellen G. White. Talvez, Ellen tenha feito pouco para restringir sua lenda, mas muita evidência indica que ela foi varrida diante de sua inundação por seus próprios supervendedores.

E logo tinha também diretores de cena de menor categoria. Quem quer que precisasse de autoridade para um dado tema, encontrava-a em Ellen e em seus escritos. Se J. N. Andrews ou Uriah Smith precisavam apoio e aceitação para suas teorias e idéias, encontravam um mercado esperando quando sua mercadoria se vendia através de Ellen. [10] Quando Fanny Bolton, a sobrinha Mary Clough, "a encadernadora" Marian Davis, e outros, vendiam sua mercadoria por meio da pluma de Ellen, ninguém se queixava das "formosas" passagens de obras tais como *Steps to Christ (Caminho Para Cristo)t*, *Thoughts from the Mount of Blessing (O Maior Discurso de Cristo)*, e *The Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações)*, até que não receberam o crédito adequado.

Com o tempo, o espetáculo inteiro saiu de controle – e as palavras de qualquer um e de todo o mundo agora se converteram nas de Deus (nem sequer nas de Ellen) e eram doravante invioláveis e estavam como escritas

em pedra ou, pelo menos, em concreto. Os mais brilhantes dos pais fundadores, no entanto, sabiam que Ellen não obtinha todo o conhecimento diretamente de Deus. Eles mesmos sustentavam alguns dos fios. Por isso, nem eles nem Ellen temiam nenhum desvio de nem um só montículo dessa montanha de instrução – porque tinham uma boa idéia de onde vinha a maior parte dela e dentro de si mesmos sabiam que Deus não era o autor. O mesmo Tiago White, desde muito cedo, explicou isso na *Review*, faz tanto tempo que os leitores de hoje o esqueceram:

> Portanto, cada cristão está obrigado a considerar a Bíblia como a regra perfeita de fé e dever... Não está em liberdade de se voltar dela para aprender seu dever através de algum dos dons. Dizemos que, no mesmo momento em que o faça, coloca os dons num lugar equivocado, tomando uma posição perigosa. A Palavra deveria estar à testa, e os olhos da igreja deveriam estar sobre ela, como a regra pela qual andar, e a fonte da sabedoria, da qual aprender o dever "em toda boa obra."[11]

Alguns anos depois, fez uma declaração ainda mais forte:

> Há uma classe de pessoas decididas a que a *Review* e seus diretores convertam as visões da Sra. White numa prova de doutrina e membresia cristã. Que tem que ver a *Review* com as visões da Sra. White? Todos os pensamentos publicados em suas colunas foram extraídos das Sagradas Escrituras. Nenhum escritor da *Review* se referiu nunca a elas (as visões da Sra. White) como autoridade sobre nenhum ponto.[12]

Pode ser que a melodia da mentira branca tenha começado com uma pessoa somente, mas cedo se converteu em dueto, depois em quarteto e depois em coro. Hoje ainda pode ouvir-se o grande coro. Elevou-se até se converter em crescendo na reunião de Glacier View de 1980, convocada para silenciar a Desmond Ford, que cria na misericórdia, não num juízo investigativo que durasse séculos. A *Adventist Review* ainda lhes faz ressoar sua cacofonia de temores e juízos a todos os que possivelmente não gostem da maneira em que são manipulados os fios do espetáculo de marionetes. O rápido zumbido das imprensas – produzindo todas as atas das direções para os fiéis, a cada uma selada com uma citação ou uma paráfrase de Santa Ellen – é parte do ritmo. E, por meio dos administradores, em seus esforços por estimular às tropas para outra louca acometida para acima de alguma colina de tentativa fnanceira, o retumbar dos tambores continua.

Mas, além de todo o ruído e de toda a fúria, levantam-se as canções e o parlatório de centenas de milhares de "verdadeiros crentes." Poucos deles sabem com exatidão ou a poucos lhes importa quem era o compositor ou como se produziu a cantata. Agora, é igualmente importante, e mais fácil, crer e promover a idéia de que o espetáculo inteiro tinha sido planejado e operado por Deus, em cada detalhe infinitesimal, por meio dos livros de Ellen G. White.

Os Adventistas ainda têm que aprender, como sucede a mais de um "verdadeiro crente" e a mais de um incrédulo por igual, a plenitude das gloriosas novas de que a salvação já se estendeu a todos, por meio da fé no Senhor Jesus Cristo, na cruz, e é efetiva quando é aceita. Não está sendo mendigada nem negociada em alguma parte das cortes celestiais enquanto Cristo era retido fora da porta do Santíssimo por cerca de 1800 anos, e o mundo se fechava à ação ou aos benefícios do amor de Deus por meio de alguma porta fechada, já posteriormente, em 1844 ou em 1984.

Para qualquer "verdadeiro crente" que adora a seu Deus por meio do santo de sua devoção, é um pensamento difícil de aceitar que a salvação é gratuita e que a misericórdia está sempre disponível para todos, santos ou pecadores, não importa através de que santo alguém adore. O sistema mesmo de adoração por meio de um santo intercessor exige obediência a uma série de regras inventadas por algum grupo de supervendedores ocultos nas sombras detrás de seu fantoche - seu santo. Se a verdadeira mensagem do Cânon tem de prender, esses vendedores perderiam seu reclamo à franquia celestial que vendem através de sua marionete para controlar a seus fiéis. Não lhe faria bem a seu sistema que o "verdadeiro crente" descobrisse ao verdadeiro *'Desejado de Todas as Nações*, ao Patriarca de todos os profetas, ao Ator de todos os apóstolos, e ao Rei de

todos os profetas – Jesus Cristo, o Filho de Deus. Seria o fim de todas as intermináveis e esgotantes e grandes controvérsias em todas suas vidas para sempre.

---

**Referências e Notas**

1 . Apêndice, Quadros Comparativos para o Capítulo 9 sobre *Prophets and Kings*.

2 . Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, do Comitê Executivo para W. C. White, 3 de Outubro de 1921, p . 5.

3 . Ibid., p. 3.

4 . Gerald Carson, Cornflake Crusade (New York: Arno Press, 1976), p. 73.

5 . 1 Coríntios 13:3.

6 . Adventist Layman Council, *SDA Press Release* (ca. Janeiro de 1981).

7 . De Tiago White para Ellen G. White, 18 de Fevereiro de 1881.

8 . De JW para EGW, 17 de Abril de 1880

9 . [John Harvey Kellogg], "An Authentic Interview... on October 7th, 1906."

10 . Veja-se o Apêndice, Quadros Comparativos do Capítulo 9 sobre *Prophets and Kings*.

11 . Tiago White, *Review* (21 de Abril de 1851).

12 . Tiago White, *Review* (16 de Outubro de 1855).

## Capítulo 11.
## Uma Questão de Ética

Evidência histórica de que os dirigentes sabiam que Ellen G. White não era inspirada, senão que sofria de problemas médicos... Apenas se esqueceram de dizer à grei!

---

Escreveu-se sobre Ellen G. White e seus "empréstimos" muito mais do que um pode abarcar ou digerir. Sem dúvida, se continuará escrevendo mais à medida que várias pessoas tratem de despejar suas mentes e seus corações de conceitos errôneos e dolorosos que existiram por longo tempo. Portas que permaneceram fechadas por cem anos ou mais agora estão sendo abertas dolorosamente por uma geração diferente. Pode-se ter a esperança de que um número suficiente de pés tenha sido postos firmemente no umbral para impedir que a porta se fechasse com estrépito e hermeticamente outra vez. Parece que a oposição contra alguns dos

que escreveram antes da década de 1970 para protestar pelo que estava ocorrendo teve tanto sucesso que a uma geração ou duas de Adventistas se lhes ensinaram falácias.' Virá material adicional à medida que o exijam os tempos e à medida que os eruditos continuem descobrindo o que jaz sob a superfície. Muito se disse durante muitos anos a respeito da reserva do White Estate e a respeito de suas políticas extremamente rigorosas, ainda para amigos da igreja que procuram informação pertinente ao conhecimento da verdade A impossibilidade de ter acesso ao material fonte, sem escamoteá-lo, naturalmente aumenta a suspeita. Mas os tempos mudaram desde 1844 . Agora as únicas portas que permanecem realmente fechadas são as que conduzem às mentes dos comungantes, que em cega lealdade, continuam repetindo como papagaios a "linha do partido," fanáticos aos que não lhes importa nem a exatitdão nem a honestidade. Estas portas são as mais difíceis de abrir, porque foram fechadas pelas pessoas nas quais eles criam que tinham direito a confiar – cujas mentes, a sua vez, foram fechadas pelo temor a pensar ou a pesquisar, não vá ser que a maldição dos supervendedores caísse sobre eles. Ainda piores são os que temem que Deus, que está sendo sempre submetido a juízo sobre questões como estas, queira que os cegos guiem aos cegos através do ermo deserto.

Os estudos estabeleceram certos pontos irrefutáveis. Até Robert Olson, do White Estate, admitiu isto em sua carta de 4 de setembro de 1980:

> Permitam-me assegurar-lhes... que estamos fazendo o melhor do que podemos para fazer o que cremos do que se deve fazer. O documento de dezenove páginas ao qual você se refere e que trata do uso de fontes não inspiradas por parte de Ellen White, foi publicado pelo jornal da União Divisional Australiana. Ademais, foi traduzido ao alemão e publicado para todos nossos ministros na Alemanha Ocidental. Uma versão algo modificada do artigo foi publicada no novo folheto da Escola Sabatina para jovens, que está circulando em Lincoln, Nebraska. Também, pusemos este artigo à disposição de nossos presidentes de conferência ao redor do mundo, e apresentamos o assunto em muitas reuniões de obreiros tanto aqui como no estrangeiro. No entanto, parece-nos que este é simplesmente um passo preliminar. O Comitê da Conferência Geral votou pedir-lhe a um dos professores da Universidade de Andrews que inicie um estudo de dois anos, no qual os escritos de Ellen White a respeito da vida de Cristo têm de ser pesquisados a fundo, especialmente a respeito da questão dos empréstimos literários.[2]

É possível que este seja o mesmo Robert Olson que se pôs de pé ante um auditório, em Loma Linda, faz menos de dois anos, e disse que toda esta discussão a respeito de Ellen e seus escritos não significava nada?[3] Por outra parte, não se pode considerar que a afirmação de Olson signifique que há uma nova política de portas abertas no escritório do White Estate. Uma carta posterior desse mesmo ano (Outubro de 1980) revela quão fechada está ainda essa abóbada do White Estate: "O Ancião não considera estas questões como eu creio que deveria fazê-lo."[4] E não foram em vão suas palavras ao grupo de casa dois anos antes, quando disse a respeito de quem tinha sido escolhido para fazer o trabalho:

> **... o tempo de Jim [Cox] não lhe custaria nada ao White Estate, e creio que podemos permanecer perto dele o bastante para que as conclusões às quais chegue sejam essencialmente as mesmas às quais chegaríamos se nós mesmos tivéssemos feito o trabalho. Poderíamos pedir-lhe a Jim que prepare um relatório para um comitê cada duas ou três semanas.**[5]

Mas a imprensa é mais forte do que a espada. A espada de Olson se tem embotado no combate com a imprensa, ainda que parte dessa imprensa é só a máquina de cópias rápidas. Pelo menos em algumas partes do mundo, os membros se estão dando conta, e pela primeira vez, da magnitude do problema do uso ilegítimo por parte de Ellen do trabalho de predecessores, e do fato de que algumas perguntas devem ser contestadas. Por todo o mundo, muitos Adventistas já não estão dispostos a aceitar as respostas não éticas que lhes deram seus supervendedores.

Os problemas éticos podem resumir-se revisando a evidência de que boa parte das investigações em anos recentes revelou informação substancial a respeito da vida e dos escritos de Ellen.

1 . É claro agora que os escritos de Ellen não eram originais; **seus materiais foram tomados de outras fontes – a respeito de todos os temas, em todas as áreas, em todos os livros.**[6]

2 . É claro, assim mesmo, que as circunstâncias, seus sócios e os escritores religiosos **dos quais extraiu material** (copiando, parafraseando ou de alguma outra forma) efetivamente influíram em Ellen.[7]

3 . A única negação que se tinha dado a conhecer de maneira geral [a das introduções às edições de 1888 e 1911 de The *Great Controversy (O Grande Conflito)*] em realidade não resolve o problema. **Por que citaria alguém** uma obra publicada por outra pessoa se não tivesse o propósito de citar a essa pessoa como autoridade?

4 . Agora se aceitou que Ellen recebeu muita mais ajuda do que se lhes fez crer aos membros da Igreja Adventista, e que seus ajudantes efetivamente tinham muita liberdade para selecionar e arrumar material e para sua edição final.[8] Também, além dos ajudantes **editoriais,** que são bastante conhecidos - Marian Davis, Clarence C. Crisler, Doures E. Robinson, Mary Steward, Fannie Bolton, Mary H. Crisler, Sarah Peck, Maggie Hare, e H. Camden Lacey - uma publicação posterior de Willie **White** chama o atendimento a outros menos conhecidos: "Desde 1860 em diante, alguns dos manuscritos dela destinados para serem publicados, **e alguns de seus testemunhos, foram copiados por membros de sua família."**[9] Depois mencionou copistas como Lucinda Abbey Hall, Adelia Patten Van Horn, Anna Driscoll Loughborough, Addie Howe Cogshall, Annie Hale Royce, Emma Sturgis Prescott, Mary Clough Watson, e a Sra. J. L. Ings. Pode muito bem ter tido outros.

5 . Ellen não tinha a última palavra no que se escrevia e nem sempre a tinha também no que se publicava.[10] Ainda que se pudesse provar que ela estava "sempre no controle," isso não esclareceria as questões éticas.

6 . Não se pode sustentar, nem em boa erudição, nem em boa consciência, que a "inspiração verbal" era o problema para os que viam e entendiam o que sucedia. Sabiam o que estava sucedendo, e não aceitavam os escritos como se fossem de Deus e dessa maneira não condenavam o que se estava fazendo.[11]

7 . Se qualquer pessoa expressava convicções a respeito destes assuntos, quando isso ocorria, essa pessoa recebia um testemunho condenatório pessoal, ou se lhe pedia que se fosse, ou ainda pior, se lhe classificava como inimigo da igreja e a verdade.[12]

8 . Nem todos os primeiros pais e obreiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia aceitavam ou criam que tudo o que Ellen escrevia vinha de Deus e era sempre inspirado. Para eles, a autoridade dela não era final.[13]

9 . Ellen mesma sabia muito bem o que se estava fazendo, participou nisso desde o princípio, e estimulava a outros que trabalhavam para ela a fazer o mesmo e a não dizer nada.[14]

Esta última afirmação (item 9) parece constituir o maior problema ético para a Igreja Adventista do Sétimo Dia na atualidade. Robert Olson julgou que o enfoque de certa pessoa " é levar seus ouvintes a crer que Ellen White era desonesta e enganosa."[15] A causa da natureza sensitiva desta acusação, é necessário ter testemunhas informadas para que testemunhem do que viram ou disseram.

Nenhum dos que agora defendem a Ellen G. White e a suas ações era nascido no tempo em que ela estava ativa. Nem sequer seu neto Arthur pode ser uma testemunha aceitável. Sua avó tinha mais de oitenta anos de idade quando ele nasceu. Qualquer que fosse o trabalho que ela tivesse feito para a igreja, fê-lo sem a observação ou o conhecimento de Arthur. Certamente, Ronald D. Graybill e Robert W. Olson (ambos os dos escritórios do White Estate) não estavam presentes e, portanto, devem ser desqualificados como testemunhas confiáveis. Ademais, os três têm preconceitos e conflitos de interesse internos. Suas posições, reputações, e compensações monetárias os fazem inaceitáveis em qualquer tribunal de arbitragem como testemunhas de primeira mão ou confiáveis. A única vantagem que podem ter, que outros de nosso tempo não têm, é o acesso a material e informação que recusam divulgar.

Mas havia testemunhas que viram, sim, e expressaram-se. Eles precisam ter seu dia no tribunal, ainda que só seja em forma incompleta.

**Quem é quem no escândalo do Plágio White:**

**Tenho aqui o que eles pensavam a respeito da inspiração de Ellen G. White:**

**1. John N. Andrews.**

Um dos fundadores da igreja; escritor estudioso; editor. Contemporâneo de Ellen White, era seu amigo e ajudante. Algumas de suas idéias e palavras eram incluídas no material impresso à medida que ela formulava sua teologia.

J. N. Andrews, que estava em Battle Creek nesse tempo, estava muito interessado.

Depois de uma das reuniões, disse-lhe a ela que algumas das coisas que ela tinha dito se pareciam muito a um livro que ele tinha lido. Depois lhe perguntou se tinha lido *Paradise Lost (O Paraíso Perdido)*... Alguns dias mais tarde, o Ancião Andrews foi à casa dela com uma cópia de Paradise *Lost* e se a ofereceu.[16]

**2 . Uriah Smith.**

Editor da Review durante o tempo de Ellen White; amigo pessoal dos White; escritor cujo material encontrou o caminho para a teologia de Ellen em vários de seus livros.

Parece-me que os testemunhos, virtualmente, adquiriram uma forma tal que é inútil tratar de defender as enormes afirmações que agora se fazem.

**3 . George B. Starr.**

Evangelista, ministro, mestre, administrador. Acompanhou Ellen White à Austrália, e sempre defendeu seus escritos e sua reputação.

Expressadas por eles "...Se todos os irmãos estivessem dispostos a pesquisar este assunto honesta e amplamente, creio que se poderia encontrar algum terreno comum consistente, sobre o qual pudessem sustentar-se todos. Mas alguns extremistas são tão dogmáticos e renitentes que suponho que qualquer esforço nesse sentido só conduziria a uma ruptura no corpo."[17]

Ao sair de minha habitação, passei frente à porta da habitação da Irmã White, e como a porta estava aberta, ela me viu e chamou-me a sua habitação, dizendo: "Estou em problemas, Irmão Starr, e gostaria de falar com você." Perguntei-lhe qual era a natureza de seu problema, e ela contestou: "Meus escritos, e Fannie Bolton."[18]

**4 . Fannie Bolton.**

Ajudante editorial de Ellen White na Austrália. Com freqüência aplaudida por sua capacidade editorial e de redação. Despedida por Ellen.

"Por anos, tratei de harmonizar o que me parecia uma inconsistência no trabalho com uma máxima literária mundana que requer que um autor reconheça a seus editores e dê crédito por todas as obras que cita. Ao argumentar que Ellen G. White não estava ciente a respeito deste assunto, cri que eu defendia um princípio de justiça ordinária e honestidade literária, e me considerei uma mártir por amor à verdade.[18]

**5 . Merritt G. Kellogg.**

Amigo dos White; meio irmão de John Harvey Kellogg; provavelmente o primeiro Adventista que chegou a Califórnia e celebrou reuniões evangelísticas.

Em 1894 [na Austrália], a Sra. White me disse que Marian Davis e Fanny Bolton estiveram encarregadas de escrever *The Great Controversy (O Grande Conflito)* e prepará-lo para ser publicado. Disse-me, ademais, que estas senhoritas eram responsáveis de certas coisas que foram incluídas nesse livro na forma em que o foram ... A Sra. White não me disse exatamente que tinha sido mau o que haviam feito as senhoritas. Suponho que a razão de que me falasse do tema era o fato de que Fanny Bolton tinha vindo ver-me... Disse-lhe só o que Fanny me tinha dito... "Agora," disse a Sra. White com algum calor, "Fanny Bolton nunca escreverá nem uma só linha mais para mim..." Desde esse dia até hoje, meus olhos permaneceram abertos.

**6 . John Harvey Kellogg.**

Cirurgião, inventor, defensor da saúde escritor, conferencista, mestre, homem de negócios. Amigo pessoal dos White por longo tempo.

“Não creio em sua infalibilidade, e nunca cri. Faz oito anos, disse-lhe cara a cara que algumas das coisas que me tinha escrito como testemunhos não eram verdadeiras, que não estavam em harmonia com os fatos, e que ela mesma o tinha averiguado. Tenho uma carta dela na qual explica como é que me enviou certas coisas... Sei que as pessoas vão ver a Sra. White com algum plano ou projeto que desejam levar adiante com sua aprovação, e levantam-se e dizem: "O Senhor falou." E sei que isso é fraude, aproveitar-se injustamente das mentes e consciências das pessoas... eu não simpatizo com isso, e disse-o a W. C. White faz muito tempo.”[21]

**7 . Mary Clough.**

Sobrinha; filha de Caroline, uma das irmãs de Ellen White. Ainda que ela mesma não fosse Adventista, foi durante um tempo assistente literária, agente de publicidade, e ajudante nos escritos de White. Despedida por Ellen. [George B. Starr citando a Ellen White]:

“Quero contar-lhe uma visão que tive como às 2h da manhã... Apareceu sobre mim uma carruagem de ouro com cavalos de prata, e Jesus estava sentado na carruagem em sua real majestade. Eu fiquei profundamente impressionada com a glória desta visão... Depois vieram as palavras como trovões sobre as nuvens, desde a carruagem e os lábios de Jesus: “Fannie Bolton é tua adversária”!..." Tive esta mesma visão faz cerca de sete anos, quando minha sobrinha, Mary Clough, aparecia em meus escritos.[22]

**8 . George W. Amadon.**

Serviu por cinqüenta anos em várias posições na Review and Herald Publishing Association, e na Igreja Adventista do Sétimo Dia, em três cidades. Amigo dos White.

“Eu sabia que grande parte dele ["How to Live"] tinha sido tomado emprestado.... [Em relação com "Sketches from the Life of Paul"] Disse que a Irmã White nunca escreve os prefácios a seus livros; sucede que eu sei que outras pessoas os escrevem; e disse que se tinha declarado formalmente no prefácio do livro que essas coisas tinham sido tomadas de outras obras, que o que se tinha copiado palavra por palavra deveria estar entre aspas, ou num tipo de letra menor, ou em pés de página, ou algo assim, como os impressores o fazem geralmente.... Ela nunca lê as provas.... A Irmã White nunca se sentava no Escritório para ler as provas corretamente... Você sabe tão bem como eu como se manejavam seus escritos nos dias do Ancião Tiago White.”[23]

**9 . Arthur G. Daniels.**

Ministro, administrador; notável como um dos dirigentes mais fortes da Igreja Adventista do Sétimo Dia; presidente da Conferência Geral desde 1901 até 1922. Amigo pessoal próximo dos White na Austrália.

“Agora vocês sabem algo a respeito de esse livreto, "The Life of Paul." Conhecem a dificuldade que tivemos com isso. Nunca poderíamos alegar inspiração no pensamento inteiro e a composição do livro porque tinha sido jogado a um lado por ter sido mal armado. Não se lhes tinham dado crédito às autoridades adequadas, e um pouco disso se tinha colado em "The Great Controversy (O Grande Conflito)" – a falta de crédito... Pessoalmente, isso jamais sacudiu minha fé, mas há quem foi grandemente prejudicado por isso, e creio que é porque tinham feito demasiadas afirmações a respeito destes escritos.”[24]

### 10 . Benjamin L. House

Professor de religião na escola superior; esteve presente na Conferência Bíblica de 1919.

“Mas, parece-me que livros como "Sketches [from] the Life of Paul," "Desire of Ages," e Great Controversy (O Grande Conflito)" eram compostos de maneira diferente, ainda por suas secretárias, que os nove tomos dos Testemunhos.”[25]

### 11 . W. W. Prescott.

Um dos grandes educadores do Adventismo; erudito bíblico; editor da Review; fundador de duas escolas superiores, presidente de três. Ajudou a corrigir, e contribuiu com material para os livros de Ellen G. White.

“Parece-me que uma grande responsabilidade descansa sobre aqueles de nós que sabem que há sérios erros em nossos livros autorizados e, no entanto, não fazem nenhum esforço especial para corrigi-los. O povo e a média de nossos ministros confiam em nós para que lhes proporcionemos declarações dignas de confiança, e usam nossos livros como autoridade suficiente em seus sermões, mas lhes deixamos continuar ano após ano afirmando coisas que sabemos não serem verdadeiras... Parece-me que se praticou o que equivale a um engano, ainda que provavelmente sem intenção, ao confeccionar alguns dos livros dela, e que não se fez nenhum esforço sério para desabusar as mentes das pessoas.”[26]

### 12 . Willard A. Colcord.

Ministro, editor, secretário de liberdade religiosa na Conferência Geral.

“Este uso de tanto material escrito por outros nos livros da Irmã White, sem aspas nem crédito, colocou-os, a ela e a seus escritos, em muitos problemas. Um dos principais propósitos na mais recente revisão de "Great Controversy (O Grande Conflito)" foi o de corrigir questões desta classe; e uma das principais razões pelas quais "Sketches from the Life of Paul" (Esboços da Vida de Paulo) nunca se reimprimiu foi pelos sérios defeitos do livro sobre esta base.[27]

### 13 . H. Camden Lacey.

Professor de Bíblia e idiomas bíblicos em cinco escolas superiores Adventistas; ministro. Amigo pessoal dos White.

“Ellen G. White confiou a Marian Davis a preparação de "Desire of Ages" e... ela reuniu seu material de todas as fontes possíveis... Preocupou-se muito por encontrar material adequado para o primeiro capítulo (e outros capítulos também) e eu fazia o que podia para ajudar-lhe; tenho boas razões para crer que ela também apelava com freqüência ao Professor Prescott para pedir ajuda similar, e recebia-a, numa medida muito mais rica e abundante do que eu poderia explicar.”

### 14 . Associação Ministerial Healdsburg.

Um relatório no jornal local do povo a respeito de seu estudo comparativo de cinco livros dos quais estabeleceram que Ellen White tinha copiado; 20 de março de 1889 . O Ancião Heale quis fazer crer aos membros do Comitê que ela não é uma mulher que lê. E também lhes pediu que cressem que os fatos históricos, e até as citações, são-lhe dadas a ela em visão sem depender de fontes ordinárias de informação... A julgar pelas citações apresentadas e uma comparação das passagens indicadas, não chegaria à conclusão qualquer crítico literário de que a Sra. White, ao escrever seu livro "The Great Controversy (O Grande Conflito)," tomo IV, tinha livros abertos diante dela e que deles tomava tanto as idéias como as palavras?”[29]

**15 . Tiago White.**

Um dos fundadores e organizadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Professor, editor, homem de negócios, publicador, ministro e administrador. Esposo de Ellen.

“Todo cristão, portanto, tem o dever de considerar à Bíblia como sua perfeita regra de fé e conduta. Deveria orar ferventemente para que o Espírito Santo lhe ajude a esquadrinhar as Escrituras em procura da plena verdade, e também para compreender seu dever. Não está em liberdade de afastar-se delas para aprender qual é seu dever através de quaisquer dos "Se" condicionais. Dizemos que, no momento em que o faça, coloca os dons no lugar errôneo, e assume uma posição extremamente perigosa. A Palavra deveria estar à testa dele e os olhos da igreja deveriam estar sobre ela, e considerá-la como a regra segundo a qual andar, bem como a fonte de sabedoria, da qual aprender o dever para "toda boa obra."[38]

**16 . Ellen Gould White.**

Copiadora e compiladora de todas as celebradas 25 milhões de palavras que se lhe têm atribuído. A nota que apareceu na Review de 24 de Junho de 1858 acerca de sua primeira tentativa séria de publicar um livro anunciava que este era "um esboço de suas visões do grande conflito entre Cristo e seus anjos, e o diabo e seus anjos."[31] Algumas semanas mais tarde, o livro foi anunciado para a venda por "J. W.," e descrito como "não de origem e autoridade divinos, senão que é um esboço das visões da Sra. White." a respeito do tomo II, dois anos mais tarde, ela escreveu:

> Tendo apresentado meu depoimento, e distribuído vários livros que continham minhas visões, nos estados do este, do centro, e do oeste, e tendo fato muitas felizes amizades, *pareceu-me que era meu dever* dar a meus amigos e ao mundo um bosquejo de minha experiência cristã, minhas visões, e meus trabalhos em relação com o surgimento e o progresso da mensagem do terceiro anjo.
>
> Ao preparar as seguintes páginas, *trabalhei com grande desvantagem, pois em muitos casos tive que depender da memória, sendo que não levei um diário* senão até faz alguns anos. Em vários casos, *enviei os manuscritos a amigos,* que estavam presentes quando ocorreram as circunstâncias relatadas, para que os *examinassem* antes que se imprimissem. *Tive grande cuidado, e passei muito tempo, tentando expressar os fatos simples tão corretamente como me fosse possível.*
>
> No entanto, recebi muita ajuda, para o estabelecimento de datas, das muitas cartas que lhe escrevi ao Hno. S. Howland e família, de Topsham, Maine. Como eles cuidaram a meu Henry por espaço de cinco anos, senti que era meu dever escrever-lhes com freqüência e contar-lhes minha experiência, as provas de meu gozo, e minhas vitórias. Em muitos casos, copiei partes destas cartas. [A cursiva é minha].

Tais são os testemunhos de alguns dos que estavam ao redor da profetisa e que viram, disseram que tinham visto, e em muitos casos foram separados depois de que o disseram.

Não se lhes solicitará depoimento aos que estão numa longa lista dos que a conheciam bem mas que foram rejeitados e expulsados da causa pelo que sabiam. Entre estes se contam a Crosier, March, a gente do

"Movimento Iowa," "os fanáticos de Wisconsin," Dudley M. Canright, os Ballenger, Alonzo T. Jones, Louis R. Conradi, George B. Thompson, e tantos outros.[32] Seu depoimento contra as "visões" e a "inspiração" de Ellen seria forte, mas não se lhes permite falar porque se foram, ou foram expulsos da igreja a causa de seu conhecimento e sua disposição a compartilhar esse conhecimento. Certamente, é verdade, como observou um presidente de conferência de união em Glacier View em 1980, que a maioria das "luzes brilhantes" do movimento foi jogada da igreja por autoridade de Ellen White.[33]

Poderiam acumular-se outros depoimentos de pessoas como William S. Peterson, Jonathan M. Butler, Ronald L. Numbers, e os outros eruditos Adventistas de nota dos tempos modernos que pesquisaram com diligência para descobrir a verdade e separá-la da fantasia. Suas vozes são quase sempre silenciadas pela histeria dos que não desejam ver ou não querem permitir que outros vejam. As descobertas dos Dom McAdams e os Roy Graybill poderiam dar preponderância à crescente evidência dos que vêem, mas seu material e seus esforços foram confiscados pelo White Estate, com um pretexto ou outro, em nome da religião. Só quando a liberdade religiosa possa por fim conseguir-se e a liberdade acadêmica possa por fim exercer-se dentro da igreja, poderão os membros ter a certeza de que a verdade não estará para sempre no patíbulo e o erro não estará para sempre no trono a favor do Adventismo.

Isto não quer dizer que todas as pessoas cujos nomes foram mencionados na lista, mais outras que não foram incluídas, crêem que Ellen foi uma fraude ou que tratava de enganar, deliberada e conscientemente, cada vez que escrevia. Quer dizer, no entanto, que a natureza *humana* e o método *humano* de sua obra estiveram sob escrutínio desde o começo, e que pessoas honestas com perguntas honestas com freqüência não receberam respostas honestas.

Os que aceitam com sensatez o fato de que Ellen G. White usava as obras alheias sem dar crédito, reconhecem em seguida a presença de um problema ético. Os que a escusam por ter usado obras alheias sem dar crédito têm explicações diferentes mas interessantes quanto ao problema ético. Só negações de plano vieram daqueles que não vêem nenhum problema ético pelo qual preocupar-se, como se o "2,6%" do estudo de Cottrell (que era só de alcance limitado quanto à obra total de Ellen se refere) fosse suficiente desculpa.

Há que fazer uma tentativa de separar, se é possível, cada atitude e cada defesa, e pôr essa defesa ao lado de algum padrão de medida de moralidade ou conduta ética para ver se Ellen e seus ajudantes dão a talha.

1 . Jack W. Provonsha, professor de ética na Universidade de Loma Linda, parece estar falando, num de seus trabalhos, para os que não vêem, ou não desejam ver, que Ellen copiou algo (ou crêem que, se o fez, a cópia foi tão mínima que quase não era questionável ou não o era em absoluto):

A questão da suposta dependência literária de Ellen White já foi exposta em nossa mesa coletiva bastante bem. A maioria dos Adventistas informados agora é consciente até certo ponto do uso extenso que ela fez de citações, paralelos, e paráfrases, bem como da similitude estrutural, formal, e general entre seus livros e aqueles com os que se sabe que ela e seus ajudantes editoriais estavam familiarizados...

Os poucos que souberam do extenso do material que ela copiou aparentemente têm estado renuentes a compartilhar essa informação com os membros comuns da igreja, supostamente porque estavam preocupados de que essa informação debilitasse a posição de autoridade de Ellen White na igreja. Esta relutância continua expressando-se como uma tentativa de minimizar a extensão da dependência.

Este esforço é compreensível, mas fora de lugar, e pode ser contraproducente ao final. Se a questão em discussão tivesse sido manejada com honestidade desde o princípio, agora nos teríamos poupado o que é e continuará sendo uma dolorosa experiência para muitos sinceros membros de igreja.[34]

Mas sempre haverá quem não deseje ver e trate de convencer a outros de que também não deveriam ver. Aos desta classe, há que lhes aplicar as palavras atribuídas a um sábio árabe: "O que não sabe e não sabe que não sabe, é um tonto. Evita-o."

2 . Os que vêem, mas não podem persuadir-se de que Deus permitisse a Ellen fazer algo pouco ético ou equivocado, justificam o que ela fez dizendo que outros antes dela fizeram o que ela fez, e que, portanto, deve ser aceitável. Quiçá Robert Brinsmead responda tão claramente como qualquer pessoa a este tipo de raciocínio:

É verdade que há evidência de empréstimo literário por parte de diferentes autores bíblicos. Mas em tais casos eles usaram material que era a herança e a propriedade comum da comunidade do pacto. Não era propriedade privada e não tinha nenhuma pretensão de originalidade. Com a Sra. White, no entanto, as circunstâncias eram muito diferentes. Sem reconhecimento, ela usou o produto literário daqueles que estavam fora de sua própria comunidade religiosa, registrou-o como propriedade intelectual sua e exigiu regalias tanto para ela mesma como para seus filhos. Até certo ponto, o correto e o incorreto estão condicionados historicamente, mas não temos que entrar em conjeturas a respeito da ética literária exigida nos dias de Ellen White. Os fatos não são ambíguos. Ela não se ajustou a uma prática literária aceitável.[35]

A este grupo lhe diria o sábio: "O que sabe, e não sabe que sabe, está dormido. Acorda-o."

3 . Há quem argumente que a ética está determinada pelos que estão a nosso redor, que a "ética situacional" determinou a conduta de Ellen G. White e que, portanto, o que ela fez é justificável. Aos que raciocinam assim, há que lhes assinalar que, com esta maneira de pensar, vale todo o que serve um propósito. Se o lugar em que um está num momento dado é o lugar correto, e qualquer coisa que a multidão esteja fazendo é necessária e correta, então um faz só o que a outros lhes parece. Aos que seguem este extremo, este raciocínio, diz-lhes: Se outros vão para o inferno, sigamo-los até ali. A tais pessoas deveria dar-lhes vergonha argumentar que copiar material de outros sem dar-lhes crédito era uma prática aceitável nos dias de Ellen. Esse argumento simplesmente não é verdade. Em grande parte do material do qual Ellen G. White copiou, os autores deram crédito quando usavam material alheio, e alguns deles o faziam detalhadamente e com gosto. Ellen não o fez nunca. A informação que está saindo à luz revela que não podia. Porque é óbvio que se a igreja, ou Ellen, ou seus ajudantes, tivessem revelado honestamente de quem e quanto material estavam usando de outros autores, *Deus, a pretendida autoridade de Ellen e os demais, ficaria exposto como de menor importância, se não inexistente, em seu programa.*

Aos defensores atuais desta "ética da maioria," que está fora de lugar, o sábio lhes diria: "O que não sabe, e sabe que não sabe, é um simples. Ensina-lhe."

4 . Há quem aceitam o que vêem e, **goste-lhes ou não, têm a impressão** de que deveria ser reconhecido. Mas raciocinam que a conduta de Ellen não é impugnada, porquanto Deus estabeleceu diferentes normas para os profetas. Esta parece ser a posição à que tende Provonsha. Alguém que critica a posição de Provonsha lhe escreve desta maneira

A observação que antecede me leva ao que o rascunho indica que é sua tese central. Ofereço uma paráfrase dessa tese, e seu positivo apoio a ela, do modo que eu sugiro se aproxima a uma paráfrase que poderia resultar aceitável ao crítico da ação do comitê autorizado [Glendale] de revisão da Conferência Geral, [que] você citação nas páginas 5 e 6 do rascunho. Ele, e muitos leitores, poderiam muito bem dizer do trabalho que "assume a posição de que os profetas (e outros escritores inspirados) são tão diferentes do resto de nós que não estão sujeitos aos conceitos tradicionais de honestidade, e não são desonestos ao copiar sem dar crédito, e ainda negar sua dependência de outros, e ainda que as 'simples pessoas ordinárias' seriam mentirosas e fraudulentas se levassem a cabo os atos em questão, aquelas pessoas não estão erradas, a causa de sua diferente posição."[36]

Não é provável que todo o mundo possa seguir a Provonsha ao interior deste mundo de filosofia ética, e chegar à resposta oportuna que ele tem para o problema. Quiçá, também, Provonsha não tinha disponíveis, para seu modo de pensar, todos os fatos e ramificações necessários para completar um quadro de setenta anos de engano, porque seu documento não trata da ética dos que ajudaram a Ellen a continuar com a mentira branca durante toda sua vida.

5 . Há outros matizes de significado que vêm à mente de numerosas pessoas que lutam individualmente com o problema ético à medida que se inteiram gradualmente a mais fatos. Talvez um aspecto que precisa uma séria consideração é um termo que em jurisprudência se chama "capacidade diminuída."

**Ellen G. White sofria de problemas médicos:**

A lesão que Ellen sofreu em sua meninice e os problemas físicos resultantes são bem conhecidos e estão bem documentados. Começando com esse acidente, e seguindo através da adolescência e a média idade, ela sofreu ataques físicos, "que com freqüência acompanhavam o que seus seguidores deram em chamar visões abertas. Diz-se que, às vezes, não era consciente de nada a seu redor, ainda que às vezes conservasse o controle de seus movimentos. A igreja com freqüência se ufana de que ela começou com uma mente débil e sem adestrar, e um corpo delgado e desfigurado - o mais débil dos débeis." Se informa que, pelo menos cinco vezes, foi atacada de "paralisia," e que muitas vezes ela sentia que estava a ponto de morrer; com freqüência, permanecia inconsciente por longos períodos. [37] Sob estas condições físicas, especialmente durante seus primeiros anos, sua mente com freqüência estava na mesma condição que seu corpo, às vezes nas areias movediças do desespero e às vezes no cume da glória.

Este estado mental e físico foi observado ao começo da experiência de Ellen. Ficou um notável depoimento em relação com sua condição e o fato de que ela a reconhecesse já em 1865 , depoimento que foi publicado mais tarde, em 1877. A causa da natureza sensitiva da informação, é melhor reproduzir vários parágrafos das páginas que tratam dela.

Quando, durante uma conferência em Pilot Grove em 1865 , ela relatou uma visita ao Instituto de Saúde do Dr. Jackson, disse que o doutor, depois de examiná-la, tinha declarado que sofria de histeria. Agora, para os que têm confiança na capacidade do Dr. Jackson como médico, esta declaração proporciona um indício da suposta inspiração divina de Ellen. De acordo com as autoridades médicas, a histeria é uma doença real, mas de tipo muito peculiar, pois afeta, não só o corpo, senão também a mente; produz fenômenos de uma natureza muito marcada, mas muito variada, e ao atuar a doença sobre diferentes pessoas e diferentes temperamentos, produz variados resultados.

Quando o Dr. William Russell, que nesse então trabalhava no Instituto de Saúde de Battle Creek, escreveu-nos expressando suas dúvidas com respeito à inspiração divina das visões, e pedindo-nos a evidência que tivéssemos sobre esse tema, com gosto acedemos a sua solicitação e lhe enviamos as obras publicadas, e também um breve resumo da obra que agora apresentamos ao público. Também, chamamos seu atendimento sobre a opinião médica do Dr. Jackson no caso da Sra. White, e solicitamos a opinião dele para publicá-la também no livro. A isto contestou, em 12 de Julho de 1869, que tinha decidido, fazia algum tempo, "que as visões da Sra. White eram o resultado de um organismo enfermo e um cérebro ou um sistema nervoso defeituoso." Aqui, então, temos o depoimento de dois médicos, em cuja capacidade como médicos confiam geralmente a Sra. W. e os Adventistas do Sétimo Dia, que estão de acordo em sua opinião quanto à predisposição dela a uma condição enferma do cérebro e o sistema nervoso.

Com estes testemunhos em mente, regressemos à primeira visão e vejamos se podemos, a partir das circunstâncias presentes, chegar a uma solução razoável e prática do fenômeno no caso. De acordo com suas obras publicadas, a Sra. White, à idade de nove anos, sofreu uma desgraça muito grave; uma pedrada lhe achatou o nariz, desfigurando-lhe o rosto permanentemente. Por suposto, não sabemos se este acidente foi ou não a causa de sua predisposição à histeria, mas uma coisa é verdadeira: Não a originou, senão que a agravou, como o descreve o Dr. Russell: "Um organismo enfermo ou um cérebro ou sistema nervoso defeituoso." Isto o demonstra o fato de que, durante três semanas depois do acidente, ela permaneceu completamente inconsciente, com o cérebro com tanta uréia que lhe causou a cessação de suas funções durante esse tempo.

Em Life Incidents, pág. 273, o Ancião White também diz de sua saúde na época de sua primeira visão: "Quando teve a primeira visão, estava enfraquecida e inválida, e seus amigos e médicos só esperavam que morresse de consumpção. Nesse tempo só pesava oitenta libras. Seu sistema nervoso estava em tal estado

que não podia escrever, e dependia de alguém sentado perto dela numa mesa até para verter bebida da xícara ao pires."

Pouco depois de recuperar-se, parece ter voltado seu atendimento a temas religiosos, com os quais ficou profundamente impressionada, até que, à idade de doze anos, professou a conversão e ingressou à igreja Metodista. Sua experiência religiosa nessa temporã idade foi de um tipo peculiar; às vezes se exaltava até o êxtase, e novamente se deprimia até as profundidades da depressão. Esta desafortunada condição da mente não parece ter sido causada pelas circunstâncias externas que a rodeavam, que eram todas favoráveis a sua profissão religiosa, senão por sonhos e impressões agradáveis ou desagradáveis.

Mais ou menos por este tempo, pregava-se a doutrina Adventista em Portland, Maine, onde vivia a família de seu pai, e tanto sua família como ela mesma se interessaram nela, até o ponto de que em 1842 ela assistia constantemente às reuniões Adventistas, ainda que fosse Metodista. O resultado de que passasse o tempo sem que o Senhor regressasse em 1844 foi a divisão do povo Adventista em dois grupos. Enquanto um dos grupos se curvava à posição de que a vinda do Senhor estava próxima, mas admitia que os movimentos de 1843 e de 184 eram errôneos, o outro afirmava que o Senhor lhes tinha guiado até esse momento e que o passado se justificaria plenamente; finalmente, os desta última classe caíram no erro da porta fechada, afirmando que o Esposo tinha vindo, e que o tempo para a salvação dos pecadores, os cristãos nominais, e os Adventistas apóstatas tinha passado. Em Life Incidents, pp. 183-91, o Ancião White faz um interessante relato da história da porta fechada. A Sra. White, (nesse tempo Ellen G. Harmon), identificou-se com os desta última classe, que se reuniam em casa de seu pai, o que mostrava que ela estava constantemente sob a influência deste terrível erro, cujo poder ninguém, exceto os que o presenciaram ou participaram nele, pode apreciar devidamente. Sob estas circunstâncias, e com seu organismo enfermo, seu cérebro ou sistema nervoso defeituosos, e uma predisposição à histeria não é de surpreender-se que tivesse o que se chamou uma visão, e que, tal como seria de esperar-se, sua visão correspondesse, em termos gerais, aos pontos de vista religiosos que ela abrigava, como mostramos claramente nesta obra.

Sobre este ponto, o Ancião White apresenta outro depoimento em seu livro Life Incidents, página 272 (publicado em 1868), no qual diz: "Durante os passados vinte e três anos, ela teve provavelmente entre cem e duzentas visões. Estas ocorreram em quase cada tipo diferente de circunstâncias, e, no entanto, todas elas foram maravilhosamente similares; sendo a mudança mais evidente o que, em anos mais recentes, foram menos freqüentes e mais abarcantes." Sob estas circunstâncias, todo isto é muito natural e razoável. Ao melhorar a saúde da Sra. White, as visões se voltaram menos freqüentemente. Como a mente e seu funcionamento são o resultado do organismo humano, uma constituição física mais saudável produzirá um estado da mente melhor e mais saudável. E, como a saúde da Sra. White melhorou, seu cérebro e seu sistema nervoso adquiriram um estado mais natural, e seus estados de transe foram menos freqüentes; e como ela avançou em questões de informação geral (tendo sido sua educação temporã descuidada quase por completo a conseqüência de sua debilitada saúde), suas visões se fizeram mais abarcantes – uma conseqüência muito natural – que é uma das melhores evidências de do que suas visões surgiam de sua própria mente.

Que os fenômenos das visões, a suspensão animada, e os poderes milagrosos da Sra. White são o resultado de uma organização física e mental em desordem o confirma o seguinte extrato do livro *Practice of Medicine,* p. 721, do Tomo 2, do Dr. George B. Wood, que me chamou o atendimento, e que corresponde a algumas das experiências da Sra. White em visão, particularmente ao fato de que se pusesse de pé com uma Bíblia na mão a levantasse por em cima de sua cabeça, e assinalasse e repetisse algumas passagens dela. Ao tratar desordens mentais, e explicar a causa e os fenômenos dos transes, o Dr. Wood diz:

> "O êxtase é uma afecção na qual, junto com perda da consciência das circunstâncias existentes, e insensibilidade às impressões externas, há uma aparente exaltação das funções intelectuais ou emocionais, como se o indivíduo fosse elevado a uma natureza diferente, ou a uma esfera diferente da existência. O paciente parece envolvido em algum pensamento ou sentimento absorvente, com uma expressão no rosto como de elevada contemplação, ou de inefável deleite. O movimento voluntário fica geralmente suspendido, e o paciente ou jaz insensível a influências externas, ou como na catalepsia, conserva a posição que tinha

> quando sofreu o ataque. Às vezes, no entanto, os músculos obedecem à vontade, e o paciente fala ou atua de acordo com seus impulsos existentes. Nestes casos, a doença risca muito de perto com o sonambulismo. Pode ser que o pulso e a respiração sejam naturais, ou mais ou menos diminuídos; o rosto está geralmente pálido; e a superfície do corpo está fresca. Se a freqüência do pulso aumenta, é geralmente mais débil também. A duração do ataque é muito incerta; em alguns casos não passa de alguns minutos, em outros se estende a horas ou dias. Ao recobrar-se do ataque, o paciente geralmente recorda seus pensamentos e sentimentos mais ou menos com exatidão, e algumas vezes fala das maravilhosas visões que viu durante suas visitas às regiões dos benditos, de encantador esplendor e harmonia, de inexprimível gozo dos sentidos ou afetos."[38]

**Estas assombrosas páginas revelam alguns fatos sérios que podem ser verificados:**

a . Deu-se uma descrição precisa do estado físico e mental de Ellen White do modo em que ela o descrevia com freqüência.

b. A análise de seu estado foi efetuada por médicos capazes, que em alguns casos eram aceitos pelos White.

c. As observações foram feitas no princípio de sua vida por pessoas que **conheciam** seu estilo de vida e a observaram de primeira mão.

d . Ellen White efetivamente creu e ensinou a porta fechada, cuja história se manteve oculta por mais de cem anos, como se revelou (e agora foi confirmada pelo White Estate). Ellen **até teve uma visão** mostrando que a porta se fechou para os pecadores depois de 1844.

Mais interessante, talvez, é o fato de que outros, alguns dos quais eram também médicos, notaram a similitude de seu estado durante seus "visões" e diagnosticaram seu estado de maneira similar. William S. Sadler, amigo da família White, uma vez verdadeiro crente e também ancião da igreja, e mais tarde médico, escreveu em 1923:

> Não é raro que pessoas em transe cataléptico se imaginem que viajam a outros mundos. Em realidade, os maravilhosos relatos de suas experiências, que descrevem por escrito depois de que terminaram estes ataques catalépticos, são tão singulares e maravilhosos que servem de base para fundar novas seitas, cultos, e religiões. Muitos movimentos religiosos estranhos e singulares se fundaram e organizado deste modo. É um interessante estudo em psicologia observar que estes médiuns em transe sempre vêem visões em harmonia com suas próprias crenças teológicas. Por exemplo, uma médium que cria na natural imortalidade da alma sempre era guiada, em suas viagens celestiais, por alguns amigos mortos que tinham partido. Um dia, ela mudou seus pontos de vista religiosos - se converteu à crença no “sono da alma" - e desde então, quando estava em transe, era levada de um mundo a outro, em suas numerosas viagens celestiais, por anjos, e nenhum amigo morto ou separado jamais voltou a aparecer em nenhuma de suas visões depois desta mudança em suas crenças.[39]

O registro das visões de Ellen de outros mundos pode verificar-se em Early *Writings* para ver se a informação relatada por Sadler se aplica a ela. Sadler continua com outras observações interessantes:

> Quase todas estas vítimas de transes e catalepsia nervosa, tarde ou cedo se chegam a crer mensageiros de Deus e profetas do céu, e sem dúvida a maioria deles é sincera em sua crença. Não entendendo nem a fisiologia nem a psicologia de sua aflição, sinceramente chegam a considerar suas peculiares experiências mentais como algo sobrenatural, enquanto seus seguidores crêem cegamente qualquer coisa que ensinem a causa do suposto caráter divino destas assim chamadas revelações.[40]

Sadler continua corroborando o que os médicos das décadas de 1860 e 1870 tinham detectado:

> Outro interessantíssimo fenômeno que observei em relação aos médiuns em transe que, como observamos anteriormente, é em sua maioria mulheres, é que estes fenômenos de transe ou catalépticos, que em alguns aspectos são muito similares a ataques de histeria maior - só do que levados ainda além – digo do que foi minha experiência que geralmente aparecem depois de do que entrou a adolescência, e em nenhum caso que observei, ou do qual tenha eu ouvido, sobreviveram estes fenômenos à aparição da menopausa. A natureza dos fenômenos associados com estas profetisas ou médiuns em transe é sempre modificada pela aparição da “mudança de vida."[41]

Novamente, é interessante observar o que o doutor diz que sucedia no caso de Ellen. Ela deixou de ter "visões abertas" arredor do tempo da vida em que ocorre a menopausa.[42] É assim mesmo interessante observar que a cessação das visões coincidiu com a morte de Tiago White, seu esposo.

Um escritor posterior retomou o tema físico em sua dissertação doutoral escrita em 1932:

> Não há nem a mais mínima evidência de do que ela, neste estado, em nenhum momento aprendesse nem uma só coisa que não fora já bem sabida por seus sócios. Enquanto este escritor não chegaria até a dizer que ela estava "mesmerizada" por seu esposo, ele [o escritor] está plenamente convencido de que o conteúdo de suas primeiras "visões" estava determinado quase por completo pelo problema em que ele [Tiago White] estava interessado e ao qual lhe dedicava seu tempo no momento da manifestação. ... Mais tarde, depois de sua morte, a engraçada aprovação dela era um objeto muito desejado entre certos tipos de dirigentes e caixeiros que usavam todo tipo de métodos e ardis para obter o apoio dela para seus projetos.
>
> Quando White usou todos os métodos possíveis para a organização, sua esposa "viu" que era o plano de Deus; quando ele caiu sob suspeita na operação da impressora, a ela se lhe mostrou que isto não era agradável a Deus. Quando ele, por meio da pluma e de viva voz, chamou à "benevolência sistemática" [contribuições financeiras regulares à igreja], ela teve uma "visão" apoiando-a. No tempo em que ele estava ocupado escrevendo folhetos pró saúde, a ela se lhe mostrou sua "grande visão" sobre a reforma pró saúde. Esta lista poderia continuar, substituindo o nome de seu esposo pelos de seus dirigentes favoritos, até sua morte.[43]

Linden, em 1978, revisou as observações e teorias de psicólogos e psiquiatras de mediados da década de 1900 procurando indícios dos fatores causais dos fenômenos visionários. Foi necessário tomar em conta fatores tanto psicológicos como físicos.[44] Quiçá as respostas finais e mais satisfatórias a respeito de Ellen White poderiam dar-se em favor da mentira branca se o White Estate quisesse permitir a publicação dos detalhes do histórico médico dela do princípio ao fim.

Outro escritor descobriu um tipo diferente de raciocínio para o problema de que Ellen copiava sem dar crédito, bem como sua crença em sua própria "originalidade visionária." M. Ronald Deutsch *(The New Nuts Among the Berries)* relata, no capítulo titulado "The Battles of Battle Creek," como Charles E. Stewart escreveu à Sra. White em resposta à afirmação pública dela de que "tinha recebido instruções do Senhor" para que convidasse aos que tinham "perplexidades ... em relação com os testemunhos" a "pôr por escrito" seus "objeções e críticas," que ela as contestaria. Os amigos de Stewart publicaram sua longa carta (que incluía cópias de correspondência adicional com outras pessoas) em forma de folheto em Outubro de 1907 – depois de que tinham passado cinco meses sem resposta de Ellen White. O prefácio do folheto dizia que Stewart tinha recebido um recibo de registro devidamente assinado, mas nenhuma resposta.

**Deutsch cita a seguinte opinião de seu livro:**

> Crio que ela é vítima de auto-hipnotismo. Em realidade, ela se tem auto-hipnotizado para crer que estas visões são genuínas. Não creio que ela voluntariamente se propunha enganar -

> ela adquiriu o hábito visionário – mas, sim, culpo aos que vendem às pessoas um truque que é, nem mais nem menos, uma grosseira fraude.[45]

O ano de 1907 passou faz muito tempo. A questão dos problemas da saúde de Ellen e as preocupações dos médicos de seu tempo poderiam ter-se esquecido se estas perguntas não seguissem aparecendo de tanto em tanto. Tão recentemente como em 1981, apareceu um artigo no *Toronto Star* de 23 de Maio:

> Uma pedra que golpeou a testa de uma fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen Gould White, quando tinha nove anos de idade, quase seguramente é a causa de suas visões, as quais são a base para a doutrina da igreja, dizem dois médicos.
>
> O golpe causou uma forma de epilepsia, disseram numa entrevista os doutores Delbert Hodder e Gregory Holmes, de Connecticut. Estiveram em Toronto para descrever suas descobertas durante uma reunião da Academia Americana de Neurologia no Sheraton Centre recentemente....
>
> Hodder, que é Adventista, diz que seu relatório e o de Holmes (que não é Adventista) poderia sanar a divisão que existe na igreja.
>
> "Têm estado considerando-o de uma maneira teológica," disse, mas sua investigação mostra que "ela pode ser explicada cientificamente."[46]

A muitos poderia parecer-lhes que o argumento médico é a melhor maneira de explicar a questão ética suscitada por seu engano, ainda que não justificasse aos que, obviamente sem conhecer o estado dela (e, portanto suas debilidades), continuaram ajudando a expandir a mentira branca. Também, geraria algum grau de simpatia pelas ações de Ellen - com base em sua capacidade diminuída somente. De maneira similar, ajudaria a explicar as muitas inconsistências em suas "visões" com as quais a igreja teve que lidar, ou teve que escusar, ou tampar através dos anos.

Pode ser que a última linha das palavras do sábio árabe se apliquem a este ponto de vista sobre o problema ético: "O que sabe, e sabe que sabe, é um sábio. Segue-o."

---

**Referências e Notas**

1 . Veja-se a Guy Herbert Winslow, "Ellen Gould White and Seventh-day Adventism," dissertação (Worcester, MA: Clark University, 1932); e W. Homer Teesdale, "Ellen G. White: Pioneer, Prophet," Dissertação (University of Calif., 1933).

2 . Carta de Robert W.Olson para Daniel C. Granrud, 4 de Setembro de 1980.

3 . Robert W. Olson, "Ellen G. White and Her Sources" [Ellen G. White e Suas Fontes], fitas gravadas de um discurso ao Adventist Forum, com período de perguntas, na Igreja da Universidade de Loma Linda, Janeiro de 1979.

4 . Carta de Robert W. Olson para Daniel C. Granrud, 2 de Outubro de 1980.

5 . De Olson para os Fideicomissários do EGW Estate, 29 de Novembro de 1978, p. 5.

6 . Apêndice, quadros comparativos em general.

7 . Jonathan M. Butler, "The World of E. G. White and the End of the World" [O Mundo de E. G. White e o Fim do Mundo], *Spectrum 10*, nº. 2 (Agosto 1979): 2-13. Também, Donald R. McAdams expandiu este tema na reunião do Comitê Glendale Sobre As Fontes de EGW, que se levou a cabo o 28-29 de Janeiro de 1980.

8 . W. C. White, citado por Robert W. Olson e Ronald D. Graybill. Fitas gravadas de um seminário no Southern Missionary College no outono de 1980.

9 . De W. C. White para o Comitê da Conferência Geral, 3 de Outubro de 1921.

10 . John Harvey Kellogg, "An Authentic Interview.... o 7 de Outubro de ...

11 . A indicação em meu livro é que poucos, se é que os tinha, dos que estavam inteirados da confecção dos livros de Ellen White aceitavam a idéia da inspiração verbal.

12 . Veja-se a lista de "testemunhas" que segue a este capítulo.

13 . Linden, Winslow, Teesdale, e outros explicam que, com o correr dos anos, teve lugar uma evolução de valor quanto à "inspiração" e à "autoridade" dos escritos de Ellen White.

14 . Ninguém argúi seriamente que Ellen não sabia o que estava fazendo, ou o que se estava fazendo. Em realidade, o problema seria muito mais sério se ela não tivesse sabido. Este capítulo trata de como diferentes pessoas trataram de resolver o problema em diferentes ocasiões.

15. Carta de Robert W. Olson para Daniel C. Granrud, 2 de Outubro de 1980

16. Arthur L. White em seu "suplemento" de 1969 de uma reimpressão em fac-símile de EGW, *The Spirit of Prophecy*, tomo 4, p. 535.

17 . De Uriah Smith para Dudley M. Canright, 22 de Março de 1883.

18 . Ellen G. White Estate, "A Statement Regarding the Experiences of Fannie Bolton in Relation to Her Work for Mrs. Ellen G. White" [Uma Declaração Concernente às Experiências de Fannie Bolton em Relação com Seu Trabalho para a Sra. Ellen G. White], Arquivo de documento 445, p. 8. Esta publicação contém uma seção com o "Relatório do Ancião Starr" de sua conversa com Ellen White concernente a Fannie Bolton.

19 . De Fannie Bolton para os "Queridos irmãos na verdade." Rascunho sem editar no Arquivo de Documento 445 no EGW Estate.

20 . Merritt G. Kellogg, declaração escrita a mão, ca. 1908.

21 . John Harvey Kellogg, "An Authentic Interview," 7 de Outubro de 1907, pp. 23-39. As declarações de Kellogg registradas estenograficamente.

22 . George B. Starr, em EGW Estate, "A Statement Regarding ... Fannie Bolton." EGW Estate DF 445.

23 . JHK, "An Authentic Interview," pp. 33-36. As declarações de George Amadon registradas estenograficamente.

24 . [Bible Conference], "The Bible Conference of 1919," Spectrum 10, não. 1 (Maio de 1979): 34.

25 . Ídem, p. 52.

26 . De W[illiam] W[arren] Prescott para W. C. White, 6 de Abril de 1915.

27 . Carta de W[illard] A [llen] Colcord, 23 de Fevereiro de 1912. Vejam-se os capítulos nove e treze.

28 . De H. Camden Lacey para Leroy E. Froom, 11 de Agosto de 1945 . De H. Camden Lacey para Arthur W. Spalding, 5 de Junho de 1947.

29 . [Healdsburg, California] Pastors' Union, "Is Mrs. White a Plagiarist ?" Healdsburg Enterprise (20 de Março de 1889).

30 . Tiago White, "The Gifts of the Gospel Church" [Os Dons da Igreja do Evangelho], Review 1 (21 de Abril de 1851): 70. (Reimpresso em Review 4 [9 de Junho de 1853]; 13-14) Citado por Earl Amundson, "Authority and Conflict," lido numa Consulta Teológica em Glacier View (15-20 de Agosto de 1980).

31 . [Nota editorial], Review 12 (24 de Junho de 1858): 48.

32 . Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, tomo 2, prefácio.

33 . Earl W. Amundson, "Authority and Conflict," p. 25.

34 . Jack W. Provonsha, "Was Ellen White a Fraud?", Loma Linda University, 1980, p. 1.

35 . Robert D. Brinsmead, *Judged by the Gospel* [Juízos pelo Evangelho], p. 172.

36 . De J. Jerry Wiley para Jack W. Provonsha, 22 de Maio de 1980.

37 . H[enry] E. Carver, *Mrs. E. G. White's Claims to Divine Inspiration Examined* [Um Exame das Afirmações da Sra. E. G. White de Que Era Inspirada] , 2dá. edit. (Marion, Iowa: Advent and Sabbath Advocate Press, 1877) pp. 75-80.

38 . Idem, pp. 75-80.

39 . W[illiam] S. Sadler, *The Truth about Spiritualism* [A Verdade Sobre o Espiritismo] (Chicago: A. C. McClurg & Co., 1923), pp. 157-58.

40 . Ídem.

41 . Ídem, p. 159.

42 . De acordo com a *SDA Encyclopedia* (veja-se "Visions," p. 1557), a última "visão aberta" de Ellen White ocorreu em Junho de 1884. Linden, em The *Last Trump*, diz que Tiago White sublinhava que "os músculos e as conjunturas dela se punham rígidos," e sua vista precisava algum tempo para acomodar-se outra vez à normalidade.

43 . Winslow, Guy Herbert, "Ellen Gould White and the Seventh-Day Adventism," dissertação (Worcester, MA: Clark University, 1932) p. 290.

44 . Linden, Ingemar, *The Last Trump*, pp. 159-163.

45 . M. Donald Deutsch, *The New Nuts Among the Berries*, Pau Alto, Ca.

46 . Manlyn Dunlop, "Were Adventist Founder's Visions Caused by Injury?"

---

## Capítulo 12.
## A Vida Tem Seus Incidentes

A incrível história de como o conteúdo de The *Great Controversy (O Grande Conflito)* foi copiado por Ellen G. White de outras obras e depois ela afirmou que tinha sido inspirado!

---

A experiência ensina que a verdade precisa ser redefinida cada geração ou duas. Isto não quer dizer que a verdade muda, senão que nossas percepções mudam se nossas mentes estão ativas e em processo de desenvolvimento. Os historiadores sabem isto. Os políticos o entendem. Os economistas trabalham sobre a mesma suposição. E muitas pessoas sensatas o aprendem.

Só os administradores de sistemas teológicos encontram este princípio difícil de aceitar. Quanto mais conservadores são a organização religiosa e a gente que aprova seu credo, mais difícil é fazer o ajuste mental necessário. No outro extremo, se os administradores teológicos e sua gente aceitaram o engano de que *sua* verdade, *seu* Deus, *seu* profeta, ou *seu* santo são todos iguais, ou são um e o mesmo, é quase impossível efetuar qualquer mudança para a luz do progresso.

Novamente, as quatro técnicas essenciais que usa a classe de mentira branca que oferecem os supervendedores são: (a) elogiar qualquer coisa rara ou misteriosa a respeito da pessoa que tem de ser venerada, de maneira que ele ou ela seja visto ou vista num nível sobrenatural; (b) exaltar as ações e as palavras a um nível virtuoso ou milagroso, reforçando assim a idéia da conexão sobrenatural; (c) negar

acesso à informação e aos arquivos dos eventos e os fatos do passado; e (d) ganhar tempo afastando-se o mais possível do ponto de conhecimento vivente dos começos da lenda.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia usou, e ainda está usando, todos os quatro métodos na questão de Ellen G. White e o que se publicou sob seu nome.

**Primeiro:**

Por incrível que pareça a um observador imparcial, o White Estate quer fazer-nos crer que qualquer coisa que Ellen G. White escrevesse a qualquer pessoa a respeito do que fora, qualquer coisa que ela supervisionasse de qualquer pessoa sobre o que fora, qualquer coisa que Ellen copiasse de qualquer pessoa a respeito do que fora, qualquer coisa oferecida à venda sob seu nome – até pensamentos, palavras ou inclinações sugeridas (ou escritas) por seus seguidores – deve levar, e leva, o selo da aprovação de Deus. Nenhum escritor sagrado da Antigüidade jamais reclamou tanto para si mesmo e nenhum escritor do Cânon teve jamais que viver de conformidade com uma exigência assim.

**Segundo:**

Diz-se que os cavalos selvagens permaneciam quietos a uma ordem sua. Uma pesada Bíblia era sustentada no ar com o braço estendido por longos períodos de tempo. Sob suas instruções, a água subia a poços que caso contrário estariam secos. Em seus sonhos, apareciam edifícios que nunca tinham existido e nunca existiriam. Apesar dos conhecidos problemas do sistema postal, chegavam cartas no momento crítico para algum evento importante ou crucial. Com freqüência, membros pelos quais ela tinha orado se levantavam de seus leitos de enfermo – ainda que ela mesma nunca se curasse a si mesma, e já bem adiantada na meia-idade, com freqüência se queixava de que se sentia enferma e de que experimentava períodos de vertigem. Também não ouvimos falar muito da morte de dois de seus filhos quando ainda eram jovens. Apesar de suas orações e seus cuidados, seu esposo viveu menos de sessenta e cinco anos. No entanto, as ações e as palavras de Ellen White foram estampadas sobre os estudantes do abarcante sistema educativo Adventista, que seguramente alguns põem acima de quaisquer outros – ainda que ela copiasse livremente desses "quaisquer outros."

**Terceiro:**

Poucos – se é que os há – dos que trataram com o White Estate – o depositário oficial das chaves de tudo o que pertencia ou se soube a respeito de Ellen G. White – jamais saíram desejosos de jurar do que se lhes permitiu acesso a todos os materiais em todo momento sem receber instruções, sem ser supervisionados e sem ter que prestar juramento. Por suposto, a administração de notícias é parte de toda instituição eclesiástica. Os Adventistas são experientes em dar ao público da igreja e ao secular por igual só aqueles detalhes que os mostram em seu melhor ângulo. Como disse um editor do *Los Angeles Times:* "Os Adventistas funcionariam melhor num país que não tivesse liberdade de imprensa." Até os que têm algum sucesso em obter acesso limitado ao material têm que assinar uma promessa – a mudança do privilégio de ver o que a outros está interditado – de que não copiarão material "sensível" ou o farão conhecer a outros.

Talvez tudo isto seja compreensível. O White Estate não pode soltar todo o material concernente à vida e aos escritos de Ellen G White e ao mesmo tempo manter a mentira branca. Não há maneira de que os fatos se enquadrem com os mitos. Se (como se disse na reunião de Glendale de janeiro de 1980) cada parágrafo do livro *The Great Controversy (O Grande Conflito)* tivesse de ter rodapés de página para mostrar o material fonte, então cada parágrafo teria que ter rodapés de página – que ocorreria com a lenda de Ellen e com os membros da igreja em geral que creram na lenda todos estes anos?

Que sucederia se cada um dos outros quatro livros – *Patriarchs and Pophets (Patriarcas e Profetas), Prophets and Kings (Profetas e Reis), The Acts of the Apostles (Atos dos Apóstolos),* e *The Desire of Ages(O Desejado de Todas as Nações)* (dos cinco grandes) – fosse incluído também nessa acusação? É bastante seguro que nenhum estudo imparcial, detalhado e abarcante destes livros pode ser ou seria patrocinado pelo

White Estate, não importa quem o leve a cabo nem quando se efetue. Quaisquer que sejam as descobertas que informe qualquer pesquisador independente, parece seguro que a posição do Ellen G. White Estate continuará sendo (a) que eles os souberam desde o princípio e (b) que o estudo não faz nenhuma diferença, porque, de todas as formas, Deus teve sua mão metida em isso, e porque Ellen foi inspirada para fazer o que fez seguindo as ordens expressas dEle.

**Quarto:**

Ganhar tempo é, talvez, um dos auxiliares mais propícios da mentira branca. Se os membros leigos só podem ter um pouco de paciência para dar aos supervendedores a oportunidade de ganhar tempo, com a idade a mentira branca pode converter-se em realidade, e com freqüência o faz. Depois de tudo, os mitos e as lendas não são criações instantâneas. O tempo só encobre os fatos. Porque o fato de que Ellen G. White e seus escritos nunca foram apresentados com exatidão à igreja e ao mundo, o tempo ajudou a dissimular esse engano. Os que trataram, em várias ocasiões, de ajudar a sua igreja a se colocar de acordo com a verdade, foram expulsos do "Clã" ou sacudiram o pó de seus pés e foram embora. Assim, a mentira branca cresceu até que se converteu em matéria de fé; faz tempo que os fatos se perderam de vista. O conselho de um observador é pertinente:

Que seja... Não apele de sua expulsão como pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia... Por suposto, continue sua investigação, faça-a, todavia, no interesse do acadêmico. Não use como seu instrumento de destruição a igreja na qual a maioria dos membros confia para a continuação de sua fé. O dicionário define a fé como "crença sem evidência," e a maioria dos membros de igreja estão dispostos a aceitá-la como tal. Lástima que a maioria das instituições religiosas não possam também aceitar esta definição e sintam que devem insistir em que seu dogma é o dogma verdadeiro e que está baseado na verdadeira evidência! A capacidade inerente para separar a fé e o verdadeiro conhecimento para que não interfiram um com o outro é uma habilidade que algumas pessoas têm e outras não. Tem pouco que ver com a inteligência e consideramos aos que têm um baixo quociente de inteligência [QI] como ateus e a alguns de nossos melhores cérebros como devotos católicos... A fé religiosa geralmente é inofensiva para a sociedade em geral caso se mantenha dentro do marco religioso, podendo ser benéfica para muitos a um nível pessoal. Mas a capacidade para departamentalizar a mente é sempre um perigo, e não está restrita às áreas religiosas.[2]

Os que têm que crer o incrível, os que têm que afirmar que vêem o que é impossível ver e os que devem passar a vida jogando mão do inalcançável, sempre tratarão de transmitir sua "visão" do irreal a outros aplicando a autoridade e a força. Um dos teólogos o expressa bem:

Muitos rumores me têm chegado, a mim e aos outros anciãos... Se a memória não me engana, eu não creio que você tenha assistido a nenhum de meus serviços desde onze de setembro, tempo durante o qual me referi a todos os temas de controvérsia que parecem estar saindo à superfície em nossa denominação. O resultado mais perigoso que vejo das muitas e divergentes discussões na igreja hoje dia tem que ver com o que eu chamo o "evangelho barato." ...Devemos confiar na obra terminada de Cristo; mas – e isto é igualmente importante – com a ajuda de Cristo, devemos estar prontos para obedecer. Isto significa estar dispostos a renunciar a nós mesmos e submeter-nos à autoridade do corpo de Cristo – a Igreja. Sei que é difícil fazê-lo quando a um lhe está indo bem em sua prática e seus investimentos financeiros.[3]

É claro que este supervendedor do sistema gostaria de compartilhar o sucesso e os investimentos financeiros de um membro e gostaria restringir a óbvia liberdade de espírito desse membro – em suma, *controlá-lo*.

Tais atitudes não se limitam aos que crêem num sistema de salvação por obras. O produto de um sistema tal é o de supervendedores religiosos que crêem que a consciência *deles* deveria ser o guia dos comungantes, e tentam este controle ímpio em nome de Deus. Quando se entende claramente que o que os supervendedores do psíquico estão vendendo é realmente seu próprio sistema de valores ou sua própria visão do que os demais deveriam ou não deveriam fazer, então, e só então, será mais difícil vender algumas das mentiras brancas.

Enquanto, e até que os supervendedores sejam desmascarados, quiçá o melhor conselho sobre como tratar com eles e sua "verdade" deu Robert J. Ringer:

Não faça caso de todas as observações e as ações neuróticas da gente normal, nem de todas as observações e as ações de gente neurótica. No caso em que uma pessoa neurótica persista apesar de sua falta de atendimento, tome uma ação rápida e positiva para a expulsar de sua vida por completo.

Você não está obrigado a tratar com gente irracional...

Falar, argumentar e/ou rogar não funciona com gente irracional. Tentar persuadi-los com argumentos lógicos só esgotará a você. Tratar com gente irracional é uma situação em que não se pode ganhar. Se a pessoa é hábil em jogos mentais, você com freqüência se encontrará enquadrado numa situação de "pau porque flutua e pau porque não flutua." Sempre faça tudo o que possa para evitar situações em que é impossível ganhar. Quando alguém o rodeia por todos os lados com pontos irracionais, não o tolere. Saia-se, por cima se for necessário, mas se saia. Quando cada direção aonde você se volta resulta em problemas, você está numa situação em que é impossível ganhar.[9]

Na questão dos supervendedores de Ellen White (em relação tanto com a igreja como com o público), está sendo evidente que ela também queria estimular, senão exigir, a outros a que aceitassem sua estrutura de valores e seu estilo de vida. Para conseguir este fim, chegou a crer e a ensinar a outros que o que ela dizia e escrevia era necessário fazê-lo, porque Deus assim o queria. Outras pessoas ao redor dela que compartilhavam esses pontos de vista (e de fato lhe deram alguns) estavam dispostas a deixar que os fiéis cressem que o que ela dizia e escrevia eram diretamente as idéias e os modos que Deus lhe tinha dado. Esta posição dava a cada palavra dela a autoridade que precisava para ser crida – apesar da crescente evidência em contrário (e o testemunho de alguns outros). Os que viviam por fé, e também pela evidência para sustentar essa fé, começaram a descobrir que a mentira branca era inconsistente com a evidência. E quando anunciaram essa descoberta, o que conseguiram com a mudança de seus esforços foi serem expulsos e desacreditados mediante o assassinato de seu caráter.

Para os que têm o valor de colocar a evidência e a fé uma ao lado da outra para ver se estão em harmonia, os seguintes pontos podem proporcionar a oportunidade para um exame cuidadoso de algumas das mentiras brancas que se usaram para manter a lenda de Ellen G. White e a maioria de seus escritos como dados por Deus, dirigidos por Deus e inspirados por Deus.

**Lenta evolução em relação com a capacidade de Ellen para ler:**

**a .** Os meios seculares, ao informarem da reação Adventista à crítica, citaram informação dizendo que 3,5 milhões de membros aceitaram como inspirados os 25 milhões de palavras da pluma de Ellen G. White. Mais de um clérigo estaria relutante a jurar que a lista de membresia de sua igreja representa uma cifra exata. A afirmação de que Ellen escreveu 25 milhões de palavras é inexata. Como se chegou a essa cifra? É ficção da imaginação de alguém? De fato, inclui ela todo o material copiado (não suas palavras) e todos os parágrafos e incontáveis páginas duplicadas identicamente nas variadas compilações de material?

**b.** Cada Adventista leu ou ouviu dizer que Ellen G. White mal sabia ler, em parte porque tinha completado só três anos de educação. Isto fez possível a afirmação de que uma pessoa quase analfabeta era guiada por Deus. Mais tarde, estas limitações foram usadas para criar falsidades. A educação nunca precisa ser formal para as pessoas que são criativas e educadas.

**c.** Mais tarde, sob pressão, descobriu-se que Ellen G. White sabia ler, mas que lia muito pouco, e que, do que menos lia, era de teologia.[7] Este mesmo argumento foi usado para provar que ela não era influenciada por outros em sua vida e em seus escritos.[8]

**d** . A progressão deste tema foi que Ellen G. White sabia ler, mas que não lia material teológico – até que alguém descobriu que o lia, sim.[9] Os leitores de *Spectrum* agora sabem que ela lia muito todo o tempo e que usava as obras publicadas por outros escritores religiosos e as de outros que escreviam em outras áreas.[10]

**e**. Ainda que em algum tempo se argumentou que Deus ajudou a Ellen G. White a melhorar suas habilidades (e que sua formosa linguagem era o resultado dessa ajuda divina), nova evidência indica que o melhoramento foi o resultado da excelente ajuda de bem informados membros do "staff" e dos auxiliares, e uma melhor seleção de autores.[11]

**f.** Agora que há provas de que Ellen G. White, sim, lia bem, e lia muito, e que tinha um pouco desse material de leitura defronte dela quando escrevia, a nova diretriz é que ela tinha memória fotográfica.[12] "Não negamos a evidência do Rev. Rea," disse Robert Olson, secretário do Ellen G. White Estate em Washington, D. C. "Estou convicto de que ela tinha diante algumas obras quando escrevia. No entanto," adicionou Olson, "a igreja crê que Ellen G. White possuía memória fotográfica e, inconscientemente, usava as palavras de outros escritores."[13] Olson não especifica quem é "a igreja"que pode crer o que ele parece crer.

**g.** A idéia de que Ellen G. White não sabia o que estava fazendo quando deixava de dar crédito aos autores dos quais lia – mas que tinha cessado nesta prática quando se lhe disse o que estivera fazendo – foi tratada em capítulos anteriores. Uma revisão informal dos autores que ela usava mostraria que eles davam crédito, mas que ela nunca o fazia, nem sequer quando parafraseava o que estes autores com freqüência citavam.

**h.** Quiçá, uma das acusações mais difíceis de enfrentar e refutar é a de que Ellen G. White escrevia o que tinha visto primeiro em visão e que usava as palavras, os pensamentos e a construção de outros só porque eles tinham dito o que ela queria dizer mas não tinha a capacidade de dizer. Este argumento, enquanto admite que ela, sim, copiou, quando quis e onde quer o entendia necessário de acordo com seus desejos, em realidade contradiz a maioria dos argumentos que se apresentaram antes. Não encontra dificuldades, no entanto, quando examinamos o livro Life Incidents.

Uma das histórias não escritas na história Adventista é a influência que Tiago White exerceu na formação de idéias e orações que saíam sob o nome e a pluma de Ellen. Ainda que não se distinguisse como escritor literário ou como teólogo, Tiago, sim, produziu quatro livros que se publicaram. Dois destes foram *Life Incidents in Connection with the Great Advent Movement, as Illustrated by the Three Angeles of Revelation14* [*Incidentes da Vida em Relação com o Grande Movimento do Advenimiento, Ilustrado pelos Três Anjos de Apocalipse 14*], publicado em 1868, e em 1875, *Sketches of the Christian Life and Public Labors of William Miller: Gathered from his Memoirs by the Bate Sylvester Bliss, and from Other Sources* [*Esboços da Vida Cristã e Trabalhos Públicos de William Miller: Reunidos das Memórias do Falecido Sylvester Bliss e Outras Fontes*]. Ambos os livros foram copiados quase por completo de outros. O que trata de William Miller foi tomado de Sylvester Bliss (que em 1853 tinha escrito Memoirs of William Miller). A teologia de Life Incidents foi copiada essencialmente de Uriah Smith e J. N. Andrews.[14] Até onde se sabe, nenhum destes livros jamais foi reimpresso sob o nome de Tiago White.

Mas, em realidade foram reimpressos, porém sob outro nome, o de Ellen G. White, sua esposa, alguns anos depois da morte dele em 1881 – porém com o título de The Great *Controversy (O Grande Conflito)* (1884). E esta produção se vendeu aos crentes e ao mundo como a obra de Ellen e dos anjos. Ainda que adulterado e recheado com outro material da maneira acostumada, era claramente material que tinha sido publicado anteriormente sob a autoria de Tiago White. O que não se disse às pessoas foi que o coração desta nova revelação tinha sido impresso dezesseis anos antes e que o tema e a tese tinham sido reproduzidos literalmente e liberalmente no novo *Great Controversy (O Grande Conflito)* de Ellen G. White.

Agora está claro porque grande parte da informação da edição de 1884 de *The Great Controversy (O Grande Conflito)* não podia ter sido incluída nas anteriores obras de Ellen G. White sobre o mesmo tema (*Spiritual Gifts*, publicado em 1858-64). Tiago ainda não tinha chegado a copiá-la de J. N. Andrews, assim que não estava disponível para Ellen nesse tempo. As edições de 1888 e 1911 de *The Great Controversy (O Grande Conflito)* se remontavam à compilação, por parte de Tiago White, de doutrinas e eventos, e recolhia ainda

mais descobertas e idéias suas. Mas nem uma só vez se sugeria que o coração da doutrina Adventista – como a mensagem mundial dos três anjos, que a igreja tinha aplicado exclusivamente aos Adventistas, a porta fechada que deixava a todo o mundo do lado de fora – no frio, os 2300 dias, as setenta semanas, a doutrina do santuário, os Estados Unidos na profecia, a "marca da besta" a imagem dessa besta – tinha-se publicado antes em *Life Incidents*, de Tiago White.

Tão impressionante foi o processo de plágio por parte de Ellen G. White – e tão sensitiva é a informação de que o coração da teologia e a escatologia vieram, não das visões ou revelações de Ellen, senão da pluma de Tiago White dezesseis anos antes que Ellen as escrevesse – que deveria dedicar-se tempo a examinar a evidência em *Life Incidents*.

Aqui se deveria recordar que os quatro pequenos volumes de *Spiritual Gifts* (1858-64), de Ellen G. White, foram ampliados aos quatro volumes de *The Spirit of Prophecy* (1870-84), de Ellen, e depois expandidos a *The Great Controversy (O Grande Conflito)* (1888) de Ellen, da Série Conflito dos Séculos, de cinco volumes. Porquanto os primeiros oito volumes estão agora novamente disponíveis em edições em fac-símile, qualquer pessoa pode examinar todos os livros e observar o copiado progressivo através dos anos. Enquanto, durante esses mesmos anos, a lenda crescia e crescia, e se "vendia," e se aceitava que Deus lhe tinha dado a Ellen conhecimento exclusivo e de primeira mão a respeito de seus planos para os futuros eventos da igreja e o mundo.

Uma comparação mostra que as palavras, orações, citações, pensamentos, idéias, estruturas, parágrafos e até páginas inteiras, foram tomados do livro de Tiago White e incorporados ao livro de Ellen sob um novo título – sem o menor rubor nem a menor vergonha, sem nenhuma menção ao seu esposo, sem nenhum agradecimento nem para Uriah Smith nem para J. N. Andrews, nem pelo duro trabalho e a perspicácia teológica de ninguém.

Desafortunadamente para Tiago, ele não tinha a vantagem pessoal de anjos que entravam e saíam segundo horário trazendo a informação de primeira mão que Ellen pretendia ter. Sem nenhum intermediário, ele teve que conseguir seu material de fontes humanas. Mas esteve à altura da tarefa. Muito de seu material em Life *Incidents* foi tomado principalmente de J . N. Andrews, cujo livro, publicado em 1860, é interessante notar, intitulava-se *The Three Messages of Revelation 14:6-12, and Particularly the Third Angel´s Message and the Two-Horned Beast [As Três Mensagens de Apocalipse 14: 6-12, e Particularmente a Mensagem do Terceiro Anjo e a Besta de Dois Cornos]*. Tiago White, diferentemente de sua esposa Ellen, nem sequer se preocupou em parafrasear – simplesmente incorporou o material de Andrews a seu trabalho.

O White Estate não divulgou nada quanto ao que pensavam Andrews ou Uriah Smith a respeito de todo este "apropriar-se" de material em nome de Deus. Quiçá, o fato de que eram cunhados, que ambos os ajudavam no trabalho editorial da *Review*, que ambos eram amigos pessoais dos White – e que, portanto podiam sentar-se à mesma mesa para discutir seus pontos de vista – poderia ter suavizado a dor do trabalho de plágio de Ellen G. White. Alguém poderia sentir-se tentado a pensar que Ellen estabeleceu o modelo e que Tiago, talvez, não se tenha detido a pensar muito ao fazer outro tanto. Provavelmente, em realidade, não tinha nenhuma desculpa para que ninguém deixasse de pensar, especialmente em vista da afirmação publicada numa edição da *Review* em 1864 sob o título de "Plágio": Esta é uma palavra usada para significar "roubo literário", ou seja, tomar as produções alheias e fazê-las passar como próprias... Estamos perfeitamente dispostos a que trecho da *Review*, ou qualquer de nossos livros, sejam publicados até qualquer grau, mas tudo o que pedimos é que se nos faça simples justiça dando-nos o devido crédito.[15]

Um exame revela que o livro de J. N. Andrews de 1860 era uma cópia exata de seus próprios artigos publicados na *Review* desde 1851 até 1855. Desta maneira, Tiago e Ellen G. White tinham à sua disposição, para o ler e usá-lo depois de 1855, o conteúdo e a forma do trabalho de Andrews para incorporá-lo em seu próprio trabalho: *Spiritual Gifts* (1858-64); *Life Incidents* (1868); *The Spirit of Prophecy* (1870-84); *Sketches of ... William Miller* (1875), *The Great Controversy (O Grande Conflito)* (1888).

Esta informação pode molestar ou não aos que agora dizem que o grupo de pioneiros se sentava ao redor da mesa e trabalhava em suas idéias e sua teologia junto com Ellen G. White. Mas, sim, molesta àqueles aos quais se lhes ensinaram que tais idéias e tal teologia se originaram numa autoridade e numa mística mais elevadas do que as idéias comuns que a conduta humana parecem exigir.

**Referências e Notas**

l. John Dart, conversação gravada com Irene Cole. Dart, *Who Is Religious (Quem É Religioso)* editor do *The Los Angeles Times*, escreveu o artigo *"Plagiarism Found in Prophet Books" (Plágio Encontrado Em Livros de Profeta)*, de 23 de Outubro de 1980, p. l.

2. Richard P. Hines, *"Knowledge and Faith Can't Be Mixed" letters to the editor ( O "conhecimento e a fé não podem ser misturados", cartas ao editor)*, (Long Beach, CA: Press-Telegram), 11 de novembro de 1980.

3. SDA [Florida] ministro a John LeBaron, dezembro de 1980.

4. Robert J Ringer, *Looking Out for* (Olhando Para Fora) (New York: Fawcett Crest Book Co.)

5. Hines, in *Long Beach Press-Telegram*, 25 November 1980. em *Los Angeles Times*, 23 de Outubro de 1980.

6. Ellen G. White, *Life Sketches (Esboços da Vida)* (Mountain View: PPPA, 1915), pp. 3-19.

7. Arthur L. White, em suplemento para reimpressão de facsimile de *The Spirit of Prophecy (O Espírito de Profecia)*, vol. 4, pp. 535-36.

8. O Ellen G. White Estate não admite que Ellen White fosse influenciada pelo que lia ou por aqueles que estavam ao seu redor.

9. [Healdsburg] Pastor's Union, *"Is Mrs. E. G. White a Plagiarist?" ("É a Sra. E. G. White Uma Plagiária?")* [Healdsburg, CA] Enterprise, 20 de março de 1889.

10. Donald R. McAdams and Douglas Hackleman em seus artigos in *Spectrum* 10, no. 4, pp.27-41 e 9-15.

11. Ver apêndice, exposição da comparação dos capítulos cinco a nove.

12. *Chicago Tribune*, 23 de novembro de 1980.

13. Ibid.

14. Tiago White, *Life Incidents in Connection with the Great Advent Movement* Battle Creek: Steam Press of the SDA Publishing Association, 1868). See early *Reviews* from 1851-1856 for Articles by J. N. Andrews and Uriah Smith.

15. [Uriah Smith, ed.], "Plagiarism," *Review* 24 (6 de setembro de 1864)

**Quadros Comparativos:**

| The Great Controversy (O Grande Conflito) | Life Incidents |
|---|---|

| E. G. White 1888 (edit. de 1911) [página] | Tiago White 1868 [página] |
|---|---|
| [317] Ele [William Miller] tinha uma constituição física saudável, e ... uma mais do que ordinária fortaleza intelectual. Ao envelhecer, isto se voltou mais marcado... Não desfrutava das vantagens de uma educação superior... Possuía um caráter moral irreprochável. | [28] "Em sua temporã meninice [a de William Miller] se manifestaram os sinais de uma fortaleza intelectual e uma atividade mais do que ordinárias. Uns poucos anos fizeram estes signos mais notáveis... Possuía uma forte constituição física... e um caráter moral irreprochável... Tinha desfrutado das vantagens da escola de distrito." |
| [318] Foi lançado à sociedade dos deístas ... a maioria bons cidadãos e homens de disposição humana e benévola. | [30] "Mas os homens com os quais se associava ... estavam profundamente afetados por ... teorias deístas ... bons cidadãos ... humanos e benévolos." |
| [318] Continuou sustentando estes pontos de vista ... por cerca de doze anos. | [30] "Disse que o período de sua vida deísta foi de doze anos." |
| [318] Não encontrou em sua crença anterior nenhuma certeza de felicidade além da tumba. O futuro era escuro e tenebroso. | [30] "Descobriu que seus pontos de vista anteriores não davam nenhuma certeza de felicidade além da vida presente. Além da tumba todo era escuro e tenebroso." |
| [318] "A aniquilação era um pensamento frio e gélido, e a responsabilidade significava uma segura destruição para todos. Os céus eram como bronze sobre minha cabeça, e a terra como ferro sob meus pés. A eternidade - que era? E a morte - por que existia? Quanto mais raciocinava, mais me afastava de uma evidência concludente. Quanto mais pensava, mais dispersas eram minhas conclusões. Tratei de deixar de pensar, mas meus pensamentos não queriam ser controlados. Sentia-me verdadeiramente miserável, mas não entendia a causa. Murmurava e me queixava, mas não sabia contra quem nem de quem Sabia que tinha algo incorreto, mas não sabia como ou onde encontrar o correto. Lamentava-me, mas sem esperança. | [31] "'A aniquilação era um pensamento frio e gélido, e a responsabilidade significava uma segura destruição para todos. Os céus eram como bronze sobre minha cabeça, e a terra como ferro sob meus pés. ¡A eternidade! - Que era? E a morte - por que existia?' Quanto mais raciocinava, mais me afastava de uma evidência concludente. Quanto mais pensava, mais dispersas eram minhas conclusões... mas meus pensamentos não queriam ser controlados. Sentia-me verdadeiramente miserável, mas não entendia a causa. Murmurava e me queixava, mas não sabia contra quem nem de quem. Sabia que tinha algo incorreto, mas não sabia como ou onde encontrar o correto. Lamentava-me, mas sem esperança." |
| [319] "De repente," diz, "minha mente se impressionou vividamente com o caráter de um Salvador". Pareceu-me que era possível que tivesse um ser tão bom e compassivo como para expiar ele mesmo nossas transgressões, e, portanto, salvar-nos de sofrer o castigo pelo pecado. Imediatamente senti quão adorável devia ser um ser assim, e imaginei que eu podia arrojar-me em seus braços e confiar na misericórdia de alguém assim. Mas surgia a pergunta: Como pode provar-se que existe um ser assim? Descobri que, aparte da Bíblia, não podia obter evidência da existência de um Salvador assim, e nem sequer de um estado futuro... | [31] "'De repente," diz, "minha mente se impressionou vividamente com o caráter de um Salvador". Pareceu-me que era possível que tivesse um ser tão bom e compassivo como para expiar ele mesmo nossas transgressões, e, portanto, salvar-nos de sofrer o castigo pelo pecado. Imediatamente senti quão adorável devia ser um ser assim; e imaginei que eu podia arrojar-me em seus braços, e confiar na misericórdia de alguém assim. Mas surgia a pergunta: Como pode provar-se que existe um ser assim? Descobri que, aparte da Bíblia, não podia obter evidência da existência de um Salvador assim, e nem sequer de um estado futuro... |
| [319] "Vi que a Bíblia sim apresentava a um Salvador assim, como eu o precisava; e me senti perplexo ao descobrir como um livro não inspirado desenvolvia princípios tão | [32] "'Vi que a Bíblia sim apresentava a um Salvador assim, como eu o precisava; e me senti perplexo ao descobrir como um livro não inspirado desenvolvia princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades |

<table>
<tr><td>perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo caído. Senti-me constringido a admitir que as Escrituras devessem ser uma revelação de Deus. Converteram-se em meu deleite, e em Jesus encontrei a um amigo. O Salvador se converteu para mim no principal entre dez mil; e as Escrituras, que antes eram escuras e contraditórias, agora se converteram em lustre a meus pés e lâmpada no meu caminho. Minha mente se serenou e ficou satisfeita. Descobri que o Senhor Deus era uma Rocha em meio do oceano da vida. Agora a Bíblia se converteu no objeto principal de meu estudo, e posso dizer verdadeiramente que a esquadrinhei com grande deleite. Descobri que jamais se me tinha dito nem a metade. Perguntei-me por que não tinha visto eu antes sua beleza e sua glória, e maravilhei-me de que alguma vez a tivesse rejeitado. Encontrei revelado todo o que meu coração pudesse desejar, e remédio para toda doença da alma. Perdi todo o gosto por outras leituras, e apliquei meu coração a obter a sabedoria de Deus." S. Bliss, Memoirs of Wm. Miller, páginas 65-67.</td><td>de um mundo caído. Senti-me constringido a admitir que as Escrituras devessem ser uma revelação de Deus. Converteram-se em meu deleite; e em Jesus encontrei a um amigo. O Salvador se converteu para mim no principal entre dez mil; e as Escrituras, que antes eram escuras e contraditórias, agora se converteram em lustre a meus pés e lâmpada no meu caminho. Minha mente se serenou e ficou satisfeita. Descobri que o Senhor Deus era uma Rocha em meio do oceano da vida. Agora a Bíblia se converteu no objeto principal de meu estudo, e posso dizer verdadeiramente que a esquadrinhei com grande deleite. Descobri que jamais se me tinha dito nem a metade. Perguntei-me por que não tinha visto eu antes sua beleza e sua glória, e maravilhei-me de que alguma vez a tivesse rejeitado. Encontrei revelado todo o que meu coração pudesse desejar, e remédio para toda doença do alma. Perdi todo gosto por outras leituras, e apliquei meu coração a obter a sabedoria de Deus.</td></tr>
<tr><td>[319] Mas raciocinou que, se a Bíblia é uma revelação de Deus, deve ser consistente consigo mesma; e que, como foi dada para instrução do homem, devia estar adaptada a seu entendimento. Estava decidido a ... averiguar se cada aparente contradição podia harmonizar-se.</td><td>[33] "Se a Bíblia é uma revelação de Deus, deve ser consistente consigo mesma; todas suas partes devem harmonizar... deve ter sido dada para instrução do homem e, em conseqüência, deve estar adaptada a seu entendimento. Disse... 'Harmonizarei todas essas aparentes contradições a minha satisfação.'</td></tr>
<tr><td>[320] Esforçando-se por fazer a um lado toda opinião preconcebida, e prescindindo dos comentários, comparou texto com texto com ajuda das referências marginais e a concordância. Prosseguiu seu estudo de maneira regular e metódica; começando com o Gênesis, e, lendo versículo por versículo, procedeu a uma velocidade tal que a revelação do significado das variadas passagens me deixasse livre de toda incerteza. Quando encontrava algo escuro, acostumava compará-lo com todos os outros textos que pareciam referir-se ao assunto em consideração. Se lhe permitia a cada palavra ter sua própria relação com o tema do texto, e se seu ponto de vista a respeito de ele harmonizava com cada um das passagens colaterais, cessava de ser uma dificuldade.</td><td>[34] "Fez a um lado todos os comentários, e usou as referências marginais e sua Concordância como suas únicas ajudas... Decidiu fazer a um lado toda opinião preconcebida... 'Comecei com Gênesis, e li versículo por versículo, procedendo a uma velocidade tal que a revelação do significado das variadas passagens me deixasse livre de toda incerteza com respeito a quaisquer misticismos ou contradições. Sempre que encontrava algo escuro, minha prática era compará-lo com todas as passagens colaterais... Depois, permitindo que cada palavra tivesse seu próprio lugar a respeito do tema do texto, se meu ponto de vista dele harmonizava com cada um das passagens colaterais na Bíblia, cessava de ser uma dificuldade.'</td></tr>
<tr><td>[320] Viu que as profecias, até onde se tinham cumprido, tinham-se cumprido literalmente; que todas as variadas figuras de linguagem,</td><td>[35] "'Descobri que mediante uma comparação... todas as profecias, até onde se cumpriram, tinham-se cumprido literalmente; que todas as variadas figuras de</td></tr>
</table>

| | |
|---|---|
| metáforas, parábolas, símiles, etc., ou estavam explicadas em seu contexto imediato ou os termos nos que estavam expressas estavam definidos em outras passagens, e que, quando estavam explicadas assim, tinham de entender-se literalmente. "Assim, fiquei satisfeito," diz, "de que a Bíblia é um sistema de verdades, dadas de maneira tão clara e tão simples que o viajante, ainda que seja um tonto, não precisa errar em isso." - Bliss, página 70. | linguagem, metáforas, parábolas, símiles, etc.,... ou estavam explicadas em seu contexto imediato, ou os termos nos quais estavam expressas estavam definidos em outras porções da palavra; e que quando estavam explicadas assim, tinham de entender-se literalmente... Desta maneira fiquei satisfeito de que a Bíblia é um sistema de verdades reveladas, dadas de maneira tão clara e tão simples, que o viajante, ainda que seja um tonto, não precisa errar em isso."' |
| [326] "Setenta semanas estão determinadas sobre teu povo e sobre tua Santa Cidade." A palavra traduzida aqui como "determinadas" significa literalmente "cortadas."... Mas, de que foram cortadas? Como os 2300 dias são o único período de tempo mencionado no capítulo 8, este deve ser o período do qual foram cortadas as setenta semanas... Se a data deste mandamento pudesse encontrar-se, então poderia estabelecer-se o ponto de partida do grande período dos 2300 dias... | [52] *Setenta semanas* estão determinadas sobre teu povo... explicam o período dos 2300 dias? A resposta é: A palavra traduzida como determinadas significa literalmente cortadas ...<br><br>[53] De qual período são divididas, ou cortadas, as setenta semanas? Porque não há nenhum outro período dado do qual possam tomar-se...<br><br>[53] Então, se podemos localizar este mandamento definitivamente, temos o ponto de partida para o grande período dos 2300 anos.... |
| [321] Ficou satisfeito de que ... - um milênio temporário antes do fim do mundo - não estava sustentado pela palavra de Deus... Miller encontrou que a vinda literal e pessoal de Cristo estava claramente ensinada nas Escrituras. | [38] "'Ficou satisfeito de que... - um milênio temporário antes do fim do mundo, e o regresso dos judeus - não estão sustentados pela palavra de Deus... Encontrei que a Escritura ensinava claramente que Jesus Cristo descerá a esta terra novamente."' |
| [324] Daniel 8:14: "Até dois mil e trezentos dias; depois o santuário será purificado.”... Miller aprendeu que um dia na profecia simbólica representa um ano. (Números 14:34; Ezequiel 4:6); viu que o período de 2300 dias proféticos, ou anos literais, se estenderia muito além. | [49] Depois, o anjo se dirigiu a Daniel e lhe disse: "Até dois mil e trezentos dias, e o santuário será purificado." ...<br><br>[50] Em tempo simbólico, um dia significa um ano. Números 14:34; Ezequiel 4:6... Portanto, os 2300 dias dados aqui não podem ser dias literais; porque dias literais de jeito nenhum cobririam a duração de nenhum destes impérios...<br><br>[50] A chave do assunto está no capítulo *nono*... |
| [325] No capítulo oitavo de Daniel, não pôde encontrar nenhum indício quanto no ponto de partida dos 2300 dias... Daniel "desmaiou, e esteve adoentado alguns dias." "E fiquei espantado da visão." ... | [52] Desmaiou e esteve adoentado alguns dias.... |
| [327] Tomando o ano 457 A. C. ... "Messias Príncipe serão sete semanas, e sessenta e duas semanas”... ou 483 anos. | [53] No capítulo sete de Esdras encontramos o decreto.... saiu no ano 457 A. C.<br><br>[53] Sessenta e duas semanas ... 483 anos, teriam de estender-se até o Messias Príncipe. |
| [329] "Não preciso falar," diz Miller, "do gozo que encheu meu coração em vista da encantadora esperança, nem dos ardentes | [38] "Não preciso falar do gozo que encheu meu coração em vista da encantadora esperança, nem dos ardentes anseios de minha alma por participar no gozo |

| | |
|---|---|
| anseios de minha alma por participar no gozo dos isentados. A Bíblia era agora um novo livro para mim. Era em verdade uma festa da razão; todo o que era escuro, místico, ou oculto para mim em seus ensinos, tinha-se dissipado de minha mente ante a clara luz que agora emanava de suas sagradas páginas; e, oh! Quão brilhante e gloriosa aparecia a verdade. Todas as contradições e inconsistências que antes tinha encontrado na palavra tinham desaparecido; e ainda que tinha muitas porções das quais não estava satisfeito de ter compreendido plenamente, tinha emanado tanta luz dela para alumiar minha até agora escurecida mente, que senti tal gozo ao estudar as Escrituras como antes não tinha suposto que se podia derivar de seus ensinos." Bliss, páginas 76, 77. | dos isentados. A Bíblia era agora um novo livro para mim. Era em verdade uma festa da razão todo o que era escuro, místico, ou oculto para mim em seus ensinos, tinha-se dissipado de minha mente ante a clara luz que agora brilhava de suas sagradas páginas, e oh! Quão brilhante e gloriosa aparecia a verdade. Todas as contradições e inconsistências que antes tinha encontrado na palavra tinham desaparecido; e ainda que tinha muitas porções das quais não estava satisfeito de ter compreendido plenamente, tinha emanado tanta luz dela para alumiar minha até agora escurecida mente, que senti gozo ao estudar as Escrituras como antes não tinha suposto que se podia derivar de seus ensinos. |
| [329] "Com a solene convicção de que devastes acontecimentos de grande importância estava predito nas Escrituras que teriam de cumprir-se num espaço de tempo muito curto, vinha a minha mente com grande força uma pergunta relativa a meu dever para o mundo em vista da evidência que tinha afetado minha própria mente." Bliss, p. 81. | [54] "Com as solenes convicções," escreve o Sr. Miller, "de que tais acontecimentos de grande importância estavam preditos nas Escrituras que teriam de cumprir-se num curto espaço de tempo, vinha-me à mente com grande força uma pergunta relativa a meu dever para o mundo, em vista da evidência que tinha afetado minha própria mente." |
| [330] Esperava encontrar oposição dos ímpios, mas confiava em que todos os cristãos se regozijariam na esperança de encontrar-se com o Salvador ao que professavam amar. Seu único temor era que, em seu grande gozo ante a esperança de uma libertação gloriosa que se teria de consumar tão cedo, muitos recebessem a doutrina sem examinar as Escrituras o suficiente como prova de sua verdade. Portanto, vacilou ao apresentá-la, não que estivesse errado e fora o meio para descarrilar a outros. | [54] "Supus que suscitaria a oposição dos ímpios; mas nunca me passou pela mente que algum cristão se lhe oporia. Supus que todos os tais se regozijariam, em vista da gloriosa esperança, e que só seria necessário apresentar-se para que a recebessem. Meu grande temor era que, em seu gozo ante a esperança de uma gloriosa herança que teria de revelar-se tão cedo, recebessem a doutrina sem examinar as Escrituras o suficiente como prova de sua verdade. Portanto, temi apresentá-la, não fora a ser que, por alguma possibilidade, eu estivesse errado, e fora o meio para descarrilar a alguns." |
| [330] Foi levado ... a considerar cuidadosamente cada dificuldade que se lhe apresentava a sua mente. Encontrou que as objeções se desvaneciam diante da luz da palavra de Deus... Cinco anos passados assim o deixaram convencido do correto de sua posição. | [54] "Eu... continuei estudando a Bíblia... para ver se podia sustentar qualquer destas objeções..."<br><br>[55] "Em seguida examinava o contexto"...<br><br>[56] "Deste modo me ocupei desde 1818 até 1823 , sopesando as variadas objeções que se apresentavam a minha mente ... depois de examiná-las à luz da divina palavra." |
| [330] "Enquanto estava ocupado em minhas coisas," disse, "meus ouvidos ressoavam constantemente com as palavras: 'Vê e fala-lhe ao mundo do perigo em que está.' Estas palavras me vinham à mente constantemente: 'Quando eu disser ao ímpio: Ímpio, | [56] "'Enquanto estava ocupado em minhas coisas, meus ouvidos ressoavam constantemente: Vê e fala-lhe ao mundo de seu perigo. Vinham-me constantemente à mente estas palavras: "Quando eu disser ao ímpio: Ímpio, verdadeiramente morrerás; se você não falares para que se guarde o ímpio de seu caminho, o ímpio |

| | |
|---|---|
| verdadeiramente morrerás; se você não falares para que se guarde o ímpio de seu caminho, o ímpio morrerá por seu pecado, mas seu sangue eu a demandarei de tua mão. E se você avisares ao ímpio de seu caminho para que se aparte dele, e ele não se apartar de seu caminho, ele morrerá por seu pecado, mas você livraste tua vida.' Ezequiel 33:8, 9." | morrerá por seu pecado, mas seu sangue eu a demandarei de tua mão. E se você avisares ao ímpio de seu caminho para que se aparte dele, e ele não se apartar de seu caminho, ele morrerá por seu pecado, mas você livraste tua vida.' Ezequiel 33:8, 9. |
| [330] Começou a apresentar seus pontos de vista em privado segundo tinha oportunidade, orando para que algum ministro sentisse a força deles e se dedicasse a promulgá-los. Mas não podia desterrar a convicção de que tinha um dever pessoal que cumprir, dando a advertência ... Por nove anos tinha esperado, a responsabilidade ainda fazendo pressão sobre sua alma, até 1831. | [56] "Ele... convenceu-se mais e mais de do que tinha um dever pessoal do que cumprir com respeito ao que ele entendia do que a Bíblia ensinava da proximidade do advento...<br><br>[57] "'Orava para que algum ministro pudesse ver a verdade, e se dedicasse a promulgá-la; mas ainda fazia pressão sobre mim.'"<br><br>[60] As atividades públicas do Sr. Miller, de acordo com a melhor evidência disponível, datam do outono de 1831. |
| [355] Se vê um anjo voando "por em meio do céu, tendo o evangelho eterno para pregá-lo aos que moram na terra e a toda nação, e tribo, e língua, e povo." "Em alta voz proclama a mensagem: “Temei a Deus, e dai-lhe honra, porque a hora de seu juízo é vinda”. E adorai àquele que fez o céu, a terra, e a mar, e as fontes das águas." Versículos 6, 7. | [216] "E vi outro anjo voar por em meio do céu, que tinha o evangelho eterno para pregá-lo aos que moram na terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo em alta voz: Temei a Deus e dai-lhe honra, porque a hora de seu juízo é vinda, e adorai àquele que fez o céu, e a terra, a mar, e as fontes das águas." Apoc. 14: 6,7. |
| [356] A mensagem de salvação se pregou em todas as idades... A Daniel se lhe disse que fechasse o livro e o selasse "até o tempo do fim."... Mas no tempo do fim "muitos correrão de aqui para lá, e a ciência se aumentará." Daniel 12:4. O apóstolo Paulo advertiu à igreja que não devia esperar a vinda de Cristo em seu tempo. "Esse dia não virá," diz, "sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem de pecado." 2 Tessalonicenses 2:3. Não podemos esperar a vinda de nosso Senhor sem que antes vinga a grande apostasia, e o longo período do reinado do "homem de pecado." O "homem de pecado," ao que também se lhe chama "o mistério de iniqüidade," "o filho de perdição," e "aquele ímpio," representa ao papado, que, como estava predito na profecia, manteria sua supremacia por 1260 anos.... Paulo cobre com esta advertência toda a dispensação cristã até o ano de 1798.<br><br>[356] Nenhuma mensagem como este se deu jamais nas passadas idades. Paulo, como vimos, não o pregou; assinalou a seus irmãos | [217] "A responsabilidade deste anjo teria de ser o mesmo evangelho que se tinha proclamado antes."<br><br>[219] Nenhuma proclamação da hora do juízo vindouro de Deus se fez em nenhuma idade passada.<br><br>[219] As profecias ... foram fechadas e seladas até o tempo do fim....<br><br>[220] Ninguém pôde mostrar jamais do que nenhuma proclamação desta classe se fez no passado. Os apóstolos não fizeram uma proclamação como esta. Pelo contrário, informam-nos claramente que o dia do Senhor não estava às portas nesse então. Martín Lutero não fez esta proclamação, porque pensava que o juízo ocorreria como trezentos anos no futuro.<br><br>[222] Paulo entendeu que era necessário falar explicitamente a respeito de este ponto. Diz-lhes que a vinda de Cristo ao juízo não podia ter lugar antes de que chegasse a grande apostasia; e como resultado dessa apostasia, o homem de pecado seria revelado, mostrando-se a si mesmo como Deus, e exaltando-se a si mesmo, sobretudo o que se chame Deus, ou que é adorado. Que este mistério de iniqüidade é a grande |

| | |
|---|---|
| ao então futuro distante para esperar a vinda do Senhor.... Martín Lutero localizou o juízo como a trezentos anos no futuro a partir de seus dias. | apostasia romana, ninguém senão um papista o negaria. Paulo lhes recorda aos tessalonicenses que se os tinha dito...<br><br>[223] Apoc. 12 mostra que são... 1260 anos para seu triunfo. L supremacia papal começou no ano 538 , e terminou em 1798. |
| [360] Durante os vinte e quatro anos que vão desde 1821 até 1845, Wolff viajou extensamente: em África, visitando Egito... Chegou a New York em Agosto de 1837...<br><br>[361] Entre judeus, turcos, parsis, indianos, e muitas outras nacionalidades e raças, distribuiu a palavra de Deus nestas variadas línguas. | [227] "'Joseph Wolff... entre os anos 1821 e 1845, proclamou a pronta vinda do Senhor em... Egito... St. Helena... e na cidade de New York... Declara que pregou entre judeus, turcos, muçulmanos, parsis, indianos..." |
| [381] Em Apocalipse 14, o primeiro anjo é seguido por um segundo anjo, o qual proclama: "Caiu, caiu Babilônia, a grande cidade, porque fez beber a todas as nações do vinho do furor de sua fornicação." Apoc. 14:8. O termo "Babilônia" se deriva de "Babel," e significa confusão. Emprega-se nas Escrituras para designar as variadas formas da religião falsa ou apóstata. Em Apocalipse 17, Babilônia é representada como uma mulher, uma figura que se usa na Bíblia cúmulo símbolo de uma igreja, uma mulher virtuosa representando uma igreja pura, uma mulher vil uma igreja apóstata. Na Bíblia, o caráter sagrado e permanente da relação que existe entre Cristo e sua igreja está representado pela união do casal. | [230] "Outro anjo lhe seguiu dizendo: Caiu, caiu Babilônia, a grande cidade, porque fez beber a todas as nações do vinho do furor de sua fornicação." Em Apocalipse 17:18, esta mesma cidade é chamada uma mulher. Agora, quando se usa como símbolo nas Escrituras, uma mulher sempre representa organizações religiosas, sendo a verdadeira igreja representada por uma mulher virtuosa... O termo Babilônia, de Babel, onde Deus confundiu as línguas dos homens, significa mistura, confusão, sistemas corruptos de cristianismo. Iglesias protestantes. |
| [381] Paulo emprega a mesma figura no Novo Testamento quando diz: "Vos tenho desposado com um só esposo, para apresentar-vos como uma virgem pura a Cristo." 2 Coríntios 11:2. | [203] Paulo, escrevendo à igreja, diz em 2 Cor. 11:2: "Vos tenho desposado com um só esposo, para apresentar-vos como uma virgem pura a Cristo." |
| [384] O Dr. Hopkins, em "A Treatise on the Millenium" [Um Tratado Sobre o Milênio], declara: "Não há razão para considerar que o espírito anticristão e as práticas anticristãs estão limitados ao que agora se chama a Igreja de Roma. As igrejas protestantes têm muito do anticristo nelas, e estão longe de ter-se reformado por completo de... corrupção e maldade." Samuel Hopkins, Works, tomo 2, p. 328. | [235] O Sr. Hopkins, num tratado a respeito do milênio, diz: "Não há razão para considerar que o espírito anticristão e as práticas anticristãs estão limitados ao que agora se chama a Igreja de Roma. As igrejas protestantes têm muito do anticristo nelas, e estão longe de ter-se reformado por completo de suas corrupções e maldades." |
| [386] E um escritor no diário *Independent,* de New York, fala assim concernente ao Metodismo como existe: "A linha de separação entre o piedoso e o irreligioso se | [239] O Prof. S. C. Bartlett, de Chicago, no diário *New York Independent*, diz: "E a popularidade da religião tende a aumentar enormemente o número dos que querem obter seus benefícios sem fazer frente a seus |

| | |
|---|---|
| desvanece numa espécie de penumbra, e os homens zelosos de ambos os lados se afanam em apagar toda diferença entre seus modos de ação e desfrute." "A popularidade da religião tende a aumentar enormemente o número dos que querem obter seus benefícios sem fazer frente a seus deveres completamente." | deveres completamente. A igreja corteja ao mundo, e o mundo acaricia a igreja. A linha de separação entre o piedoso e o irreligioso se desvanece numa espécie de penumbra, e os homens zelosos de ambos os lados se afanam em apagar toda diferença entre seus modos de ação e desfrute." |
| [394] Mediante a tardança do esposo se representa o passo do tempo quando o Senhor era esperado, o desengano, e a aparente demora. | [165] A tardança do esposo, a demora na parábola... o passar do ano judeu, 1843, o desengano. |
| [395] Más ou menos por este tempo, começou a aparecer o fanatismo... Satanás procurava... opor-se e destruir a obra de Deus. | [170] Mas os fanatismos são as obras da carne... Quando se leve a cabo a obra de Satanás no fanatismo ... ver-se-á... seu contraste. |
| [398] Não foi a proclamação do segundo advento o que causou o fanatismo e a divisão. Estes apareceram no verão de 1844.<br><br>[400] O fanatismo desapareceu... como o primeiro orvalho ante o sol nascente. | [163] O fanatismo se secou ante a solene e esquadrinhadora mensagem do tempo de 1844, como o orvalho matinal diante do sol à metade do verão. |
| [398] "A meia-noite se ouviu um clamor: ¡Aqui vem o esposo; saí a receber-lhe! Então todas aquelas virgens se levantaram, e arrumaram seus lustres." Mateus 25: 6,7. No verão de 1844, a médio caminho entre o tempo quando primeiro se pensou que terminariam os 2300 dias, e o outono do mesmo ano, ao qual depois se soube que se estendiam, proclamou-se a mensagem nas mesmas palavras da Escritura: "¡Tenho aqui que vem o esposo!" | [164] "E à meia-noite se ouviu um clamor: Tenho aqui vem o esposo." Mat. 25: 1-7.<br><br>[165] Se sugeria que a noite de espera na parábola representava a metade do dia profético, ou seis meses, que se estendiam desde o passo do tempo na primavera, até o mês sétimo no outono, e que a então presente obra de acordar sob o clamor: "Tenho aqui vem o esposo, saí a receber-lhe" começou em Julio, na metade do tempo de espera, ou a meia-noite. |
| [398] O decreto de Artaxerxes para a restauração de Jerusalém, que formava o ponto de partida para o período dos 2300 dias, entrou em vigor no outono do ano 457 A. C., e não a começos do ano, como se tinha crido a princípio. Calculando desde o outono de 457, os 2300 anos terminam no outono de 1844. | [160] O corpo inteiro de crentes tinha estado unido, concordando com William Miller em que os 2300 dias datavam desde a saída do mandamento para restaurar e construir Jerusalém, no ano 457 A. C. Uma vez que este ponto se estabeleceu, a cifra de 1843 se encontrou em seguida...<br><br>[161] Mas o orador mostrava um erro em seus cálculos. Disse que se requereriam 457 anos inteiros *antes* de Cristo, e 1843 anos inteiros *depois* de Cristo, para fazer 2300 anos inteiros, de maneira que, se os 2300 anos começavam com o primeiro dia do ano 457 A. C., atingiriam ao primeiro dia do ano 1844 D. C. |
| [399] O dia quatorze do primeiro mês judaico, no mesmo dia do mesmo mês no qual por quinze longos anos tinha sido morrido o cordeiro pascal, Cristo, tendo comido a páscoa com seus discípulos, instituía a festa que teria de comemorar sua própria morte como "o cordeiro de Deus." | [162] Cristo foi oferecido como sacrifício pelos pecadores o dia quatorze do primeiro mês judeu, no mesmo dia do mesmo mês no qual o cordeiro pascal tinha sido morrido por quinze longos séculos. Que foi levantado de entre os mortos... foi levantado diante do Senhor. |
| [400] A obra estava livre dos extremos que sempre se manifestam quando há emoções | [168] Não se caracterizava pelos extremos que sempre se manifestam onde a emoção humana, e não a palavra |

| | |
|---|---|
| humanas sem a influência controladora do Espírito de Deus. Era similar em caráter aos períodos de humilhação e regresso ao Senhor que no antigo Israel seguia às mensagens de repreensão de seus servos. Tinha as características que distinguem a obra de Deus em todos os tempos. | e o Espírito de Deus, tem uma influência controladora. Estava em harmonia com esses períodos de humilhação, contrição de coração, confissão, e completa consagração de todos, que são matéria de história no Antigo Testamento, e matéria de dever no Novo. |
| [401] "Não há nenhuma grande expressão de gozo; isto é, como se tivesse sido reservado para uma ocasião futura, quando todo o céu e toda a terra se regozijaram juntos, com gozo indescritível e cheio de glória. Não há gritos: isso também está reservado para a aclamação desde o céu. Os cantores guardam silêncio: estão esperando unir-se às hostes angélicas, ao coro celestial... Não há conflito de sentimentos: todos são de um coração e de uma mente." Bliss, páginas 270, 271. | [178] "Não há nenhuma grande expressão de gozo; isto é, como se tivesse sido reservado para uma ocasião futura, quando todo o céu e toda a terra se regozijaram juntos com gozo indescritível e cheio de glória. Não há gritos; isso também está reservado para a aclamação desde o céu. Os cantores guardam silêncio; estão esperando unir-se às hostes angélicas, ao coro celestial... Não há conflito de sentimentos; todos são de um coração e uma mente." |
| [40]1 "Por todas as partes produziu o mais profundo esquadrinhamento. Por todas as partes produziu o mais profundo esquadrinhamento de coração e a mais profunda humilhação de alma diante do Deus do céu. Causou o abandono de afetos para as coisas deste mundo, um saneamento de controvérsias e animosidades, uma confissão de erros, um quebrantamento diante de Deus, e súplicas penitentes e contritas pedindo que Deus lhes perdoasse e lhes aceitasse. Causou uma rebaixa de si mesmo e uma prostração de alma como nunca antes se tinha visto. Como Deus ordenou por meio de Joel quando o grande dia de Deus tivesse chegado, produziu um desgarramento de corações e não de vestidos, e um voltar-se ao Senhor com jejum, e choro, e lamentação. Como Deus disse por meio de Zacarias, um espírito de graça e súplica foi derramado sobre seus filhos; olharam àquele a quem tinham traspassado, teve grande lamento sobre a terra, cada família por separado e as esposas por separado, e os que procuravam ao Senhor afligiam suas almas diante dele. " - Bliss. | [178] "Por todas as partes produziu o mais profundo esquadrinhamento de coração e a mais profunda humilhação de alma diante do Deus do céu. Causou o abandono de afetos para as coisas deste mundo, um saneamento de controvérsias e animosidades, uma confissão de erros, um quebrantamento diante de Deus, e súplicas penitentes e contritas pedindo que Deus lhes perdoasse e lhes aceitasse. Causou uma rebaixa de si mesmo e uma prostração de alma como nunca antes se tinha visto. Como Deus ordenou por meio de Joel quando o grande dia de Deus tivesse chegado, produziu um desgarramento de corações e não de vestidos, e um voltar-se ao Senhor com jejum, e choro, e lamentação. Como Deus disse por meio de Zacarias, um espírito de graça e súplica foi derramado sobre seus filhos; olharam àquele a quem tinham traspassado, teve grande lamento sobre a terra, cada família por separado e as esposas por separado, e os que procuravam ao Senhor afligiam suas almas diante dele. " |
| [401] De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum tem estado mais livre de imperfeição humana e dos embustes de Satanás do que aquele do outono de 1844. Ainda agora, depois de decorridos muitos anos, todos os que compartilharam ... permaneceram firmes. | [171] Mas de todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos primeiros apóstolos de nosso Senhor, nenhum sobressai como mais puro e mais livre das imperfeições da natureza humana e dos embustes de Satanás do que o do outono de 1844. Em realidade, depois de contemplá-lo em retrospectiva por mais de vinte anos como o lugar mais verde... não vejo como teria podido ser melhor. |
| [404] Os honestos e sinceros crentes tinham deixado todo por Cristo e compartilhado sua | [182] Os verdadeiros crentes tinham deixado todo por Cristo e compartilhado sua presença como nunca antes. |

| | |
|---|---|
| presença como nunca antes. Criam que tinham dado a última advertência ao mundo, e esperando ser recebidos cedo na sociedade de seu divino Maestro e os anjos celestiais, em grande parte se tinham retirado da sociedade dos que não receberam a mensagem. Com intenso desejo, tinham orado: "Vêem, Senhor Jesus, vêem cedo." Mas Ele não tinha vindo. E agora, tomar de novo o pesado ônus dos cuidados e perplexidades da vida, e suportar o escárnio e as burlas de um mundo desdenhoso, era uma prova terrível para a fé e a paciência. | Criam que tinham dado a última advertência ao mundo, e se tinham separado, mais ou menos, da multidão incrédula e zombadora. E com a bênção divina sobre eles, sentiram-se mais em associação com o Maestro e os anjos, a quem esperavam ver cedo... Oravam: "Vêem Senhor Jesus, vêem cedo." Mas não vinho. E agora, voltar-se outra vez aos cuidados, as perplexidades, e perigos da vida, a plena vista das mofas e as injúrias dos incrédulos que agora se burlavam como nunca antes, era uma terrível prova para a fé e a paciência. |
| [408] A instrução que se dá aqui se adapta especialmente à experiência dos Adventistas... Tinham feito a vontade de Deus.... "Agora o justo viverá pela fé." Bem como a brilhante luz do "clamor de meia-noite" tinha brilhado sobre seu caminho, e tinham visto o selo tirado das profecias e os sinais que se cumpriam rapidamente anunciando que a vinda de Cristo estava próxima, tinham andado, por dizê-lo assim, por vista. Mas agora, pressionados por esperanças frustradas, só podiam viver por fé em Deus e em sua palavra...<br><br>[408] Renunciar à fé agora, e negar o poder do Espírito Santo que tinha estado presente, teria sido retroceder para a perdição. Foram estimulados a manterem-se firmes pelas palavras de Paulo: "Portanto, não rejeiteis vossa confiança." | [183] Tinham feito a vontade de Deus...<br><br>[183] E maravilhosamente aplicáveis são suas palavras aos que foram tristemente chasqueados, tentados, e provados no outono de 1844. Neste tempo, os justos têm de viver pela fé... Com grande confiança, tinham proclamado a vinda do Senhor, com a certeza de que estavam fazendo a vontade de Deus. Mas, ao passar o tempo, ficaram numa posição que provava severamente a fé e a paciência. De aqui as palavras de Paulo nesse momento e nesse lugar "Portanto, não rejeiteis vossa confiança." |
| [409] Em comum com o resto do mundo cristão, os Adventistas naquele tempo sustentavam que a terra, ou alguma porção dela, era o santuário. | [192] Mas deveria ter-se presente que naquele tempo não se compreendiam os tipos que apontam a l obra no santuário celestial. Em realidade, ninguém tinha nenhuma idéia definida do tabernáculo de Deus no céu. |
| [413] E Paulo diz que o primeiro tabernáculo "era figura...:" que seus lugares santos eram "modelos das coisas no céu; que os sacerdotes... serviam "como exemplo e sombra das coisas celestiais." Hebreus 9:9, 23; 8:5; 9:24. | [192] Agora vemos que os dois lugares santos do santuário típico, construído por instruções que o Senhor deu a Moisés, com seus dois diferentes ministrações - os serviços diário e anual - eram, na linguagem de Paulo aos Hebreus, "modelos das coisas no céu," "figuras do verdadeiro," capítulo nove. Também diz da obra dos sacerdotes judeus no capítulo 8: "Que servem de exemplo e sombra das coisas celestiais." |
| [420] Agora era a obra do sacerdote ... apresentar diante de Deus o sangue da oferenda pelo pecado, e também o incenso que ascendia com as orações de Israel. Assim, Cristo oferece seu sangue diante do Pai a favor dos pecadores, e apresenta também diante dele, com a preciosa fragrância de sua própria justiça, as orações dos crentes penitentes. | [192] Assim Cristo ministrava em relação com o lugar santo do santuário celestial desde o tempo de seu ascensão até o fim dos 2300 dias de Daniel 8, em 1844, quando... entrou ao lugar santíssimo do tabernáculo celestial para fazer uma expiação especial para apagar os pecados de seu povo...<br><br>[193] Em virtude de seu próprio sangue, Cristo entrou |

| | |
|---|---|
| | no lugar santíssimo para fazer expiação especial para a purificação do tabernáculo celestial. *(Para exposições claras e completas do santuário e a natureza de sua purificação, vejam-se obras sobre o tema por J. N. Andrews e Ou. Smith, de venda no Escritório do Review, Battle Creek, Mich.)* [A cursiva foi adicionada.] |
| [421] Durante dezoito séculos, esta obra de ministério continuou no primeiro compartimento do santuário. | [194] Seu ministério no lugar santo desde sua ascensão na primavera do ano 31 D. C. até o outono de 1844, durou mil oitocentos treze anos e seis meses. |
| [421] Este é o serviço que começou quando terminaram os 2300 dias. Nesse momento, como o tinha predito o profeta Daniel, nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo para levar a cabo a última parte de sua solene obra - purificar o santuário. | [192] Assim, Cristo ministrou no lugar santo do santuário celestial desde o momento de sua ascensão até o final dos 2300 dias de Daniel 8, em 1844, quando no dia décimo do mês sétimo desse ano entrou ao lugar santíssimo do tabernáculo celestial para fazer expiação especial e apagar os pecados de seu povo, ou o que é o mesmo, para purificar o santuário. |
| [426] A vinda de Cristo é descrita por ele na parábola das dez virgens de Mateus 25. A proclamação "Tenho aqui vem o esposo" se deu no verão e o outono de 1844. As duas classes representadas pelas virgens sábias e insensatas agora se desenvolveram... | [164] A especificação da parábola das dez vírgenns até o clamor de meia-noite, pareceu ter... aplicação .... "Tenho aqui vem o esposo; saí a receber-lhe." A dez virgens representam aos que então estavam interessados no tema da imediata segunda vinda de Cristo. As cinco virgens insensatas representam aos crentes professos que careciam de fé verdadeira, e que não tinham a obra da graça e o Espírito de Deus neles. |
| [426] Os casamentos representam o recebimento do reino por parte do Cristo. A Santa Cidade, a Nova Jerusalém, que é a capital e representante do reino, é chamada "a noiva, a esposa do Cordeiro." "Me levou no espírito," diz o profeta, "e me mostrou a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, de Deus." Apocalipse 21:9,10. Claramente, então, a noiva representa à Santa Cidade, e as virgens que saem a receber ao esposo simbolizam a igreja.<br><br>[427] No verão de 1844, a proclamação "Tenho aqui vem o esposo" conduziu a milhares a esperar... No tempo assinalado, veio o esposo, não à terra, como as pessoas esperavam, senão ao Ancião de Dias, no céu, aos casamentos, ao recebimento de seu reino.... Não tinham de estar presentes em pessoa nos casamentos, pois têm lugar no céu... Na parábola, foram as que tinham azeite em seus lustres as que entraram aos casamentos... as que... também tinham o Espírito e a graça de Deus. | [202] Em Gálatas 4, Paulo aplica esta profecia à Nova Jerusalém. Falando de Cristo, diz João: "O que tem a esposa, é o esposo." João 3:29...<br><br>[203] Então, quem é a noiva nos casamentos do Cordeiro? Disse o anjo a João: "Vêem cá, eu te mostrarei a desposada, a esposa do Cordeiro." Apoc. 21:9. Mostrou-lhe o anjo a igreja a João? Deixemos que João testemunhe: "E me levou no Espírito a um morro grande e alto, e me mostrou a grande cidade santa de Jerusalém, que descia do céu, de Deus." Versículo 10...<br><br>[204] Os casamentos do Cordeiro têm lugar no céu antes que o Senhor venha. |
| [429] Tendo feito a advertência da cercania do juízo, pareceu-lhes que sua obra a favor do | [184] E de acordo com a melhor luz que então tinham, tinha um acordo geral de que o movimento do mês |

| | |
|---|---|
| mundo estava feita, e perderam a responsabilidade em suas almas pela salvação dos pecadores enquanto as burlas atrevidas e blasfemas dos ímpios lhes pareciam outra evidência de que o Espírito de Deus tinha sido retirado dos que tinham rejeitado a misericórdia. Todo isto os confirmava na crença de que o tempo de oportunidade havia terminado ou, como o expressavam então, "a porta da misericórdia estava fechada." | sétimo era a última grande prova, que a colheita da terra estava madura para a foice do Filho do homem e que a porta estava fechada... A idéia de que a porta estava fechada foi cedo abandonada...<br><br>[185] E, certamente, que o tempo de oportunidade se fechará antes do segundo advenimiento se ensina claramente no seguinte e enfático depoimento de Apoc. 22:11, |
| [429] Mas chegou uma luz mais clara. Ainda que fosse verdadeiro que a porta da esperança e a misericórdia, pela qual os homens tinham encontrado acesso a Deus durante mil oitocentos anos, tinha-se fechado, outra porta se abria. | [204] Mas cedo chegou luz sobre o tema, e então se viu que, ainda que Cristo tivesse terminado um ministério ao final dos 2300 dias, tinha iniciado outro no lugar santíssimo, e ainda apresentava seu sangue diante do Pai em favor dos pecadores... |
| [431] O passo do tempo em 1844 foi seguido por um período de provas muito grande para os que ainda sustentavam a fé adventista. Seu único alívio, no que concernia a estabelecer sua verdadeira posição, era a luz que dirigia suas mentes ao santuário no céu. Alguns renunciaram a sua fé em seus cálculos anteriores dos períodos proféticos e atribuíram a agências humanas ou satânicas a poderosa influência do Espírito Santo que tinha acompanhado ao movimento adventista. | [206] Esta igreja estava a ponto de entrar num período de grande prova. E teriam de encontrar alívio dele, no que concernia a estabelecer sua verdadeira posição, na luz do santuário celestial.<br><br>[194] Alguns assumiram a precipitada posição de que o movimento não tinha sido dirigido pela providência de Deus |
| [433] O arca do testamento de Deus está no lugar santíssimo... Como tinham estudado ... viram que Ele agora estava oficiando diante do arca de Deus.<br><br>[434] A lei de Deus no santuário do céu é o grande original, do qual os preceitos inscritos sobre as tabelas de pedra e registrados por Moisés ... eram uma transcrição infalível. | [208] Mas, que era essa arca? Era a arca do testemunho de Deus, os dez mandamentos.... Conduzem-nos... diante do propiciatório que está em cima, e forma a coberta, do arca que contém a lei de Deus. Levantam a coberta e convidam-nos a olhar dentro da arca sagrada, e ali contemplar os dez mandamentos, uma cópia dos quais Deus lhe deu a Moisés. |
| [438] Assim, enquanto o dragão representa em primeiro lugar a Satanás, num sentido secundário é símbolo da Roma pagã.<br><br>[439] No capítulo 13 (versículos 1-10) descreve-se outra besta, "parecida a um leopardo," à qual o dragão lhe deu "seu poder, e seu assento, e sua autoridade." Este símbolo, como a maioria dos protestantes creu, representa ao papado, que sucedeu ao poder e ao assento e a autoridade que uma vez teve o antigo império romano. Da besta semelhante a um leopardo, diz-se: "Se lhe deu uma boca que falava grandezas e blasfêmias... E abriu sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar seu nome, e seu tabernáculo, e aos que moram no céu. E se lhe permitiu fazer | [242] Encontramos um poder simbolizado por um grande dragão escarlata... considera-se que o grande dragão escarlata representa à Roma pagã. A seguinte fase que Roma apresentou depois da forma pagã foi a papal. A Roma papal sucedeu a Roma pagã. O dragão lhe deu à besta seu assento, seu poder, e grande autoridade. De aqui que a besta não possa representar a ninguém senão a Roma papal.<br><br>[242] Isto fica demonstrado, ademais, pela identidade que existe entre esta besta e o corno pequeno de Daniel 7:8; 19-26... 1. Que ambos os poderes ... falam grandezas e blasfêmias contra Deus.<br><br>[243] 2. Que ambos os fazem guerra aos santos, e prevalecem contra eles, ou os vencem. 3. Que ambos os têm uma boca que fala grandezas... 5. Que ambos os |

| | |
|---|---|
| guerra contra os santos, e vencê-los. Também se lhe deu autoridade sobre toda tribo, e povo, e língua, e nação." Esta profecia, que é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel 7, inquestionavelmente aponta ao papado. | continuam um tempo, e tempos, e a metade de um tempo, ou 1260 anos. |
| [439] "E vi outra besta que subia da terra, que tinha dois cornos como cordeiro." versículo 11.<br><br>[440] Que nação do Novo Mundo surgia como potência em 1798, prometendo força e grandeza, e atraindo o atendimento do mundo? ... Aponta inconfundivelmente aos Estados Unidos de América...<br><br>[441] Os chifres como de cordeiro indicam juventude, inocência, e mansidão... E a Constituição garante... que a cada um se lhe permite adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência. O republicanismo e o protestantismo se converteram nos princípios fundamentais da nação. | [243] O poder que forma a imagem é... outra besta que tem dois chifres como os de um cordeiro....<br><br>[244] Se viu que subia no momento oportuno, o momento em que a primeira besta foi ao cativeiro, em 1798. Esta nação estava então começando a atrair o atendimento do mundo como um poder que se desenvolvia e surgia rapidamente... Seus dois cornos representam os dois princípios sobressalentes de seu governo, o republicanismo e o protestantismo... Sob a influência moderada de um dos cornos como de cordeiro, o princípio protestante de que todos têm liberdade para adorar a Deus de acordo com os ditados de sua própria consciência... até agora garantidos. |
| [444] Charles Beecher, num sermão em 1846, declarou que o ministério de "as denominações evangélicas protestantes" "não só se formou desde o começo sob uma tremenda pressão de temor puramente humano, senão que vivem, e se movem, e respiram um estado de coisas radicalmente corrupto, e apelam a cada momento a cada um dos elementos mais baixos em sua natureza para calar a verdade, e dobram seus joelhos ante o poder da apostasia, Não era esta a maneira em que as coisas sucediam com Roma? Não estamos vivendo sua vida outra vez? E que vemos adiante? Outro concílio geral! Uma convenção mundial! Uma aliança evangélica, e um credo universal." - Sermão sobre "A Bíblia Um Credo Suficiente," apresentado em Fort Wayne, Indiana, o 22 de Fevereiro de 1846. | [246] O Rev. Charles Beecher, em seu sermão durante a dedicação da Segunda Igreja Presbiteriana em Fort Wayne, Indiana, o 22 de Fevereiro de 1846, disse: "Assim, o ministério das denominações evangélicas protestantes não só se formaram desde o começo sob uma tremenda pressão de temor puramente humano, senão que vivem, movem-se, e respiram num estado de coisas radicalmente corrupto, e apelam a cada momento a cada um de seus elementos mais baixos em sua natureza para calar a verdade, e dobram seus joelhos ante o poder da apostasia. Não era esta a maneira em que as coisas sucediam com Roma? Não estamos vivendo sua vida outra vez? E que vemos adiante? ¡Outro concílio geral! ¡Outra convenção mundial! Uma aliança evangélica, e um credo universal. |
| [448] Os escritores papistas citam "o ato mesmo de mudar o sábado pelo domingo, que os protestantes permitem... porque, ao observar o domingo, reconhecem a autoridade da igreja para ordenar festas, e para ordená-las sob pecado." - Henry Tuberville, *An Abridgment of the Christian Doctrine*, página 58.<br><br>[449] Mas os cristãos de gerações passadas | P [252]" . Como prova você que a igreja *tem autoridade* para ordenar festas e dias santos?<br><br>*"R. Pelo mesmo fato de mudar o sábado pelo domingo*, que os protestantes permitem; e, portanto, carinhosamente se contradizem a si mesmos, guardando o domingo estritamente, e quebrantando a maioria das outras festas ordenadas pela mesma igreja. |

| | |
|---|---|
| | "2 Como prova você isso?<br><br>"*R*. Porque, guardando o domingo, *reconhecem a autoridade da igreja* para ordenar festas, etc." - *Abridgment of Christ*, Doc., pp. 57-59. |
| observavam o domingo, supondo que, ao fazê-lo, estavam guardando o sábado bíblico; e agora há verdadeiros cristãos em cada igreja, sem excetuar a comunhão Católica Romana, que crêem honestamente que o domingo é o sábado assinalado por Deus. | [254] Agora, em vista deste fato, não pode ter adoração nem recibo da marca, como está contemplada na profecia, até que seja feito cumprir por esta autoridade. A grande maioria dos protestantes que guardaram o primeiro dia da semana como o sábado, ainda que seja uma instituição do papado, não tiveram nem a mais remota idéia de do que tinha alguma relação em absoluto com esse falso sistema de adoração... A acusação da terceira mensagem é contra os que, tendo consciência, guardam o domingo como uma instituição da besta... [255] Mas os bons das idades passadas não guardaram o dia com nenhum entendimento da questão nem por nenhum de tais motivos. |
| [449] A mais terrível ameaça que jamais se pronunciou contra os mortais está contida na mensagem do terceiro anjo. Deve ser muito terrível o pecado que invoca a ira de Deus sem mistura de misericórdia... A advertência contra este pecado tem de ser dada ao mundo ... para que todos saibam por que têm de ser infligidos, e tenham oportunidade de escapar. | [241] Esta é a mais solene advertência que contém a Bíblia...<br><br>[255] A execução da adoração da primeira besta, sob pena de beber de sua ira sem mistura. Com este ponto diante deles, os que cedem a seus requisitos em vez dos requisitos de Deus, adorarão à besta e receberão a marca. |

## Capítulo 13.
## Pode Este Matrimônio Ser Salvo?

---

Quiçá, um dos mais estranhos movimentos da mentira White é daqueles que, em muitos aspectos, poucos, dentro ou fora da Igreja Adventista, parecem sentir-se de alguma maneira afetados pelos detalhes específicos de Ellen G. White e suas instruções, conselhos e repreensões. A hipocrisia dentro das filas Adventistas é muito maior, e ainda mais, que os dobros estandartes que os Adventistas crêem que outras igrejas têm. Em realidade, não muitos prestam muita observância ao "espírito de profecia" da igreja, não importa de onde tenham vindo as idéias de Ellen. Muito do ruído atual no Adventismo vem daqueles da superzelosa margem da direita, que abriram caminho para posições em que suas plumas e suas vozes possam ser usadas. Por isso, seu ruído é amplificado fora de proporção com seu número.

Se a continuada prova de qualquer profeta e suas instruções tem de se ver nas vidas dos que o seguem, então o hino evangélico de Ford e o hino apocalíptico de Rea são apenas a triste canção final de um funeral que teve lugar faz muito tempo.

Não há evidência angustiante de que os membros da Igreja Adventista sigam os solenes conselhos do século dezenove de Ellen G. White (e seus ajudantes) sobre educação, a prática médica, as práticas financeiras, a dieta, o estilo de vida pessoal, o matrimônio, o sexo, o divorcio, o vestuário ou outros dos assim chamados modelos cristãos. Nem os ministros nem os leigos Adventistas praticam nem promovem com nenhum grau de seriedade verdadeiros legalismos que eles afirmam vieram de Deus por inspiração e pela autoridade de sua profetisa. Há ainda menos evidência de que as instruções de Ellen nestas áreas tenham encontrado eco em nenhum sentido em nenhuma parte importante do mundo.

Os supervendedores administrativos da igreja avançaram os argumentos de que as cifras da igreja mostram crescimento. A confiabilidade das cifras da igreja continua sendo duvidosa. É duvidoso que tenha existido um auditor honesto na igreja desde que Judas tivesse a bolsa; por isso, devemos questionar os relatórios estatísticos de qualquer grande organização religiosa. Ainda que algumas vezes apareçam cifras verdadeiras, as interpretações vêm dos supervendedores, cujo trabalho principal é proporcionar relatórios de vívidas cores, sempre em favor do sistema.

A crença Adventista de que todas as instruções da pluma de Ellen G. White vinham realmente de Deus devem ser postas em dúvida, porque eles decidiram ignorar muito dessas instruções. Por exemplo, a maioria dos membros come um pouco de carne, bebe alguns estimulantes, vê alguns filmes maus, atua de má fé em suas contribuições e mente uns aos outros durante a semana, continuando suas práticas no sábado sobre uma base mais refinada. Em seu plagiar, Ellen G. White condenou todas estas práticas. Com o correr do tempo, mais de 50% dos membros abandona a Igreja Adventista nos Estados Unidos. Dos 50% restantes, aproximadamente 10% participa realmente nas atividades da igreja regular e completamente.

Então, de que lhe serve ao membro de igreja a insígnia de lealdade a Ellen G. White e a seus escritos? Para a maioria dos "verdadeiros crentes," é só o último símbolo que têm de que *eles* são *os eleitos de Deus*, *o verdadeiro remanescente, os favorecidos do céu*. Sua crença de que Apocalipse 12:17 e 19:10 os convertem nos primeiros entre seus iguais não lhes permite, segundo seu modo de pensar, aceitar nenhuma outra interpretação que não seja uma objetiva quanto ao lugar de Ellen G. White em seu sistema. Por meio dessa Ellen, foi-lhes ensinado a estar isolados, solitários e esperando serem perseguidos por sua "fé" (que em suas mentes é Ellen G. White). *Não é a Cristo* a quem glorificam em seu viver; *não é a Deus* a quem desafiam com suas ações. Centram-se no "espírito de profecia" como o descrevem e interpretam-no os modeladores de pensamentos os supervendedores da igreja, por meio de sua marionete, Ellen G. White.

Se os estudos das décadas de 1960 e 1970 provam algo, é que o conceito de uma Ellen G. White do século XIX como uma infalível, original, independente e literal profetisa de Deus, está morto. Então, compreende-se que há muito sofrimento e tristeza no velório. Robert Brinsmead tratou de enfocar este assunto em seu capítulo *"The Legend of the Impeccable Ellen G. White"* [A Lenda da Impecável Ellen G. White]:

> Ao discutir o lado humano da Sra. White, seria fácil deformar o quadro enfatizando certas características e minimizando outras. Está fora do alcance desta revisão do Adventismo produzir um tratamento "balanceado" da Sra. White como pessoa. Alguém deve recordar a massa de evidência positiva, que indica quão grande mulher foi realmente a Sra. White. Não é lenda que ela foi uma cristã dedicada, abençoada pelo Espírito Santo, e que reforçou a prodigiosa obra de sua vida com uma grande piedade.
>
> Os Adventistas não são o único grupo religioso que magnifica as virtudes e ocultam as debilidades humanas de sua fundadora. Os luteranos, os calvinistas, e os wesleyanos fizeram o mesmo – ao menos durante várias gerações depois do falecimento de seus grandes fundadores. Ao começar a saber-se a verdade a respeito de seus heróis religiosos, teve o temor de que estes homens não fossem mais tidos em alta estima. Mas, se algo ocorreu, foi que Lutero e Wesley foram mais apreciados. Creio que o mesmo será verdadeiro de Ellen G. White quando os Adventistas caírem na conta de que ela era um ser humano como o resto de nós.[1]

No entanto, apesar da evidência, há quem não aceite o fato de seu falecimento. Ouviram a música, vêem as coroas e notam que os chorosos se reuniram. Mas se recusam crer que Ellen já não é uma força vivente entre eles. Para eles, os dons espirituais dela não substituem suas interpretações literais e sua presença. Com freqüência, estes dolentes são os veteranos, os extremistas, os temerosos, os ignorantes. São aqueles dos quais os supervendedores do psíquico abusaram mais. Eles são os que foram sacudidos mais severamente pela morte de Ellen. Os veteranos foram ignorados, aos extremistas se lhes atendeu, os temerosos foram estimulados em seus temores e os ignorantes foram deixados na escuridão.

Este escandaloso estado de coisas deve ser atribuído principalmente aos supervendedores da igreja, que têm estado decididos, pela razão que seja, a perpetuar a mentira branca.

Um supervendedor preocupado pelo que tinha visto e experimentado,[2] William Colcord, teria de escrever mais tarde (em 1933):

> Meu remédio para os males da denominação é que admita a *verdade*, sem importar os resultados que sigam à admissão. Aferrar-se à inspiração e à infalibilidade da Sra. White, como se fez, foi uma maldição para a denominação. Evitou uma investigação honesta. Estimulou a dominação eclesiástica, a perseguição e as excomunhões injustificadas. Estimulou a mentira, o engano e a prática da hipocrisia.
>
> Muitos dos veteranos, como sabemos, eram renitentes em renunciar a seus reclamos em absoluto, porque conheciam a influência que tinham sobre a igreja enquanto pudessem manter as afirmações de Ellen G. White. Também, temiam que se rompesse a base de tudo se as afirmações dela eram de alguma maneira alteradas ou jogadas abaixo, tão encadeados estavam seus escritos à denominação e suas doutrinas.[3]

Outros, tristes no velório, como todas as carpideiras, só lançam agudos gritos de angústia. Não sentem verdadeira tristeza pela defunta. Não têm nenhuma verdadeira simpatia nem solaz que dar aos vivos. Só lhes preocupa que lhes paguem por sua parte no serviço. Estes dolentes só confundem as coisas que estão em jogo e se aglomeram no vestíbulo. Quando o serviço terminar, derivarão para outro, no qual se sentirão contentes de derramar suas hipócritas lágrimas novamente para obter alguma forma de compensação pessoal por isso.

Outros mais, vêm expressar ódio e vingança. Se pudessem, tão-somente, afirmar que a morte de Ellen ocorreu por causa de alguma pessoa ou algum grupo, sentiriam que sua presença no funeral estava justificada. Para eles, a morte dela é uma realidade, mas a natureza deles é tal que têm que culpar a alguém – e para culpar a alguém, precisam de outro corpo, um mártir. O ódio e a vingança não nascem de mentes racionais, senão que brotam das emoções. Por isso, os que caem nesta categoria não tentam nem a razão nem o entendimento. Só ficarão satisfeitos com o sangue e a vingança.

Mas, felizmente, em todo momento há os que têm mentes para ver a realidade, o valor e a graça para aceitar a mudança. Estes não são os supervendedores do psíquico. São os verdadeiros pastores do rebanho. Aceitam seu papel e reconhecem sua responsabilidade para apascentar e guiar às ovelhas – não as empurrar – para os verdes pastos. Com gosto, administrarão o bálsamo de Galaad e guiarão as ovelhas às Águas Vivas. Seu gozo e sua satisfação se produzem quando o rebanho é apascentado. Obtêm sua paz quando todas as ovelhas estão a salvo dentro da proteção do redil.

São os que sabem que o quadro de seu esforço nem sempre tem estado pendurado nas grandes janelas da Igreja Adventista. Sabem também que Ellen e seus pronunciamentos com freqüência foram usados para difamar e desfigurar esse trabalho. Demasiado com freqüência, ouviu-se a voz de algum supervendedor do psíquico e foi tomada pela voz do verdadeiro pastor, quando em realidade era a voz de uma equipe de demolição. Aos que seguiram aos supervendedores por um tempo lhes pode ter parecido que se dirigiam para alguma luz celestial, simplesmente porque algo foi citado como depoimento de Ellen G. White, mas o que teriam de encontrar, para seu pesar, foi que em realidade estavam perdendo terreno *no nome de Deus*.

O progresso sempre significou mudança e crescimento – especialmente em religião. Paulo dizia que morria cada dia,[4] uma expressão que significa disposição para aceitar a realidade da mudança na experiência pessoal. Não implicava tanto uma mudança física, como uma mudança espiritual: uma limpeza da mente e da alma. Paulo sabia que qualquer mudança deve originar-se sempre numa genuína mudança espiritual (subjetivo) no ser mais interior se possa ter algum significado e valor. Se a conduta humana provou algo, é que podemos efetuar, e com freqüência efetuamos, uma mudança exterior (objetivo) sem valor espiritual. Mas a mudança espiritual é motivada espiritualmente – não por um profeta e suas obras, não por um modelador de pensamentos ou um supervendedor como intérprete, senão pela obra do Espírito Santo na mente e o coração humanos. A vida deveria ensinar-nos que Deus não procura aos homens por meio da persuasão do temor, da culpa e da autoridade de um "profeta." As coisas espirituais ainda se discernem espiritualmente – por meio de uma relação direta entre Deus e o homem.[5]

O gênio de um experiente em demolição é saber o que salvar para voltar a construir sobre o lugar, saber o que não pode ser salvo e que deve ser descartado. Caso se preserve demasiadamente, o velho simplesmente

permanece numa forma renovada, mas instável. Se for descartado demasiadamente, mais vale do que alguém comece desde o princípio e que construa algo completamente novo.

O Adventismo está agora avaliando seus entulhos e perguntando-se o que, no que tange a Ellen G. White, deve ser salvo e o que não. Há os que quereriam descartar tudo e começar algo inteiramente novo. Outros mais preferem guardar quase todo o velho, ainda que tenham que lhe dar uma nova fachada e algum outro nome. Mais e mais, a evidência diz que algo deve fazer-se à estrutura para salvá-la.[6]

Com freqüência, os escritores denominacionais sustentaram certas qualidades básicas que eram suas provas de que Ellen G. White tinha que ser reconhecida como profetisa de Deus e que suas obras e seus escritos eram a autoridade final. É necessário examinar algumas dessas passadas "provas" para ver se podem sobreviver às equipes de demolição que já estão trabalhando:

**Primeira**: *Acreditava-se que Ellen G. White tinha a qualidade de conhecer de primeira mão ou que era testemunha, da história, dos acontecimentos e da teologia.*

Arthur White, o neto de Ellen, foi um dos que mais ofereceram o argumento de que Ellen "escreve como espectadora." Em sua série de artigos de 1979, três dos sete adiantam a tese de que o leitor se impressionará com o fato de que Ellen G. White era uma espectadora de primeira mão, uma testemunha – que ela estava "ali."[8] O leitor, dizia, reconhecerá que as obras históricas deram a ela o vocabulário de expressões que usava, as datas dos acontecimentos, certas descrições geográficas, muitos detalhes, a seqüência da história eclesiástica e muitos elos narrativos. Mas, diz Arthur, "as descrições freqüentes de acontecimentos em quase cada página deixam o leitor com a inevitável convicção de que ela presenciou as cenas em visão."[9] Ele se deleita em sustentar que

> Além de que Ellen White obtivesse informação objetiva e descritiva de uma classe ou da outra de Hanna, Geikie e outros, a fonte de suas visões lhe deu informações a respeito da vida de Cristo, das quais não estavam inteiradas outras pessoas. Tais descrições dão uma impressão de autenticidade que só poderia ter-se dado uma testemunha. Os escritos dela abundam em dados frescos e recentes.[10]

As investigações da década de 1970 indicam claramente que este conceito deve desaparecer. Está demasiado cheio de ocos de cupins para suportar qualquer construção ou pressões sobre ele. A obra de McAdams, Graybill, Peterson, o Comitê de Glendale e outros dizem bem claramente que um matrimônio que espere durar sobre esta falsa premissa já não pode sobreviver.

**Segunda:** *Acreditava-se que Ellen G. White tinha a qualidade de "inspiração," que a protegia de escrever erros.*

Francis D. Nichol foi um dos firmes defensores desta posição que é agora insustentável. Disse que "o singular da profetisa é que, de maneira completamente distintiva, sua mente é alumiada por Deus *para que escreva só a verdade*" [a cursiva é nossa].[11] Quando Nichol fala da mensagem sobre a saúde, pergunta retoricamente: "Como saberia a Sra. White escolher de entre os variados pontos de vista dos reformadores o que era bom e descartar o que era mau?"[12] Sua conclusão é que "só um profeta de Deus saberia com certeza se uma afirmação particular de algum escritor apresentava uma grande verdade numa forma absolutamente exata."[13]

Arthur White cita uma carta de seu pai, W. C. White, que apóia a posição de Nichol:

> Quando ela encontrava na linguagem de outra pessoa uma representação *correta* do pensamento que lhe tinha sido apresentado a ela, algumas vezes copiava ... pensando que tinha perfeito direito a fazê-lo; que era seu privilégio utilizar afirmações *corretas* de outros escritores quanto a cenas que se lhe tinham apresentado a ela. [A cursiva é nossa].[14]

Raymond Cottrell também se sentia cômodo com o mesmo ponto de vista de Ellen:

> É possível que o conteúdo derivado da reserva de conhecimentos e experiência do próprio profeta em coisas espirituais esteja errado, porque é humano... Em tais casos... o Espírito Santo entra em cena, como influência controladora, para salvaguardar as expressões do profeta, para protegê-lo ou protegê-la de representar erroneamente a Deus.... Esta inspiração do Espírito Santo lança sobre as declarações proféticas a qualidade de ser *autênticas, autorizadas, e infalíveis* porquanto expressam a vontade, o propósito, e os modos de Deus. Esta inspiração protege a mensagem do profeta de humanas influências que poderiam distorcê-lo ou pervertê-lo. [A cursiva é nossa].[15]

> Mais afirmações recentes dos diretores do White Estate assumem um ponto de vista diferente a respeito desta qualidade de Ellen e sua capacidade para ser sempre exata no que dizia que via. Robert Olson escreveu:

> Ao seguir a Wylie, a Sra. White parece ter feito várias afirmações históricas errôneas, [a respeito de Huss em *The Great Controversy (O Grande Conflito)*] que agora se consideram historicamente inexatas...

> Aceito o fato de que a Sra. White seguiu a Wylie bastante de perto – muito de perto – desde a página 97 até a página 110 de *The Great Controversy (O Grande Conflito)*.

> Resulta-me difícil crer que o Senhor desse à Sra. White uma visão ou uma série de visões que, ao longo de quatorze páginas, coincidisse com Wylie em tantos detalhes.[16]

**Terceira:** *Diz-se que Ellen G. White tinha a qualidade singular de transmitir a vontade de Deus.*

Dom McAdams e Francis D. Nichol, capazes porta-vozes desta posição parecem pensar o mesmo. Em seu manuscrito não publicado sobre Huss e a Sra. White, McAdams diz:

> Ellen White, com a ajuda do Espírito Santo, criou suas próprias obras originais... Depois de ter lido *The Great Controversy (O Grande Conflito)*, qualquer crítico honesto deve ficar impressionado com o poder de sua mensagem...

> É possível mostrar a originalidade criativa de *The Great Controversy (O Grande Conflito)*... *The Great Controversy (O Grande Conflito)* tem "uma totalidade de pensamento que é única."...
> Mas ela usava feitos bem conhecidos para levar aos homens a Cristo. Apesar de todas suas convicções, Wylie não deixa ao leitor sentindo a necessidade de arrepender-se, nem a confiança de que os anjos ministraram a favor dele em sua hora de crise. Ellen White o fez. Com seu propósito geral e seus poderosos capítulos finais para dar significado à história, *The Great Controversy (O Grande Conflito)* clama a nosso espírito como nenhuma outra obra da história. Ellen White, guiada pelo Espírito Santo, criou um livro, que em sua totalidade não pode ser confundido com nenhum outro, exceto com uma obra de singular poder.[17]

Nichol encontra que, para ele, há a mesma evidência convincente:

> Cremos que o leitor imparcial de *The Great Controversy (O Grande Conflito)... não terá dificuldades em chegar à conclusão de que o livro dá evidência de um grande plano que não foi copiado de escritos humanos* .... Há nesse livro uma vida palpitante que não se pode encontrar em histórias seculares ou eclesiásticas... Cremos que a vida que bate nesse livro foi inspirada por Deus. Em realidade, o fato de que existisse o toque humano de mãos humanas

> antes deste milagre da vida fala aos homens, e não rebaixa para nada o milagre. [A cursiva é nossa].[18]

Esta tábua da plataforma é uma das mais difíceis de manejar. É uma das mais difíceis a respeito das quais mudar formas antigas de pensar porque envolve o elemento de "autoridade" – uma palavra que nunca foi bem definida no pensamento Adventista a respeito de Ellen G. White. Os Adventistas professam que eles não provam a Bíblia por meio de Ellen White, senão todo o contrário. Até *Questions on Doctrine* sustenta isto.[19] Mas a oposição contra *Questions on Doctrine* pelos supervendedores da extrema direita da igreja começou tão logo o documento foi trazido à luz pública. Mas, agora, no entanto, apesar do livro ou seus oponentes, teve, e ainda tem, muito de postura hipócrita quando o supervendedor Adventista diz o que diz quanto a Ellen e sua relação com a Bíblia. Como o explica um escritor:

> Ele [o Adventista] quer dizer que usa a Bíblia para estabelecer se Ellen White é uma legítima mensageira de Deus. Uma vez que estabeleceu que o fosse, dá-lhe a ela autoridade para dizer-lhe a ele o que a Bíblia está dizendo realmente.[20]

Um estudo honesto mostra que este foi um *conceito evolutivo* para a igreja. Não era o conceito dos pais da igreja nos tempos de Ellen. Mas se sentiram obrigados a tomar uma posição por causa de Ellen mesma – e essa posição os meteu no embrulho em que se encontram hoje dia.[21] Eles simplesmente tomaram a via extrema na bifurcação do caminho a princípio:

> Os primeiros Adventistas do Sétimo Dia se viram confrontados com o fenômeno de Ellen White. Tinham que decidir se ela era uma pessoa genuína ou uma fraude, se sua obra era de Deus ou do diabo. Decidiram que seu ministério era uma manifestação dos dons espirituais. Mas, tendo emitido tal juízo, pouco a pouco se viram constringidos a tomar uma posição de "tudo ou nada" sobre a questão. Arguíram que Deus e Satanás não são sócios. *Tudo* o que ela escrevia ou era de Deus ou era do diabo. Não tinha meias tintas. Tendo decidido que sua obra era de Deus, os Adventistas creram que ofenderiam a Deus se não aceitavam completamente tudo o que a Sra. White dizia. E entre os fiéis, esta situação continuou até este dia.[22]

Este modo de pensar conduziu a mais e mais controle por meio da culpa e do temor usando mal o nome de Ellen G. White e seus escritos. E com freqüência, esse controle foi efetivo para atingir quaisquer metas que os supervendedores da igreja quisessem atingir. Depois de tudo, o temor pode mover essa "montanha" tão rapidamente como a fé proverbial, ou mais rápido. A igreja sempre mostra uma notável capacidade para encontrar novos fardos para serem tirados – sobretudo de cima das costas dos pobres e ignorantes, e com freqüência de cima do dinheiro dos ricos.

Não há nenhum sinal, em absoluto, de que os empurrões dos membros do sistema, através de todas as décadas, tenham produzido um povo superior nas coisas espirituais ou nos conceitos dos frutos do espírito no Novo Testamento – amor, gozo, paz, paciência, benignidade, bondade, fé, mansidão ou sequer temperança.[23] O que se produziu é um sistema eclesiástico manejado por supervendedores do psíquico, hábeis em ocultar os fatos a respeito de si mesmos e suas relações com a igreja, e em esconder os falaciosos métodos de sua profetisa Ellen G. White.

Novamente, aquele príncipe da igreja, quiçá mais honesto do que alguns, disse-o claramente na Consulta Teológica de Glacier View em 1980:

> A pergunta que se mantém é, não como prover mais controles, senão como desenvolver cristãos maduros. Uma teologia para o crescimento está implícita na instrução bíblica de passar do leite ao alimento sólido. Esta instrução nos desafia a voltar a estudar nossos sistemas educativos e nossas práticas da criação de nossos meninos. Também nos desafia a aprender como delegar autoridade e reduzir os controles.[24]

Mas, obviamente, não podia falar em nome da maioria. Os supervendedores de hoje dia (como os pais da igreja antes deles) bem sabem por que preço se vendem suas franquias celestiais e não estão dispostos a renunciar a suas concessões celestiais, que se têm estado vendendo por meio da loja de penhores de Ellen durante o século XIX e depois.

Se o matrimônio da igreja e o povo têm de sobreviver, esses supervendedores devem começar a repartir o poder ao povo. Para que sejam uma igreja digna de qualquer chamado celestial depende da qualidade que os comungantes possam trazer à igreja. Deveriam ser gente livre para procurar e encontrar a verdade por si mesmos; gente que, voluntária e individualmente, responda a Deus e a Cristo Jesus, o portador das Boas Novas; e pessoas estejam dispostas e possam tomar suas próprias decisões e atuar responsavelmente como cristãos.

Ellen G. White está morta e muito de sua autoridade morreu com ela, ainda que os supervendedores da igreja tenham feito um notável trabalho de ocultar a seus membros a notícia de seu falecimento. Seguramente, há muito que é tempo de examinar os fatos:

> Já em 9 de Junho de 1853, Tiago White advertia à igreja que os dons espirituais poderiam ficar fora de controle e converter-se numa maldição para a igreja. Com a morte de Tiago White em 1881, ninguém na igreja era o bastante forte para manter os dons espirituais dentro de limites adequados. A palavra da Sra. White se converteu na autoridade *absoluta para tudo*, desde grandes questões doutrinais até coisas de pouca monta, como se duas comidas ao dia eram melhores que três. E a Sra. White não estava disposta a deixar que ninguém pusesse em dúvida sua palavra , como Uriah Smith e outros cedo o averiguaram. Ela via sua obra como uma com a obra de Deus. Considerava-se que questioná-la era questionar a Deus mesmo. Se Smith ou Kellogg ou qualquer outra pessoa questionava algum dos Testemunhos, sentiam a ira da profetisa. A lenda de sua autoridade profética cresceu, e ela não somente a aceitava, senão que jogou um papel significativo em sua criação. [A cursiva é nossa].[25]

A crescente evidência de que ela, em grandes quantidades e consistentemente, tomava as idéias e a linguagem de outros sem dar-lhes crédito não permite que sobreviva o infantil conceito de sua autoridade – exceto, principalmente, nas mentes dos supervendedores, porque eles mesmos carecem de um adequado fundamento em Deus. Se tivessem preparados e tivessem sido fiéis à tarefa de pregar e sustentar ao Cristo da Escritura o povo não teria que enfrentar a uma transição de fé de Ellen G. White ao Cristo bíblico. Essa mudança será mais dolorosa agora, a estas tardias datas – se é que se pode fazer. Há um vasto deserto que cruzar *desde* o sistema de salvação por obras (por meio de Ellen White) *até* a graça e a salvação oferecidas – sem o preço nem do dinheiro nem das obras – por meio desse Cristo bíblico.

O Adventismo tinha estado na encruzilhada antes. Aqueles pobres meninos dos idos de 1844 fecharam a porta da misericórdia para todos, menos para si mesmos. Há muita evidência agora que diz, com muito pouca ajuda, que Ellen G. White mesma empurrou a porta para fechá-la. Desde então, essa porta em realidade nunca tem estado aberta de par em par, apesar da propaganda nesse sentido vomitada através da organização mundial da igreja. A concessão da misericórdia foi só transferida a algum tribunal celestial, onde aos crentes lhes seria permitido o acesso seletivo a Cristo por meio de Ellen e seus escritos.

Assim que, novamente, o Adventismo esteve na encruzilhada em 1888. Esta vez, *a salvação pelas obras* (por meio da ênfase sobre a lei e os escritos de Ellen White) versus *a salvação por graça* (já suprida por Cristo na cruz) era o centro do conflito. Muito se escreveu sobre se a igreja tomou ou não o caminho correto na encruzilhada.[26] A mesma Igreja Adventista ensinou que, se a resposta tivesse sido realmente que sim, a obra da igreja se teria levado a cabo, o mundo teria sido advertido, e os santos teriam estado na glória.[27] Mas, novamente, a porta se fechou. Desde então, só os Adventistas, dentre todas as principais igrejas protestantes, permaneceram com o pé fora no frio todos estes anos. Sem Cristo e o Evangelho da graça gratuita, as pessoas se converteram em vítimas da lenda de Ellen G. White.

Agora Cristo toca outra vez à porta fechada. O matrimônio de sua igreja com Cristo pode consumar-se somente se essa noiva abre a porta e deixa entrar a Cristo. A igreja deve interromper a ilícita relação com a profetisa Ellen G. White e seus escritos, para permitir que Cristo se converta no verdadeiro esposo. Não há nenhum ápice de evidência de que isto se tenha feito. Mas há montanhas de evidências que indicam que isto deve ser feito para corrigir o que obviamente é uma relação falaz.

Se a Igreja Adventista do Sétimo Dia pode colocar a Ellen G. White em seu correto papel subordinado – isto é, usar seus escritos como inspirados princípios pastorais, mas *não* como pronunciamentos divinos do Todo-poderoso, sem obrigar a todos os membros e a todas as pessoas a aceitar a reconfiguração da história por parte de Ellen, o desenvolvimento dos eventos futuros por parte de Ellen, e sem que Ellen dite as decisões diárias que afetam a todas as fases do estilo de vida e a existência – só então pode começar este verdadeiro casamento. No entanto, se essa porta permanece fechada para o Verdadeiro Esposo, Cristo Jesus, então o desastre que espreita ao Adventismo tem que o atingir.

A base de toda união, e especialmente a união espiritual, é a honestidade. O Adventismo fracassou em fomentar esta grande qualidade, tanto dentro como fora da igreja. Crendo, como crêem os membros, que eles, "os escolhidos", estão acima da maioria das leis humanas, senão de todas; sendo continuamente convencidos por seus supervendedores de que não são seres humanos maduros, responsáveis e capazes prontos para se enfrentar às realidades ou a verdade do futuro; tendo passado pouco tempo olhando para dentro para ver a viga em seu próprio olho (têm estado muito ocupados julgando o cisco no olho alheio) – a Igreja Adventista está mal preparada para mudar de opinião e mover-se para a certeza da paz e o amor do Senhor, Cristo Jesus.

---

## Referências e Notas

1 . Robert D. Brinsmead, Judged by the Gospel (Fallbrook, CA., Verdict Publications, 1980), p. 157.

2 . Veja-se o capítulo nove (material sobre Willard A. Colcord).

3 . De W[illard] A[llen] Colcord para W. A. Hennig, 14 de Setembro de 1933 , *SDA Encyclopedia*, s.v. Colcord, Willard Allen (sic). De acordo com este breve esboço, "Por este tempo (1914), perdeu a fé nas doutrinas e nos dirigentes da Igreja Adventista e separou-se da igreja. 20 anos mais tarde, em 1934, publicou uma retratação de sua posição na *Review and Herald* e foi recebido de volta na membresia da igreja."

4 . I Coríntios 15:31.

5 . I Coríntios 2:13-14.

6 . *Evangélica*, Outubro de 1980. Esta é a primeira edição de uma publicação para os evangélicos.

7 . Arthur L. White, "Completing the *Desire of Ages*," *Adventist Review* (23 de Agosto de 1979), pp. 6-9.

8 . ALW, "Ellen G. White´s Sources for the Conflict Séries Books"[Fontes de Ellen G. White para os Livros da Série Conflito], Review (12 de Julho de 1979), pp. 4-7; "Writing on the Life of Christ," (2 de Agosto de 1979), p. 11; "Completing *The Desire of Ages*," (23 de Agosto de 1979), p. 7.

9 . ALW, "EGW´s Sources," *Review* (12 de Julho de 1979), p. 7.

10 . ALW, "Writing on the Life of Christ," *Review* (2 de Agosto de 1979), p. 11.

11 . Francis D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* (Washington: RHPA, 1951), p. 460.

12 . Ibid., pp. 393-94.

13 . Ibid., p. 461.

14 . ALW, "Historical Sources and the Conflict Séries," *Review* (26 de Julho de 1979), pp. 5-10.

15 . Raymond F. Cottrell e Walter F. Specht, "The Relationship Between *The Desire of Ages*, by Ellen G. White, and *The Life of Christ*, by William Hanna," fotocopiado (Universidade de Loma Linda, Divisão de Religião, 1979), pp. 32-33.

16 . Robert W. Olson, "Questions and Problems Pertaining to Mrs. White´s Writings on John Huss," fotocopiado (Washington: EGW Estate, 1975), p. 6.

17 . Donald R. McAdams, "Ellen G. White and the Protestant Historians," sem publicar (Universidade de Andrews, 1974), pp. 232-33.

18 . Francis D. Nichol, *EGW and Her Critics*, p. 463.

19 . [Seventh.day Adventists], *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (Washington: RHPA, 1951), pp. 89-92.

20 . Brinsmead, *Judged by the Gospel*, pp. 188-89.

21 . Ingemar Linden, *The Last Trump*, cap. 4, "The Mature Prophet," pp. 187-239.

22 . Brinsmead, *Judged by the Gospel*, p. 189.

23 . Gálatas 5:22-23.

24 . Earl W. Amundson, "Authority and Conflict - Consensus and Unity," trabalho lido na Consulta Teológica, 15-20 de Agosto de 1980, Glacier View Ranch, Ward, CO, p. 4.

25 . Brinsmead, *Judged by the Gospel*, pp. 189-190.

26 . Robert J. Wieland e Donald K. Short, *1888 Re-examined* (1950). Veja-se também, Norval F. Pease, *By Faith Alone* (Mountain View: PPPA, 1962).

27 . Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, tomo 9 , p. 29; tomo 6, p. 450.

---

## Capítulo 14.
## Deus, o Ouro ou a Glória

---

Há muitas forças que destroem a confiança numa idéia, numa pessoa ou num sistema. Ainda que essas forças apareçam em diferentes disciplinas, são com freqüência intercambiáveis em suas ações. Podem parecer remotas em sua operação, mas são próximas em seus motivos.

Por exemplo: Há uma linha fina entre a cobiça e a prudência nas ações humanas. A pessoa que trabalha em círculos religiosos desejaria que outros cressem que suas ações numa situação financeira, em nome da igreja ou do evangelho, estão acima de toda dúvida, suspeita ou controvérsia – simplesmente porque essas ações levam a insígnia do sistema religioso. Mas, com freqüência, acostumam-se a desenvolver relações incestuosas.

Os empregados da igreja, em nome de Deus, criam uma estrutura (a) que esperam esteja por cima do escrutínio dos que entregam seu dinheiro ao sistema, e (b) (a causa da provisão da separação entre a igreja e o estado) que pensam pô-los-á fora do alcance de vigilância governamental, de um auditor honesto ou de adequadas revisões e balanços. Mas os administradores, e outros com freqüência, vêem-se envolvidos em roubos de menor quantia, conflitos de interesses e fraudes.

Naturalmente, os abusos se transferem a outras áreas da administração e as atividades da igreja. Pessoas sem uma adequada convicção espiritual ou uma informada motivação cristã, são ordenadas e ascendem a posições de poder dentro da estrutura da igreja. Arrogando-se grandes poderes políticos e administrativos, estes mercenários políticos desenvolvem a capacidade de destruir tudo o que se opõe à sua vontade. Uma vez que estão em condições de tomar decisões que podem afetar, e afetam, o bem-estar espiritual, doutrinal, evangélico e religioso do sistema que agora controlam, não permitem que nada se interponha em seu caminho. Seus "poderes reais," sob a aparência de Deus, são eventualmente usados para destruir a pureza da fé original e à igreja que tão ardentemente parecem defender.

Mudar usos tradicionais e costumes também representa um perigo para um sistema de crenças conservador. Tendo procedido sob a premissa de que Deus é o mesmo ontem, hoje e pelos séculos, os defensores de um sistema assim não podem aceitar a mudança ilustrada sem ver ameaçados seus conceitos de Deus e da verdade. Com freqüência, vêem o diabo em cada sombra, um dragão no umbral de cada porta e, no caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, um sacerdote jesuíta detrás de cada traje de negócios.

Pessoas com esta inclinação a deificar o passado inevitavelmente tornam rígidas suas doutrinas e seu sistema se volta resistente à mudança. Os pais fundadores se convertem em profetas, os profetas se convertem em santos e os santos se convertem em deuses com o poder de veto sobre a verdade e o estilo de vida. O comungante médio perde o contato com a realidade. E o verdadeiro crente – num esforço honesto dentro de si mesmo por ganhar a batalha da carne e do diabo (a luta espiritual do verdadeiro evangelho) – dissipará sua fortaleza e jogará jogos semânticos com as palavras de seu profeta, antes de exercitar a mente e usar seu poder de raciocínio. Desta maneira, a verdade do evangelho cedo se converte em "de nenhum efeito." E, dali em adiante, faz-se claro que qualquer que tenha sido a mensagem que o grupo tivesse a princípio, qualquer desafio espiritual e qualquer vitalidade que tenha oferecido no começo, essa mensagem e essa vitalidade ou se voltaram impotentes ou estão mortos.

A maioria dos sistemas religiosos pode sobreviver a algumas infrações menores de suas doutrinas, alguns pequenos desvios de suas normas. Mas, quando as circunstâncias se confabulam para que estes transtornos se convertam tanto em principais como em concorrentes, então um desastre de grandes proporções está à espreita.

Isso é o que muitos Adventistas pensam que é a situação na Igreja Adventista do Sétimo Dia.[1] Se este é o caso, não só está enferma sua existência social, política e econômica, senão que sua vitalidade espiritual se desgasta também.

Refresquemos nossas mentes a respeito do simbolismo dos Quatro Cavaleiros do capítulo sexto do Apocalipse para ver se há algum paralelo com o sombrio panorama do Adventismo. Cada cavaleiro cavalgava sobre um cavalo de diferente cor, que se associava com as características especiais do cavaleiro, seus implementos de operação ou seus poderes.

O *primeiro* cavaleiro, montado sobre um cavalo *branco,* tinha um arco, levava uma coroa e saiu para "vencer" (obter controle). O *segundo* cavaleiro, montado sobre um cavalo *vermelho*, tinha uma espada e saiu a "tirar da terra a paz" (promover a destruição). O *terceiro* cavaleiro, montado sobre um cavalo *negro*, tinha uma balança para medir as mercadorias escassas (escassez do que é necessário para a vitalidade). E o *quarto* cavaleiro, montado sobre um cavalo *amarelo*, chamava-se a Morte.

## O Primeiro Cavaleiro: do Cavalo Branco

Em junho de 1977, Robert H. Pierson, então presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, recebeu a seguinte carta:

> O outro dia me tropecei com uma lista de nomes, incluindo o seu, daí pensei que você gostaria de ter uma cópia da lista para lhe recordar o Clã e os bons tempos. É uma lista de ministros e dirigentes que têm ou tinham investido dinheiro pessoal com o Dr. Donald Davenport.
>
> Certamente é leitura interessante. Também contesta muitas perguntas que alguns tiveram a respeito do funcionamento da igreja no passado e como e por que alguns homens chegaram onde estão. Com segurança, a lista põe ponto final à idéia promovida de dirigentes que se sacrificam e que se negam a si mesmos neste movimento. Em qualquer outro campo da atividade humana, a lista também poderia suscitar questões especiais de conflito de interesses, influir nas vendas de porta em porta e até nos subornos, quando a lista se compara com outra lista, igualmente interessante, de todas as conferências e associações que têm

> pangarés que somam milhões, com o mesmo homem, com freqüência estimulados e ajudados por alguns dos mesmos dirigentes e do clero.
>
> Com freqüência, escrevemos a respeito do reavivamento, como tem de ser levado a cabo por meio da mudança e que essa mudança se produzirá pela reforma. É fácil ver por que estamos tendo, e teremos, dificuldades em nossas circunstâncias na igreja esperando ou confiando em que essa mudança tenha lugar.
>
> Desde que vi a lista, com freqüência me perguntei que pensariam os membros leigos da Igreja a respeito da mensagem e do clero se a lista se publicasse na Review ou em algum outro jornal. Se, como disse um dirigente, foi somente um bom trato comercial a nível pessoal, então a maior parte dos leigos estaria igualmente interessada em fazer um investimento tão seguro.
>
> Pode ficar com a lista, se deseja. Parece-me que é um triste comentário sobre nossos tempos e nossa classe dirigente na Igreja.[2]

A resposta de Pierson e as subseqüentes respostas ou a falta delas, parecia indicar uma completa falta de sensibilidade sobre questões financeiras pelo que concernia à igreja:

> É compreensível que você seja surpreendido com o recebimento de uma lista dando as quantidades pessoais que vários indivíduos depositaram com o Dr. Davenport lá na Califórnia. Em primeiro lugar, esta é informação estritamente confidencial e o fato de que se tenha convertido em propriedade um pouco pública é em si mesmo surpreendente. Posso dizer-lhe, no entanto, que esta lista foi compilada em 31 de Agosto de 1971 e com os depósitos, retiradas, etc., a lista já não é válida. Apreço muito que me enviasse a lista a mim pessoalmente em vez de transferi-la a outros.
>
> Irmão Rea, eu preferiria sentar-me e falar com Você antes de lhe contestar por carta, mas já que não é provável que tenha oportunidade para isto, desejo fazer-lhe umas poucas observações que espero lhe sejam de utilidade.
>
> Não posso falar em nome de nenhum dos outros inversionistas da lista, senão que desejo falar por mim mesmo. Ao passar os olhos pela lista de nomes, há certo número deles que eu, por suposto conheço bem e também sei que são generosos mantenedores da obra do Senhor e, pessoalmente, eu não desejaria julgar quanto dão pela quantidade que investiram com o Dr. Davenport. Conheço a algumas das pessoas na lista que investiram dinheiro para membros de suas famílias em seu próprio nome.
>
> Em primeiro lugar, desejo dizer-lhe que, até onde sei, as operações do Dr. Davenport foram, durante muitos anos, abertas e honestas, e legítimas em todos os sentidos. Ele ajudou a muitos empregados e membros de algumas organizações eclesiásticas. Que eu saiba, nenhuma junta nem comitê do qual eu sou membro investiu nenhum dinheiro com o Dr. Davenport. Não pode ter conflito de interesses aqui. Em realidade, sei de apenas uma ou duas organizações que investiram dinheiro com ele. Se o fizeram de acordo com a informação que tenho, têm recebido bons interesses sobre seus investimentos e jamais perderam nenhum centavo.
>
> Há algo imoral a respeito de apartar dinheiro para aposentar-se ou comprar uma casa? De acordo com minha informação, Ellen G White possuía várias propriedades. Alguns de nós, Irmão Rea, passamos boa parte de nossos ministérios em campos estrangeiros. Estivemos separados de nossas famílias por anos. Nossos salários eram muito menores que em nossa pátria. Vivemos em missões ou em propriedades alugadas. Não tinha oportunidade para levantar um capital como podem fazê-lo os trabalhadores aqui na pátria. Era errôneo que nós

> investíssemos nossas poupanças onde pudéssemos receber bons interesses até que os precisássemos para nossas aposentadorias? Não creio que seja justo criticar a ninguém por fazer isto.
>
> Não me escuso por ter investido uma pequena soma com o Dr. Davenport. Não tenho tempo para investir em ações e bônus, etc. e gastar tempo vigiando e preocupando-me pelo mercado. Colocamos nosso dinheiro onde nos pareceu melhor, e continuamos com nossas ocupações sem nos preocupar por ele.
>
> Pelo que concerne a dar com sacrifício, Irmão Rea, não creio que nenhum de nós dê tanto como devesse quando consideramos o que o Senhor deu por nós. Mas, posso escrever na Review com uma consciência limpa. Instar, solicitar a nosso povo a dar com sacrifício. Por anos, a Sra. Pierson e eu demos entre 20% e 35% dos nossos salários, além dos milhares de dólares dados ao programa mundial no campo por meio de meus livros, a cujas regalias, que poderia ter reclamado, renunciei. Também, dirijo um Chevrolet de 1972.
>
> Irmão Rea, senti-me surpreso e desiludido de que um pastor de minha igreja tirasse as conclusões apressadas que Você colheu e tenha-me escrito uma carta com um questionável espírito, sem confirmar alguns fatos comigo antes de julgar. Mas isto o terei que deixar entre Você e o Senhor.[3]

O que a carta passa por alto é o conflito de interesses entre o homem – seja profeta, sacerdote ou pastor – e sua responsabilidade como depositário dos fundos (recursos) do povo. Da mesma maneira, Pierson passa por alto, ou não vê, que o sistema eclesiástico que ele preside como sumo sacerdote estimulava a todos (jovens e velhos, ricos e pobres), sobre uma base de autonegação, a contribuir com a maior parte de seus bens patrimoniais enquanto estivessem vivos – e com todo ele depois de sua morte – para acelerar "a terminação da obra " quando em realidade estavam ajudando aos administradores, sacerdotes, e doutores (dentre outros) a se enriquecer – tudo no nome de Deus.

Uma mudança de administração não produziu nenhuma concessão nem mudança na ênfase. Com Neal C. Wilson agora como presidente mundial, em 10 de Agosto de 1979, os quatro mais importantes oficiais da Conferência Geral escreveram conjuntamente aos presidentes e tesoureiros das uniões, bem como aos diretores e oficiais financeiros chefes das instituições da Conferência Geral:

> Certas pessoas iniciaram processos de investigação e descoberta para estabelecer que relação existe entre a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Dr. Donald Davenport. Exigiu-se que se exerça pressão sobre dirigentes e organizações para que se retirem imediatamente de qualquer envolvimento que possa ser descoberto. Está-se pedindo à Conferência Geral que revele plenamente e que faça uma declaração pública sobre até que ponto está envolvida a Igreja em investimentos nos projetos de companhias de correios e telefones de Davenport. Até onde examinamos este assunto, e fizemo-lo cuidadosamente, não cremos que seja nem prudente nem necessário neste momento.
>
> Até este momento, não nos pareceu bem envolver-nos nesta controvérsia, especialmente porque os fundos da Conferência Geral nunca se investiram com o Dr. Davenport, e, além disso, que a Conferência Geral consistentemente instou a indivíduos e instituições a ter extremo cuidado neste aspecto, com pautas cuidadosamente redigidas e com as quais estivemos de acordo.
>
> Não desejamos exagerar nossa reação nem sequer nesta data; mas, já que a integridade de nossos oficiais e a ética de nossos dirigentes estão sendo questionadas, haja vista as circunstâncias que antecedem e as possíveis evoluções no futuro, a administração da Conferência Geral e a Divisão Norte-americana pensam que chegou o momento de fazer uma revelação completa, e que deveria fazer-se visível toda a relação entre as organizações

> da Igreja, bem como entre os oficiais e os empregados responsáveis das diferentes entidades eclesiásticas e os investimentos por meio do Dr. Davenport.[4]

Ainda que a carta tomasse uma posição de preocupação e pedisse informação adicional, não se notava nenhuma grande mudança na intensidade da preocupação pela ética da escrupulosa separação dos interesses *pessoais e corporativos*.

No entanto, nem todos os administradores eram insensíveis à questão do conflito de interesses. Kenneth H. Emmerson, que cedo se retiraria como tesoureiro da Conferência Geral, tinha escrito anteriormente em 1979 ao presidente da Southern Califórnia Conference:

> Li com muito interesse a correspondência entre Você e Walter T. Rea e senti-me compelido a lhe escrever somente umas poucas linhas, porquanto ele menciona a mim no segundo parágrafo da carta dirigida a Você e datada de 3 de abril. Suponho que ele se refere à correspondência que trocamos no que concerne ao Dr. Davenport.
>
> Simpatizo por completo com ele e com sua posição pelo que concerne ao Dr. Davenport... Assinalei-lhe que eles [um candidato para um empréstimo institucional] não deveriam ter nenhum trato em absoluto – financeiros ou de outra classe – com o doutor...
>
> Queria que Você soubesse que apreço muito a posição deste bom pastor e, por suposto, estou muito de acordo com seus pensamentos e sua posição.[5]

A revelação de nomes e atividades, por si mesma, não era tão alarmante. Mas, sim, deixava no ar e aberta às dúvidas, a administração das atividades relacionadas nas posições da igreja em que os dirigentes pudessem aproveitar-se da confiança ou da fé dos membros de igreja e demonstrava a incapacidade dos administradores eclesiásticos para separar os assuntos pessoais dos corporativos. Da mesma maneira, jogava uma interessante observação à oportunidade para transferir o juízo próprio de uma área de concorrência a outra área de concorrência. Pelo menos uma pessoa cujo nome aparecia na lista de inversionistas era membro de PREXAD, o Comitê Conselheiro Executivo do Presidente da Conferência Geral, que se sentaria em juízo a respeito de temas religiosos em disputa envolvidos nos tratos administrativos com Desmond Ford e Walter Rea.[6]

Todo o assunto teria de chegar a um triste clímax na edição do *Los Angeles Times*, de 24 de Julho de 1981, quando se anunciou a notícia de que Davenport tinha apresentado uma declaração de falência e deram-se a conhecer as perdas estimadas a algumas conferências regionais, oficiais, empregados de igreja e muitos adventistas individuais. Um relatório adicional de 9 de Agosto dizia:

> Preocupados credores de Donald J. Davenport, uma vez chamado "o rei dos escritórios postais" por causa de seus vastos investimentos em edifícios postais, estão revelando evidência as quais os credores dizem mostrar que Davenport hipotecou propriedades por mais de seu valor e ofereceu aos devedores escrituras de fideicomisso sobre propriedades que não tinha.
>
> A evidência proporciona alguns indícios do por que de uma vez o enorme império de bens raízes de Davenport se está derrubando e por que teve que procurar proteção sob as leis de falência mês passado.
>
> Ademais, o caso é particularmente interessante porque Davenport recebeu considerável respaldo de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia e de alguns oficiais de igreja e entidades patrocinadas pela igreja.[7]

O *Long Beach Telegram*, o jornal do povo natal de Davenport, não foi tão amável. Disse a edição dominical de 2 de Agosto de 1981:

> Os críticos da igreja afirmaram que o colapso, estimado de U$S46 milhões, equivalia a um antiquado esquema de pirâmide de Ponzi, sendo respeitados ministros Adventistas do Sétimo Dia os vendedores e anciãos Adventistas as vítimas inconscientes.
>
> Com a mudança de sua participação, os ministros Adventistas receberam viagens grátis a luxuosos condomínios em Palm Springs e Hawaii e favoráveis sobras de dividendos sobre seus investimentos com Davenport.[8]

A pergunta principal nas mentes de muitos que experimentaram A "arte administrativa de manobrar" do sistema deve ser esta: Se alguém não pode confiar nestes vendedores de carros usados espirituais com suas decisões a respeito do uso de dinheiro "espiritual" sobre o qual sua posição lhes deu controle e influência, como pode alguém confiar neles e suas decisões sobre assuntos teológicos e as coisas pertencentes à alma (como no caso de Desmond Ford e de Walter Rea)?

Uma mão no timão é uma mão no controle – foi o que o cavaleiro do cavalo branco saiu a obter.

## O Segundo Cavaleiro: do Cavalo Vermelho

Muito se escreveu a respeito dessa experiência no cume de uma montanha em Colorado no verão de 1980 – que terá de ser recordada por muito tempo como o verão do descontentamento. O Comitê para a Revisão do Santuário foi convocado para se reunir em Glacier View Ranch, supostamente para "revisar" o estudo preparado (por solicitação dos oficiais da Conferência Geral) por Desmond Ford, um brilhante erudito e mestre adventista australiano. Por anos, Ford tinha sido uma figura controversa no ministério adventista. Sua amizade com outro australiano, Robert D. Brinsmead, cujas idéias e escritos tinham revirado a administração da igreja por uma década ou mais, parecia aumentar a dificuldade de revisar ou aceitar suas idéias teológicas.

Em disputa estavam os pontos de vista que Ford tinha discutido por convite do Foro Adventista no Pacific Union College (Angwin, California) no outono de 1979. Estes pontos de vista diferiam da maneira em que a igreja interpretava seu fundamental pilar da fé, os 2300 dias da profecia de Daniel 8:14. O espetáculo de marionetes dos administradores da igreja em Glacier View, orquestrado por Neal C.Wilson, presidente da Conferência Geral, foi a resposta a Ford.

Não deveria surpreender-nos que Glacier View se convertesse numa charada. Com pouca capacidade ou pouco desejo de se entender com os escândalos financeiros que surgiam e com pouca ou nenhuma perícia em teologia, Neal C. Wilson fez o que os políticos fazem tipicamente. Prometeu-se tudo a todos, deu-se pouco a alguns e traiu-se a maioria. O som que se levantou em grandes coros depois de Glacier View conta a história. Numa carta aberta a Wilson, datada de 10 de setembro de 1980, trinta e nove preocupados pastores e eruditos da Universidade de Andrews (assento do seminário teológico da igreja) expressaram estas preocupações, dentre outras:

> Usou-se uma "declaração de dez pontos" para condenar o ministério do Dr. Ford tanto na *Review* como em recentes ações administrativas. No entanto, questionamos sua legitimidade para este propósito: (*a)* Não representa o consenso dos irmãos do Dr. Ford em que não foi nem discutido nem votado pelo grupo *inteiro* de Glacier View. (*b*) De fato, contradiz o espírito e a letra da declaração de consenso em certos pontos-chave. (*c*) Os autores do documento se propunham que ele explicasse a comunicação na conferência e não sabiam que seria usado para comprometer o ministério do Dr. Ford.
>
> Você assegurou à igreja por escrito (*Review*, 9 de julho) que a Conferência de Glacier View não seria um juízo contra o Dr. Ford. A evidência indica, no entanto, que foi principalmente

> um juízo e que ali se iniciou uma ação administrativa que aparentemente o despojará de suas credenciais.[9]

Outra forte nota de protesto foi expressa por Lorenzo H. Grant, professor associado da divisão de religião no Southern Missionary College (Tennessee):

> Pergunto-me se estou mal interpretando a situação por completo quando penso que o trabalho da comunidade erudita reunida em Glacier View foi interpretado erroneamente em sua maior parte, se não prostituído. A *Review* parece dar a entender que o Comitê para a Revisão do Santuário *condenou* os pontos de vista do Dr. Ford. A recente ação de PREXAD relativa à posição profissional de Ford ostensivamente descansa no trabalho e nos pronunciamentos desse comitê. Pelo menos, estou seguro de que é exatamente como serão interpretados pelo nosso povo.[10]

Por esse fragmento de sabedoria, Grant ficou perguntando-se se lhe seria concedido permissão para se afastar de sua posição – como se sucedeu a alguns outros que revelaram seus pontos de vista.

Outras instituições educativas adventistas expressaram preocupações similares. Em geral, expressaram o pensamento de que uma discussão honesta tinha sido suprimida em sua maior parte; e quando a discussão *teve* lugar, tinha sido mal usada e mal interpretada para ajustá-la aos próprios fins dos administradores. Resumindo, os eruditos pensaram que tinham sido enganados – como efetivamente o tinham sido.

Não tendo mostrado até agora nenhuma evidência tangível de liderança moral, o presidente da Conferência Geral desdenhou a controvérsia como uma insignificante moléstia de oposição, deixou o trabalho de limpeza a seus mercenários e deu a impressão de que os detratores só estavam expressando um descontentamento de menor valor por seu espetáculo secundário. A destituição continuou em vigor.

O mesmo Ford parecia não perceber o verdadeiro significado do papel que estava desempenhando. Com freqüência, deu a impressão de que estava ocupado num agradável concurso de esgrima e que podia dar por terminado o exercício à vontade, ainda que obviamente estivesse imerso numa guerra total. Desde sua "elevada torrezinha," tinha chegado a crer que sua contribuição ao Adventismo era "o evangelho". Mas as principais igrejas tinham tocado a trombeta do "evangelho" muito bem através dos séculos. Tinham sido apenas os comungantes adventistas aqueles que, muito antes que ele, tinham rejeitado esse evangelho e posto em seu lugar a Santa Ellen e a seus escritos. No fundo de seu coração, Ford cria que a igreja e o mundo receberiam sua mensagem, e que os eruditos iriam a seu lado. A ajuda erudita com a qual tinha contado permaneceu mais a ou menos a um lado. Não tendo tido experiência prévia nestes assuntos financeiros, nunca tinha tido que pôr a prova o peso desse cheque semanal numa balança contra o peso de sua teologia. Mas quando as considerações financeiras foram postas nessa balança, como sempre devem ser postas, resultaram pesadas.

A partir da *Review, Ministry*, e outros principais órgãos adventistas de propaganda, era óbvio que pelo menos a oficialidade adventista não estava a ponto de abrir a porta à qual tocavam Ford e seu Cristo.[11] Por que teriam que o fazer? Tinham a Ellen (que havia ajudado a fechar essa porta em 1844); a primogenitura deles era uma posição confidencial; e não iam admitir, depois de cento trinta e tantos anos, que sua franquia celestial estava comprometida de modo algum.

E assim, a imprensa controlada pelos adventistas, sempre lendo erroneamente os sinais dos tempos, continuou sacando rapidamente montes de material sobre questões teológicas em disputa que a poucos leitores lhes interessavam, e que poucos entendiam ou precisavam.

As hordas de adventistas que iam a ouvir a Ford prestaram pouca receptividade duradoura à história de seu evangelho ou aos finos matizes de suas idéias teológicas. Só se davam conta de que ele era agora um dos que se opunham ao sistema que os tinha oprimido. Ford se tinha convertido, principalmente, num símbolo de descontentamento e de "rebelião" contra o abuso e a arrogância administrativos.

Os colegas de Ford se congregaram ao redor dele, simbolicamente, à distância. Agora que estava fora do sistema, representava a liberdade acadêmica que eles tinham perdido. E lhes ficou a sensação de ter sido comprados e pagos pela igreja – mas sem liberdade mental nem convicção, sem direito a uma audiência justa e sem nenhum sinal no horizonte que predissesse mudanças ou um futuro feliz.

Em geral, poderia dizer-se que a igreja tinha entrado para a década de 1980 com um considerável número de cadáveres dispersos através do panorama teológico – contando a todos os que foram desfraterrnizados, desalojados, despedidos de estudos de seminários, sumariamente excluídos, mandados de férias ou, por quaisquer outros meios (voluntária ou involuntariamente), separados da igreja de uma maneira não pacífica.

Poderia tal promoção da destruição do serviço assim e uma causa para o desencanto assim indicar que o cavaleiro montado no cavalo vermelho tinha cavalgado através do acampamento?

## O Terceiro Cavaleiro: do Cavalo Negro

Se os estudos de Ford eram perturbadores, as investigações de Rea eram francamente alarmantes.[12] As notícias a respeito dessas investigações fizeram com que os administradores corressem a seus computadores com as mãos suadas.

Ford tinha estado tratando de reconstruir o *passado* sobre uma base mais sólida. Seu *"Sola Scriptura"* era uma honesta tentativa de fazer que a igreja regressasse a sua posição original, a Bíblia e a Bíblia só. Ainda que soasse perigoso para os cultistas (que já estavam recebendo instrução intermediária através de uma profetisa), tal conceito teve sempre uma salvaguarda incorporada. Cada sistema foi o suficientemente inventivo (e, quiçá, o bastante prudente) para criar e fomentar seus próprios supervendedores, que conhecem o vocabulário do sistema. Assim, ao verdadeiro crente se vende a interpretação da verdade da Escritura através dos supervendedores de seu sistema. O que ao comunicante se ensina em realidade é um substituto da fé em seu mestre (instrutor, supervendedor ou teólogo) muito mais que a fé no fundamento de toda crença: as Sagradas Escrituras.[13].

Por outro lado, Rea era guerrilheiro. Parecia apontar à jugular. Seus estudos estavam calculados para inclinar a balança contra a autoridade de Ellen G. White e de seus escritos – o que, em conseqüência, dava um giro ao redor da autoridade dos supervendedores do sistema e deixava que cada homem fosse seu próprio sacerdote diante de Deus. Esta idéia – se realmente calou alguma vez – seria, não apenas horrível, senão inteiramente horrenda para um sistema baseado na interpretação da verdade por uma profetisa.

Olhe a confusão que resultaria se cada membro começasse a estudar e interpretar a Bíblia por si mesmo. Um poderia terminar com uma verdade inaceitável para um sistema governado por administradores. E que sucederia se o membro decidisse que não é necessário comprar as indulgências vendidas pelos supervendedores? Isto é: (*a)* se não atinge "o alvo da Recolta" (pedir dinheiro em público), poderia perder alguns pontos com Deus; (*b*) se não estuda sua lição da Escola Sabatina todos os dias, não obteria nenhuma estrela de ouro nos livros do céu; (*c*) se seus meninos vão a uma escola pública, perder-se-iam para o céu; (*d*) se decide que não é necessário entregar dízimos e ofertas somente ao sistema eclesiástico ou se decide não deixar todas suas posses para a igreja enquanto é arrastado fora deste mundo pateando e gritando, não teria a balança financeira inclinada a seu favor; (*e*) se decide não comprar a falsa tolice vegetariana vendida pela igreja, então sua vida se encurtaria. E assim sucessivamente.

O sistema não proporcionou nenhuma mínima evidência de que seguir todas as instruções de Ellen G. White e seus escritos quanto a fazer isto e não fazer aquilo produziu gente espiritualmente superior. A igreja tentou demonstrar que alguém pode viver mais tempo nesta terra seguindo certos saudáveis costumes e práticas. Mas há abundante evidência provando que quanto mais vive essa pessoa, pior se torna, e faz-se mais difícil bem lidar com elas – tal como sucede com o resto das pessoas.

Sem se importar se há nova evidência ou se não há nenhuma evidência, pessoas inteligentes e razoáveis não concordam com Ellen G. White em que (*a)* uma mulher é mais espiritual se não usa um anel de casamento;

(*b*) que a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em sessão é "a mais alta autoridade" de Deus sobre a terra; (*c*) que na questão dos jogos sexuais dos casais, felizmente casados, (tendo sido declarado o sexo uma concessão à natureza "animal", e, talvez, a causa das enfermidades), quanto menos melhor; (*d*) que a manteiga, os ovos, e o leite devem ser estritamente proibidos aos meninos, por causa de seus efeitos sobre as baixas paixões e a vida espiritual; (*e*) que as perucas produzem loucura; (*f*) que a carne tem a tendência a animalizar a natureza e a roubar do homem a simpatia que deveria sentir por todos.

Tanto Ford como Rea (cada um por sua conta) lutavam pela mesma meta que outros antes deles tinham ansiado – a liberdade de cada indivíduo para receber sua própria interpretação da autoridade final de toda verdade espiritual: somente as Escrituras. Esta liberdade só pode atingir-se indo diretamente a Deus por meio do dom do Espírito Santo. Era a autoridade do sistema o que estava sendo desafiada – a autoridade dos teólogos desse sistema para interpretar a verdade *a seu próprio modo* para todos os demais. E era a autoridade da mesma Ellen G. White o que os estudos deles declinavam aceitar como a última palavra, com um virtual poder de veto sobre a mente humana. Nenhum homem que fez esse desafio tinha sobrevivido jamais em sua posição na Igreja Adventista.[14]

E os comungantes adventistas, que agora tinham razões para crer que suas bilheterias, bem como sua fé na doutrina, estavam sendo comprometidas, estavam-se interessando e estavam começando a fazer perguntas. Tinham fome de uma salvação que já estava assegurada no Calvário. Estavam tratando de atingir um perdão que vinha sem suborno e uma paz que não precisava ser comprada nem vendida em alguma "Casa de Livros e Bíblias" ou algum tipo de campanha.

Não era o estilo de vida adventista o que as pessoas queriam derrubar. Queriam jogar fora do templo aos cambistas que tinham corrompido o sistema. Eram os supervendedores que tinham especulado sua mercadoria no nome de Deus, o que as pessoas estavam rejeitando. Eram os giros e as voltas da profetisa adventista, Ellen Gould Harmon White – usada pelos supervendedores para tentar tamponar cada buraco, para descartar cada verdade, para fazer valer cada argumento – o que as pessoas estavam rejeitando. Não era a verdade do Evangelho o que as pessoas queriam abandonar.

A falta de alimento mata de fome ao corpo. Da mesma maneira, negar a uma pessoa a liberdade e o incentivo para pensar por si mesma é igualmente uma forma de privação. Quando falta esse elemento essencial para a vitalidade, o cavaleiro do cavalo negro fez sua obra.

## O Cavaleiro do Cavalo Amarelo

Existiu morte na panela Adventista por longo tempo.[15] O movimento Millerista de 1844 não produziu a Segunda Vinda, nem "terminaram a obra" os membros que ficaram com essa decepção. Cada nova crise trouxe novas promessas – que tinha mais desenganos, mais isolamento e mais extremos. Os meninos que, de acordo com Ellen G. White, nunca deveriam ter nascido, cresceram e tiveram seus próprios filhos (e netos) durante "esta geração"[16] para a qual cada interpretação revisada se converteu em nada.

O contínuo aumento dos desembolsos financeiros necessários para ser cliente do sistema educativo da igreja obrigou às famílias da igreja a reavaliar suas prioridades financeiras. Muitos moços e moças da igreja agora se educam total ou parcialmente fora do sistema – e em conseqüência têm acesso às mentes, aos materiais, aos métodos e às idéias que não estavam disponíveis ou não eram aceitáveis para a igreja ou seus educadores "comprados." Este era um dos temores que Arthur White expressou em seus comentários dentro da organização em relação com o proposto estudo de *Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações)* de Ellen White:

> Tenha-se apresente que o adestramento nas universidades para aceitar e crer só o que pode ser provado pela satisfação do pesquisador pode conduzir facilmente a um enfoque que não leva em conta que pode ter características perturbadoras nos escritos inspirados, que resultam na necessidade da fé, como o explicou Ellen White ao discutir as investigações da Bíblia e seus escritos.[17]

> Se a Universidade de Andrews participa nisso – são os eruditos adestrados em métodos de investigação por universidades conhecidas por ter demolido a fé na Bíblia e a confiabilidade dos relatos bíblicos, capazes de emitir um juízo adequado em áreas nas quais são fatores importantes uma absoluta honestidade na aceitação dos registros e da fé baseada na evidência? Ao tomar decisões quando o pesquisador tem que escolher a melhor resposta, falhará a fé na inspiração de Ellen?[18]

É fácil ver que Arthur White não se sentia seguro, nem sequer com a "educação superior" que se dispensava na Universidade de Andrews, a cidadela da igreja para o ensino de seminários. O tom e a substância de suas páginas indicam que a Avó Ellen era a número um em sua lista e que todas as outras considerações e preocupações ocupavam um lugar secundário em seus conceitos da educação e da verdade. Tinha chegado a submeter à prova a verdade inteiramente por meio dela, e para ele ela era *toda a verdade* – a primeira, a última, e para sempre.

A obra médica da igreja (o "braço direito da mensagem") também estava em problemas. Obrigados pelas grandes mudanças – novos costumes e regras, problemas de pessoal; o que se pensava que era uma decadência na ênfase espiritual; os avanços no conhecimento da ciência médica; e mesmo o ritmo da vida moderna – os centros médicos, os hospitais, asilos de velhos e outras instituições de saúde, para todos os fins práticos e em grande parte, retiraram-se estruturalmente, se não filosoficamente, do cuidado terno e amoroso da vigilante supervisão do clero da igreja. O clero ainda controlava as juntas e tomava as decisões, em nome de Deus, para entidades médicas, até que se viu obrigado pelo estado e as leis federais a mudar algumas práticas e permitir que mais talento local profissional e não clerical se envolvesse no controle.

O programa evangelístico do Adventismo também mostrava sinais de envelhecimento. Tinha pouca evidência de que seu ministério público de rádio e televisão pudesse competir com sucesso com as magnéticas personalidades que inundavam o mercado.

As enquetes aceitáveis para a igreja proporcionavam estatísticas que mostravam que o Adventismo sofria de uma crise de identidade – as pessoas com freqüência os confundiam com os Mórmons, as Testemunhas de Jeová e outros.

Outros estudos mostravam que uma alarmante apatia se tinha apoderado dos membros, com as deserções aumentando a um ritmo perturbador. Só baixando os estandartes, aumentando a propaganda, apelando aos grupos sociais e econômicos mais baixos e inflando as listas da membresia puderam apresentar cifras de crescimento salvadoras das aparências na América do Norte. Quiçá, só outra guerra mundial ou alguma outra crise de grandes proporções possa reverter toda a situação.

Mas, talvez, o mais inquietante sinal de degeneração do movimento Adventista é a incapacidade para aceitar a mudança e o mundo real como agora existe. Para eles, "o choque futuro" é real e não o podem aceitar. As reuniões de Glacier View e Glendale trouxeram à luz toda a histeria, a paranóia e o extremismo que a igreja tinha ocultado por mais de cento e trinta anos. Desde o movimento de 1844, não se tinham sentido mais ameaçados, mais nus e mais sós ante o mundo. O artigo do *Los Angeles Times* de 23 de Outubro de 1980 sobre Ellen G. White e suas cópias de material alheio foi como voltar a tocar um disco velho. Eram os adventistas contra o mundo, tal como Ellen tinha dito que ocorreria. Até nas famílias da igreja se traçou uma linha entre os bons e os maus, os santos e os pecadores. O conceito do juízo foi baixado das cortes celestiais e deu-se-lhe forma e salvação à vista de todos.

As cenas que os administradores tinham imaginado enquanto liam *The Great Controversy (O Grande Conflito)* foram apresentadas outra vez nas igrejas locais, nas conferências e instituições de ensino. Os ministros ambulantes dos escritórios principais de Washington, D . C. reuniram-se aos estudantes de teologia, dentro e fora do sistema da igreja, e disseram-lhes que ou se alinhavam ou teriam que se ir. Os mestres das escolas superiores da igreja, bem como das escolas secundárias, e até das primárias, foram levados perante servidores públicos e se lhes disse que assinassem o compromisso de lealdade. Aos ministros lhes foi dito que gravassem os clichês aceitáveis e enviassem-nos a seus teólogos superiores. Alguns até foram

despedidos por não conhecer a nomenclatura correta. Os membros se alarmaram. A oficialidade escreveu nos órgãos de propaganda que se dissesse aos membros que estes eram tempos perigosos, mas que os bons e os salvos passariam incólumes, como Ellen G. White havia dito.

Este era o tempo do Omega ao qual Ellen tinha aludido, dizia-se. Qualquer que seja a correta interpretação disso ou se sua autenticidade é bíblica ou não, não importa. Um folheto que o afirmava foi enviado grátis aos ministros Adventistas de fala inglesa.

Não pareceu ocorrer aos irmãos de PREXAD que o que eles estavam escutando eram as carpideiras chorando a morte de Ellen. Ela tinha morrido em 1915. E agora o que morria era sua autoridade sobre os membros do culto. Os dirigentes tinham perdido o controle, para sempre, sobre as vidas de seus membros. Era um fascinante paralelo com os tempos do passado. Ellen tinha escrito a respeito de isso em *The Desire of Ages*. Mas, se os irmãos o estavam lendo, não o estavam aplicando a si mesmos. De acordo com Ellen White, foi Satanás quem instou ao concílio de Caifás para matar a Cristo baseando-se nas ofensas que tinham sofrido da parte de Cristo, o que voltou a contar:

> Quão pouco tinha honrado a justiça deles. Apresentava uma justiça muito maior, que todos os que desejam ser filhos de Deus deveriam possuir. Sem se fixar em suas formas e cerimônias, tinha animado aos pecadores a ir diretamente a Deus como a um Pai misericordioso e fazer-lhe saber suas necessidades. Assim, na opinião deles, Ele tinha feito a um lado o sacerdócio. Tinha recusado reconhecer a teologia das escolas dos rabinos. Tinha revelado as malvadas práticas dos sacerdotes e tinha prejudicado sua influência irreparavelmente. Tinha rebaixado o efeito de suas máximas e tradições, declarando que, ainda que fizessem cumprir estritamente a lei ritual, anulavam a lei de Deus.[20]

Ninguém na atualidade jamais tinha ido tão longe como até onde Ellen parecia dizer que Cristo tinha ido ao rejeitar a aceitável estrutura de seu tempo. Mas a perspicácia dela tinha jogado a culpa sobre o temor daqueles antigos dirigentes de perder sua autoridade.

Da mesma maneira, os supervendedores da igreja de hoje envenenaram a sua própria profetisa. Em suas tentativas por obter liberdade para si mesmos e licença para seus amigos, têm linchado à mesma dama que professam adorar. Por seu descuido da instrução pessoal – dada, como asseguraram, por inspiração e pelo Espírito Santo – deram um triste exemplo de desperdiçar todos os princípios que Ellen G. White havia deixado.

O quarto cavaleiro, montado sobre o cavalo amarelo, foi o último em cavalgar. De acordo com Apocalipse, seu nome era a Morte.

---

## Referências e Notas

1 . Os artigos publicados em Spectrum, a publicação trimestral da Associação de Foros Adventistas, desde 1978 até 1981, confirmam esta observação a respeito da condição da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

2 . De Walter T. Rea para Robert H. Pierson, 14 de Junho de 1977.

3 . De Robert H. Pierson para Walter T. Rea, 23 de Junho de 1977.

4 . De Neal C. Wilson, Charles E. Bradford, Kenneth H. Emmerson, e Martin E. Kemmerer para os presidentes e tesoureiros das uniões, diretores e chefes de escritórios financeiros da instituição da Conferência Geral, 10 de Agosto de 1979. Cópia em fac-símile em SDA *Release* (Collegdale, TN: Adventist Layman Council, n.d. [ca. Janeiro de 1981]), p. 4.

5 . De Kenneth H. Emmerson para Harold L. Calkins, 10 de Abril de 1979 , *SDA Press Release*, p. 4.

6 . Representando a PREXAD 1980, Charles E. Bradford, Kneneth H. Emmerson, W. Duncan Eva, Clyde Ou. Franz, A. Edwin Gibb, Willis J. Hackett, Richard Hammill, C. D. Henri, Martin E. Kemmerer, Alf Lohne, M.S. Nigri, G. Ralph Thompson, Francis W. Wernick.

7 . Doris A. Byron e John Dart, "Creditors Learning Why Davenport Empire Fell" [Os Credores se Inteirando Por que Caiu o Império de Davenport], *Los Angeles Times*, 10 de Agosto de 1981 , seção de negócios, p. 1.

8 . Doreen Carvajal, "Seventh-day Adventist´s Empire Collapses on Church," *Long Beach Press-Telegram*, 2 de Agosto de 1981.

9 . [Andrews University] Concerned Pasors and Scholars, "An Open Letter to President Wilson from Concerned Pastors and Scholars at Andrews University Seminary and Graduate School," 10 de Setembro de 1980.

10 . De Lorenzo H. Grant para Fritz Guy, 8 de Setembro de 1980.

11 . Julgou-se em amplos círculos que, durante 1980 e 1981, as publicações denominacionais deixaram de apresentar o ponto de vista de Desmond Ford e tinham "prejulgado" o trabalho que estava preparando publicando uma superabundância de material enfatizando a "posição histórica" dos oficiais.

12 . Glendale Committee, "Ellen G. White and Her Sources," fitas gravadas da sessão de Janeiro 28-29. Gastou-se mais de uma hora decidindo que palavras usar para informar ao "povo."

13 . Desmond Ford, *Daniel 8:14, the Day of Atonement, and the Investigative Judgment* (Casselberry, FL: Euangelion Press, 1980).

14. Earl W. Amundson, "Authority and Conflict - Consensus and Unity," fotocopiado (trabalho apresentado na Consulta Teológica, Glacier View Ranch, Ward, CO, 15-20 de Agosto de 1980). Este trabalho por Amundson, presidente da Conferência da União Atlântica dos Adventistas foi apresentado como resposta ao chamado de Willis J. Hackett para a adoção de um credo. Na página 16, Amundson diz: "É um fato histórico que a maioria das luminárias que abandonaram nossa igreja se foram por causa da autoridade atribuída aos escritos de Ellen White."

15 . II Reis 4:38-41. A história de Eliseu em Gilgal e o vaso.

16 . Mateus 24. Neste capítulo, Cristo predisse a destruição do templo, as calamidades que viriam, e os sinais de sua vinda em juízo. Versículo 34. Não passará esta geração sem que todo isto aconteça.

17 . Arthur L. White, [Confidencial] "Comments on the Proposed Study of *Desire of Ages*," fotocopiado (Washington: EGW Estate, 30 de Novembro de 1978), p. 3.

18 . Ibid., p. 5.

19 . Alvin Toffler, *Future Shock* (Westminster, MD: Random House, 1970).

20 . Ellen G. White, *The Desire of Ages* (Mountain View: PPPAm 1898), pp. 540-41.

---

## Epílogo

---

A história de Cristo não termina na cruz. Continua até a ressurreição e a nova vida. Dá significado a nossa vida diária atual e uma nova esperança além da tumba. Para o indivíduo e as instituições por igual, são as Boas Novas – não para o futuro somente, senão também para o aqui e o agora.

Se Deus tinha um plano para a vida de Ellen G. White, é o mesmo plano que tem para todos nós – que durante nossa existência nós mesmos sejamos recipientes para o Evangelho, experimentemos um novo começo em Cristo Jesus e que possamos ser instrumentos em favor de outros. Esta foi a verdadeira inspiração e revelação de Deus para Ellen G. White.

É uma história fascinante que a Igreja Adventista obtivesse seu início e sua ênfase na crença na Segunda Vinda, uma crença trazida, com suas proponentes, do movimento Millerista. Mas, da mesma maneira, o Adventismo morreu com essa mesma doutrina. Sem a culminação do Advento que tinham predito, voltaram-se para dentro de si mesmos e concentraram-se em demonstrar que tinham razão. Em vez de colocar por diante um novo nascimento da consciência espiritual para seu diário viver na atualidade, puseram por diante a Ellen White como um véu entre eles mesmos e Deus, entre eles mesmos e uma experiência renovadora.

Entre os tempos do Antigo Testamento e os tempos do Novo Testamento levantava-se a cruz. O véu que ocultava a cruz aos olhos e aos corações da nação judaica era seu sistema de sacrifícios, exações e obras. Seu sistema os mantinha com as costas encurvadas e as cabeças inclinadas, assim que não podiam olhar para cima, a Deus e a seu Filho. Seu sistema de leis, regulamentos, teorias e máximas tinha escravizado o corpo, a mente, e a alma. Seus dirigentes eram mais importantes do que a verdade do Evangelho de Cristo. Enquanto os sacerdotes do sistema se aferravam a seu pai Abraão, negavam ao povo o acesso ao verdadeiro Pai da Humanidade. Um sistema chega a sua etapa de caducidade quando interpõe um véu de salvação por obras, através de algum intermediário, entre o homem carente e um Deus que espera. Esse véu lhes impede uma comunicação direta.

Assim teria de ser com a Igreja Adventista também. Cristo não veio em 1844. Mas o grupo que o esperava não pôde resignar-se a confessar seu erro, o princípio de todos os princípios. Aos equívocos, chamou-se-lhes "erros de cálculo." Ao extremismo, chamou-se-lhe zelo. Os escritos de Ellen G. White se converteram em "a palavra de Deus." Assim, Ellen se converteu no véu que ocultou Cristo aos olhos do povo. Se os administradores, os teólogos, os supervendedores de seu sistema tivessem passado além do véu que eles mesmos tinham criado, Ellen G. White, seguramente teriam encontrado ao Cristo que professavam estar procurando.

Não foi a crença no Cristo *objetivo* histórico (que não veio em 1844) o que teria de destruir a efetividade deles. Foi a não aceitação do Cristo *subjetivo* no modo de viver o que eles desperdiçaram. A ironia do movimento adventista parece ser que, ao usar a Ellen G. White para realinhar a história e dar ao futuro uma vívida imaginação, os dirigentes mataram, para a maioria de seus membros, ao Cristo do presente.

Em tempos passados, Deus rasgou o véu do antigo serviço e aboliu o sistema inteiro de sacrifícios. Essa rasgadura foi consertada no início pelos sacerdotes para poder continuar controlando ao povo que representavam. A fumaça de seus sacrifícios continuou subindo, lenta e tristemente, para o céu. De acordo com um escritor:

> Subia em vão. E o sumo sacerdote ainda entrava ao lugar santíssimo cada ano e aspergia o sangue sobre o propiciatório. E, no entanto, esse sangue apelava a Deus em vão. Porque "Cristo, nossa Páscoa, já foi sacrificada por nós." (I Cor. 5:7). Por fim, Deus, com ira justa, apagou o sistema de imitação inteiro, com a destruição de Jerusalém por Tito, quando o templo foi queimado e os sacrifícios foram abandonados para sempre.[1]

Alguém pode esperar que os administradores e os supervendedores do sistema Adventista do Sétimo Dia ainda podem aprender uma lição do passado – que estejam dispostos a unir-se ao povo e passarem juntos além do véu de Ellen G. White. Se têm o valor de fazer isto, ainda podem encontrar ao Cristo que iludiu aos Milleristas e cuja demora tanto atormentou aos primeiros crentes Adventistas. Mas, para fazer isto, devem dar-se conta de que:

> O propósito e a única meta sobressalente de Satanás é derrotar o plano e o propósito de Deus para a salvação do homem. Satanás está completamente familiarizado com o fato de que o único remédio para o pecado é a obra expiatória de Cristo e é consciente do fato de que, não importa quão formoso possa ser um sistema religioso, é absolutamente inútil como poder salvador se a obra expiatória de Cristo é eliminada de seu ensino. Portanto, seu plano para enganar as pessoas é apresentar-lhes religiões que reconheçam a Deus, exortem ao homem a ser bom, amável e doce, associando essas crenças a cerimônias que apelem à imaginação, mas que não servem de nada por causa do descuido e da ausência de um reconhecimento de Cristo Jesus, o Salvador, e sua obra redentora no Calvário.[2]

Ellen White mesma não punha sua fé numa religião moral que consistia de regras e regulamentos, condescendências, e ajustes aos costumes. Em sua antologia *Christ´s Object Lessons*, ela disse:

> Muitos dos que se chamam a si mesmos cristãos são meros moralistas humanos. Têm recusado o único dom que pode capacitar-lhes para honrar a Cristo representando-o ante o mundo...[3]
>
> Esta túnica, tecida no tear do céu, não tem nem um só fio de feitura humana. Cristo, em sua humanidade, desenvolveu um caráter perfeito, e oferece dar-nos esse caráter. "Todas nossas justiças são como trapo de imundícia." Isa. 64:6.[4]

Quão estranho é que a profetisa Adventista, Ellen Gould White, esteja de acordo com o apóstolo Paulo.

> Nossas cartas sois vós, escritas em nossos corações, conhecidas e lidas por todos os homens; sendo manifesto que sois carta de Cristo expedida por nós, escrita não com tinta, senão com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, senão em tábuas de carne do coração.[5]

E que, no entanto, seja o mesmo instrumento que a igreja usou para fazer burla das palavras de Paulo.

Se, em verdade, a igreja pode voltar-se do cultismo (centrar a autoridade sobre Ellen G. White) e se todos, membros e dirigentes igualmente, podem fazer de Cristo seu centro, do Filho de Deus seu dirigente, haverá

de ter lugar uma mudança radical na ênfase. Então, Cristo poderia ser visto adequadamente nas vidas e nos ensinos dos adventistas.

Se não, então o Adventismo terá dado uma resposta negativa à pergunta que William Irvine fez por cerca de sessenta anos:

> Todas as vestimentas e atavios do cerimonialismo, tudo o que gratifica numa religião sensual, todas estas coisas são obstáculos fabricados pelo homem, que tendem a distrair ao adorador e apartá-lo daquele a quem se adora, e desta maneira estorvar aquela comunhão livre e espiritual do crente mais humilde com Deus mesmo, à qual somos convidados aqui pelo Espírito. Não deveríamos "obedecer a Deus antes que aos homens?" (Atos 5:29).[6]

---

## Referências e Notas

1 . William C. Irvine. comp., *Heresies Exposed* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1917), Prefácio.

2 . Ibid., Introdução, pp. 5-6.

3 . Ellen G. White, Christ´s Object Lessons (Washington: RHPA, 1900), p. 315.

4 . Ibid., p. 311.

5 . 2 Coríntios 3:2-3.

6 . Irvine, *Heresies Exposed*, Introdução, p. 8.